

CARLA CRISTINA ALMEIDA COELHO

FORMAÇÃO DE VERBOS EM *-AR* EM PORTUGUÊS

Coimbra

2003

CARLA CRISTINA ALMEIDA COELHO

FORMAÇÃO DE VERBOS EM *-AR* EM PORTUGUÊS

Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Coimbra

2003

Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa,
sob orientação da Senhora Prof.^a Doutora Graça Maria Rio-Torto,
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

*Aos meus filhos,
por quem tudo vale a pena.*

*Ao Nelson,
por tudo.*

AGRADECIMENTOS

Ciente de que para que esta dissertação pudesse ser elaborada confluíram os esforços de muitas pessoas, que, com amizade, carinho e sabedoria, sempre me incentivaram a alcançar o objectivo a que me propus, desejo expressar, neste momento, a gratidão que sinto por todas elas.

Em primeiro lugar, um profundo e sentido reconhecimento é devido à Senhora Professora Doutora Graça Rio-Torto, sob a orientação de quem o presente trabalho foi elaborado. Agradeço-lhe vivamente a total disponibilidade científica e a franca amizade sempre demonstradas, ambas igualmente tão preciosas; agradeço-lhe, ainda, o rigor científico e metodológico que imprimiu à sua orientação. Não posso deixar de evidenciar a humanidade com que sempre me acompanhou e me soube compreender nos momentos de maior incerteza.

Um agradecimento é também devido a quem, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, me facilitou o acesso a consultas bibliográficas, disponibilizando-me todos os instrumentos de que necessitava para a realização deste trabalho. Sem as comodidades concedidas, toda a investigação desenvolvida teria, seguramente, dificuldades acrescidas.

Aos meus pais e ao meu irmão agradeço o incentivo que sempre me deram e todos os esforços que fizeram para que eu conseguisse alcançar os meus objectivos.

Aos meus sogros desejo testemunhar o meu agradecimento por inúmeras vezes me terem substituído juntos dos meus filhos, possibilitando-me uma disponibilidade temporal valiosa para a realização da minha investigação e do presente trabalho.

Ao meu marido e aos meus filhos, o Diogo e a Eva, peço-lhes que me perdoem por todo o tempo em que me “ausentei” e não pudemos usufruir daquilo que mais prazer nos dá: a companhia uns dos outros. Ao Nelson, agradeço o carinho com que, persistentemente, me seguiu nos momentos de maior desalento e da certeza que sempre me transmitiu de que o meu trabalho seria concretizado. Ao Diogo e à Eva agradeço-lhes as gargalhadas e os mimos com que, com ternura e amor infinitos, souberam alegrar os meus dias mais cinzentos. Foi por eles todo o esforço empreendido e será sempre por eles que tudo vai valer a pena.

RESUMO

O presente trabalho consiste na análise de verbos em *-ar* em português, com base nominal ou adjectival, que não apresentam, de forma claramente inequívoca e individualizada, um elemento de carácter afixal. Trata-se, assim, de verbos que seguem o esquema genolexical $[[X]_{RN/RA} [a]_{VT} [r]_{MI}]_V$.

Num primeiro momento, problematiza-se o processo de formação subjacente a este tipo de formações, equacionando-se duas possibilidades distintas: derivação por sufixação e conversão. Analisam-se as virtualidades e defeitos de cada um deles, considerando-se que o quadro da derivação se adequa melhor aos diferentes processos de formação de verbos em português.

Num segundo momento, procede-se à análise morfológica, sintáctica e semântica das bases nominais e adjectivais que potenciam os verbos em estudo.

Estabelecido o quadro das bases, observam-se os produtos construídos, em termos argumentais e semântico-categoriais. Constatam-se que, embora abranjam um leque bastante variado de significações, os verbos que partem de bases nominais e adjectivais não marcados em termos afixais denotam, predominantemente, acções realizadas com recurso ao que a base denota.

Verificados as bases e os produtos, equacionam-se as Regras de Formação de Palavras (RFP's) subjacentes a este tipo de produtos, concluindo-se que a eles presidem duas regras: RFP MUDANÇA e RFP INSTRUMENTAL.

Constatando-se, diariamente, que os verbos em *-ar* são bastante frequentes, analisam-se, em termos morfológicos, argumentais e semântico-categoriais algumas produções recentes, com um número significativo que tem na sua base nomes de origem inglesa.

Palavras-chave: Formação de verbos; derivação; sufixação; conversão.

ABSTRACT

This thesis intends to analyse Portuguese verbs, formed from nouns and adjectives, that end in *-ar* and do not clearly bear an affix as a distinct element. These are therefore verbs that follow the word-formation pattern $[[X]_{NS/AS} [a]_{TV} [r]_{IM}]_V$ (NS stands for Nominal Stem; AS stands for Adjectival Stem; TV stands for Theme Vowel; and IM stands for Infinitive Morpheme).

Firstly, this work intends to argue the procedure underlying this kind of word-formation, analysing two different patterns: derivation by suffixation and conversion. We will examine with further detail the reliability of each one, pointing that conversion pattern fits better the different verb formation processes in Portuguese language.

Afterwards, this work will analyse morphologically, syntactically, and semantically the nominal and adjectival bases of these verbs.

Once we get the bases framework, we'll look into the new verbs through argumental and semantic-categorial terms. Despite having a wide semantic scope, verbs formed from nouns and adjectives having not affixes indicate predominantly actions achieved having recourse to what the base points out.

An analysis of the bases and the products will question the Rules of Word-Formation (RWF) underlying this kind of products; therefore we'll conclude that there's two rules related to these products: RWF CHANGE and RWF INSTRUMENTAL.

Bearing in mind that the verbs ending in *-ar* are regularly used in common speech acts, a morphological, argumental and semantic-categorial study of recently produced verbs will disclose that an important set issues from English-based nouns.

Key words: verb formation; derivation; suffixation; conversion.

CONVENÇÕES

I. DICIONÁRIOS

1. Em suporte informático

e-DLP — *Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora Multimédia e Priberam Informática, 1998 (em CD-ROM).

2. Em suporte de papel

DCECH — Joan COROMINAS y José A. PASCUAL (1986) — *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Editorial Gredos, 5 vols.

DENFLP — António Geraldo da CUNHA (1999) — *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2.^a edição revista e acrescida de um suplemento, 11.^a impressão.

DHLP — INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA (2002 e 2003) — *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores. (Tomos I e II: 2002; Tomos III e IV: 2003)

DIP — Ernesto d'ANDRADE (1993) — *Dicionário inverso do português*. Lisboa: Edições Cosmos.

DLPC — ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001) — *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo, 2 vols.

DSVP — Winfried BUSSE (coordenador) (1994) — *Dicionário sintáctico de verbos portugueses*. Coimbra: Livraria Almedina.

GDLP — José Pedro MACHADO (coordenação) (1996 e 1997) — *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 6 vols. (Tomos I-III: 1996; Tomos. IV-VI: 1997).

NDALP — Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA (1999) — *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2.^a edição revista e aumentada, 44.^a reimpressão.

II. ENCICLOPÉDIAS

NEL — (1997-1999) — *Nova enciclopédia Larousse*. Lisboa: Círculo de Leitores. 22 vols. (Vol. 2: 1997; Vol. 3.: 1997; Vol. 12: 1998; Vol. 16: 1998; Vol. 22: 1999).

III. CATEGORIAS OPERATÓRIAS

A — adjetivo

IT — índice temático

MI — morfema de infinitivo

N — nome

RA — radical adjectival

RFP — Regras de Formação de Palavras

RN — radical nominal

RV — radical verbal

TN — tema nominal

TV — tema verbal

V — verbo

VT — vogal temática

[X] — base do processo genolexical

Y — categoria possível (nome, adjectivo, verbo)

Z — categoria possível (nome, adjectivo, verbo)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. Objecto e objectivos de estudo	2
2. <i>Corpus</i> /fontes	3
3. Orientação teórico-metodológica	5
4. Plano de trabalho	6
I. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE VERBOS EM -AR EM PORTUGUÊS	9
0. Objectivos	9
1. Gramáticos históricos	11
2. Textos actuais	15
2.1. Derivação	16
2.2. Conversão	18
2.3. Derivação ou conversão?	23
3. Alternativas de análise	26
3.1. Derivação	29
3.1.1. Derivação imediata	29
3.1.2. Sufixo zero	31
3.2. Conversão	32
II. COMPOSICIONALIDADE DAS BASES DOS VERBOS EM -AR	37
1. Classes morfológicas	38
1.1. Radicais	41
1.1.1. Radicais não autónomos	44
1.1.1.1. Simples	45
1.1.1.1.1. Nominais	45
1.1.1.1.1.1. De tema em -a	46
1.1.1.1.1.2. De tema em -o	47
1.1.1.1.1.3. De tema em -e	49
1.1.1.1.1.4. Terminados por vogal/ditongo nasal	50

1.1.1.1.2. Adjectivais	50
1.1.1.1.2.1. De tema em <i>-a/-o</i> (adjectivos variáveis)	50
1.1.1.1.2.2. De tema em <i>-e</i> (adjectivos invariáveis)	51
1.1.1.1.2.3. Terminados por vogal/ditongo nasal	51
1.1.1.2. Radicais complexos	52
1.1.1.2.1. Nominais	52
1.1.1.2.1.1. De tema em <i>-a</i>	53
1.1.1.2.1.2. De tema em <i>-o</i>	53
1.1.1.2.1.3. De tema em <i>-e</i>	54
1.1.1.2.1.4. Terminados por vogal/ditongo nasal	54
1.1.1.2.2. Adjectivais	54
1.1.1.2.2.1. De tema em <i>-a/-o</i> (adjectivos variáveis)	54
1.1.1.2.2.2. De tema em <i>-e</i> (adjectivos invariáveis)	55
1.1.2. Radicais autónomos	55
1.1.2.1. Simples	55
1.1.2.1.1. Nominais	56
1.1.2.1.2. Adjectivais	56
1.1.2.2. Complexos	57
1.1.2.2.1. Nominais	57
1.1.2.2.2. Adjectivais	58
1.2. Temas	58
1.2.1. Em <i>-o</i>	59
1.2.2. Em <i>-e</i>	59
1.3. Aspectos formais das bases	60
1.3.1. Bases nominais terminadas em <i>-ão</i>	60
1.3.1.1. <i>-ão</i> < -IONE	62
1.3.1.2. <i>-ão</i> < -ANE	63
1.3.1.3. <i>-ão</i> < -ANU	64
1.3.2. Bases que sofrem supressão de elementos	64
2. Classes sintácticas	66
2.1. Nomes	68
2.2. Adjectivos	69
3. Classes semânticas	70
3.1. [+ HUMANO]	71
3.2. [+ ANIMAL]	72

3.2.1. [+ MAMÍFERO]	72
3.2.2. [+ AVE]	73
3.2.3. [+ INSECTO]	73
3.2.4. [+ MOLUSCO]	74
3.3. [+ VEGETAL]	75
3.4. [+ MATÉRIA NATURAL]	75
3.5. [+ OBJECTO CONSTRUÍDO]	78
3.6. [+ FENÓMENO METEOROLÓGICO]	79
3.7. [+ NOME COMPACTO]	80
3.8. [+ PROPRIEDADE]	81
3.9. [+ ACÇÃO/+ PROCESSO/+ EVENTO]	82
3.10. [+ NOMES PRÓPRIOS]	83
3.11. [+ ONOMATOPEIAS]	83
III. ESTRUTURA SEMÂNTICO-ARGUMENTAL DOS PRODUTOS GENOLEXICAIS	85
1. Estrutura argumental	85
1.1. Estrutura argumental dos verbos em <i>-ar</i>	89
1.1.1. Verbos de zero argumentos	89
1.1.2. Verbos de um argumento	90
1.1.3. Verbos de dois argumentos	91
1.1.4. Verbos de três argumentos	92
2. Classes semântico-argumentais dos verbos em <i>-ar</i>	94
2.1. Verbos ornativos	97
2.2. Verbos locativos	98
2.3. Verbos causativos	98
2.4. Verbos incoativos	99
2.5. Verbos similitivos	99
2.6. Verbos instrumentais	100
2.7. Verbos essivos	100
IV. REGRAS DE FORMAÇÃO DOS VERBOS EM <i>-AR</i>	102
1. RFP MUDANÇA	106
2. RFP INSTRUMENTAL	110

V. VITALIDADE DO PROCESSO GENOLEXICAL	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
BIBLIOGRAFIA	133
FONTES	147
I. Lexicográficas	147
1. Em suporte de papel	147
2. Em suporte informático	148
II. Enciclopédicas	149
III. Jornais e revistas	149
1. Em suporte de papel	149
2. Na Internet	150
ANEXO	i-lxxii

INTRODUÇÃO

Numa sociedade em permanente mudança, caracterizada pela constante inovação e onde diariamente surgem novos objectos, novos conceitos, enfim, novos modelos de vida, é tarefa mais ou menos complexa para as línguas actuais procurarem encontrar palavras, significações e estruturas linguísticas que descrevam essa mesma realidade.

No entanto, as diferentes línguas rapidamente se adaptam a novas realidades, socorrendo-se das potencialidades que encerram em si. Entre outras, uma dessas potencialidades é a formação de novas palavras, a partir de elementos disponíveis no seu *thesaurus* lexical, combinados com formas gramaticais que procuram integrar num determinado paradigma esses elementos novos.

No âmbito do paradigma verbal, constata-se que a primeira conjugação é aquela que apresenta maior vitalidade, para não afirmar que será mesmo a única que, actualmente, integra novas produções. Se pensarmos, por exemplo, no domínio das novas tecnologias da informação e da comunicação, verificamos que as formas verbais que procuram designar acções de agentes ou de objectos nessa área se integram, quase sem excepção, no paradigma dos verbos de tema em *-a*.¹

¹ Cf. Capítulo V: «Vitalidade do processo genolexical».

1. Objecto e objectivos de estudo

O processo genolexical utilizado para formar verbos a partir de um radical nominal ou adjectival, ao qual se pospõe exclusivamente a vogal temática *-a* e o morfema de infinitivo² é o processo maioritariamente utilizado para produzir neologismos, estando, por isso, subjacente à formação de um número bastante significativo de verbos já existentes em português.

O objecto de estudo do nosso trabalho consiste na análise dos verbos que seguem o esquema genolexical $[[X]_{RN/RA} [a]_{VT} [r]_{MI}]_V$ e que designaremos, genericamente, por «verbos em *-ar*».³ Neste esquema, X representa a base, que pode ser um radical nominal (RN) ou um radical adjectival (RA), ao qual se juntam a vogal temática (VT) *-a* e o morfema de infinitivo (MI) *-r*.

Verificamos, assim, que as formações verbais que seguem o esquema $[[X]_{RN/RA} [a]_{VT} [r]_{MI}]_V$ não apresentam qualquer elemento em posição sufixal entre a base e a vogal temática, que nos permita afirmar de forma categórica que se trata de verbos derivados por sufixação. Advém, ainda, o facto de quer a vogal temática, quer um

² Ao longo do trabalho, utilizaremos o infinitivo como forma de citação dos diferentes verbos. Estamos, no entanto, cientes de que o fazemos por convenção, uma vez que o infinitivo é apenas uma das diferentes formas flexionais de um determinado verbo.

³ Por comodidade e facilidade de redacção, doravante designar-se-ão por ‘verbos em *-ar*’ os verbos cujo processo de formação tenha na base um radical nominal (RN) ou adjectival (RA), ao qual se acrescenta, exclusivamente, a vogal temática *-a* e morfemas flexionais, nomeadamente o morfema de infinitivo, que constitui a forma de citação mais usual. Não serão, portanto, considerados todos os verbos que, apesar de pertencentes ao paradigma da 1ª conjugação, sejam portadores de um afixo claramente individualizável.

morfema de flexão, nomeadamente o de infinitivo, serem elementos imprescindíveis à instanciação de uma palavra enquanto verbo.

O facto de este processo de formação de palavras ser tão produtivo e de as perspectivas de análise teórica do mesmo serem um pouco controversas levou-nos a estudá-lo mais atentamente, com os objectivos de (i) questionar a visão tradicional que estudiosos da língua portuguesa apresentam acerca deste tipo de formação de verbos, (ii) equacionar a possibilidade de estes produtos terem sido submetidos a um processo de conversão, (iii) analisar as grandes regularidades semânticas subjacentes aos produtos daí derivados e (iv) procurar estabelecer a(s) regra(s) de formação de palavras (RFPs) que estão na base dos produtos verbais em *-ar*.

Não é objectivo deste trabalho empreender uma nova teoria acerca deste tipo de formas verbais em português, mas tão-somente procurar descrever a realidade que observamos quando estes verbos são utilizados pelo falante comum.

2. Corpus/fontes

No desenvolvimento do nosso trabalho, foram analisados apenas os verbos em *-ar* cujas bases, nominais ou adjectivais, estão claramente atestadas em português, excluindo-se, assim, as formas verbais que, apesar de formadas na língua portuguesa, por meio da adunção da vogal temática *-a* e do morfema de infinitivo, partem de bases que não se realizam em português e que são, predominantemente, de origem latina e grega. São exemplos disso *bifurcar* (do lat. *bifurcu-*, «com dois ramos» + *-ar*) e *grafar* (do grego *gráphein*, «escrever» + *-ar*). Temos ainda bases de origem castelhana, como, por

exemplo, *dedilhar*, (de *dedillo*, «dedo pequeno» + *-ar*), mas em menor número. Além destas, excluimos, de igual forma, do nosso estudo todas as formas que, embora desprovidas de elementos afixais (prefixos ou sufixos) já estavam formadas em latim, como se verifica com os seguintes exemplos: *governar* (do latim *gubernāre*); *ministrar* (do latim *ministrāre*). Estes últimos casos serão considerados como verbos não formados em português, uma vez que o foram numa fase anterior à da formação da língua portuguesa.⁴

Por este tipo de verbos constituir um *corpus* muito vasto, decidimos seleccionar um *acervo de dados* mais limitado, considerado representativo (cf. Anexo), e tratá-lo sob os aspectos que julgamos mais paradigmáticos e relevantes deste tipo de formações. Este acervo de dados foi recolhido do *Dicionário inverso do português* (DIP) e do *Dicionário da língua portuguesa* — edição informatizada, da Porto Editora (e-DLP), cujos dados apresentados por ambos foram postos em confronto. A opção por este último deve-se ao facto de ele ser um dos dicionários de maior divulgação em Portugal e, por esse facto, reflectir, em certa medida, os usos mais frequentes do falante comum.⁵

Ainda que com um carácter não sistemático, recorreremos a outros dicionários de língua portuguesa, com o objectivo de aprofundar informação, ou de esclarecer alguma dúvida que o *Dicionário da língua portuguesa* (e-DLP), que se encontra na base do nosso trabalho, nos pudesse suscitar. Os dicionários consultados de forma complementar foram o *Novo dicionário da língua portuguesa* (NDALP), o *Dicionário*

⁴ Apesar de não considerarmos este tipo de verbos, julgamos que, em latim, terão passado por um processo análogo àquele que é aqui discutido.

⁵ Este dicionário informatizado foi, inclusivamente, escolhido pelo Ministério da Educação para equipar computadores em todas as escolas do nosso país, sendo também o primeiro dicionário português on-line.

da *língua portuguesa contemporânea* (DLPC), o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (DHLP) e o *Grande dicionário da língua portuguesa* (GDLP).

Foram ainda consultados o *Diccionario crítico etimológico castellano e hispânico*, de Joan Corominas e José A. Pascual (DCECH), e o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de António Geraldo da Cunha (DENFLP), com o objectivo de verificar se todos os verbos apresentados eram, efectivamente, formados em português ou se já o teriam sido em fases anteriores à da formação da língua portuguesa ou, ainda, se teriam sido importados de outras línguas contemporâneas da portuguesa.

No que diz respeito à exemplificação da vitalidade que o processo em estudo apresenta, recorreremos a documentos autênticos, recolhidos, embora de forma assistemática, nos meios de comunicação social, nomeadamente na imprensa e na televisão.

3. Orientação teórico-metodológica

A análise empreendida ao longo deste trabalho tem como pano de fundo uma concepção polidimensional, interactiva e integrativa da formação de palavras, tal como foi proposta por Graça RIO-TORTO (1993 e 1998) para a abordagem dos diferentes processos de formação de palavras disponíveis em português.

Tal como Graça Rio-Torto, concebemos a formação de palavras como um sector autónomo dentro da gramática, ao contrário de uma perspectiva mais tradicionalista que engloba os processos genolexicais no sub-grupo da morfologia derivacional. Pese

embora essa autonomia, este sector não vive alheado dos restantes, que, juntamente com ele, constituem a gramática de uma língua — antes pelo contrário. Na formação de uma palavra, independentemente do processo que lhe está subjacente, estão implicadas as diferentes áreas gramaticais, sendo esse novo produto um complexo de estruturas lexicais, fonológicas, morfológicas, sintácticas, semânticas e pragmáticas, que entre si cooperam para que a nova palavras seja verosímil e aceitável.

Nesta perspectiva de abordagem, socorremo-nos também dos modelos propostos por Eve CLARK & Herbert CLARK (1979), Mark ARONOFF (1980), René DIRVEN (1988) e Ingo PLAG (1998), os quais apresentam propostas de carácter semântico-pragmático-cognitivo para a análise de diferentes processos de formação de palavras.

Assim, entendemos a formação de palavras como um domínio autónomo, mas onde se conjugam os diferentes níveis de análise que constituem uma língua.

4. Plano do trabalho

O presente trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos.

No Capítulo I, far-se-á uma apresentação das diferentes perspectivas teóricas, históricas e actuais, de que dispomos actualmente, relativamente à análise do tipo de verbos em estudo, e equacionar-se-ão as diferentes possibilidades para a formação destes verbos.

No Capítulo II, proceder-se-á à descrição e análise das bases que subjazem ao processo de formação dos verbos em *-ar*, no que diz respeito à sua composicionalidade. Analisar-se-ão as classes morfológicas e sintácticas e as categorias semânticas dos

elementos envolvidos na produção dos verbos em *-ar*, uma vez que, na análise da significação do produto genolexical, terá de ser tida em linha de conta toda a estrutura gramatical da própria base.

Esboçado o quadro da tipologia das bases, passaremos à análise do produto genolexical. O Capítulo III será, assim, consagrado ao estudo da estrutura semântico-argumental dos produtos verbais em *-ar*. Para tal, procuraremos, num primeiro momento, estabelecer as grandes regularidades semânticas que envolvem o tipo de produtos em análise, para, posteriormente, daí podermos inferir qual/quais a/as regra/regras de formação de palavras subjacentes a este processo genolexical de formação de verbos.

Analisadas as bases e os produtos, no Capítulo IV procuraremos inferir qual ou quais a(s) regra(s) de formação de palavras (RFPs) subjacentes ao tipo de verbalização em análise.

Finalmente, no Capítulo V, procuraremos, de alguma forma, perspectivar a vitalidade deste processo genolexical, apresentando algumas das inovações mais recentes verificadas na língua portuguesa.

Para concluirmos o nosso estudo, teceremos algumas considerações finais, onde se apresentará uma sistematização da informação anteriormente apresentada. Estas considerações pretendem apresentar uma perspectiva global do fenómeno da formação de verbos em *-ar*.

Este trabalho inclui, ainda, em anexo, a informação apresentada pelos dicionários consultados, quer relativamente às bases, quer aos produtos verbais formados a partir delas, que são objecto de análise ao longo dos diferentes capítulos.

Assim, o anexo não inclui todas as formas analisadas durante a realização deste estudo, mas apenas aquelas que aqui são citadas.

I. PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE VERBOS EM -AR EM PORTUGUÊS

0. Objectivos

O presente capítulo tem por objectivo estabelecer um enquadramento teórico para os processos de formação de verbos em *-ar* em português. Para tal, é apresentada uma síntese do que diversos autores, de uma forma mais ou menos aprofundada, pensam sobre o processo de formação de verbos que segue o esquema genolexical $[[X]_{RN/RA} [a]_{VT} [r]_{MI}]_V$.⁶

Os estudos no âmbito da formação de palavras em português consideram, tradicionalmente, que os verbos formados a partir de nomes ou de adjectivos, aos quais não é adicionado qualquer elemento de tipo afixal, visível e claramente segmentável, sofrem um processo de sufixação. Esta ideia é, no entanto, passível de discussão, pois o

⁶ Tomaremos como formas exemplificativas as do infinitivo impessoal, por comodidade de representação, seguindo, aliás, a prática mais usual nos estudos deste tipo de verbos. Estamos, no entanto, cientes de que o infinitivo consiste apenas na forma de citação do paradigma verbal, uma vez que, nas terminações de infinitivo, a vogal temática tem a função de integrador paradigmático e o morfema de infinitivo é um morfema flexional (e não derivacional), inerente a esta forma.

facto de não existir qualquer elemento que se possa identificar exclusivamente com um sufixo derivacional leva-nos a questionar se, efectivamente, estaremos perante um processo de sufixação ou se poderemos colocar outra hipótese de explicação para este tipo de verbos, nomeadamente a da conversão.

Fundamental, quando se pretende fazer um estudo de carácter sincrónico dos elementos de uma dada língua, é o recurso ao conhecimento que dela se tem em termos diacrónicos. Ao trabalharmos no âmbito da formação de palavras, a consulta das fontes históricas torna-se uma etapa essencial, sob pena de enveredarmos por caminhos erróneos, como, por exemplo, o de considerarmos formada na língua portuguesa uma palavra que já o tinha sido em latim, e, portanto, esta não constituir mais do que uma herança que recebemos da língua latina.

Nesta linha de pensamento, no presente capítulo, começaremos por verificar o que alguns gramáticos históricos dos séculos XIX e XX consideram acerca deste tipo de verbos, uma vez que a perspectiva diacrónica se nos afigura essencial. Verificaremos que, embora os diferentes gramáticos históricos considerem que este tipo de verbos é formado por um processo de sufixação, instanciado pela vogal temática, colocam-no numa situação à parte, afirmando tratar-se de verbos que passaram por um processo de *derivação imediata*, por oposição à *derivação mediata*, processada, claramente, por meio de afixos que se interpõem aos radicais e à vogal temática.

Num segundo momento, apresentamos as perspectivas de autores actuais que, de alguma forma, abordaram nos seus trabalhos este tipo de formação de verbos. Neste grupo, nem todos são unânimes quanto ao processo subjacente à formação dos verbos em estudo e, assim, torna-se necessário fazer uma subdivisão: consideramos, em primeiro lugar, os autores que crêem estarmos perante um processo de sufixação;

depois, os que entendem que este tipo de verbos é o resultado de um processo de conversão; e, finalmente, autores que levantam as duas possibilidades, deixando ambas em aberto. É interessante verificarmos que os autores que se dedicam ao estudo do português e das línguas novilatinas em geral consideram que o processo subjacente a este tipo de verbos é o da sufixação, sendo poucos os autores que estudam a língua portuguesa que consideram sequer a hipótese de estarmos perante um processo de conversão. Em contrapartida, os autores que se dedicam ao estudo da língua inglesa são praticamente unânimes em considerar que, no caso dessa língua, os verbos formados a partir de nomes, sem a adjunção de qualquer tipo de afixos, resultam de um processo de conversão.

Finalmente, procuraremos, tendo em conta todas as perspectivas apresentadas, equacionar um quadro teórico que nos guiará na análise das bases e dos produtos genolexicais em questão.

1. Gramáticos históricos

Os gramáticos históricos e respectivas obras que foram objecto de consulta e análise foram Frédéric DIEZ (1874), *Grammaire des langues romanes*, MEYER-LÜBKE (1895), *Grammaire des langues romanes*, Said ALI (1964), *Gramática histórica da língua portuguesa*, Joseph HUBER (1933), *Gramática do português antigo*, e José Joaquim NUNES (1989), *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)*. Foram considerados estes autores, pois, além de serem nomes de referência a ter em conta, quando, de alguma forma, se abordam aspectos

relacionados com a linguística histórica, são aqueles que, de uma forma explícita, abordam a questão da formação de verbos sem a adjunção de qualquer tipo de afixo.

Assim, relativamente à derivação verbal, os gramáticos históricos que foram objecto de consulta são unânimes — à excepção de José Joaquim Nunes — em considerar que esta se pode consubstanciar de duas formas distintas, podendo ser, de acordo com a terminologia utilizada pelos referidos autores, ‘sufixação mediata’ — aquela que se estabelece por meio de um sufixo — e ‘sufixação imediata’ — uma forma de sufixação onde não há recurso a qualquer tipo de elemento em posição sufíxal e no qual o radical nominal ou adjectival se liga de *imediato* à vogal temática e ao morfema de infinitivo:

«La dérivation verbale s’opère soit au moyen de suffixes propres, comme *caval-c-are* ital. de *cavallo*, soit par l’addition des lettres de flexion au thème de n’importe quelle espèce de mot, comme dans *frutt-are* de *frutto*, *viaggi-are* de *viaggio*. Nous nommons le premier mode dérivation médiata, le second dérivation immédiate.» (DIEZ, 1874: 361).

Destas palavras, poderemos concluir que, ainda que os autores considerem os verbos formados em *-ar* como resultantes de um processo de *derivação*, os mesmos têm consciência de que, no caso da ‘derivação imediata’, estamos perante um tipo de derivação diferente, uma vez que nele não intervêm, pelo menos explicitamente, quaisquer tipos de sufixos exclusivamente derivacionais.

DIEZ (1874: 361-362) considera que a ‘derivação imediata’ tem por base substantivos e adjectivos, sendo à primeira conjugação atribuído um maior poder

criador,⁷ facto que continua a verificar-se, sendo que, actualmente, o poder de formar novos verbos é praticamente exclusivo da primeira conjugação, isto é, dos verbos de tema em *-a*.

À semelhança de Diez, também MEYER-LÜBKE (1895: 655) considera que o processo de derivação na formação de verbos poderá ser ‘mediato’ ou ‘imediato’, sendo que a palavra base pode estabelecer com o verbo derivado diferentes tipos de relação:

«La dérivation est immédiate : *plantare* de *planta*, ou médiante : *alb-ic-are* de *albus*. Le mot primitif est avec le verbe dans la relation soit de sujet : en ital. *gradire* (être agréable, de *grado*) ou d’objet : en ital. *fogliare* (produire des feuilles) ou de moyen : en ital. *falciare* (travailler avec la faux, faucher). Les formes de toutes les classes sont si nombreuses qu’on doit absolument les renvoyer au dictionnaire [...]».

Esta informação é particularmente interessante e relevante quando trabalhamos os verbos em *-ar*, nomeadamente quando procedemos à análise sintáctico-semântica da base deste tipo de verbos.⁸ Efectivamente, como adiante postularemos, o tipo de relação que a base estabelece com o produto, embora, por vezes, possa apresentar algumas variantes, é a de agente/experienciador, objecto e meio.⁹

⁷ DIEZ (1874 : 361-362): «La dérivation verbale immédiate [...] s’appuie en roman sur des substantifs et des adjectifs et quelquefois même sur d’autres espèces de mots [...] ; le nombre des verbes ainsi acquis par la langue est encore beaucoup plus considérable que celui des substantifs tirés directement de verbes. [...] on ne peut pas se refuser à reconnaître ce fait que c’est surtout à la première conjugaison que sont attribuées les créations nouvelles».

⁸ Cf. Capítulo II — «Composicionalidade das bases dos verbos em *-ar*».

⁹ Cf. Capítulo III — «Análise semântico-argumental dos verbos em *-ar*».

Joseph HUBER (1985: 277, § 439) e Said ALI (1964: 247) consideram, à semelhança dos autores anteriores, que os verbos em -ar se formam por ‘derivação imediata’, apresentando alguns exemplos ilustrativos.

Said Ali é, no entanto, bastante claro relativamente à forma como se processa esta operação:

«Seguem ainda a mesma conjugação a maior parte dos verbos de derivação mediata, isto é, aquêles que interpõem um elemento formativo entre o têrmo derivante ou vocábulo básico e o sufixo característico do verbo. Entre as formações desta espécie avultam os verbos em -*izar*, -*ear*, -*ejar*, e -*ficar*. [*sic*] » (ALI, 1964: 247)

Pelas suas palavras, poderemos concluir que o Autor considera que o sufixo característico do verbo é a vogal temática, atribuindo a esta um poder derivacional, sem, no entanto, se referir à função de integrador paradigmático.

José Joaquim NUNES (1989: 382), apesar de não utilizar a terminologia ‘derivação imediata’ para este tipo de verbos, considera que -ar é o sufixo que apresenta maior vitalidade e que se pospõe a radicais nominais. Faz, no entanto, uma observação, que nos parece bastante pertinente, relativamente aos verbos em -ar — estabelece a necessidade de não confundir este tipo de verbos com os que apresentam a terminação -*ear*:

«À mesma classe pertencem rigorosamente os verbos terminados em -*iar*, porque o -*i*- faz parte do tema, como mostram os seguintes, pertencentes uns à língua popular, outros à literária: *adiar*, *afiar*, *aliar*, *alumiar*, *anuviar*, *aviar*, *contrariar*, *fiar*, (e *confiar*), *copiar*, *miar*, *piar*, *saciar*, *tosquiar*, *variar*, etc. Por vezes o -*i*- final do radical, fundindo-se com a consoante que o precedia, quando esta era -*c*- ou -*t*-, -*l*- ou -*s*- ou -*ss*-, alterou-lhe o som [...], assim em

aguçar, adelgaçar, caçar, coçar, ameaçar, traçar, molhar, similar, beijar, abaixar, etc. Embora diferente na origem, em razão do som que o *e* toma antes de *a*, *o* ou *u*, na conjugação confundiu-se por vezes com este o sufixo *ear* [...].» (NUNES, 1989: 382)

Como pudemos verificar, estes autores são unânimes em considerar os verbos em *-ar* como sufixados, apesar de todos, à excepção de José Joaquim Nunes, os considerarem num grupo à parte — o da ‘derivação imediata’ —, o que deixa entrever a consciência de que este tipo de verbos sofre um processo de formação diferente do dos outros, que são, claramente, sufixados.

2. Teses actuais

Relativamente à formação de verbos em *-ar*, as teses actuais dividem-se em duas perspectivas diferentes: os que consideram que a este tipo de verbos subjaz um processo de sufixação e, por outro lado, aqueles que afirmam estarmos perante um processo de conversão. A estes dois grupos, poderemos ainda acrescentar um terceiro: aqueles que, embora equacionem as diferentes possibilidades de análise dos processos de formação deste tipo de verbos, não tomam partido por nenhuma delas.

2.1. Derivação

No grupo dos autores que defendem estarmos perante um processo de derivação, contam-se António José Sandmann, Margarida Basílio e Helena Martins, Jesús Pena, Sergio Scalise e David Serrano-Dolader.

António José SANDMANN (1989: 67-69) considera que, na base dos verbos em *-ar*, temos substantivos e adjectivos e chama a atenção para o facto de, em muitos casos, o contexto cultural em que uma palavra surge ser fundamental para a apreensão do seu significado completo, apresentando como exemplo *farofar*, derivado de *farofa*, que apresenta o sentido de “fazer piquenique na praia”. Conclui este Autor que «é inespecífico e abstracto o significado do sufixo verbal *-ar*».

Margarida Basílio, num artigo intitulado «Verbos em *-a(r)* em português: afixação ou conversão», começa por abordar a questão do estatuto morfológico da vogal temática, considerando-a um «marcador essencial da flexão verbal» (BASÍLIO, 1993: 295), que se define em oposição ao radical, caracterizando a base da flexão.

Afirma, em seguida, que o tema entra no domínio da derivação, podendo os temas ser simples ([*chega*]), primitivos ([*deve*]) ou estruturarem-se em diferentes camadas de derivação.

Coloca-se, em seguida, o problema da fronteira entre o nível derivacional e o flexional na formação de verbos como *perfumar* e *desossar*, sendo levantadas três hipóteses:

«(a) Considerar que tais formas se estruturam a partir do acréscimo da vogal temática ao radical. Neste caso, teríamos um radical comum *perfum-*, do qual derivariam o substantivo *perfume* e o verbo *perfumar*, pelo acréscimo da respectiva VT; do mesmo modo, a VT se acrescentaria a radicais do tipo *Pref-X*. Nesta abordagem, teríamos uma morfologia baseada em radicais: as unidades lexicais básicas seriam radicais, aos quais seriam aleatoriamente acrescentadas vogais temáticas.

(b) Considerar que tais formas resultam do acréscimo de uma VT que adapta morfologicamente o substantivo da base a uma conjugação verbal. Neste caso, teríamos um processo de conversão com adaptação temática flexional.

(c) Considerar que tais formas resultam do acréscimo do elemento derivacional *-a*, formador de verbos, a uma base substantiva. Neste caso, o sufixo *-a* se adiciona ao substantivo perfume e em desossar temos a adição simultânea de *des-* e *-a* ao substantivo osso. Os processos seriam respectivamente considerados como de derivação sufixal e parassintética.» (BASÍLIO, 1993: 297).

Para a Autora, a alternativa mais interessante para a descrição de estruturas lexicais do português é a (c), considerando o elemento *-a* como derivacional, estando perante um processo de afixação. Reconhece, no entanto, o problema da coincidência formal entre o sufixo formador do verbo e a VT característica da flexão verbal, sem apresentar, no entanto, nenhuma proposta para a resolução do mesmo.

Sergio SCALISE (1983) e Jesús PENA (1993) consideram que, com o tipo de verbos em análise, estamos perante um processo de sufixação, uma vez que, para estes autores, na passagem de um nome/adjectivo a um verbo em *-ar* não está presente um processo flexional, mas genolexical, uma vez que é criado um paradigma diferente

relativamente à base, ainda que, segundo Jesús Pena, se trate de um tipo particular de sufixação (PENA, 1993: 220).

David SERRANO-DOLADER (1999: 4685), na *Gramática descriptiva de la lengua española*, retoma, em certa medida, a perspectiva dos gramáticos históricos, afirmando que, nos processos de formação de verbos, devem ser considerados dois tipos de derivação:

«La vocal temática (o su alomorfo cero, que aparece en determinados miembros del paradigma de flexión) puede unirse a la raíz léxica, sea directamente (‘derivación inmediata’): *ánimo* > *animar*, sea indirectamente (‘derivación mediata’).» (SERRANO-DOLADER, 1999: 4685)

O Autor estabelece, desta forma, uma clara e consciente diferença entre os verbos em cujo processo genolexical intervêm elementos de carácter afixal e aqueles em que esse mesmo elemento não está presente. Apesar de entender necessária esta separação, continua a considerar que os verbos em análise sofrem um processo de sufixação, instanciado pela vogal temática.

2.2. Conversão

No grupo dos autores que consideram estarmos perante um processo de conversão, encontram-se Eve Clark & Herbert Clark, Mark Aronoff, Andrew Spencer, Danielle Corbin, Alina Villalva e Rui Pereira.

Eve CLARK & Herbert CLARK (1979: 780-782), num artigo que vem, precisamente, ao encontro do tema do nosso trabalho, artigo que tem como título «When nouns surface as verbs», defendem a ideia de que o falante comum facilmente reconhece e compreende a significação exacta de um nome transformado em verbo, quando este surge em determinado tempo, espaço e circunstância, em virtude de uma espécie de ‘convenção’ que se estabelece entre o locutor e o alocutário:

«People readily create and understand denominal verbs they have never heard before [...]. The meanings are best accounted for by a theory of interpretation that specifies what the verbs mean on particular occasions of their. Our proposal is that their use is regulated by a convention: in using such a verb, the speaker means to denote the kind of state, event, or process that, he has good reason to believe, the listener can readily and uniquely compute on this occasion, on the basis of their mutual knowledge, in such a way that the parent noun denotes one role in the state, event or process, and the remaining surface arguments of the denominal verb denote others roles. This convention accounts for the meaning and acceptability of innovative verbs in various contexts; similar conventions may be needed to account for other innovative uses of language.» (CLARK & CLARK, 1979: 767)

Os verbos analisados por estes autores seguem os seguintes pressupostos:¹⁰

¹⁰ CLARK & CLARK (1979: 768-769): «The meaning of ordinary denominal verbs, it seems clear, bear at least an approximate relationship to their ‘parent’ nouns, from which they were historically derived. [...] To make our task manageable, we have included only those verbs that fit these four guidelines:

(a) Each verb had to be formed from its parent noun without affixation [...]. This is by far the commonest method of forming denominal verbs in English.

(b) The parent noun of each verb had to denote a palpable object or property of such an object [...].

a) os verbos têm de ser formados a partir de um nome, sem qualquer tipo de afixação;

b) o nome de base tem de denotar um objecto ou uma propriedade inerente a esse mesmo objecto;

c) um verbo tem de ter um uso concreto o menos metafórico possível;

d) cada verbo tem de ter a capacidade de ser usado como um “genuíno” verbo finito.

É de salientar o facto de, tal como em português, este ser o processo de criação de novos verbos mais produtivo em inglês. Contudo, devemos ter em conta, precisamente, que estamos a tratar de autores que fazem o estudo do inglês e que nesta língua é mais evidente falarmos de conversão, pelo menos em termos morfológicos, uma vez que há perfeita coincidência formal entre a forma nominal e a forma verbal, ainda que a esta seja acrescentado o elemento *to*, mas claramente separado em termos formais.

Ainda a propósito deste tema e no mesmo artigo, Clark & Clark estabelecem a distinção entre “expressões denotativas” — palavras/expressões que possuem um sentido e uma denotação fixos —, “expressões deícticas” — elementos linguísticos, puramente gramaticais, como as conjunções, ou palavras que denotam as circunstâncias de espaço e de tempo de uma dada situação — e “expressões contextuais”, que os Autores passam a designar de *contextuals* — palavras/expressões que se localizariam entre as primeiras e as segundas, não possuindo, portanto, um sentido denotativo fixo, mas também não sendo meras referências deícticas. É neste grupo que os autores incluem as inovações verbais que compreendem os verbos não afixados.

(c) Each verb had to have a non-metaphorical concrete use as far as possible. [...]

(d) Each verb had to be usable as a genuine finite verb. [...]

A ideia destes autores é refutada por Mark ARONOFF (1980: 744-758), que, apesar de sustentar, igualmente, a tese da conversão para este tipo de verbos, não concorda que os produtos resultantes deste tipo de formação de palavras dependam de um contexto, isto é, julga que não será necessário considerarmos a terceira categoria prevista por Clark & Clark — os *contextuals* —, uma vez que a estrutura morfo-semântica dos novos verbos é, no essencial, suficiente para a sua descodificação e interpretação, não dependendo estas da cooperação entre falante e ouvinte, pressuposta pelos Autores anteriores.

Alina VILLALVA (1995: 589), num artigo embora não directamente relacionado com esta matéria — «Configurações não binárias em morfologia» —, aflora a tese da conversão, a propósito da formação do que, tradicionalmente, se considera serem verbos parassintéticos, afirmando que o «processo da conversão [...] coexiste com a formação de verbos por sufixação derivacional». Contudo, ao afirmar que determinados verbos «são derivados por conversão» (VILLALVA, 1995: 590), não deixa claro se considera a conversão como um processo de formação a par da derivação ou se o inclui nesta quando se tratar de conversão verbal.

Rui PEREIRA (2000) defende a existência de prefixação com poderes heterocategoriais na construção de verbos do tipo *atapetar*, *embelezar* e *esburacar*, (portanto, que seguem o esquema derivacional [a [X]_{RN/RA} ar], [en [X]_{RN/RA} ar] e [es [X]_{RN/RA} ar]), tradicionalmente considerados verbos que sofreram um processo de derivação parassintética ou de circunfixação, uma vez que à base ([X]) se agregam dois

elementos, um em posição prefixal, outro em posição sufixal. O Autor considera que «a formação de verbos de estrutura *a-X-ar*, *en-X-ar*, *es-X-ar* é da responsabilidade de um único processo derivacional, a *prefixação* com poderes de verbalização de bases nominais e adjectivais.» (p. 127) Esta sua afirmação parte do pressuposto de que a vogal temática *-a-* não é um operador derivacional, mas um «constituente temático» (RIO-TORTO, 1998b: 322) ou um «integrador paradigmático» (*idem*), imprescindível à formatação de uma palavra enquanto verbo ou enquanto base para operações derivacionais posteriores.

Jan DON, Mieke TROMMELEN e Wim ZONNEVELD (2000), num artigo intitulado «Conversion and category indeterminacy», abordam o tema da conversão de forma global e abrangente, no que toca à língua inglesa. No ponto 5 deste artigo — «Other Indo-European and non-Indo-European languages» (pp. 950-951) —, afloram o problema da conversão noutras línguas, o qual, segundo os Autores, tem sido pouco estudado, facto que se deve a pelo menos duas razões: por um lado, as características das línguas em causa podem nem sequer dar lugar a um processo de conversão e, por outro, o conhecimento que se tem acerca de algumas dessas línguas é tão incipiente que é difícil retirar alguma conclusão sobre o potencial que este processo terá, eventualmente, nesses idiomas.

Curiosamente, apresentam o caso do espanhol, bastante próximo do português, e referem o facto de ser difícil falar de conversão nesta língua, apresentando como maior obstáculo a existência de vogais temáticas:

«As an example of the former situation, consider a Romance language such as Spanish, where verbs and many nouns take so-called theme-vowels added to their stems,

which makes it difficult to talk about conversion in the same way one does with respect to English.» (DON, TROMMELEN & ZONNEVELD, 2000: 950)

2.3. Derivação ou conversão?

Neste quadro analítico, deveremos ainda considerar os autores que, ao abordarem a formação deste tipo de verbos, não os inserem em nenhum modelo específico.

Celso CUNHA e Lindley CINTRA, autores da *Nova gramática do português contemporâneo*, obra que apresenta uma perspectiva tradicional do funcionamento da língua portuguesa, surpreendem nalguns pontos. O primeiro deles é no facto de considerarem num capítulo isolado os processos de formação de palavras em português, onde surgem contempladas a derivação e a composição (1992: 85-117). Tradicionalmente, a formação de palavras surge num sub-capítulo da morfologia — o da morfologia derivacional —, a par do da morfologia flexional. Contrariamente ao que seria esperado, uma vez que se trata de uma gramática de pendor tradicionalista, estes Autores não apresentam esta perspectiva da análise da formação de palavras, considerando-a num capítulo à parte. Esta ideia vem ao encontro da que defendemos, considerando o sector genolexical de uma língua como autónomo no âmbito da gramática. O segundo aspecto que queremos aqui salientar é que, na apresentação dos sufixos verbais, *-ar* não surge explicitamente apresentado como um sufixo:

«Os verbos novos da língua formam-se em geral pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjectivos. [...] A terminação *-ar*, já o sabemos, é constituída da vogal temática *-a-*, característica dos verbos da 1.^a conjugação, e do sufixo *-r*, do infinitivo impessoal.». (CUNHA e CINTRA, 1992: 101)

Com estas palavras, os Autores não afirmam que *-ar* constitua um sufixo, deixando bem claro qual o estatuto de cada um dos constituintes. Além disso, vão mais longe, ao afirmar que «Por vezes, a vogal temática *-a-* liga-se não ao radical propriamente dito, mas a uma forma dele derivada, ou, melhor dizendo, ao radical com a adição de um sufixo», apresentando, entre outros, os casos de *salt-it-ar*, *bord-ej-ar* e *amen-iz-ar* e afirmando que são os sufixos que transmitem aos verbos «matizes significativos especiais» (1992: 102). Clarificam, ainda, o facto de apresentarem *-ear*, *-ejar*, *-itar*, *-(i)ficar*, como um todo, declarando que o fazem por motivos de ordem didáctica, mas demonstrando terem a consciência de que esse todo é constituído por um sufixo, uma vogal temática e um morfema de infinitivo.

Evanildo BECHARA (2002: 364), no parágrafo relativo aos sufixos que intervêm na formação de verbos, considera os sufixos que estão na base de quatro tipos diferentes de verbos, quanto à sua significação: verbos causativos; verbos frequentativos; verbos diminutivos; verbos incoativos. Não tece quaisquer comentários relativamente aos verbos em cuja formação não se verifica a presença de sufixo, nem apresenta nenhuma consideração acerca destes.

Para Graça RIO-TORTO (1994: 360), «[...] a Vogal Temática é um operador derivacional sempre que não estão em jogo outros segmentos que, à direita da base, assegurem a relação derivacional. Quando estes estão presentes ela tem o estatuto de mero integrador paradigmático.» Desta forma, a Autora atribui um papel diferente à vogal temática, mediante a existência ou não de elementos afixais claramente individualizáveis. Por outras palavras, a vogal temática terá um papel derivacional sempre que se verificar a ausência de afixo; caso contrário, ela representará o papel de mero integrador paradigmático.

Num artigo posterior (RIO-TORTO, 1998b), onde a Autora volta a abordar a questão dos processos de formação de verbos, considera que a formação de verbos em -ar se explica «por um processo de conversão ou por um processo de sufixação, agenciada pela VT. Na conversão, o constituinte temático não desempenha qualquer papel derivacional.», deixando, assim, em aberto estas duas possibilidades de análise.

Relativamente à tese da conversão, algumas questões são levantadas por Graça Rio-Torto:

«Resta indagar (i) se a emergência deste [constituente temático] é automaticamente desencadeada pela categorização de X_b em V, uma vez que a sua existência é consubstancial à estrutura de toda a forma verbal, (ii) se a conversão promove (ou se faz acompanhar d)a adunção de constituinte temático e (iii) se o produto é um radical categorialmente marcado.». (RIO-TORTO, 1998b: 316)

Segundo a Autora, a tese da conversão funciona aparentemente bem para o inglês, uma vez que entre [ring]_N e [ring]_V há coincidência plena em termos formais, o que não se verifica em português.

Quanto à tese da derivação, a Autora não relega para segundo plano a importância da VT como portadora de informação derivacional na formação de verbos em -ar, mas não deixa de verificar que o papel desse constituinte é «menos importante» no processo derivacional dos verbos em que estão presentes os sufixos -ific-, -iz-, -e-, -ec-, -esc- e -ej-, onde podemos não atribuir um papel derivacional à VT. Não deixa, no entanto, de se questionar relativamente ao estatuto diferenciado que, assim, a vogal temática passa a ter, consoante o tipo de verbos: «até que ponto uma teoria morfológica se compadece com um tratamento não uniforme de um mesmo constituinte?» (RIO-TORTO, 1998b: 321).

3. Alternativas de análise

Numa perspectiva tradicional, a que não são alheias vantagens de natureza pedagógico-didáctica, habituámo-nos a encarar os verbos em análise como derivados por sufixação, sendo que a uma palavra base se junta o sufixo -ar. Contudo, numa leitura mais aprofundada, verificamos que esta não constitui uma análise muito objectiva do funcionamento do processo genolexical dos verbos em -ar, sobretudo quando comparamos este tipo de verbos com outros onde, clara e inequivocamente, existe um elemento de natureza afixal, com estatuto de sufixo verbalizador. É o que se verifica com verbos como *clarear*, *clarificar*, *gotejar* e *utilizar*, entre outros, em que constatamos a presença de um sufixo — -e-, -ific-, -ej-, -iz-, respectivamente — ao qual se segue a vogal temática -a- e o morfema de infinitivo -r. Ora, nestes casos, consideramos que a vogal temática não detém um poder derivacional, uma vez que essa

função é, indubitavelmente, atribuída aos sufixos verbalizadores em presença, tanto mais que eles intervêm exclusivamente na formação de verbos. O morfema de infinitivo, por seu turno, também não detém esse poder, uma vez que a sua natureza é flexional e não derivacional. Não nos esqueçamos de que utilizamos a forma de infinitivo para citação de um verbo, porque assim está estabelecido dentro da comunidade linguística, mas poderia ser qualquer outra forma flexionada de um determinado verbo. Talvez a escolha tenha recaído sobre esta por ser aquela que apresenta menores marcas de flexão, mas não deixa de ser uma escolha arbitrária.¹¹ Em latim, por exemplo, a forma de citação era a da 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo. Para citarmos o verbo *amar*, referíamos a forma *amo*. Portanto, em verbos como os citados anteriormente, poderemos afirmar que quer a vogal temática, quer o morfema de infinitivo não detém qualquer poder derivacional, uma vez que essa função é assegurada pelos sufixos em presença.

Se, neste tipo de verbos, a vogal temática não acumula uma função derivacional, a par com a de integrador paradigmático, como poderemos justificar a incongruência de num verbo como *telefonar* ela já assumir essa função, como pretende Margarida BASÍLIO (1993: 297)? Poderá a vogal temática apresentar uma função derivacional, cumulativamente com a de integrador paradigmático, sempre que não houver um sufixo verbalizador em presença, aliás, como propõe Graça RIO-TORTO (1994: 360; 1998b: 321-323)?

¹¹ Sergio SCALISE (1994: 64-65) é claro quanto à arbitrariedade e convencionalidade da forma de citação de uma palavra: «La forma di citazione è una scelta convenzionale e non ha alcun valore in una teoria del linguaggio, tanto è vero che diverse tradizioni lessicografiche o grammaticali hanno scelto forme di citazione diverse. In latino e in greco, la forma di citazione del verbo è la prima persona singolare del presente indicativo, in sanscrito è la radice, in italiano e francese è l'infinito, nelle lingue semitiche è la terza persona maschile singolare del perfetto.»

A propósito da pertinência da separação entre morfologia flexional e morfologia derivacional, por um lado, e da existência de morfemas designados «*portmanteau*» (que consubstanciam vários significados em simultâneo, sem que seja possível segmentar os diferentes significantes constitutivos da palavra),¹² Luísa AZUAGA (1996: 235) considera que «as línguas naturais parecem não apresentar, no mesmo morfema *portmanteau*, elementos que combinem categorias flexionais e derivacionais». Ora, entendemos que o que se passa com a formação dos verbos em estudo vem precisamente ao encontro desta ideia, pois não nos parece provável que o constituinte -*a*- funcione, em simultâneo, como vogal temática (um integrador paradigmático, de natureza flexional) e como sufixo de natureza derivacional.

Julgamos que, perante os exemplos observados e sem esquecer o quadro de formação de verbos, em particular, e de palavras, em geral, da língua portuguesa, poderemos considerar dois processos, igualmente válidos, que expliquem a formação do tipo de verbos em análise.

¹² Por considerar que, na análise morfológica, o valor dos segmentos significativos é mais importante do que a identificação da sua forma, Jorge Morais BARBOSA (1994), seguindo a perspectiva de André MARTINET (1991) prefere a terminologia ‘monema’, em detrimento de ‘morfema’, uma vez que, segundo o Autor, o primeiro aponta mais para conteúdo do que para a forma, considerando o monema uma «unidade significativa mínima» (p. 13). Propõe o Autor que, a cada monema, deva corresponder uma determinada manifestação formal — um significante — ainda que, por vezes, possamos estar perante «significantes amalgamados» (p. 16), cujos segmentos significativos não podem ser formalmente divididos, fazendo corresponder, de forma linear, significante e significado. É o que Luísa AZUAGA (1996: 235) considera «morfemas *portmanteau*».

3.1. Derivação

Não deixa de ser significativo o facto de a esmagadora maioria dos estudiosos da língua portuguesa, em particular, e das línguas derivadas do latim, em geral, considerarem que este tipo de verbos, em cada uma destas línguas, sofre um processo de derivação, por oposição ao escasso número daqueles que adiantam a hipótese de conversão. Este facto fez-nos não descartar esta hipótese de análise, embora nalguns casos ela careça, em nosso entender, de alguma reformulação (cf. BASÍLIO, 1993), com vista a uma maior coerência na visão globalizante dos processos de formação de verbos em português.

Assim, dentro do quadro da derivação, julgamos ser possível considerar os verbos em *-ar* derivados por sufixação, consubstanciada de duas formas diferentes: (i) seguindo a perspectiva dos diferentes gramáticos históricos e, na linha de pensamento destes, a de David SERRANO-DOLADER (1999), que estabelecem uma distinção entre ‘derivação mediata’ e ‘derivação imediata’, considerando que o verdadeiro elemento sufixal verbalizante é a vogal temática; (ii) equacionando a possibilidade da presença de um sufixo sem manifestação formal, o qual designaremos por ‘sufixo zero’.

3.1.1. Derivação imediata

Segundo os gramáticos históricos consultados e David SERRANO-DOLADER (1999), estes verbos seriam formados por um processo de ‘sufixação imediata’, a qual não se operaria com a interposição de sufixos entre a base e a vogal temática, por

oposição àqueles onde estão presentes sufixos verbalizadores. Estes autores, assim como Celso CUNHA e Lindley CINTRA (1992) e Evanildo BECHARA (2002), entre outros, apresentam, associados aos sufixos claramente individualizáveis, determinados valores semânticos por eles veiculados: em *cabecear* e *gotejar*, os sufixos — *-e-* e *-ej-*, respectivamente —, terão um sentido frequentativo, durativo; já em *civilizar*, o sufixo *-iz-* terá um sentido factitivo.¹³ Relativamente à ‘sufixação imediata’, nenhuns valores são avançados. Este facto, contudo, parece-nos não se verificar por acaso, uma vez que é bastante difusa e lata a significação que os verbos em *-ar* podem encerrar em si, dependendo muito do contexto em que são actualizados. É este facto que leva Eve CLARK e Herbert CLARK (1979: 782) a designarem-nos por “contextuals”.

Segundo esta perspectiva, a vogal temática terá primazia derivacional, relativamente aos sufixos verbalizadores presentes, os quais não aportarão mais do que uma significação aspectual ao verbo no qual são actualizados, significação aspectual essa que será bastante mais vasta aquando da ausência de um desses sufixos. Em todo o caso, estes sufixos nunca serão tão importantes como a vogal temática, à qual será dado o poder de gerar novos verbos e, portanto, será ela o verdadeiro sufixo verbalizador. Resta apurar até que ponto a vogal temática, cuja função primária é a de integrador paradigmático — à semelhança do que se verifica com o índice temático nos nomes e adjectivos — poderá, de certa forma, desgramaticalizar-se no sentido de se lexicalizar num sufixo derivacional.

¹³ Cf. CUNHA e CINTRA (1992: 102).

3.1.2. Sufixo zero

Ainda no quadro da derivação, parece-nos possível a hipótese de considerarmos estes verbos derivados por sufixo zero,¹⁴ uma vez que a este estará associada não uma ou duas significações, como naqueles sufixos que enunciámos anteriormente, mas uma multiplicidade de valores consubstanciados na ausência formal de um sufixo. Esses valores seriam actualizados não em função de um sufixo, mas em função da significação do radical nominal ou adjectival de base e do contexto de ocorrência de um determinado verbo sufixado por zero.

Assim, o esquema derivacional seria comum a todos os verbos derivados por sufixação, como se poderá constatar nos exemplos de seguida apresentados, que ilustram os sufixos verbalizadores mais comuns em português:

[[[[cabec]_{RN} e]_{Suf} a]_{TV} r]_V

[[[[marmor]_{RN} iz]_{Suf} a]_{TV} r]_V

[[[[clar]_{RN} ific]_{Suf} a]_{TV} r]_V

[[[[vel]_{RN} ej]_{Suf} a]_{TV} r]_V

[[[[açucar]_{RN} ø]_{Suf} a]_{TV} r]_V

Considerar estes verbos derivados por sufixação, a qual se instanciará através de um sufixo sem manifestação formal — o sufixo zero —, parece-nos resolver dois problemas de natureza diferente: por um lado, o da estrutura formal, a que se encontra associado o problema do estatuto da vogal temática, problema central já analisado ao

¹⁴ Esta terminologia é também adoptada por Lluïsa GRÀCIA I SOLÉ (1995), num artigo sobre a estrutura argumental de verbos com uso transitivo e intransitivo.

longo do capítulo; por outro o problema da semântica associada aos verbos em *-ar*. Formalmente, enquanto em *cabecear*, *marmorizar*, *clarificar* e *velejar* temos sufixos com manifestação formal, no caso de *açucarar* essa manifestação corresponde a zero. Semanticamente, enquanto os sufixos *-e-*, *-iz-*, *-ific-* e *-ej-* têm significações específicas e delimitadas associadas a si,¹⁵ o sufixo zero, pela sua indefinição, apresenta um leque bastante mais vasto de significações, que dependerão, sobretudo, da base e do contexto em que esta é actualizada quando se transforma em verbo.

3.2. Conversão

Apresentamos como possibilidade de análise, igualmente válida, a hipótese da conversão. Entre os linguistas, não há consenso quanto à natureza desta operação, uma vez que ela «não envolve alteração da estrutura significante de base, mas somente da categoria léxico-sintáctica e da estrutura semântica desta.». (RIO-TORTO, 1998a: 98)

A conversão, tal como tradicionalmente é entendida, não consiste tanto num processo genlexical, uma vez que não há efectiva criação de novas palavras. O que se verifica é que um grupo considerável de palavras em português poderá pertencer a diferentes categorias gramaticais, em função do lugar ocupado na frase. *Jantar*, por exemplo, é, tipicamente, um verbo. É o que se verifica, por exemplo, na frase *Ontem, os alunos foram jantar juntos*. No entanto, a mesma forma — *jantar* — será um nome se ocupar um lugar diferente no enunciado: *Ontem, o jantar estava francamente delicioso*. Portanto, não nos parece muito exacto considerar a conversão, como tradicionalmente é

¹⁵ Cf. CUNHA e CINTRA (1992: 102); BECHARA (2002: 364).

encarada, enquanto processo de formação de palavras, uma vez que, como se verifica, ele é predominantemente sintáctico.

Poderemos, no entanto, encarar a conversão como um processo genolexical, desde que subjacente a ele esteja a efectiva criação de novas palavras. Ora, a formação dos verbos em estudo é considerada, para a língua inglesa, como sofrendo um processo de conversão. Efectivamente, entre [ring]_N e [ring]_V não há qualquer alteração em termos formais. Sabemos que o segundo consistirá num verbo, se anteposto a ele surgir a forma *to*. Ex: *To ring the bell*. Em português, entre [fech]_{RN} e [fech]_{RV} não se verifica qualquer diferença. Na actualização destes dois radicais enquanto palavras, saberemos que um é um nome, porque lhe acrescentamos um índice temático¹⁶ — neste caso *-o*, *fecho*, por ser uma palavra de género masculino —, e que o outro é um verbo quando o formatamos enquanto tal — acrescentando-lhe uma vogal temática, indispensável à consubstanciação de toda e qualquer palavra enquanto verbo.¹⁷ Esta formulação, tal como é apresentada, poderia levar-nos a julgar que, então, a conversão operaria com radicais categorialmente não marcados. Assim, um radical seria nominal, verbal, ou adjectival, consoante o contexto linguístico em que ocorresse. Contudo, se assim fosse, não poderíamos falar de conversão, uma vez que X não se converteria em Y ou Z, mas

¹⁶ À semelhança de Alina VILLALVA (2000: 118; 2003: 922), designaremos os constituintes tradicionalmente denominados ‘vogais temáticas’ por ‘índices temáticos’, para que não se estabeleça uma confusão entre os constituintes temáticos das formas nominais e adjectivais, por um lado, e os constituintes das formas verbais, por outro.

¹⁷ Não consideramos aqui o morfema de infinitivo, porque, como temos vindo a referir, este é um elemento flexional, e não derivacional, que serve para a enunciação de um determinado verbo.

seria antes X1, X2, ou X3, consoante funcionasse como nome, verbo ou adjetivo.¹⁸ Ora, esta não é a natureza da conversão, uma vez que ela opera com radicais categorialmente marcados (cf. CLARK & CLARK (1979); ARONOFF (1980); DON, TROMMELEN & ZONNEVELD (2000)). Só assim faz sentido falar da conversão de um radical X num radical Y.

A proposta da conversão afigura-se-nos um possível caminho de análise para a língua portuguesa. Partindo do princípio de que, neste processo genolexical, operamos com radicais categorialmente marcados como formas de base, então parece-nos bastante credível que um radical nominal como [diplom]_{RN} se “converta” no radical verbal [diplom]_{RV}, dependendo do contexto¹⁹ e da situação em que nos encontramos. Esta conversão implica, em termos formais, a adjunção de uma vogal temática, indispensável à actualização de toda e qualquer forma verbal.

Assim, em português, os verbos portadores de *-e-*, *-iz-*, *-ific-* e *-ej-* seriam formados por sufixação, e aqueles onde não se verificasse nenhum elemento de carácter afixal seriam formados por conversão. A adjunção da vogal temática, enquanto integrador paradigmático num e noutra caso, seria tão indispensável como indispensável é a adjunção dos índices temáticos *-a*, *-o* e *-e* aos radicais nominais e adjectivais, aquando da sua integração paradigmática e actualização enquanto palavra numa frase. Esquemáticamente, esta proposta formular-se-ia do seguinte modo:

¹⁸ Neste caso, dificilmente poderíamos falar de um processo de formação de palavras, uma vez que não existiria efectiva criação, mas apenas actualização em diferentes categorias, com as alterações formais que isso implicasse.

¹⁹ Cf. CLARK & CLARK (1979) e ARONOFF (1980).

DERIVAÇÃO POR SUFIXAÇÃO	CONVERSÃO
[[[[conch] _{RN} e] _{RV} a] _{TV} r] _V	[[[[conch] _{RN}] _{RV} a] _{TV} r] _V
[[[[memor(i)] _{RN} iz] _{RV} a] _{TV} r] _V	[[[[memori] _{RN}] _{RV} a] _{TV} r] _V
[[[[resin] _{RN} ific] _{RV} a] _{TV} r] _V	[[[[resin] _{RN}] _{RV} a] _{TV} r] _V
[[[[azul] _{RN} ej] _{RV} a] _{TV} r] _V	[[[[azul] _{RN}] _{RV} a] _{TV} r] _V

Contudo, algumas objecções — ou, pelo menos, observações — terão, necessariamente, de ser feitas, relativamente à aplicação do conceito de conversão a este tipo de estruturas. Se partirmos do princípio de que a conversão se baseia na não alteração do termo novo relativamente à palavra base, esta análise parece-nos bastante ajustada à realidade da língua inglesa, uma vez que entre [touch]_{RN} e [touch]_{RV} não há qualquer alteração formal, quando inseridos num contexto de uma frase, mas o mesmo já não se verifica relativamente à língua portuguesa.

A partir do momento em que um radical é instanciado numa frase enquanto nome ou enquanto verbo, a sua forma muda. Em português, os nomes e os adjectivos consubstanciam-se através das vogais *-a*, *-o*, ou *-e* ou pelas consoantes *-r*, *-l*, ou *-s/-z* e os verbos apresentam, forçosamente, uma forma flexionada (aqui incluída a forma do infinitivo). Portanto, em termos formais, não há coincidência. É por esse motivo que Jan DON, Mieke TROMMELEN & Wim ZONNEVEL (2000: 950) chamam a atenção para o facto de, nalgumas línguas românicas, nomeadamente o espanhol, a presença de vogais temáticas dificultar a possibilidade de se encarar a conversão.

No seguimento desta perspectiva, ter-se-ia de rever o conceito de conversão aplicado à língua portuguesa ou re-etiquetá-lo, quando aplicado à formação dos verbos em estudo.

II. COMPOSICIONALIDADE DAS BASES DOS VERBOS EM -AR

Este capítulo encontra-se dividido em três blocos, que reflectem a metodologia de trabalho seguida. Em primeiro lugar, procede-se à análise das classes morfológicas (1.) das bases, depois à das suas classes sintácticas (2.) e, finalmente, à das classes semânticas (3.).

Julgamos importante efectuar esta análise tripartida, pois, em português, como afirma Alina VILLALVA (2000: 116), «os processos de formação de palavras seleccionam como formas de base unidades lexicais semanticamente interpretáveis, portadoras de informação relativa à categoria sintáctica e pertencentes a diversas categorias morfológicas [...]».

Torna-se, pois, necessário, proceder, para o tipo de verbos em análise, à identificação das diferentes classes — morfológicas, sintácticas e semânticas — das bases, nominais e adjectivais, que dão origem a este tipo de verbos.

1. Classes morfológicas

Em português, as classes morfológicas que servem de base à criação de novas palavras podem ser de três tipos: radicais, temas e palavras (cf. VILLALVA, 2000: 117; 2003: 919).

As bases dos produtos resultantes do esquema genolexical $[[X]_{RN/RA} [a]_{VT} [r]_{MI}]_V$ são, no que diz respeito à(s) sua(s) classe(s) morfológica(s), quase exclusivamente radicais, quer sejam radicais não autónomos ($[martel]_{RN}$), que necessitam de um índice temático²⁰ para se instanciarem enquanto palavras (martelo), quer sejam radicais autónomos ($[açúcar]_{RN}$), cuja forma coincide com a da palavra correspondente.

Radicais vs. temas

A identificação da categoria morfológica das bases não é, no entanto, tarefa linear, que não nos coloque nenhuma espécie de dúvida ou problema. Muito pelo contrário. Se nos exemplos que em 1.1.1. são apresentados não há qualquer dúvida de que se trate de radicais, alguns problemas são-nos colocados quando pretendemos efectuar uma análise morfológica rigorosa das bases em questão.

²⁰ Para evitar a confusão terminológica, designaremos índices temáticos, as vogais que se juntam a radicais nominais ou adjectivais para estes se instanciarem enquanto palavras; a designação vogal temática fica, assim confinada aos elementos temáticos presentes em formas verbais (cf. Alina VILLALVA (2000: 118; 2003: 922).

Quando nos deparamos com bases como *aba*, *crónica*, *estaca* ou *música*, que formam os verbos *abar*, *cronicar*, *estacar* e *musicar*, respectivamente, o problema que se nos coloca é o de sabermos o que acontece à vogal temática, pela qual termina cada um destes nomes: (i) sofrerá apócope, à semelhança das bases de tema em -o, constituindo, assim, em termos morfológicos, a base um radical, ou (ii) a mesma permanecerá e, nesse caso, em vez de um radical, estaremos perante um tema, acumulando a vogal temática as funções flexional e derivacional. A hipótese que nos parece mais plausível é a primeira, uma vez que aquilo que se verifica com as bases de tema em -o (*abanico*, na base de *abanicar*) e também com as de tema em -e (*brinde*, na base de *brindar*) é que a operação genolexical se procede a partir de radicais. Se assim não fosse, como explicaríamos a dupla possibilidade de formação com base em *rosca*: *roscar* e *rosquear*? Só considerando que ambos partem da mesma base, isto é, do radical [rosc].

Um outro problema é o que se prende com as bases de tema em -e, do tipo *pente*, que se encontra na base do verbo *pentear*. Consideramos a existência de duas possibilidades para analisarmos a formação deste verbo: (i) a base é constituída pelo radical [pent], ao qual se pospõe o sufixo -e-, seguido pela vogal temática -a- e o morfema de infinitivo -r, estando, claramente, presente um verbo sufixado, à semelhança de outros, como *clarear*, *ondear* ou *saborear*; (ii) a base é o tema [pente], ao qual se juntou a vogal temática -a- e o morfema de infinitivo -r, para formar um novo verbo, que segue o esquema genolexical dos verbos em análise no presente trabalho.

O DENFLP apresenta o verbo *pentear* como formado por sufixação, a partir do radical [pent], hipótese que nos parece bastante provável, por duas ordens de razões: (i)

pelo sentido iterativo/repetitivo subjacente ao sufixo *-e-*, sentido esse presente no verbo *pentear*; (ii) no acervo de dados analisado, surgem bases como *telefone* ou *roque*, que formam os verbos *telefonar* e *rocar*, e não **telefonar* e **roquear*.

Paralelamente a este tipo de bases (nomes e adjetivos a que foi suprimido o índice temático para, a partir dos radicais, formar novos verbos), temos ainda a considerar radicais que coincidem com a forma completa da base. São os casos de palavras/radicais que terminam por elementos consonânticos.

Parece-nos, assim, que como categorias morfológicas das formações verbais em *-ar* temos radicais, nominais e adjetivais, e radicais que coincidem com a forma completa da base, por terminarem em elemento consonântico, como se verificará com *açúcar*.

Efectivamente, podemos afirmar que, no acervo de dados analisado, encontramos muito poucas bases a que, de forma inequívoca, corresponde um tema. Verificámos a existência dos nomes *eco*, *ponto* e *rego*, os quais estão na origem, respectivamente, dos verbos *ecoar*, *pontoar*²¹ e *regoar*,²² verbos na base dos quais não temos um radical, mas sim um nome de tema em *-o*.

Relativamente a bases de tema em *-e*, a existência destas torna-se, por vezes, extremamente difícil de determinar, uma vez que temos formas como *pente* (já

²¹ Segundo o e-DLP, *pontoar* não deve ser confundido com *pontuar*, uma vez que referenciam actividades diferentes: «*pontoar*, v. tr., marcar com pontos; *apontoar*; *granir*. (De *ponto* + *-ar*). Cf. *pontuar*, v. tr. e intr., assinalar com pontuação; marcar pontos; pôr os sinais gráficos na escrita; classificar. (Do fr. *ponctuer*, «id.»). Cf. *pontoar*.» O DENFLP também apresenta *pontuar* como originário do francês *ponctuer*; no entanto, não dá qualquer indicação relativamente ao verbo *pontoar*.

²² «*Regoar*, v. tr., o m. q. *arregoar*. (De *rego* + *-ar*). *Arregoar*, v. tr., abrir regos em; v. intr., fender-se; gretar (as frutas). (De *a-* + *rego* + *-ar*)» (e-DLP) É possível que na base do verbo *regoar* tenhamos um tema e não um radical, como seria de esperar, para que este não se confunda com outro verbo: *regar*.

anteriormente citada), que se encontra na base do verbo *pentear*. A questão é a de saber qual o estatuto do elemento *-e-*, que se encontra imediatamente antes da vogal temática e do morfema de infinitivo: será ainda parte da base, constituindo, com o radical, o tema, ou a sua natureza é já de carácter derivacional, sendo, desta forma, um sufixo? A resposta a esta questão encontra-se, na maioria dos casos, num dicionário etimológico credível e fíável. No caso de *pentear*, o DENFLP apresenta o verbo como derivado por sufixação, a partir do radical [pent]. No entanto, um verbo como *alardear*,²³ surge no mesmo dicionário como formado a partir de [alarde], constituindo a base, assim, um tema. Este foi o único exemplo encontrado cuja base seja um tema em *-e*.

1.1. Radicais

Consideraremos radicais as «unidades lexicais pertencentes a uma categoria sintáctica principal» (VILLALVA, 2000: 117), distinguindo, assim, radicais nominais (RN), radicais adjetivais (RADJ) e radicais verbais (RV). No estudo em causa, consideraremos apenas os radicais nominais e os adjetivais, uma vez que não se constata a existência de radicais verbais no processo de formação de palavras que segue o esquema $[[X]_R [a]_{VT} [r]_{MI}]_V$.

²³ «*Alardear*, v. tr., fazer alarde de; gabar-se de; ostentar; apregoar; v. intr. bazofiar; (cul.) o m. q. lardear. (De alarde + -ear)» (e-DLP). Como podemos verificar, este dicionário, ao contrário do DENFLP, apresenta o verbo como derivado por sufixação em *-e-ar*.

Radicais nominais vs. radicais adjectivais

No acervo de dados analisado, constatamos que os radicais podem ser, em termos sintácticos, de dois tipos — radicais nominais e radicais adjectivais —, dependendo da sua instanciação enquanto palavras.

A distribuição entre radicais nominais e radicais adjectivais nem sempre é, no entanto, tarefa linear. Afirmamos que um radical é de tipo nominal, se ele, na sua formatação enquanto palavra, constituir um nome. É o caso de [tecl], um radical nominal, que está na base do nome *tecla*, o qual não poderá estar na base de um adjectivo com a forma *tecla*. Assim, inequivocamente, temos um radical nominal.

Temos, no entanto, nomes que também podem funcionar como adjectivos, tais como *amigo* e *galdéria*:

*O João é muito **amigo** do Pedro.*

*A minha vizinha é tão **galdéria** que nunca está em casa.*

Relativamente aos radicais adjectivais, verificam-se três situações distintas:

a) existência de radicais actualizados predominantemente como adjectivos; trata-se de formas que, nos dicionários, são categorizadas predominantemente como adjectivos; é o caso de *autêntico* e *azedo*:

*Os documentos **autênticos** são preciosos nos estudos de História da Língua.*

*A comida **azedada** tem um cheiro insuportável.*

b) existência de formas que podem funcionar como adjectivos ou nomes; contudo, a selecção de um ou outro muda substancialmente a significação associada a cada um deles; é o que se verifica com os casos de *activo*, *espanhol* e *miúdo*:

Aquele é um bebé muito activo. vs. *Este ano, o activo da empresa é bastante inferior ao do ano transacto.*

Apareceu um menino espanhol perdido em Portugal. vs. *O espanhol é fácil de aprender por um português.*

O Manuel está miúdo. vs. *O miúdo acertou no gato.*

c) adjectivos e nomes com a mesma significação, como o que se verifica com *gemelgo* e *pedinte*:

Aqueles bebés são gemelgos. vs. *Os gemelgos serão sempre muito unidos.*

O homem pedinte que estava sempre no jardim desapareceu. vs. *Aquele pedinte suplicou-me ajuda.*

Em virtude de algumas bases apresentarem este tipo de funcionamento, integramo-las quer como nomes, quer como adjectivos. É o que se verificará com *azul*, *amarelo*, *inglês*, *português* e outras palavras que admitam este tipo de construção sintáctica.

Radicais não autónomos vs. radicais autónomos

Na análise dos diferentes radicais, introduzimos a designação de radicais não autónomos (cf. 1.1.1.) com o objectivo de distinguir os radicais que, quando são actualizados em palavras, necessitam de um índice temático (-a, -o ou -e)²⁴ ou de uma vogal ou ditongo nasais, daqueles que, por si só, em termos formais, já constituem uma palavra, os quais designaremos por radicais autónomos (cf. 1.1.2).

No grupo dos radicais que estão na base da formação de verbos em -ar, além da distinção entre radicais nominais e radicais adjectivais, podemos ainda estabelecer a distinção entre os radicais simples ou monomorfêmicos e os radicais complexos ou plurimorfêmicos.

1.1.1. Radicais não autónomos

Consideramos ‘radicais não autónomos’ aqueles que, para se instanciarem enquanto palavra, necessitam de um índice temático: -a-, -o- ou -e-.

Os radicais não autónomos organizam-se em radicais simples e radicais complexos.

²⁴ Herculano de CARVALHO (1984: 5-26) designa precisamente estas três vogais temáticas de “actualizadores léxicos”, por serem elas que permitem aos radicais instanciarem-se enquanto palavras, para que, assim, funcionem autonomamente em enunciados.

1.1.1.1. Simples

Por bases constituídas por radicais simples entendemos aquelas em que não é possível fragmentar mais nenhum elemento constituinte sobre o qual opera o processo genolexical. Dentro deste tipo de bases, distinguimos os radicais nominais dos radicais adjectivais. Como verificaremos, os primeiros encontram-se em número bastante superior aos segundos.

1.1.1.1.1. Nominais

Por facilidade de organização dos exemplos ilustrativos, consideraremos quatro grupos de radicais nominais simples. Esta organização é feita a partir dos índices temáticos que se agregam a esses mesmos radicais. Serão consideradas três vogais distintas, que têm a possibilidade de se juntar a radicais nominais: *-a*, *-o* e *-e*, analisando-se, assim, nomes de tema em *-a*, em *-o* e em *-e*, respectivamente. Além das terminações deste tipo, teremos de considerar ainda um quarto grupo: o dos radicais nominais que dão origem a verbos em *-ar* aos quais não se pospõe nenhuma destas vogais temáticas, mas antes uma vogal ou um ditongo nasais. Nestes casos, o facto de as palavras terminarem por um elemento nasal não coloca nenhum problema a este tipo de formação de verbos, uma vez que se parte do radical e não da palavra completa.

São exemplos de verbos em *-ar* construídos com base em radicais nominais não derivados os seguintes:

1.1.1.1.1.1. De tema em -a

[[[abelh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[fich] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[muralh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[adeg] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[forç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[music] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[aduf ²⁵] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[forj] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[navalh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[agulh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[frald] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[novel] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[arc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[goel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[notici] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bab] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[gralh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[orelh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bag] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[gramatic] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[ortig] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[barric] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[hipotec] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[parcel] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bisc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[ilh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[penitenci] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[boc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[industri] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[perol] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bochech] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[influenci] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[pipoc] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bol] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[invej] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[polc] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[broc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[justiç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[polemic] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[canel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[larach] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[pranch] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[cobiç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[leri] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[prend] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[conch] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[luf] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[quitand] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[cortin] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[malh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[rend] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[diferenç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[maqui] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[rol ²⁷] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[entranh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[mascar] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[rond] _{RN} a] _{TV} r] _V

²⁵ Na base deste verbo, que significa «guarnecer com adufas» (e-DLP), temos o nome «adufa, s. f., protecção formada por pequenas tábuas de madeira colocadas por fora da janela; represa; abertura em barragem ou canal para escoamento de água; taipal colocado nas sineiras para fazer baixar o som dos sinos. (Do ár. ad-duffâ, de duff, «batente de porta»)). Este verbo não deve ser confundido com outro que apresenta a mesma forma, mas que parte do nome *adufe* (cf. nota 31).

[[[escal] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[mech] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[rosc] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[espad] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[medalh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[rusg] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[espinh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[mel ²⁶] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[samb] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[estrad] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[melodi] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[sol] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[fantasi] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[memori] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[tabic ²⁸] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[fard] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[mig] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[telh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[fati] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[minut] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[unh] _{RN} a] _{TV} r] _V

1.1.1.1.1.2. De tema em -o

[[[abanic] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[entulh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[model] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[agraf] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[epilog] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[modilh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[almoç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[escud] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[mof] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[amid] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[espelh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[moinh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[arad] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[espich] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[morceg] _{RN} a] _{TV} r] _V

²⁷ Verificamos a existência de dois verbos homónimos com a forma *rolar* (cf. nota). Neste caso, temos por base o nome *rola*: «s. f. (ornit.) ave de migração, columbina, abundante em Portugal de Abril a Setembro, após o que emigra para a África; (reg.) embriaguez. (De orig. onom.)» (e-DLP) (cf. nota 30).

²⁶ Na base deste verbo, temos o nome «*mela*, s. f., doença dos vegetais que os impede de crescer, e torna chochos os seus frutos; doença; (fig.) envelhecimento; ruína física; caquexia; (reg.) falha no gume de instrumentos cortantes; moxa; falta de cabelo; (Bras.) sova. (Do lat. *magella-, por macella-, dim. de macûla-, «nódoa»)). (e-DLP). A forma do produto confunde-se com outro verbo cuja base é o radical autónomo *mel*.

²⁸ Constatamos a existência de dois verbos com a forma *tabicar* (cf. nota). Neste caso, a base é o nome *tabica*: «s. f. (náut.) tábuca que remata o topo das cavernas dos navios, e sobre a qual se constrói a borda; cunha encravada no topo de um madeiro que se está a serrar, para facilitar a serragem. (Do ár. tatbîqâ, «placa de ferro ou de cobre»))» (e-DLP).

[[[arc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[estud] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[ninh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[azulej] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[fad] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[obsequi] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bic] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[ferrolh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[odi] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bich] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[filh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[ofici] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bol] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[froc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[oi(u)riç] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[burac] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[gal] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[pel] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[caminh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[galg] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[perig] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[caprich] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[grad] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[presig] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[carimb] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[incendi] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[queij] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[carunch] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[indici] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[ral] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[catalog] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[interval] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[rastel] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[caval] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[joelh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[reboc] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[chanfalh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[junc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[rod ²⁹] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[cuc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[laç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[rol ³⁰] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[dard] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[larapi] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[ronc] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[diagnostic] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[machad] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[ruid] _{RN} a] _{TV} r] _V

²⁹ Na base deste verbo, temos o radical do nome *rodo*: «1. s. m., utensílio de madeira que serve para juntar o sal nas marinhas, o cereal nas eiras, etc.; utensílio para puxar a cinza do forno; utensílio semelhante para aproximar e recolher o dinheiro nas bancas do jogo; a ~s: em grande quantidade; à larga. (Do lat. rutru-, «sacho; trolha»). 2. s. m., peça giratória para dar às bocas-de-fogo a direcção conveniente. (De roda)». (e-DLP) Temos um outro verbo de forma igual — *rodar* —, mas já formado em latim: «1. v. tr., fazer andar à roda; percorrer à roda de; submeter ao suplício da roda; fazer a rodagem de; v. intr., andar em roda de um eixo; girar; rolar; andar de carro; fazer a rodagem; decorrer; (pop.) ir-se embora; sair. (Do lat. rotäre, «id.»)» (e-DLP).

³⁰ Na base deste verbo *rolar* temos o nome *rolo*: «1. s. m., peça cilíndrica mais ou menos comprida; cilindro; pavio de cera enrolado; tufo de cabelo enrolado; embrulho; remoinho; vagalhão; crivo do funil; (fig.) multidão de gente; magote. (Do lat. rotûlu-, «rolo de papel», pelo fr. ant. rôle, «id.»). 2. s. m., macho da rola. (De rola.)» (e-DLP) Consideramos, assim, a existência dois verbos homónimos com a forma *rolar* (cf. nota 27).

[[[disc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[martel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[sach] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[ditong] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[matrimoni] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[segred] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[divorci] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[meirinh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[sumari] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[engonç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[mestiç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[tac] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[Entrud] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[moch] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[tremoçar] _{RN} a] _{TV} r] _V

1.1.1.1.1.3. De tema em -e

Alguns nomes de tema em *-e* que estão na base de verbos em *-ar* apresentam, na sua configuração gráfica, a terminação *-que*, e não *-ce*, uma vez que se pronuncia [k]. Na transformação destes nomes em verbos, uma vez que temos a terminação *-ar*, já não se torna necessária a configuração *qu*, utilizando-se a grafia *c*. Assinala-se que este grafema se deve ler [k].

[[[aduf ³¹] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[estuc([k])] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[tabic([k]) ³²] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[alambic([k])] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[grad] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[tapet] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[alaud] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[grud] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[telefon] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bivac([k])] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[lanch] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[traj] _{RN} a] _{TV} r] _V

³¹ Na base deste verbo está o nome *adufe*, «s. m., pandeiro quadrado com guizos. (Do ár. ad-duff, «pandeiro») (e-DLP). Assim, este verbo *adufar* não deve ser confundido com o seu homónimo, que parte do nome *adufa* (cf. nota 25).

³² Este verbo apresenta por base o nome *tabique* «s. m., parede interior; divisória de pequena espessura; taipa; separação; membrana que separa dois órgãos ou duas cavidades; parede estreita de tijolo. (Do ár. taxbík, «coisa ajustada a outra», pelo cast. tabique, «id.»)» (e-DLP). Este verbo não deverá, desta forma, ser confundido com o seu homónimo, que tem por base o nome *tabica* (cf. nota 28).

[[[brind] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[mold] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[truc([k])] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[epigraf] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[pel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[ultraj] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[espec([k])] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[red] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[vid] _{RN} a] _{TV} r] _V

1.1.1.1.4. Terminados por vogal/ditongo nasal

[[[aldrab] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[moruj] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[tabeli] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[chantaj] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[rabuj] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[viaj] _{RN} a] _{TV} r] _V

1.1.1.1.2. Adjectivais

No que toca aos radicais não autónomos simples adjectivais, organizamo-los em dois grupos: adjectivos variáveis em termos de género, que, portanto, podem ser actualizados com os índices temáticos *-a* ou *-o* (cf. 1.1.1.1.2.1.), e adjectivos invariáveis, os quais, quando instanciados como palavras, são portadores do índice temático *-e* (cf. 1.1.1.1.2.2.).

1.1.1.1.2.1. De tema em *-a/-o* (adjectivos variáveis)

[[[adunc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[fof] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[manc] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[amarel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[gemelg] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[maninh] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[autentic] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[grad] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[mesquinh] _{RA} a] _{TV} r] _V

[[[azed] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[hibrid] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[mestiç] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[bald] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[homolog] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[miud] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[bamb] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[judi] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[murch] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[caduc] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[labreg] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[pec] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[castiç] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[larg] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[profund] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[chavasc] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[leig] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[rij] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[choch] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[leved] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[tistic] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[cubic] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[maci] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[vadi] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[estranh] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[maluc] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[vagabund] _{RA} a] _{TV} r] _V

1.1.1.1.2.2. De tema em -e (adjectivos invariáveis)

[[[doç] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[quadruped] _{RA} a] _{TV} r] _V
--	--

1.1.1.1.2.3. Terminados por vogal/ditongo nasal

[[[aldrab] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[sabich] _{RA} a] _{TV} r] _V
---	---

1.1.1.2. Radicais complexos

Tal como Alina VILLALVA (2003: 920), consideramos este tipo de radicais «uma forma complexa, integrando dois ou mais constituintes morfológicos, um dos quais é obrigatoriamente um radical simples».

No acervo de dados analisado, encontrámos quase sempre bases cujos radicais complexos eram constituídos apenas por um radical simples, ao qual se agregou um elemento afixal, o que pressupõe que essas mesmas bases passaram anteriormente por um processo de derivação. Há apenas um verbo cujas bases são dois radicais simples, que passaram por um processo de composição: *mata-bichar*, na base do qual temos o nome *mata-bicho*.

À semelhança do que fizemos anteriormente, estabelecemos uma distinção entre radicais nominais e adjectivais e uma divisão dentro de cada um destes grupos em função dos constituintes temáticos.

1.1.1.2.1. Nominais

Neste grupo, serão tratados os radicais nominais, cujas bases são complexas, isto é, que também já passaram por um processo derivacional. Na maior parte dos casos, as bases primitivas destes nomes são também elas radicais nominais, que, por sua vez, deram origem a outros radicais nominais. São exemplos disso *beijoca*, nome complexo que tem por base um outro nome, *beijo*; *fadista*, que apresenta na sua base o nome *fado*;

e outros de que o quadro abaixo é ilustrativo. Temos, no entanto, alguns casos de nomes complexos, cuja base é um adjectivo, como, por exemplo, *francesia*, que apresenta na sua base o radical adjectival [frances]_{RA}. Estes são, todavia, em muito menor número.

1.1.1.2.1.1. De tema em -a

[[[[beij] _{RN} oc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[fad] _{RN} ist] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[sobre] [rond] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[entre] [linh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[frances] _{RA} i] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[test] _{RN} ilh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[entre] [tel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[graç] _{RN} ol] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[van] _{RA} [glori] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[en] [vid] _{RN} ilh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[rend] _{RN} ilh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[vento] _{RN} inh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[esquadr] _{RN} i] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[sach] _{RN} ol] _{RN} a] _{TV} r] _V	

1.1.1.2.1.2. De tema em -o

[[[[choc] _{RN} alh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[guiz] _{RN} alh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[pint(a)] _{RN} inh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[chuv] _{RN} isc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[mar] _{RN} isc] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[ram] _{RN} alh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[colm] _{RN} aç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[mata] [bich] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[rapos] _{RN} inh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[en] [chumaç] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[mo(n)str] _{RN} eng] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[rasp] _{RV} anç] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[espart] _{RN} ilh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[murmuri] _{RN} inh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[rast] _{RN} ilh] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[gat] _{RN} inh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[pass] _{RN} inh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[regula] _{TV} ment] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[[govern] _{RN} ich] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[pat] _{RN} inh] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[[trov] _{RN} isc] _{RN} a] _{TV} r] _V

1.1.1.2.1.3. De tema em -e

[[[[ped]_{RV} int]_{RN} a]_{TV} r]_V

1.1.1.2.1.4. Terminados por vogal/ditongo nasal

[[[[bab]_{RN} uj]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[[lamb]_{RV} uj]_{RN} a]_{TV} r]_V

1.1.1.2.2. Adjectivais

À semelhança do que havíamos verificado com os radicais adjectivais simples, também no caso dos radicais adjectivais complexos se verifica a existência de um número bastante reduzido de exemplos, quando comparado com os seus homólogos nominais.

Relativamente às bases primitivas destes radicais adjectivais complexos, elas podem ser quer adjectivais — *inteiro*, na base de *inteiriço*; *anão*, na base de *ananico* — quer nominais — o adjectivo *roliço* tem por base o nome *rolo*, assim como *daninho* e *dano* e *enfiteutico* e *enfiteuta*.

1.1.1.2.2.1. De tema em -a/-o (adjectivos variáveis)

[[[[anan]_{RA} ic]_{RA} a]_{TV} r]_V

[[[[enfiteut]_{RN} ic]_{RA} a]_{TV} r]_V

[[[[mol]_{RA} eng]_{RA} a]_{TV} r]_V

[[[[dan]_{RN} inh]_{RA} a]_{TV} r]_V

[[[[inteir]_{RA} iç]_{RA} a]_{TV} r]_V

[[[[rol]_{RN} iç]_{RA} a]_{TV} r]_V

1.1.1.2.2.2. De tema em -e (adjectivos invariáveis)

[[[[ped]_{RV} int]_{RA} a]_{TV} r]_V

1.1.2. Radicais autónomos

Verifica-se, em português, a existência de radicais que coincidem com a forma de actualização de uma palavra. Estes consistem nas formas, nominais ou adjectivais, que, formalmente, terminam por um elemento consonântico, graficamente representado por *-l*, *-r*, *-s/-z*. Alina VILLALVA (2000: 119) considera este tipo de formas radicais atemáticos, por não apresentarem índice temático.

Mais uma vez, dentro deste grupo, estabelecemos a distinção entre radicais simples e radicais complexos e introduzimos a subdivisão *nominais* e *adjectivais* dentro de cada um deles.

1.1.2.1. Simples

Os radicais autónomos simples, tal como os radicais não autónomos simples, definem-se pelo facto de ainda não terem sofrido nenhum processo derivacional. Por

outras palavras, não é possível segmentar em elementos menores, portadores de um significante e um significado, as formas que estão na origem destes produtos verbais.

Por razões de ordem metodológica, e à semelhança do que vem sendo feito ao longo deste capítulo, individualizamos em dois grupos os radicais nominais e os radicais adjetivais, chegando, mais uma vez, à conclusão de que os primeiros surgem em maior número do que os segundos.

1.1.2.1.1. Nominais

[[[açúcar] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[cairel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[mel] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[arratel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[cicatriz] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[niquel] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bacharel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[cinzel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[nivel] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bemol] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[dentel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[pincel] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bisel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[doutor] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[professor] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[bocel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[esmeril] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[sinal] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[broquel] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[espiral] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[xadrez] _{RN} a] _{TV} r] _V

1.1.2.1.2. Adjetivais

[[[azul] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[igual] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[nasal] _{RA} a] _{TV} r] _V
[[[espanhol] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[ingles] _{RA} a] _{TV} r] _V	[[[portugues] _{RA} a] _{TV} r] _V

1.1.2.2. Complexos

Por oposição aos exemplos que acabámos de analisar, temos os radicais autónomos complexos. Estes definem-se por já terem sofrido um processo derivacional, sendo possível individualizar os elementos intervenientes nesse processo, nomeadamente as bases e os afixos. Estes podem ser prefixos — [al [cantil]_{RN}]_{RN} — ou sufixos — [[carr]_{RN} il]_{RN}. A forma derivada, que se encontra na base do produto verbal em estudo, constitui um radical nominal (cf. 1.1.2.2.1.) ou um radical adjectival (cf. 1.1.2.2.2.).

1.1.2.2.1. Nominais

Os radicais autónomos complexos nominais constituem palavras derivadas, em que é possível individualizar os elementos intervenientes no processo de formação do lexema complexo. O que verificamos, apenas pelos exemplos apresentados (o que, portanto, pode não ser representativo), é uma relação derivacional isocategorial. Por outras palavras, na base de radicais autónomos nominais complexos, temos radicais nominais simples — [carr]_{RN} está na origem do radical complexo [[carr]_{RN} il]_{RN}. É o que podemos constatar nos exemplos apresentados.

[[[al [[cantil]]]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[[carr]_{RN} il]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[re [mel]]]_{RN} a]_{TV} r]_V

1.1.2.2.2. Adjectivais

Contrariamente ao que verificámos no ponto anterior, na construção de radicais autónomos complexos adjectivais, constata-se a existência de uma relação derivacional heterocategorial, sendo que na base dessa construção estão presentes radicais nominais. É o caso do adjectivo *oval*, que apresenta por base o radical do nome *ovo*.

[[[[**ov**]_{RN} **al**]_{RA} **a**]_{TV} **r**]_V

1.2. Temas

Como já foi referido no início do presente capítulo,³³ pelo acervo de dados analisado, verificamos a existência de um reduzido número de bases constituídas por temas na produção de verbos em *-ar*.

As bases constituídas por temas apresentam os índices temáticos *-o* e *-e*. Naturalmente, não encontramos base de tema em *-a*, uma vez que, ainda que existissem, o índice temático do nome seria confundido com a vogal temática que integra a forma verbal. Relativamente aos temas em *-e*, estes, como já anteriormente vimos, são problemáticos, uma vez que, em muitos casos, é difícil estabelecer a fronteira entre *-e* índice temático e *-e*- sufixo verbalizador.³⁴

Os temas encontrados são exclusivamente nominais, como os poucos exemplos assim o demonstram:

³³ Cf. 1. do presente capítulo, onde a questão da distinção entre radical e tema, nomeadamente para as formas nominais e adjectivais de tema em *-e*, é discutida.

³⁴ Vide pp. 37-39.

1.2.1. Em -o

[[[[ec]_{RN} o]_{TN} a]_{TV} r]_V

[[[[pont]_{RN} o]_{TN} a]_{TV} r]_V

[[[[reg]_{RN} o]_{TN} a]_{TV} r]_V

1.2.2. Em -e

[[[[alard]_{RN} e]_{TN} a]_{TV} r]_V

O único exemplo encontrado foi o verbo *alardear*, o qual o DENFLP apresenta como formado a partir da base *alarde*, assim como o DHLF. No entanto, o e-DLP toma-o como verbo derivado através do sufixo *-e-*, sendo a base o radical [alard]_{RN}.

Ao longo deste capítulo, temos verificado que os verbos em *-ar* se formam a partir de radicais, predominantemente nominais, mas também adjectivais. Raros, como acabámos de explicitar, são os casos em que temos por base temas.

1.3. Aspectos formais das bases

Torna-se necessário, relativamente às classes morfológicas que estão na base deste tipo de verbos, explicitar alguns casos que consideraremos aqui como *aspectos formais das bases*, pelo facto de, na transformação da base em verbo, esta sofrer alterações de carácter morfofonológico, explicáveis em termos diacrónicos.

1.3.1. Bases nominais terminadas em -ão

Apesar de a esmagadora maioria das bases dos verbos em *-ar* ser constituída por radicais nominais ou adjectivais, a que se juntam os índices temáticos *-a*, *-o* e *-e*, quando são instanciados enquanto nomes ou adjectivos, temos um grupo, ainda que reduzido, de bases que se actualizam enquanto nomes através de vogal ou ditongo oral. Estes casos não nos colocam grandes problemas em termos de análise morfológica, uma vez que, retirados os elementos vocálicos, partimos do radical para formar o novo verbo. É o que se passa, por exemplo com os verbos *aldrabar* e *sabichar*, que têm por base os radicais [aldrab] e [sabich] dos nomes *aldrabão* e *sabichão*, respectivamente.

Ora, constatamos a existência de um grupo, ainda que restrito, de formas nominais terminadas em *-ão*, que formam verbos em *-ar* com a terminação *-o-ar*. É o caso de *pregoar*, formado a partir do radical de *pregão*. Este tipo de bases de novos

verbos é, na maioria dos casos, herdada do latim.³⁵ Assim, *pregão* tem na sua origem *præconem*, forma de acusativo, que, na passagem do latim para o português, sofre diferentes alterações fonéticas até chegar à forma actual. A que nos interessa aqui destacar é a síncope sofrida pela consoante nasal. Com efeito, [n] em posição intervocálica sofre uma síncope, a qual, no entanto, não elimina por completo a nasalidade, uma vez que esta subsiste na vogal anterior. Desta forma, terá existido, antes do século XVI,³⁶ uma forma *pregõe*, que terá evoluído posteriormente para *pregão*. Como salienta Clarinda MAIA (1995: 17), «as palavras portuguesas terminadas em *-ão* provêm de palavras latinas terminadas em *-ANU*, *-ANE*, *-ONE* e *-UDINE*, que, no português antigo, estavam representadas por diferentes terminações, que, mais tarde, convergiram numa única terminação *-ão*. Antes, porém, de esta convergência estar completamente consolidada, verificou-se a confusão das diferentes terminações.»³⁷

³⁵ Na passagem do latim para o português, foram as formas de acusativo que deram origem a “novas” palavras. Este facto é relevante, uma vez que fundamenta a explicação de alguns fenómenos aparentemente irregulares, nomeadamente a forma particular deste tipo de radicais.

³⁶ Relativamente à confluência dos diferentes ditongos nasais em final de palavra na terminação *-ão*, afirma José Joaquim NUNES (1989: 113) o seguinte: «Devido a ter no século XVI a vogal nasal *-ã* ou *-am* evolucionado em *-ão*, é que hoje dizemos *pão*, *cão*, como *devoção*, *coração*, etc.; também a vogal nasal *õ* e o antigo ditongo nasal *õe* passaram, por aquela época, a uma única forma *-ão*.».

³⁷ É também este facto de ordem etimológica que justifica a existência de três terminações de plural diferentes — *-ãos*, *-ães* e *-ões* — apesar de uma única forma — *-ão* — para o singular.

1.3.1.1. -ão < -IONE

Os verbos que constam do quadro A. incluem formas que partem de substrato latino, como *afeição*, *ladrão*, *perfeição*, mas também palavras que assimilámos de outras culturas. Temos os casos de *arpão* e de *cordão*, de origem francesa, que se encontram na base de *arpoar* e *cordoar*, respectivamente; *galardão*, que forma o verbo *galardoar*, é de origem germânica; *açafrão*, *alcatrão* e *leilão*, na base de *açafroar*, *alcatroar* e *leiloar*, respectivamente, são de origem árabe; parece haver, inclusivamente, termos de origem asiática, como *charão*,³⁸ que se encontra na base do verbo *charoar*.

O que é importante realçar é o facto de que, apesar de diferentes origens dos termos que constituem a base do novo verbo, por um fenómeno de analogia, todos acabam por convergir na terminação *-ão* e formar novos verbos condicionados pelos mesmos aspectos formais.

A.

[[[açafro] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[colcho] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[pendo] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[afeiço] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[confeição] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[perfeição] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[agulho] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[cordo] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[prego] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[alcatro] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[encontro] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[quinho] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[arpo] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[festo] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[raço] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[arteso] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[furo] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[raço] _{RN} a] _{TV} r] _V
[[[baldo] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[galardo] _{RN} a] _{TV} r] _V	[[[sazo] _{RN} a] _{TV} r] _V

³⁸ O e-DLP, assim como o DENFLP, apresenta o nome como tendo procedência chinesa; o DHLPL também considera essa possibilidade, mas sem apresentar certezas.

[[[cacho]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[ladro]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[sero]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[charo]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[leilo]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[trovo]_{RN} a]_{TV} r]_V

Aquando da formação de novas palavras a partir daquelas que tínhamos herdado do latim, a base constitui o radical latino e não o actual. Este processo verifica-se não só na construção de verbos, mas também de nomes e adjectivos. *Missão*, na sua forma latina *missiōne*, encontra-se na base de *missionário*, assim como *pensiōne* (*pensão*) constitui a base de *pensionista*. Estas mesmas duas formas dão origem a dois verbos, incluídos no quadro seguinte: *missionar* e *pensionar*.

No quadro B., surgem verbos cujas bases também apresentavam em latim a forma -IONE, as quais, na formação do novo verbo, se mantiveram próximas da forma latina.

B.

[[[estacion]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[pension]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[relacion]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[mission]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[racion]_{RN} a]_{TV} r]_V

1.3.1.2. -ão < -ANE

Como anteriormente referimos, a actual forma -ão pode proceder igualmente da terminação latina -ANE, a qual intervêm na formação de palavras, nomeadamente de verbos, em português. É o que se verifica na formação de *panar*, construído em português a partir da base latina *pane-*.

[[[pan]_{RN} a]_{TV} r]_V

1.3.1.3. -ão < -ANU

Fenómeno semelhante é o que se verifica com a terminação *-ão*, procedente da forma latina *-ANU*. Por exemplo, na formação dos verbos *granar* e *orfanar*, temos, respectivamente as formas latinas *granu-* e *orphanu-*.³⁹

[[[gran]_{RN} a]_{TV} r]_V

[[[orfan]_{RN} a]_{TV} r]_V

Pelos exemplos apresentados, verificamos que, num número significativo de casos, o radical latino prevalece na formação de verbos em português. É ainda o que se verifica com os verbos *finar*, construído a partir da base latina *fine-*, e *originar*, que tem por base *origine-*.

1.3.2. Bases que sofrem supressão de elementos

Temos também situações, ainda que raras, em que o radical que serve de base ao novo verbo em *-ar* sofre perda de elementos, aquando dessa operação.

³⁹ No caso de *órfão*, este tem por base *ōrphānus*, do latim tardio, derivado do grego *orphanós* [DENFLP].

Oxigenar é um verbo que tem na sua origem o radical do nome *oxigénio*. Segundo a fórmula mais habitual — *incêndio* → *incendiar*; *larápio* → *larapiar* —, o verbo formado a partir desta base seria **oxigeniar*, o que não se verifica.⁴⁰ À semelhança deste, temos *hidrogenar*, formado a partir de *hidrogénio*.

Não encontramos nenhuma explicação plausível para esta ocorrência. Verificamos, no entanto, que ela sucede apenas com as formas de base que integram o elemento de origem grega *genos* e que, portanto, o verbo deverá ter partido da forma etimológica.

Relativamente à análise morfológica das bases de verbos em *-ar*, constatámos que as classes operatórias dominantes são os radicais e, dentro destes, os nominais. Como verificámos, são em número irrelevante os casos em que os temas operam como base de verbos em *-ar*, sendo, inclusivamente, alguns deles discutíveis, como o caso de *alardear*. Referimos, ainda, casos de alteração formal da base, de ordem morfofonológica, explicados por motivos etimológicos, e outros onde se verifica, claramente, a supressão de elementos da base.

⁴⁰ Consultado o DCECH, com o objectivo de tentar perceber quais as motivações deste facto, constatámos que este tipo de afectação de ordem morfofonológica não se verifica com a palavra homóloga em castelhano, uma vez que, nesta língua, na base de base do verbo *oxigenar*, está o nome *oxígeno*. Assim, a própria base já não apresenta o fonema /i/ que está presente na forma nominal portuguesa.

2. Classes sintáticas

Os radicais que constituem a base dos verbos em estudo inscrevem-se nas classes sintáticas de NOME e ADJECTIVO. Para facilitar, apresentam-se os nomes/adjectivos, tal como são usados em estruturas sintáticas e não apenas os radicais, como aquando do estudo das classes morfológicas.

A distribuição dos elementos que servem de base à formação de verbos em *-ar* entre nomes e adjectivos nem sempre é linear, pois, sendo categorias sintáticas, a sua delimitação está dependente da sintaxe do enunciado em que se inserem. Celso CUNHA e Lindley CINTRA (1992: 248), devido à proximidade entre nomes e adjectivos, estabelecem a distinção entre ‘nomes substantivos’ e ‘nomes adjectivos’, como se o nome fosse uma categoria maior onde, dentro dela, se distinguissem os substantivos e os adjectivos. A este propósito, os Autores afirmam o seguinte: «É muito estreita a relação entre o substantivo (termo determinado) e o adjectivo (termo determinante). Não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras e, nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase», concluindo que «[...] a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjectivos obedece a um critério basicamente sintáctico, funcional.» (CUNHA e CINTRA, 1992: 248).

O que verificamos na análise dos dados é que temos nomes que, prototipicamente, apresentam um funcionamento exclusivo como nomes — é o caso de, por exemplo, *medalha* — e adjectivos que também só apresentam um comportamento como tal — *oval*. No entanto, numa análise mais atenta, poderemos constatar que a maior parte dos adjectivos, apesar de exibirem um funcionamento predominantemente

adjectival, podem também funcionar como nomes: *anão* (a.), *azul* (b.), *amigo* (c.), *doce* (d.), *inglês* (e.), *maluco* (f.), *pedinte* (g.):

- a. *Aquele rapaz é **anão**.* (A) vs. *Há muito tempo que não vejo um **anão**.* (N)
- b. *A Maria tem um carro **azul**.* (A) vs. *O **azul** é a minha cor preferida.* (N)
- c. *O João é um indivíduo muito **amigo** de toda a gente.* (A) vs. *O **amigo** do João é formidável.* (N)
- d. *O bolo está demasiado **doce**.* (A) vs. *Aquele menino é um **doce**.* (N)
- e. *Um rapaz **inglês** pediu-me ajuda.* (A) vs. *O **inglês** é uma língua fácil de aprender.* (N)
- f. *Essa ideia é completamente **maluca**.* (A) vs. *Um **maluco** aproximou-se de mim.* (N)
- g. *Aquele homem é **pedinte** há tanto tempo.* (A) vs. *Um **pedinte** abordou-me.* (N)

Pelo acervo de dados analisado, conclui-se que as palavras que estão subjacentes à formação de verbos em *-ar* pertencem, predominantemente, à classe sintáctica dos nomes, o que parece corroborar a ideia, já apresentada no Capítulo I, de que o tipo de relação que a base estabelece com o produto é a de sujeito, objecto e meio/instrumento, uma vez que esta categoria consubstancia precisamente estas noções, como poderemos constatar pelos exemplos abaixo apresentados.

2.1. Nomes

O quadro que de seguida se apresenta inclui exemplos de nomes cujo radical constitui a base de verbos em *-ar* formados em português.

<i>abanico</i>	<i>desejo</i>	<i>gramática</i>	<i>ninho</i>
<i>alfarroba</i>	<i>diagnóstico</i>	<i>hipoteca</i>	<i>ódio</i>
<i>ameaça</i>	<i>diligência</i>	<i>ilha</i>	<i>orelha</i>
<i>arca</i>	<i>disco</i>	<i>indústria</i>	<i>ouriço</i>
<i>arco</i>	<i>divórcio</i>	<i>intervalo</i>	<i>penitência</i>
<i>barba</i>	<i>draga</i>	<i>joelho</i>	<i>petisco</i>
<i>beijoca</i>	<i>engenho</i>	<i>jusiça</i>	<i>pipoca</i>
<i>bico</i>	<i>entretela</i>	<i>laço</i>	<i>pirraça</i>
<i>bisca</i>	<i>entulho</i>	<i>larápio</i>	<i>polémica</i>
<i>buraco</i>	<i>epidemia</i>	<i>machado</i>	<i>prognóstico</i>
<i>cachimbo</i>	<i>escalracho</i>	<i>marca</i>	<i>ronda</i>
<i>calha</i>	<i>escaravelho</i>	<i>marisco</i>	<i>rosca</i>
<i>caminho</i>	<i>espada</i>	<i>martelo</i>	<i>samba</i>
<i>carimbo</i>	<i>estaca</i>	<i>máscara</i>	<i>soco</i>
<i>catálogo</i>	<i>faisca</i>	<i>medalha</i>	<i>solavanco</i>
<i>cavilha</i>	<i>ficha</i>	<i>mel</i>	<i>taco</i>
<i>chuveiro</i>	<i>filho</i>	<i>memória</i>	<i>touca</i>
<i>cola</i>	<i>fralda</i>	<i>minuta</i>	<i>tranca</i>

<i>comarca</i>	<i>franquia</i>	<i>moinho</i>	<i>trovisco</i>
<i>cordão</i>	<i>gancho</i>	<i>muralha</i>	<i>verdasca</i>
<i>crónica</i>	<i>galo</i>	<i>música</i>	<i>vinco</i>
<i>cubo</i>	<i>gancho</i>	<i>navalha</i>	<i>zinco</i>

2.2. Adjectivos

O quadro seguinte apresenta exemplos de adjectivos cujo radical constitui a base de verbos em *-ar* formados em português.

<i>adunco</i>	<i>cúbico</i>	<i>impróprio</i>	<i>patusco</i>
<i>ananico</i>	<i>daninho</i>	<i>lêvedo</i>	<i>pedinte</i>
<i>arisco</i>	<i>fáisca</i>	<i>maluco</i>	<i>profundo</i>
<i>autêntico</i>	<i>grado</i>	<i>manco</i>	<i>rijo</i>
<i>bambo</i>	<i>hibrido</i>	<i>módico</i>	<i>roliço</i>
<i>caduco</i>	<i>homólogo</i>	<i>molengão</i>	<i>sofístico</i>
<i>chavasco</i>	<i>igual</i>	<i>nasal</i>	<i>tísico</i>
<i>chocho</i>	<i>impaciente</i>	<i>oval</i>	<i>vadio</i>

Pela amostragem, e tendo em conta os dados apresentados, poderemos concluir que a categoria sintáctica dominante na formação de verbos em *-ar* é a dos nomes.

Além de serem em menor número, alguns adjectivos, em contextos específicos, podem, como ficou demonstrado, funcionar enquanto nomes.

3. Classes semânticas

No seguimento das análises anteriores — identificação das classes morfológicas e classes sintácticas das bases dos verbos em *-ar* —, pretende-se, neste momento, proceder a uma abordagem das diferentes classes semânticas dessas mesmas bases.

Chama-se, no entanto, a atenção para o facto de não se tratar de uma análise semântica do verbo, mas somente do valor da base, nominal ou adjectival, que está na origem desse mesmo verbo. A necessidade desta ressalva baseia-se no facto de não haver uma relação unívoca entre semântica da base e semântica do produto, uma vez que uma determinada base pode dar origem a um verbo com valores semânticos diferentes, consoante o contexto em que ocorre. É o que se passa, por exemplo, com o verbo *catalogar*. Na base deste verbo, encontramos o radical do nome *catálogo*, que, quanto à sua semântica, pode ser considerado como marcado com o traço [+ OBJECTO CONSTRUÍDO], já que se trata de algo elaborado pelo homem. No entanto, ao actualizarmos o verbo *catalogar* num determinado enunciado, este pode significar ‘construir um catálogo’ (*O bibliotecário catalogou toda a biblioteca*) ou inserir num catálogo (*O bibliotecário catalogou todas as obras recentes*).

Esta análise semântica baseia-se nas propriedades, intrínsecas ou culturais, dos nomes ou adjectivos que estão na base de um novo verbo. As descrições semânticas apresentadas tomam por base as informações enciclopédicas que coincidem largamente

com o semantismo convencionalmente associado aos signos em análise. Assim, poderemos considerar a existência de nomes e adjectivos com os traços semânticos que, de seguida, passamos a apresentar:⁴¹

3.1. [+ HUMANO]

Por humano, entende-se o «que tem as características, a natureza do homem».⁴² Assim, neste grupo, incluímos os nomes que denotam propriedades intrínsecas dos seres humanos, como graus de parentesco, profissões, ocupações... Além deste tipo de propriedades, incluímos também, neste traço, elementos constitutivos da fisionomia dos seres humanos, uma vez que, no acervo de dados analisado, nos surgem verbos como *cotovelar*, *joelhar* e *bochechar*.

Desta forma, pretendemos destacar o grupo dos homens relativamente aos restantes animais, por considerarmos que aqueles apresentam um grupo de especificidades considerável, que os individualiza relativamente a estes.

<i>bacharel</i>	<i>fadista</i>	<i>japonês</i>	<i>professor</i>
<i>doutor</i>	<i>filho</i>	<i>mimo</i> ⁴³	<i>síndico</i>

⁴¹ A fim de facilitar a correlação com o verbo respectivo, apresenta-se não o radical nominal ou adjectival que está na base deste, mas o nome ou a o adjectivo na sua totalidade.

⁴² NEL, vol. 12, entrada «humano».

⁴³ *Mimo* é aqui entendido no sentido de “aquele que imita gestos ou maneiras de dizer de outrem” (cf. e-DLP).

espanhol

inglês

polícia

tabelião

3.2. [+ ANIMAL]

Consideramos que possuem o traço [+ ANIMAL] todos os nomes que apresentem características «próprias do animal, por oposição ao homem»,⁴⁴ ou «próprias dos animais, por oposição aos vegetais e aos minerais».⁴⁵ Neste grupo, iremos, pois, considerar os nomes que referenciam todo e qualquer animal, à exceção do homem, referido no número anterior. Nesta categoria, poderemos distinguir algumas sub-classes:

3.2.1. [+ MAMÍFERO]

De acordo com a definição enciclopédica, ‘mamífero’ é todo «animal vertebrado caracterizado pela presença de mamas, de pele geralmente coberta de pêlos, de um coração com quatro cavidades, de um encéfalo relativamente desenvolvido, e pela temperatura constante e reprodução quase sempre vivípara.»⁴⁶ Com base nesta definição, surgem-nos como exemplo os seguintes nomes de mamíferos:

borrego

furão

morcego

raposa

⁴⁴ NEL, vol. 2, entrada «animal», p. 474-475.

⁴⁵ Idem, *Ibidem*.

⁴⁶ NEL, vol. 12, entrada «mamífero», p. 4454.

cavalo

galgo

ouriço

ratar

3.2.2. [+ AVE]

Por *ave*, entendemos um «vertebrado ovíparo, coberto de penas, com respiração pulmonar, sangue quente, cujos membros posteriores são usados para caminhar, enquanto que os anteriores, ou asas, servem para o voo, e cujas mandíbulas formam um bico córneo».⁴⁷ Temos como exemplo os seguintes nomes de aves, que dão origem a verbos em *-ar*:

águia

cuco

gralha

pintainho

andorinha

galo

mocho

rola

3.2.3. [+ INSECTO]

Do ponto de vista do conhecimento enciclopédico, estão inseridos na classe dos insectos os «animais invertebrados articulados do filo dos artrópodes, que respiram por traqueia e cujo corpo, envolvido por um tegumento quitinoso, é dividido em três partes (cabeça, tórax, abdómen segmentado)».⁴⁸

⁴⁷ NEL, vol. 3, entrada «ave», p. 763.

⁴⁸ NEL, vol. 12, entrada «insecto», p. 3800.

abelha

caruncho

escaravelho

3.2.4. [+ MOLUSCO]

Segundo a definição enciclopédica, os moluscos são um «filo de animais aquáticos ou de locais húmidos, invertebrados, de corpo mole, possuindo dorsalmente um manto frequentemente coberto por uma concha e, mais ou menos ventralmente, um pé.»⁴⁹ Podemos apontar como exemplos:

caracol

lesma

Os verbos em *-ar* construídos a partir de nomes que apresentam o traço semântico [+ ANIMAL] são parafraseáveis por «acção de Nb», mas sobretudo por «acção semelhante à de Nb». Geralmente, trata-se de propriedades animais atribuídas a outros animais ou a humanos e, menos frequentemente, pelo menos pela percepção que temos destes usos, a designação da actividade do animal em causa. Diremos mais frequentemente que *A senhora formigou durante todo o Verão, para poder descansar no Inverno*, do que *A formiga formigou todo o Verão para poder descansar no Inverno* ou que *Aquele miúdo andou a abelhar à minha volta durante toda a manhã* do que *Aquela abelha abelhou à minha volta toda a manhã*.

⁴⁹ NEL, vol. 16, entrada «molusco», p. 4824.

3.3. [+ VEGETAL]

Entendemos por *vegetal* um ser vivo sem mobilidade nem sensibilidade próprias, mas com uma membrana específica que lhe permite ter um ciclo de vida específico, consoante o tipo de vegetal. De uma forma geral, incluímos neste grupo todo o «ser vivo pluricelular com células de núcleo diferenciado, parede celular e clorofila»⁵⁰. Partindo deste princípio, consideramos que apresentam este traço semântico os seguintes nomes que constam do nosso acervo de dados:

<i>absíntio</i>	<i>carpelo</i>	<i>garança</i>	<i>ortiga/urtiga</i>
<i>alfarroba</i>	<i>escalracho</i>	<i>grelo</i>	<i>tremoço</i>
<i>baga</i>	<i>flor</i>	<i>junco</i>	<i>vide</i>

3.4. [+ MATÉRIA NATURAL]

No traço semântico [+ MATÉRIA NATURAL], incluímos todos os nomes denotadores de uma matéria produzida de forma natural, estabelecendo-se, assim, uma clara distinção entre os nomes que encerram propriedades naturais e aqueles que se referem a objectos construídos (cf. 5. [+ OBJECTO CONSTRUÍDO]).

Dentro do traço semântico [+ MATÉRIA NATURAL], consideramos toda e qualquer matéria que seja produzida de forma natural, sem qualquer tipo de intervenção humana ou de outro tipo.

⁵⁰ NEL, vol. 22, entrada «vegetal», p. 6914.

Neste conjunto relativamente extenso de nomes, torna-se necessário estabelecer alguns sub-grupos, pela natureza dos diferentes tipos de matéria em questão. A matéria natural pode ser (i) “produzida”, de forma natural, pelo homem — *barba*; pode ser (ii) produzida por animais — *seda* — ou (iii) adstrita a estes — *couraça* —, ou pode ainda surgir na natureza de (iv) forma espontânea — *iodo*.

Clara Nunes CORREIA (1993), num artigo sobre determinação, estabelece a distinção entre nomes discretos — que constituem o ponto 5. desta análise —, nomes densos e nomes compactos. Segundo a Autora, a “matéria natural espontânea” é denotada por termos que, habitualmente, constituem nomes densos.⁵¹ Estes identificam-se pela forma como são determinados, através de discretizadores formados com nomes discretos (com traços de quantidade). A Autora apresenta o seguinte exemplo: *Comprei dois quilos de açúcar no supermercado*.

Estas características verificam-se, predominantemente, nos nomes que denotam matérias de natureza química, como o *iodo*, o *níquel*, o *estanho*, o *amido*, entre outros exemplos apontados no quadro que se segue.

Necessário se torna, no entanto, chamar a atenção para o facto de alguns dos nomes que constituem a base de novos verbos denotarem matéria originariamente natural, mas que, com a evolução do homem e das necessidades inerentes ao seu próprio desenvolvimento passaram também a constituir matéria fabricada. É o caso da *seda*, da

⁵¹ Inês DUARTE e Fátima OLIVEIRA (2003: 218) designam este tipo de nomes de “massivos”, por denotarem «grandezas contínuas, não discretas, isto é, conjuntos em que não é possível distinguir entidades singulares e entidades plurais e enumerá-las.»

faisca, da *ilha* e da *resina*,⁵² entre outros, que podem, actualmente, ser fabricados pelo homem. No entanto, decidimos inclui-los neste grupo por, na sua essência, constatarmos a presença do traço [+ NATURAL].

<i>açúcar</i>	<i>concha</i>	<i>ilha</i>	<i>remela</i>
<i>amido</i>	<i>couraça</i>	<i>iodo</i>	<i>resina</i>
<i>baba</i>	<i>estanho</i>	<i>mel</i>	<i>seda</i>
<i>bacelo</i>	<i>faisca</i>	<i>níquel</i>	<i>unha</i>
<i>barba</i>	<i>ferro</i>	<i>rebo</i>	<i>zinco</i>

⁵² A significação de *resina* apresentada pelo e-DLP contempla não só o carácter natural desta matéria, como também a possibilidade de ela ser fabricada pelo homem: «**resina**, s. f., produto natural, viscoso, que se extrai de algumas plantas (especialmente coníferas), de alto valor industrial; (reg.) embriaguez; ~ **artificial** ou ~ **sintética**: substância preparada por síntese para fabrico de plásticos.» (O destaque é da nossa responsabilidade). O mesmo se passa com *seda*, um produto originalmente produzido por um insecto, mas que, a partir de certa altura, começa a ser fabricada, de forma artificial, pelo homem. Mais uma vez, e e-DLP contempla quer o carácter natural, quer artificial do produto denotado por este nome: «**seda**, s. f., substância filamentosa segregada pela larva de um insecto lepidóptero, denominado bicho-da-seda, para a manufactura do seu casulo; tecido feito com esse fio; (bot.) filamento pertencente ao esporófito que sustenta a urna, nas Briófitas; o m. q. seta; filamento rígido que aparece no invólucro floral de certas gramíneas; pl., apêndices locomotores filiformes de certos animais; o m. q. cerdas; (pop.) luxo. ~ **artificial**: fibra artificial, de natureza celulósica, com que se confeccionam tecidos. (Do lat. seta-, ou saeta-, «seda»). ».

3.5. [+ OBJECTO CONSTRUÍDO]

Por *objecto construído* entende-se todo e qualquer objecto, utilitário ou decorativo, que foi executado pelo homem para uma finalidade específica. Os nomes que aqui surgem elencados são considerados nomes discretos, uma vez que eles representam objectos discretos, não contínuos, podendo ser determinados por um numeral, o que já não se verifica com os nomes densos e com os nomes compactos.⁵³

<i>aba</i>	<i>cachimbo</i>	<i>forquilha</i>	<i>ofício</i>
<i>abanico</i>	<i>caminho</i>	<i>grade</i>	<i>pipoca</i>
<i>agrafo</i>	<i>canela</i> ⁵⁴	<i>gramática</i>	<i>política</i>
<i>agulha</i>	<i>carimbo</i>	<i>laço</i>	<i>prancha</i>
<i>alaúde</i>	<i>chumaço</i>	<i>maça</i>	<i>rabisco</i>
<i>almoço</i>	<i>comarca</i>	<i>machada</i>	<i>ralo</i>
<i>almofada</i>	<i>cortina</i>	<i>machado</i>	<i>reboco</i>
<i>arabesco</i>	<i>crónica</i>	<i>martelo</i>	<i>rede</i>
<i>arado</i>	<i>diploma</i>	<i>máscara</i>	<i>rolha</i>
<i>arca</i>	<i>disco</i>	<i>matraca</i>	<i>rolo</i>
<i>arco</i>	<i>enchumaço</i>	<i>medalha</i>	<i>rosca</i>
<i>asilo</i>	<i>espada</i>	<i>minuta</i>	<i>sacho</i>

⁵³ Remete-se, uma vez mais, para o estudo de Clara Nunes CORREIA (1993), onde se considera a existência de três categorias de nomes: nomes discretos, nomes densos e nomes compactos.

⁵⁴ Vide *canela* e *canelar* no anexo do presente trabalho.

<i>azulejo</i>	<i>espelho</i>	<i>mocho</i>	<i>sola</i>
<i>baliza</i>	<i>estaca</i>	<i>moinho</i>	<i>tabela</i>
<i>barbela</i>	<i>estrada</i>	<i>molde</i>	<i>taco</i>
<i>barrica</i>	<i>estrado</i>	<i>muralha</i>	<i>ta(i)roca</i>
<i>batoque</i>	<i>estribo</i>	<i>música</i>	<i>telha</i>
<i>bisnaga</i>	<i>estruque</i>	<i>navalha</i>	<i>touca</i>
<i>bolso</i>	<i>fasquia</i>	<i>ninho</i>	<i>tranca</i>
<i>broca</i>	<i>ferrolho</i>	<i>novela</i>	<i>ventoinha</i>
<i>brocha</i>	<i>ficha</i>	<i>parafuso</i>	<i>vinco</i>
<i>buraco</i>	<i>foice</i>	<i>pérola</i>	<i>viola</i>

3.6. [+ FENÓMENO METEOROLÓGICO]

Os nomes que apresentam o traço semântico [+ FENÓMENO METEOROLÓGICO] denotam fenómenos atmosféricos, «que ocorrem no invólucro gasoso da Terra.».⁵⁵

<i>borraça</i>	<i>Estio</i>	<i>morraça</i>	<i>orvalho</i>
<i>chuvinha</i>	<i>granizo</i>	<i>névoa</i>	<i>trovisco</i>

⁵⁵ NEL, vol. 15, dossier sobre «meteorologia», pág. 4712.

3.7. [+ NOME COMPACTO]

No grupo dos nomes que, semanticamente, são marcados com o traço [+ NOME COMPACTO], incluem-se nomes de estado — *preguiça* —, assim como de sentimento — *esperança* —, considerados por Clara Nunes CORREIA (1993) como ‘nomes compactos’.⁵⁶ Segundo a Autora, este tipo de nomes (i) não permite qualquer tipo de enumeração e admite um tipo de discretizadores que se caracterizam por conterem traços de intensidade (*Senti uma enorme alegria quando encontrei a Maria.* vs. **Senti dois sacos de tristeza quando vi a nota.*), (ii) pode ocorrer com numerais do tipo *um*, *dois*, *mas*, nesses casos, os nomes referem-se a dois eventos diferentes, e não a um só (*Hoje tive duas alegrias.*), (iii) usa preferencialmente determinantes definidos (*A felicidade é possível.*), entre outras características.

<i>bonança</i>	<i>força</i>	<i>mimo</i>	<i>orgulho</i>
<i>esperança</i>	<i>inveja</i>	<i>ódio</i>	<i>preguiça</i>

⁵⁶ Esta é a terminologia proposta por Clara Nunes CORREIA (1993), estabelecendo a distinção entre nomes discretos, densos e compactos. Inês DUARTE e Fátima OLIVEIRA (2003: 219), assim como Mário VILELA (1999: 194), consideram este tipo de termos nomes não contáveis, grupo onde incluem o sub-tipo dos densos/massivos observados em 4., por constituírem grandezas descontínuas, não discretas. A este respeito, Mário VILELA (1999: 194) afirma o seguinte: «A distinção nomes contáveis-nomes não contáveis reporta-se não ao linguístico propriamente dito mas ao ontológico.», em virtude da natureza dos objectos denotados.

3.8. [+ PROPRIEDADE]

Os signos denotadores de propriedades são tipicamente adjectivos. Segundo Mário VILELA (1999: 229), «semanticamente [o adjectivo] designa qualidades, propriedades ou relações.», estabelecendo o Autor sub-classes dentro desta: «No plano propriamente lexical ou semântico, temos as sub-classes dos adjectivos qualificativos, os que denotam uma qualidade inerente ou interior às coisas, e os relacionais, os que indicam a relação da coisa designada pela palavra de relação com outra».

Dos exemplos recolhidos, podemos constatar que os adjectivos qualificativos predominam, relativamente aos relacionais, e que cobrem áreas bastante distintas da realidade que pretendem denotar: propriedades relativas à cor (*azul, amarelo, vermelho*); propriedades relativas aos sentidos (*azedo*); propriedades relativas ao valor (*autêntico*); propriedades relativas às relações interpessoais (*amásio, amigo, arisco*); propriedades físicas ou intelectuais (*bambo, caduco, híbrido, roliço, tísico*), entre outras.

Quanto aos adjectivos relacionais, eles são em muito menor número, talvez por (i) se encontrarem “em relação” com os nomes de que derivam e (ii) por eles próprios poderem funcionar, sintacticamente, enquanto nomes (*espanhol, inglês, japonês, português*).

<i>activo</i>	<i>azul</i>	<i>híbrido</i>	<i>mestiço</i>
<i>adunco</i>	<i>bambo</i>	<i>impaciente</i>	<i>módico</i>
<i>aldrabão</i>	<i>cabriola</i>	<i>inglês</i>	<i>patusco</i>

<i>amarelo</i>	<i>caduco</i>	<i>inteiriço</i>	<i>português</i>
<i>amigo</i>	<i>castiço</i>	<i>japonês</i>	<i>roliço</i>
<i>arisco</i>	<i>cúbico</i>	<i>lêvedo</i>	<i>sofístico</i>
<i>autêntico</i>	<i>espanhol</i>	<i>macavenco</i>	<i>tísico</i>
<i>azedo</i>	<i>grado</i>	<i>maluco</i>	<i>vermelho</i>

3.9. [+ ACÇÃO/+ PROCESSO/+ EVENTO]

Apesar de serem as formas verbais que, de forma predominante, são caracterizadas, semanticamente, com os traços [+ ACÇÃO], [+ PROCESSO] ou [+ EVENTO],⁵⁷ constatamos a existência de algumas formas nominais portadores destes traços:

<i>alarde</i>	<i>beijoca</i>	<i>gripe</i>	<i>polémica</i>
<i>alvoroço</i>	<i>chantagem</i>	<i>mímica</i>	<i>samba</i>
<i>ameaça</i>	<i>diagnóstico</i>	<i>partilha</i>	<i>silêncio</i>
<i>batuque</i>	<i>estudo</i>	<i>polca</i>	<i>soco</i>

⁵⁷ Veja-se, a este propósito, Mário VILELA (1999: 62-63) e Inês DUARTE e Ana Maria BRITO (2003: 190-193).

3.10. [+ NOMES PRÓPRIOS]

Embora raros, podemos ter por base de verbos em *-ar* nomes próprios, os quais designam nomes de pessoas, épocas festivas ou mesmo sacramentos religiosos.⁵⁸

Entrudo

Jeremias

Páscoa

Viático

3.11. [+ ONOMATOPEIAS]

A formação de verbos a partir de onomatopeias coloca-nos alguns problemas, uma vez que nem a todos os verbos em *-ar* formados a partir deste recurso corresponde, claramente, um radical que esteja lexicalizado. O que se verifica é que temos uma formação directa entre o nome de um determinado som e o verbo que designa a sua acção e, posteriormente, é que se procede à instauração de radicais nominais, a partir desses verbos. É o que se verifica com *pupilar* e *gargalhar*, que estão na base dos nomes deverbais, ou postverbais, como lhes chama Alexandra RODRIGUES (2000) *cicio* e *cochicho*.

⁵⁸ São, como podemos verificar, raros os casos em que surge um nome próprio como base de um novo verbo em *-ar*, nomeadamente nomes de pessoas. A. J. SANDMANN (1989: 69) regista ainda o verbo *tancredar*, formado a partir do nome *Tancredo*. Em Portugal, de vez em quando, mas quase sempre com carácter pejorativo, também se verificam criações do mesmo género. *Jardelar*, por exemplo, significa “agir como Jardel” (conhecido jogador de futebol). No entanto, estas formações são efémeras, uma vez que elas se encontram ligadas a um referente muito específico, cuja visibilidade poderá também ser de curta duração.

Outros há que não dão origem a qualquer tipo de radical, como, por exemplo, *cricrilar*.

Eis alguns verbos denotativos de onomatopeias:

ciciar

cucuricar

engasgar

grinfar

cochichar

cuincar

fungar

pupilar

cricrilar

cuinchar

gargalhar

III. ESTRUTURA SEMÂNTICO-ARGUMENTAL DOS PRODUTOS GENOLEXICAIS

1. Estrutura argumental

Mário VILELA (1999: 62-67), na *Gramática da língua portuguesa*, propõe que o verbo seja classificado sob três perspectivas diferentes: o significado genérico dos verbos (verbos de estado, verbos de processo e verbos de acção); a valência do verbo (número de lugares, em termos sintáctico-semânticos previstos por cada verbo); o aspecto lexical do verbo — o qual, segundo o Autor, corresponde ao “modo de acção” (categoria que representa o modo como apreendemos a realidade extralinguística).

Também na *Gramática da língua portuguesa* de MATEUS, BRITO, DUARTE, FARIA *et alii* (2003: 179-203), no capítulo relativo à predicação e às classes de predicadores verbais (DUARTE e BRITO, 2003: 179-203), é apresentada uma proposta de classificação relativamente à predicação, em geral, e às classes de predicadores verbais, em particular. Segundo as Autoras, «O primeiro aspecto a ter em conta na descrição da estrutura argumental de um verbo é a indicação do número de argumentos que ele exige.» (p. 185) Assim, poderemos ter verbos com zero, um, dois ou três

argumentos. Neste aspecto, é ainda feita uma chamada de atenção para o facto de, embora a estrutura argumental ser uma noção semântico-lexical, ter consequências na própria estrutura sintáctica de uma frase em que ocorra um dado predicador verbal. Por outras palavras, a estrutura argumental comporta aspectos quer de natureza semântica, quer de natureza sintáctica, os quais interagem entre si.

O segundo aspecto a considerar na estrutura argumental de um verbo é a «especificação categorial dos argumentos exigidos» (p. 186) pelo predicador, especificação essa também designado por «propriedades de selecção categorial» (p. 186). Por outras palavras, uma frase, para ser considerada gramatical, terá de respeitar quer o número de argumentos exigidos pelo verbo, quer as propriedades de selecção categorial desses mesmos argumentos.⁵⁹

O terceiro aspecto a ter em conta na caracterização da estrutura argumental de um verbo é o papel temático/semântico que cada argumento desempenha. Inês DUARTE e Ana Maria BRITO (2003: 187) consideram que «A lista mínima de papéis temáticos relevantes para a descrição da estrutura argumental dos verbos da língua portuguesa inclui os papéis de Agente, Fonte, Experienciador, Locativo, Alvo e Tema.»⁶⁰

⁵⁹ Assim, serão agramaticais frases como **A Rita mora Londres*; **O João acredita fantasmas*; **A Maria distribuiu os livros estarem repetidos pelos amigos* (exemplos apresentados pelas Autoras).

⁶⁰ As Autoras chamam a atenção para o facto de que a lista de papéis temáticos é variável de autor para autor, assim como a terminologia adoptada para cada papel temático. Efectivamente, na edição anterior da *Gramática da Língua Portuguesa*, considerava-se a existência de um maior número de papéis temáticos — Paciente, Neutro, Origem, Objecto, Experienciador, Recipiente, Locativo, Direcção, Agente e Posicionador (cf. MATEUS, BRITO, DUARTE e FARIA (1994: 44-45) —, alguns dos quais se encontram sob a mesma terminologia nesta nova proposta.

Em termos gerais poderemos afirmar que a estrutura argumental de um verbo se baseia no princípio de que a significação lexical de uma unidade verbal pressupõe um determinado número de lugares vazios/argumentos, que podem ou não ser preenchidos, aquando da inserção de um verbo num enunciado.

A estrutura argumental de um determinado verbo comporta, assim, dois níveis de análise, que a organização linguística tende a considerar autónomos, mas que funcionam num sistema de complementaridade entre si. Por um lado, temos a estrutura sintáctica, que consiste na determinação das relações de natureza sintáctica que se estabelecem entre o verbo e os elementos que o rodeiam. Estas relações são, tradicionalmente, designadas por funções sintácticas e dizem respeito às funções de carácter sintáctico desempenhadas pelos elementos que ocorrem associados ao elemento nuclear do enunciado, que é o verbo. Habitualmente, considera-se a existência de quatro funções sintácticas, que se caracterizam pela sua relação com o verbo. Temos o sujeito (argumento externo ao predicado), o complemento directo e o complemento indirecto (argumentos internos do verbo, pois são eles que completam o seu sentido) e os diferentes complementos circunstanciais (que, também eles, complementam o sentido do verbo e que podem ser obrigatórios — *O Manuel foi a Lisboa* —, quando o verbo exigir a sua presença, ou opcionais, sempre que esta for facultativa — *Ontem*, o Manuel foi a Lisboa).

Por outro lado, temos as relações de natureza semântica que se estabelecem entre o verbo e os diferentes argumentos que o envolvem, as quais designaremos por papéis temáticos ou papéis semânticos. Estes não serão mais do que a face semântico-lexical das funções sintácticas atrás enunciadas. Inês DUARTE e Ana Maria BRITO (2003: 187) consideram que «A lista mínima de papéis temáticos relevantes para a descrição da

estrutura argumental dos verbos da língua portuguesa inclui os papéis de Agente, Fonte, Experienciador, Locativo, Alvo e Tema.»⁶¹

Poderemos, assim, concluir que, por um lado, deveremos considerar as diferentes funções sintáticas associadas a um determinado verbo e, por outro, os papéis semânticos/temáticos que cada uma dessas funções preenche. A separação entre as primeiras e os segundos é pertinente, pois a uma determinada função sintática correspondem, efectivamente, diferentes papéis temáticos, consoante o contexto linguístico em que ocorrem. Vejamos o seguinte exemplo:

*Ele achou a chave na gaveta. vs. Ele acha a colega muito interessante.*⁶²

Em ambas as frases temos, formalmente, o mesmo verbo, que adquire significações diferentes consoante o contexto linguístico em que é actualizado. Em termos sintáticos, *ele* desempenha a função de sujeito, mas, em virtude da significação do verbo e do contexto linguístico em que ocorre, no primeiro caso desempenha o papel semântico de Agente e, no segundo, o de Experienciador.

Estes dois níveis de análise, perfeitamente independentes, como já anteriormente se referiu, funcionam, no entanto, como se verifica, em parceria um com o outro.

⁶² Exemplo retirado de VILELA (1999: 65).

1.1. Estrutura argumental dos verbos em *-ar*⁶³

Os verbos em *-ar* que serviram de base ao estudo apresentado enquadram-se nas diferentes estruturas argumentais já anteriormente apresentadas. Temos verbos de zero, de um, de dois ou de três argumentos.

1.1.1. Verbos de zero argumentos

Os verbos de zero argumentos são aqueles que não prevêm, na sua estrutura argumental, nenhum lugar vazio, isto é, eles, por si mesmos, funcionam como enunciados.

Os casos mais paradigmáticos deste tipo são os chamados ‘verbos meteorológicos’, como *granizar*, *orvalhar*, *troviscar* ou *chuviscar*.⁶⁴

- a. Como *granizou* durante a noite!
- b. *Orvalhou* sobre a manhã.
- c. Fico nervosa quando começa a *troviscar*.
- d. Ontem, *chuviscou*.

⁶³ A terminologia adoptada para a especificação dos papéis temáticos/semânticos desempenhados por cada argumento segue a proposta de Inês DUARTE e Ana Maria BRITO (2003: 187-190).

⁶⁴ Cf. capítulo sobre a composicionalidade das bases, nomeadamente no ponto 3 — Análise semântica das bases dos verbos em *-ar*, os nomes que são marcados pelo traço semântico [+ FENÓMENO METEOROLÓGICO].

1.1.2. Verbos de um argumento

O único argumento exigido pelos verbos que pressupõem apenas a existência de um argumento é preenchido pela função sintáctica de sujeito a que poderá corresponder o papel temático de Agente,⁶⁵ Fonte⁶⁶ ou Tema⁶⁷.

- a. [Os opositores]_{Agente} *duelaram* toda a tarde.
- b. [Os alunos]_{Agente} não *estudaram*.
- c. [O gato]_{Fonte} *vadia* noite e dia.
- d. [A Ana]_{Agente} *viajou*.
- e. [O Miguel]_{Agente} *bochecha* horas a fio.
- f. [As águas da baía de S. Martinho do Porto]_{Tema} *são dragadas* regularmente.
- g. [A notícia]_{Tema} *ecoou* pelos quatro cantos do mundo.
- h. [O João]_{Agente/Tema} *inglesou-se* rapidamente.
- i. [As pratas]_{Tema} *oxidaram*.

⁶⁵ «**Agente** é o papel temático do argumento que designa a entidade controladora, tipicamente humana, de uma dada situação.» (DUARTE e BRITO (2003: 188)).

⁶⁶ «**Fonte** é o papel temático do argumento que designa a entidade que está na origem de uma dada situação, embora sem a controlar. [...] um argumento fonte pode designar uma força da Natureza, um lugar ou um ser animado que constituam o ponto de partida de uma mudança de estado, de lugar ou de posse.» (DUARTE e BRITO (2003: 189)).

⁶⁷ «**Tema** é o papel temático do argumento que designa a entidade que muda de lugar, de posse ou de estado, em frases que descrevem situações dinâmicas [...]. O argumento com este papel pode designar uma entidade criada pela actividade expressa pelo verbo [...] ou afectada por tal actividade [...]. O papel de tema pode também ser atribuído à entidade não controladora nem experienciadora de uma situação não dinâmica» (DUARTE e BRITO (2003: 190)).

j. [O prazo]_{Tema} *caducou*.

1.1.3. Verbos de dois argumentos

Os verbos em *-ar* de dois argumentos exigem a presença de sujeito e de complemento directo, podendo o primeiro ser saturado através do papel temático de Agente e segundo de Tema ou Experienciador⁶⁸ ou Alvo.⁶⁹

- a. [O columbófilo]_{Agente} *anilhou* [dez pombos]_{Tema}.
- b. [Os novos inquilinos]_{Agente} *alcatifaram* [toda a casa]_{Tema}.
- c. [O oficial de justiça]_{Agente} *autenticou* [os documentos solicitados]_{Tema}.
- d. Foi necessário que [os técnicos]_{Agente} *azulejassem* de novo [a cozinha]_{Tema}.
- e. [O deputado]_{Agente} *criticou* veementemente [o seu opositor]_{Alvo}.
- f. [O escultor]_{Agente} *estanhou* [o quadro]_{Tema}.
- g. [O pai]_{Agente} *grelhou* [peixe]_{Tema} para o jantar.
- h. [O agente das salinas]_{Agente} *iodou* [o sal]_{Tema}.
- i. [O técnico]_{Agente} *paginou* [o trabalho]_{Tema}.
- j. [O médico]_{Agente} *prognosticou* [uma cura rápida]_{Tema}.
- k. [O funcionário]_{Agente} *lacrrou* [duas cartas importantes]_{Tema}.

⁶⁸ «**Experienciador** é o papel temático do argumento que designa a entidade que é sede psicológica ou física de uma dada propriedade ou relação.» (DUARTE e BRITO (2003: 189)).

⁶⁹ **Alvo** é o papel temático do argumento que designa a entidade para a qual algo foi transferido, num sentido locativo ou não. [...] a expressão com o papel de Alvo pode designar um ser humano, quando as frases descrevem situações de mudança de posse ou de comunicação linguística, ou um lugar, quando as frases descrevem situações de mudança de lugar.» (DUARTE e BRITO (2003: 190)).

l. [O sapateiro]_{Agente} *brochou* [dois pares de botas]_{Tema}.

m. [A mãe]_{Agente} *escudou* [o filho]_{Tema}.

n. [O técnico]_{Agente} *nivelou* [a água]_{Tema}.

1.1.4. Verbos de três argumentos

Os verbos em *-ar* que exigem três argumentos são bem menos frequentes do que os restantes, devido à própria estrutura semântico-argumental que comportam. Sintacticamente, estão presentes as funções de sujeito, complemento directo e complemento indirecto e, em termos semânticos, estes podem desempenhar os papéis de Agente, Tema e Alvo, como se constata pelos exemplos de seguida apresentados:

a. [A Maria]_{Agente} *ofertou* [uma flor]_{Tema} [à mãe]_{Alvo}.

b. [A irmã Maria]_{Agente} *oferendou* [a sua vida]_{Tema} a [Deus]_{Alvo}.

c. [O médico]_{Agente} *prognosticou* [-lhe]_{Alvo} [uma cura rápida]_{Tema}.

Em termos argumentais, a estrutura dos verbos em *-ar* apresenta a seguinte peculiaridade: as formas nominais e adjectivais que servem de base a este tipo de verbos podem constituir, quando ocorrem autonomamente noutras estruturas sintácticas, argumentos de um outro verbo. Assim, os verbos em análise incorporaram um argumento que pode ser encarado como resultante da transformação de um argumento de uma outra forma verbal num verbo novo. Esta transformação de argumento de um verbo em base de uma nova forma verbal implica, como poderemos constatar pelos

exemplos de seguida apresentados, uma alteração em termos da estrutura sintáctico-semântica:

- a. Ela pôs **açúcar** no chá. → Ela **açucarou** o chá.
- b. O carpinteiro bateu com o **martelo** na porta durante toda a tarde. → O carpinteiro **martelou** a porta durante toda a tarde.
- c. Ela tornou-se **amásia** do carteiro. → Ela **amasiou**-se com o carteiro.
- d. Caiu um **chuveiro** durante toda a tarde. → **Chuvistou** durante toda a tarde.
- e. A mãe sentiu um **desejo** súbito de abraçar o filho. → A mãe **desejou** subitamente abraçar o filho.
- f. O médico fez um **diagnóstico** negativo da situação. → O médico **diagnosticou** negativamente a situação.
- g. A cozinheira usou o **pinel** para cobrir o bolo com doce de ovos. → A cozinheira **pinelou** o bolo com doce de ovos.
- h. A Maria fez uma **oferta** à mãe. → A Maria **ofertou** a mãe.

À semelhança de uma parte significativa dos verbos da língua portuguesa, também os verbos em *-ar* podem apresentar mais do que uma estrutura argumental, dependendo da construção sintáctico-semântica em que são inseridos: por exemplo, *doutorar* é um verbo cuja estrutura argumental admite um ou dois lugares vazios: [O Manuel]_{Agente} *doutorou*-se na Universidade de Coimbra. vs. [A Universidade de Coimbra]_{Fonte} *doutora* [muitos candidatos]_{Tema} todos os anos.

2. Classes semântico-argumentais dos verbos em -ar

Em relação ao tipo de verbos em estudo, René DIRVEN (1988) considera ser possível organizar os verbos ingleses que sofrem um processo de conversão — homólogos aos que estão aqui em causa — em cinco grupos, os quais o autor designa por “classes”: «In a former paper on conversion (Dirven 1979) I was mainly interested in showing that instead of the heterogeneous criteria underlying Zandvoort’s (1961) syntactic classification of these conversions, it is possible to propose a unified semantic classification based on case relations. The result was a division of converted verbs into five classes: 1) **object** verbs, 2) **instrumental** verbs, 3) **locative** verbs, 4) **manner** verbs, and 5) **essive** verbs.»⁷⁰ Estas diferentes “classes” são susceptíveis de, posteriormente, se dividirem em subclasses, como [± transitivo] ou [± animado] (o nome da base), entre outras.

Por seu turno, Ingo PLAG (1999: 220), num estudo mais recente, considera as seguintes categorias de verbos formados por conversão em inglês: *locativa*; *ornativa*; *causativa*; *resultativa*; *incoativa*; *performativa*; *similativa*; *instrumental*, *privativa* e *estativa*:

locative	‘put (in) to X’	<i>jail</i>
ornative	‘provide with X’	<i>staff</i>
causative	‘make (more) X’	<i>yellow</i>
resultative	‘make into X’	<i>bundle</i>
inchoative	‘become X’	<i>cool</i>
performative	‘performe X’	<i>counterattack</i>

⁷⁰ Os destaques são da nossa responsabilidade.

similative	'act like X'	<i>chauffer, pelican</i>
instrumental	'use X'	<i>hammer</i>
privative	'remove X'	<i>bark</i>
stative	'be X'	<i>hostess</i>

De um modo geral, podemos afirmar que os verbos em *-ar* implicam uma mudança de estado. Dentro deste vasto grupo, encontramos, no entanto, especificações mais concretas relativas à mudança de estado operada.

Os verbos em *-ar* que implicam uma mudança de estado serão classificados como **ornativos**, **locativos**, **causativos**, **incoativos**, **similativos**, **instrumentais** e **essivos**.

No entanto, a fronteira entre uns e outros nem sempre é de fácil e de evidente delimitação. Numa frase como *O funcionário carimbou vinte documentos*, o verbo *carimbar* pode ser classificado como ornativo — parafraseável por «pôr carimbo(s) em» — ou instrumental — «usou carimbos». Esta dificuldade é, em grande parte devida à ausência de um sufixo semanticamente marcado e à própria semântica do nome que está na base do verbo.

Vejamos os seguintes exemplos.

Laca é uma matéria com que se adorna um objecto, mas é também o instrumento dessa acção: a frase *O artesão lacou uma estante* pode ter duas análises diferentes («pôs laca em»/«usou laca em»). Portanto, a base, que determina a significação do verbo, pode ser encarada quer como matéria, quer como instrumento.

Carimbo designa quer o objecto, quer a marca feita por esse objecto: também a frase *O funcionário carimbou vinte documentos* pode ter duas leituras («pôs carimbo (marca) em»/«usou carimbo (objecto) em»). O mesmo se verifica com o verbo *anestesiá*, o qual pode significar «provocar anestesia em» ou «usar anestesia». Nestes casos, a base pode ser actualizada segundo duas acepções diferentes: objecto e resultado da acção envolvendo esse objecto.

Há, no entanto, verbos instrumentais que não nos colocam este tipo de problemas. *Pincelar* e *espadelar* são dois exemplos deste caso. *Pincelar* significa “usar um pincel” e *espadelar* “usar uma espadela”: *A cozinheira pincelou os pastéis com ovo* e *A mulher espadelou o linho durante toda a manhã*. Nestes casos, o que verificamos é que a matéria afectada é exterior ao instrumento que opera essa transferência, o que não se verifica com os dois casos anteriores.

Em nosso entender, o contexto é, na maioria dos casos, preponderante para a dilucidação da classificação do tipo de verbo em causa. A ele junta-se outro aspecto extremamente importante: a estrutura sintáctico-semântica em que um determinado verbo surge, pois o seu valor semântico-argumental muda significativamente, se os papéis temáticos também forem alterados:

- a. [O João]_{Agente} *professora* todos os dias.
- b. [A Universidade de Coimbra]_{Fonte} *professora* [muitos alunos]_{Tema}.
- c. [O médico]_{Agente} *professora* facilmente.

Em a., *professorar* é parafraseável por «é professor»; trata-se, portanto, de um verbo essivo. Já em b., *professorar* é parafraseável por «torna professor», configurando-se, assim, como um verbo incoativo. Dependendo da situação em que a frase a. for actualizada, o verbo *professorar* pode, ainda, ser considerado similitivo, o que se encontra evidente na frase c..

Tendo em conta todas estas considerações, e sempre contextualizando linguisticamente o verbo em estudo, proporemos a seguinte classificação:

2.1. Verbos ornativos

Um número considerável de verbos em *-ar* é classificado como ornativo, uma vez que ele implica a transferência do objecto incorporado no verbo para um outro objecto.

- a. A Maria *lentejou* um vestido. (= pôs *lentejoulas* num vestido)
- b. A cozinheira *açucarou* em demasia o café. (= pôs demasiado *açúcar* no café)
- c. O Manuel *alcatifou* a sala. (= pôs *alcatifa* na sala)
- d. Os trabalhadores *muralharam* a cidade. (= puseram *muralhas* na cidade)
- e. O delegado do jogo *balizou* o campo de futebol. (= pôs *balizas* no campo de futebol).
- f. O pedreiro *azulejou* a cozinha por completo. (= pôs *azulejos* na cozinha)

2.2. Verbos locativos

Os verbos locativos designam a transferência de um objecto para o local designado pelo argumento incorporado no verbo.

- a. O bibliotecário *catalogou* todos os livros. (= pôs os livros num *catálogo*)
- b. O neto *asilou* o avô. (= pôs o avô num *asiló*)
- c. O estudante *fichou* toda a matéria para o exame. (= pôs em *ficha*)
- d. O empregado *tabelou* os preços de todos os produtos. (= pôs os preços dos produtos em *tabela*)
- e. O pai *grelhou* o peixe. (= pôs o peixe na *grelha*)

2.3. Verbos causativos

Os verbos causativos designam uma mudança de estado desencadeada por uma matéria que transita para o objecto afectado ou pela transformação do objecto afectado no objecto incorporado pelo verbo.

- a. O pintor *amarelou* as paredes. (= tornou *amarelo*)
- b. Na tinturaria, *azularam* os cortinados. (= tornaram *azul*)
- c. O Manuel *adegou* a sala. (= tornou/transformou em *adega*)
- d. A Maria *asilou* a sua casa. (= tornou/transformou em *asiló*)

2.4. Verbos incoativos

Os verbos incoativos designam uma mudança de estado que se opera mais em termos psicológicos do que físicos.

- a. O Manuel *doutorou-se* na Universidade de Coimbra. (tornou-se *Doutor*)
- b. A Joana *inglesou* o João rapidamente. (tornou *inglês*)
- c. A sopa *azedou* facilmente. (tornou-se *azeda*)

2.5. Verbos similativos

Os verbos similativos designam a similitude da acção própria de uma determinada entidade por parte de outra. O nome que se encontra na base do novo verbo designa muitas vezes o nome de um animal, como se constata pelos exemplos seguintes:

- a. O gato *caracolou* durante toda a tarde. (= agiu como um *caracol*)
- b. O fugitivo *galgou* todas as barreiras. (= agiu como um *galgo*)
- c. A criança ainda *espanhola* muito. (= fala como os *espanhóis* [sem que se consiga entender]).
- d. Ele anda sempre a *abelhar* à volta dela. (= agir como a *abelha*)

e. A criança *pintainhou* toda a tarde, atrás da mãe. (agiu/andou como um *pintainho*)

f. A vizinha do lado estava tão irritada que *gralhou* durante todo o dia. (agiu/falou como uma *gralha*)

g. A Maria *ventoinhou* todo o dia. (= agiu/andou como uma *ventoinha*)

2.6. Verbos instrumentais

Os verbos instrumentais designam o uso do instrumento, cujo nome constitui a base do verbo.

a. O funcionário *carimbou* vinte documentos. (= usou o *carimbo*)

b. O pintor *pincelou* apressadamente as paredes da sala. (= usou o *pincel*)

c. O artesão *lacou* uma estante. (= usou *laca*)

d. A mulher *espadelou* o linho. (= usou *espadela*)

2.7. Verbos essivos

Este tipo de verbos designa um estado de coisas mais ou menos permanente, daí o facto de também serem designados por ‘estativos’.

a. A Maria *professora* há muitos anos. (= é *professora*)

b. Os pais *orgulham-se* do seu filho. (= têm *orgulho*)

c. O jogador *odeia* o seu rival. (= tem *ódio*)

Em termos semântico-argumentais, os verbos em *-ar*, como acabámos de verificar, são bastante diversificados, permitindo as mais diversas relações de carácter semântico-pragmático e argumental. Este tipo de estruturas, como também já foi salientado, deve-se ao facto de, no processo de verbalização, não se operar nenhum tipo de restrição em termos semânticos, a não ser aquele que é determinado pela base e pela estrutura semântico-argumental em que ela ocorre quando se verifica a transformação em verbo. Por outras palavras, as formas verbais onde se encontram presentes os sufixos *-e-*, *-ej-*, *-iz-* e *-ific-* encontram-se limitadas quanto à sua actualização, uma vez que estes elementos afixais veiculam informação semântico-argumental, que, aquando da não ocorrência de sufixo, se torna mais difusa e, por vezes, ambígua, como ficou demonstrado no capítulo anterior.

IV. REGRAS DE FORMAÇÃO DOS VERBOS EM -AR

Como verificámos no Capítulo II, na formação de verbos em *-ar*, partimos de diferentes categorias semânticas de base que concorrem para o mesmo processo de formação de verbos. Este facto permite-nos, desde já, entrever, por um lado, que as regras genolexicais subjacentes a este processo deverão ser também elas diversificadas e, por outro, que um mesmo verbo, gerado a partir de uma mesma base e pelo mesmo processo de formação, possa ter diferentes significações. Com efeito, embora, num primeiro momento, tentemos encontrar uma definição mais abstracta para cada um dos novos verbos, não nos poderemos esquecer de que as palavras não existem para serem utilizadas de uma forma isolada. Cada palavra só adquire sentido se for actualizada num determinado contexto linguístico, com vista a descrever uma determinada situação da realidade extralinguística.

Apesar de podermos tecer estas considerações, deveremos, no entanto, levar em linha de conta que uma palavra que tem por base uma outra, ainda que de uma categoria diferente, parte não só da forma dessa primeira, mas também da significação que lhe é inerente. Ingo Plag, a propósito da conversão de verbos em inglês, afirma o seguinte:

«Being a verb, the derived form must denote a Event, State or Process. Being derived from another word, the verb must denote something that has to do with the base word.[...] The correct interpretation of the derived verb crucially involves non-linguistic knowledge.» (PLAG, 1999: 220)

Assim, para considerarmos a significação do produto genolexical, deveremos sempre ter em conta os valores semânticos das bases que estão na origem desses produtos. Bart GEURTS (1988), num artigo sobre a “estrutura de conceitos nominais”, partindo de um nome tão simples como *table*, chama a atenção para o facto de a maioria das palavras, se não todas elas, poder apresentar diferentes significações, sendo estas determinadas pelo que o autor considera o “contexto linguístico” e o “contexto situacional”.⁷¹ O Autor insiste, efectivamente, na ideia de que as palavras podem adquirir significações tão diferentes quantas as actualizações que poderemos fazer delas.⁷² No entanto, Geurts chama a atenção para o facto de nunca devermos deixar de ter em vista o significado mais abstracto, mais linguístico, de cada palavra, no fundo, aquele que une todos os diferentes sentidos que ela pode assumir, pois ele é importante para a sua significação em cada caso de actualização. Além do mais, segundo o Autor, deveremos tentar sempre conciliar o contexto linguístico e o contexto situacional, sob pena de, se só considerarmos o segundo, termos tantas significações, quantas a situações

⁷¹ Bart GEURTS (1988: 99): «the way a word is understood depends on the context in which it occurs. [...] such notions are not only determined by modifier forms [...] but also by the wider linguistic context in which the word occurs as well as by the situational context.»

⁷² Bart GEURTS (1988: 99): «since there are a lot of different contexts in which a word can occur, there must also be quite a large number of notions that it can express. For all I know, each single word may express infinitely many distinct notions.»

em que elas ocorrem.⁷³ Se entendermos que a significação de uma palavra pode ser comparada ao fiel de uma balança de pratos e que cada um dos pratos será, por um lado, o contexto linguístico, e por outro, a situação extralinguística que pretendemos descrever, poderemos afirmar que só chegaremos ao significado mais adequado quando estivermos perante um equilíbrio entre os dois pratos.

Nesta linha de pensamento, para acedermos à semântica dos produtos em causa, procuraremos sempre ter em conta estes dois aspectos: uma significação mais literal e alguns possíveis contextos situacionais em que esses mesmos produtos podem ocorrer.

Uma outra situação com que nos deparamos é o facto de não existir uma correspondência unívoca entre a base semântica e a regra genolexical, o que, a verificar-se, poderia revelar-se bastante sistematizador. Efectivamente, as bases, quando integradas no produto final, podem adquirir cambiantes semânticos diversificados. Aliás, como verificaremos, um mesmo produto poderá ter significações tão diversas que teremos de considerar que estamos perante duas regras distintas de formação de palavras.

Graça RIO-TORTO (1998a: 104), num artigo sobre esta matéria, propõe que a regra subjacente à formação de verbos denominais e deadjectivais seja a RFP MUDANÇA, uma vez que temos como produtos verbos de mudança de estado, parafraseáveis por “transformar em/tornar-(se) Xb”, “afectar Xb”, “prover de Xb”, “causar Xb”, considerando também a transferência locativa denotada por alguns verbos

⁷³ Bart GEURTS (1988: 99): «However, in the present context [*table*] it suffices to observe that their number is so large as to make it impracticable to have them all on store in the mental lexicon. Hence the contextual notion evoked by a word can only be the result of the interaction between, on the one hand, the concept that is more or less permanently associated with the word, and, on the other hand, information about both the linguistic and the situational context in which the word occurs.»

(do tipo *aterrar* ou *encaixotar*), como uma eventual manifestação de mudança de estado.

Contudo, um verbo como *martelar*, parafraseável por “usar Nb”, deverá ser considerado como tendo subjacente uma RFP MUDANÇA? Possivelmente, não, se pensarmos no argumento que é incorporado pelo verbo. Em verbos como *martelar*, *pincelar*, *cinzelar* ou *lacar*, não são os argumentos que incorporam estes verbos que sofrem um processo de mudança de estado. Por isso, consideramo-los verbos instrumentais, uma vez que incorporam um nome de instrumento. No entanto, se atentarmos no facto de estes verbos serem utilizados em enunciados e de eles pressuporem a existência de dois lugares vazios — um sujeito, que age com o nome de instrumento, e um complemento directo, objecto sobre o qual é projectada a acção —, então, poderemos afirmar que estes verbos também designam uma mudança de estado, a qual incide não sobre o objecto que constitui a sua base, mas sobre o objecto afectado pela acção denotada por essa base. A questão que agora se coloca é a de saber se todos os verbos instrumentais pressupõem, pelo menos, dois lugares vazios. Quando analisamos o acervo de dados recolhido, verificamos que um número significativo de verbos instrumentais — nomeadamente aqueles que têm incorporado o nome de um instrumento musical — usado em contextos diferentes pressupõe a existência de apenas um lugar vazio — o de Agente, em *O António alauda magnificamente* — ou de dois — o de Agente e o de Tema, em *O António alaudou a viola*. Por este facto, julgamos mais conveniente considerarmos a existência de duas regras de formação de palavras, uma que gera verbos através da RFP MUDANÇA e outra através da RFP INSTRUMENTAL.

Como já anteriormente referimos, um sério problema com que nos deparamos quando pretendemos determinar qual a RFP que preside à formação dos diferentes verbos em *-ar* é o seguinte: o mesmo verbo pode ter subjacente duas ou mais significações, consoante o contexto situacional em que se emprega. *Contratelar*, por exemplo, pode parafrasear-se por “usar contratela” ou “ornamentar/adornar com contratela”; *asilar* pode significar “meter num asilo” ou “dar asilo a alguém”, o que justifica que estes verbos sejam inseridos em mais do que um sub-conjunto. Não obstante, consideraremos as seguintes regularidades genolexicais subjacentes à formação de verbos em *-ar*:

1. RFP MUDANÇA

Um número bastante significativo de verbos em *-ar* denota, na sua formação, um paradigma genolexical de mudança de estado, podendo adquirir os seguintes diferentes sentidos:

- “prover de Nb”/“adornar/ornamentar com Nb”

<i>açafroar</i>	<i>apetrechar</i>	<i>coifar</i>	<i>lentejoilar</i>
<i>açucarar</i>	<i>arabescar</i>	<i>colmaçar</i>	<i>manilhar</i>
<i>aguarelar</i>	<i>arcar</i>	<i>conchar</i>	<i>medalhar</i>
<i>alabardar</i>	<i>ardosiar</i>	<i>contratelar</i>	<i>melar</i>
<i>alcatifar</i>	<i>argolar</i>	<i>cortinar</i>	<i>muralhar</i>

<i>alcunhar</i>	<i>arminhar</i>	<i>couraçar</i>	<i>palancar</i>
<i>aldrabar</i>	<i>arrebicar</i>	<i>diplomar</i>	<i>perolar</i>
<i>alfaiar</i>	<i>arrequifar</i>	<i>encachar</i>	<i>quinchar</i>
<i>alforriar</i>	<i>arrobar</i> ⁷⁴	<i>entretelar</i>	<i>rebar</i>
<i>algaliar</i>	<i>azevichar</i>	<i>escaiolar</i>	<i>seringar</i>
<i>alguergar</i>	<i>azulejar</i>	<i>esmaltar</i>	<i>tabicar</i>
<i>almecegar</i>	<i>balizar</i>	<i>estanmar</i>	<i>tachar</i>
<i>almofadar</i>	<i>bandar</i>	<i>estucar</i>	<i>tafulhar</i>
<i>alvaiadar</i>	<i>barachar</i>	<i>fardar</i>	<i>tapetar</i>
<i>ameiar/amear</i>	<i>bardar</i>	<i>fofar</i>	<i>tapulhar</i>
<i>amnistiar</i>	<i>brochar</i>	<i>garançar</i>	<i>telhar</i>
<i>anafar</i>	<i>broquelar</i>	<i>iodar</i>	<i>togar</i>
<i>anestésiar</i>	<i>cairelar</i>	<i>juncar</i>	<i>toldar</i>
<i>anilar</i>	<i>cavilhar</i>	<i>lacar</i>	<i>trajar</i>
<i>anilhar</i>	<i>chumaçar/enchumaçar</i>	<i>ladrilhar</i>	<i>zincar</i>

• “causar Nb”

<i>amnesiar</i>	<i>balburdiar</i>	<i>engelhar</i>	<i>estrondar</i>
<i>anemiatar</i>	<i>bonançar</i>	<i>engulhar</i>	<i>faiscar</i>
<i>alvoroçar</i>	<i>bulhar</i>	<i>esfacelar</i>	<i>maravilhar</i>

⁷⁴ Considera-se aqui o verbo *arrobar* que tem por base o nome **arrobe**, «xarope de sumo de uva concentrado pela acção do fogo; conserva de frutas. (Do ár. ar-rubb, «sumo de fruto; xarope»))» (e-DLP)

balançar

empecilhar

esperançar

rançar

• “ter Nb”

desejar

invejar

odiar

orgulhar

• “meter em/pôr em Nb”

adegar

alforjar

calhar

entrelinhar

alambicar

almoedar

carrilar

estacionar

alcofar

asilar

degredar

fichar

alfandegar

barulhar

entranhar

tabelar

• “construir/fazer/dar forma de Nb”

alamedar

bocelar

epigrafar

ninhar

alcantilar

bolhar

epilogar

novelar

alicerçar

bolsar

episodiar

oferendar

alquimiar

buracar

esguelhar

paragrafar

ameaçar

caminhar

esmolar

prognosticar

anelar

caracolar

espiralar

prologar

<i>arengar</i>	<i>carambolar</i>	<i>estagiar</i>	<i>protocolar</i>
<i>arruaçar</i>	<i>caramunhar</i>	<i>estriar</i>	<i>queijar</i>
<i>autografar</i>	<i>catalogar</i>	<i>folhar</i>	<i>rabiscar</i>
<i>avençar</i>	<i>cronicar</i>	<i>hibridar</i>	<i>referendar</i>
<i>bainhar</i>	<i>ditongar</i>	<i>hipotecar</i>	<i>sarrabiscar</i>
<i>baldrocar</i>	<i>duelar</i>	<i>incendiar</i>	<i>torvelinhar</i>
<i>barricar</i>	<i>ecoar</i>	<i>intervalar</i>	<i>trocadilhar</i>
<i>barulhar</i>	<i>Entrudar</i>	<i>lengalengar</i>	<i>tufar</i>
<i>batalhar</i>	<i>entulhar</i>	<i>marcar</i>	<i>ultrajar</i>

• “tornar(-se) Xb”

<i>aduncar</i>	<i>azedar</i>	<i>doçar</i>	<i>miudar</i>
<i>amasiar-se</i>	<i>azular</i>	<i>igualar</i>	<i>pecar</i>
<i>amigar</i>	<i>bacharelar</i>	<i>ilhar</i>	<i>profundar</i>
<i>amoucar(-se)</i>	<i>caducar</i>	<i>inerciar</i>	<i>ruçar</i>
<i>ananicar</i>	<i>castiçar</i>	<i>leigar</i>	<i>translucidar</i>
<i>ariscar</i>	<i>crisalidar</i>	<i>levedar</i>	<i>vermelhar</i>

• “agir como Nb”

<i>abelhar</i>	<i>balançar</i>	<i>galderiar</i>	<i>gralhar</i>
----------------	-----------------	------------------	----------------

<i>aldrabar</i>	<i>borregar</i>	<i>galgar</i>	<i>labregar</i>
<i>andarilhar</i>	<i>caracolar</i>	<i>gandaiar</i>	<i>pipocar</i>
<i>andorinhar</i>	<i>cavalar</i>	<i>gatinhar</i>	<i>raposinhar</i>
<i>araviar</i>	<i>cirandar</i>	<i>gauderiar</i>	<i>taralhar</i>
<i>arroiar</i>	<i>galar</i>	<i>girandolar</i>	<i>ventoinhar</i>

2. RFP INSTRUMENTAL

A par da RFP MUDANÇA, que forma verbos denotadores de mudança de estado, um número bastante significativo de verbos em *-ar* apresenta na sua base um nome de instrumento, sendo parafraseável por:

- “usar Nb”/”agir com Nb”

<i>agrafar</i>	<i>cinzelar</i>	<i>espadelar</i>	<i>malhar</i>
<i>agulhar</i>	<i>cirandar</i>	<i>espinhar</i>	<i>mandrilar</i>
<i>alambicar</i>	<i>cisalhar</i>	<i>esponjar</i>	<i>martelar</i>
<i>aldrabar</i>	<i>cochar</i>	<i>estacar</i>	<i>pedalar</i>
<i>almofaçar</i>	<i>colar</i>	<i>estocar</i>	<i>petardar</i>
<i>amidar</i>	<i>contratelar</i>	<i>foiçar/fouçar</i>	<i>pincelar</i>
<i>ancinhar</i>	<i>copiografar</i>	<i>frechar</i>	<i>ralar</i>
<i>andarilhar</i>	<i>dardar</i>	<i>gadanhar</i>	<i>sachar</i>
<i>aradar</i>	<i>discar</i>	<i>galar</i>	<i>sacholar</i>

<i>arridar</i>	<i>dragar</i>	<i>ganchar</i>	<i>sambarcar</i>
<i>arrobar</i> ⁷⁵	<i>elar</i>	<i>garfar</i>	<i>seringar</i>
<i>badalar</i>	<i>engaçar</i>	<i>girandolar</i>	<i>sovelar</i>
<i>biselar</i>	<i>escalar</i>	<i>goelar</i>	<i>tabelar</i>
<i>bisnagar</i>	<i>escardilhar</i>	<i>gradar</i>	<i>tarrafar</i>
<i>bolar</i>	<i>escudar</i>	<i>gralhar</i>	<i>telefonar</i>
<i>burilar</i>	<i>esguichar</i>	<i>grelhar</i>	<i>telegrafar</i>
<i>cachimbar</i>	<i>eslingar</i>	<i>laçar</i>	<i>tralhar</i>
<i>carimbar</i>	<i>esmerilar</i>	<i>maçar</i>	<i>verdascar</i>
<i>cavilhar</i>	<i>espadar</i>	<i>machadar</i>	<i>vergar</i>

• “tocar (com) Nb”⁷⁶

<i>adufar</i>	<i>bumbar</i>	<i>guizalhar</i>	<i>tamborilar</i>
<i>alaudar</i>	<i>chanfalhar</i>	<i>joelhar</i>	<i>tamborinar</i>
<i>atabalar</i>	<i>chocalhar</i>	<i>marimbar</i>	<i>unhar</i>
<i>batucar</i>	<i>cotovelar</i>	<i>sanfoninar</i>	<i>violar</i>

⁷⁵ *Arrobar* é aqui entendido como o verbo que tem por base o nome **arroba**, «antiga unidade de medida de peso, de 32 arráteis ou um quarto de quintal, arredondada actualmente para 15 quilogramas. (Do ár. *ar-ruba*’a, «um quarto; a quarta parte»)» (e-DLP). Consideramos, assim que *arrobar* é parafraseável por “usar arroba” (para medir algum produto).

⁷⁶ Sugestão transmitida pessoalmente por Graça Rio-Torto.

Em suma, observamos que os verbos construídos a partir de uma base nominal ou adjectival, à qual se pospõem exclusivamente a vogal temática e o morfema de infinitivo, têm por base duas regras de formação: RFP MUDANÇA, que forma verbos de mudança de estado, e RFP INSTRUMENTAL, que forma verbos instrumentais, isto é, que denotam o uso de um instrumento. No entanto, a maioria dos verbos que incluímos nesta última RFP pode também ser considerada de mudança de estado, dependendo do relevo que o falante pretende atribuir quer ao argumento [Agente], quer ao argumento [Tema].

Assim, os verbos que se apresentam no quadro seguinte podem ser interpretados como verbos instrumentais — se a ênfase for colocada sobre o Agente (aquele que usa e o que usa) — ou verbos de mudança de estado — se a informação primordial se centrar sobre o objecto afectado pela acção denotada pelo nome de instrumento:

<i>absintiar</i>	<i>bicar</i>	<i>entretelar</i>	<i>machadar</i>
<i>agrafar</i>	<i>bisnagar</i>	<i>escudar</i>	<i>mascarar</i>
<i>açucarar</i>	<i>brochar</i>	<i>esmaltar</i>	<i>pincelar</i>
<i>adufar</i>	<i>burilar</i>	<i>espadelar</i>	<i>rebar</i>
<i>agrafar</i>	<i>carimbar</i>	<i>espinhar</i>	<i>redar</i>
<i>agulhar</i>	<i>catalogar</i>	<i>esponjar</i>	<i>referendar</i>
<i>alabardar</i>	<i>cavilhar</i>	<i>estacar</i>	<i>rolhar</i>
<i>alcatifar</i>	<i>charoar</i>	<i>estucar</i>	<i>sachar</i>
<i>alfarrobar</i>	<i>cisalhar</i>	<i>forçar</i>	<i>sacholar</i>
<i>almofadar</i>	<i>contratelar</i>	<i>gadanhar</i>	<i>seringar</i>
<i>amidar</i>	<i>dardar</i>	<i>lacar</i>	<i>solar</i>

<i>anestesi</i> ar	<i>drag</i> ar	<i>laçar</i>	<i>unhar</i>
<i>azulej</i> ar	<i>elar</i>	<i>lacr</i> ar	<i>viatic</i> ar

Na nossa opinião, os verbos presentes neste quadro podem ser sujeitos a duas interpretações: verbos formados por uma RFP INSTRUMENTAL ou por uma RFP MUDANÇA. Esta dupla possibilidade depende não só do contexto, mas, como já anteriormente referimos, da ênfase que o falante pretende imprimir ao seu discurso.

A frase *A enfermeira anestesiou o paciente* é sujeita a duas leituras diferentes: “a enfermeira usou anestesia” (RFP INSTRUMENTAL) e “o paciente foi anestesiado” (RFP MUDANÇA), assim como *O pedreiro azulejou a cozinha* — “o pedreiro usou azulejo” e “a cozinha foi azulejada” — e os restantes verbos apresentados.

Paralelamente a estes, temos verbos formados exclusivamente por uma RFP MUDANÇA (*autenticar*, *tisicar* e todos aqueles cuja base denota uma propriedade) e outros sujeitos apenas à RFP INSTRUMENTAL, tais como *telefonar*, *tamborilar*.

Ainda assim, se considerarmos que o uso de um determinado instrumento implica sempre uma mudança de estado de coisas, então os verbos em *-ar* apresentados no presente estudo são englobados numa única regra de formação de palavras: RFP MUDANÇA.

V. VITALIDADE DO PROCESSO GENOLEXICAL

O processo de formação de novos verbos que segue o esquema $[[X]_{RN/RA} [a]_{VT} [r]_{MI}]_V$ é não só o que congrega um maior número de verbos complexos — relativamente aos verbos que são derivados por prefixação, sufixação ou circunfixação —, como aquele que apresenta a maior vitalidade genolexical no português contemporâneo.

Como constatámos anteriormente,⁷⁷ este processo opera sobre diferentes tipos de bases, predominantemente nominais, mas também adjectivais. As bases que analisámos ao longo do trabalho estão atestadas em português, sendo a esmagadora maioria pertencentes à língua portuguesa.

Verificamos, no entanto, que muitas bases atestadas em português, predominantemente nominais, que potenciam um processo genolexical como o que temos vindo a analisar, não o fazem, ou fazem-no raramente. Este facto verifica-se pela consulta de diferentes dicionários.

Em português, temos, por exemplo, o verbo *buzinar*, que tem por base o radical $[buzin]_{RN}$ e que pode ser parafraseável por «tocar (com) uma buzina».

⁷⁷ Cf. Capítulo II — Composicionalidade das bases.

Paralelamente, temos o nome *campainha*, semanticamente, muito próximo de ambos, e que está na origem do verbo *campainhar*. Contudo, parece-nos ser mais frequente a utilização da perífrase «tocar à campainha» do que do verbo. Esta ideia é corroborada pela ausência desta forma verbal nalguns dos dicionários consultados, uma vez que, de entre estes, ela surge apenas no DHLP e no GDLP.⁷⁸

Um caso em tudo análogo a *campainhar* é o verbo *ginastigar*,⁷⁹ que se encontra atestado nos DLPC, DHLP e GDLP.⁸⁰ A ideia que o verbo *ginastigar* transporta consigo é mais frequentemente transmitida através da perífrase «fazer ginástica» ou «praticar ginástica».

O verbo *chinelar*, formado a partir de *chinela*, pode significar “usar chinela(o)”, mas também “acção semelhante ao uso da(o) chinela(o)”. Parece-nos que este verbo apresenta um uso mais frequente do que *ginastigar*. Contudo, aparece referido em apenas dois dos dicionários consultados (GDLP e DLPC).⁸¹ É curioso o facto de este

⁷⁸ O verbo não consta em nenhum dos seguintes dicionários consultados: DIP, e-DLP, DLPC e DENFLP. No DHLP, **campainhar** apresenta a seguinte informação: «v. *int.* accionar uma campainha para fazê-la soar; ETIM *campainha* + *-ar*»; no GDLP, a informação veiculada é substancialmente a mesma: «v. *intr.* (de *campainha*). Fazer soar a *campainha*.».

⁷⁹ Nome de uma canção do programa educativo infantil *Rua Sésamo*, cuja letra apresenta versos como os seguintes: «Vem **ginastigar/Ginastigar**?/É bom **ginastigar**» (o destaque é da nossa responsabilidade).

⁸⁰ Este verbo encontra-se atestado nos dicionários referidos, com as seguintes significações: «**ginastigar**. v. (De *ginástica* + suf. *-ar*). Exercitar ou exercitar-se através da ginástica; tornar ou tornar-se ginasticado.» (DLPC); «**ginastigar** v. (*sXX*) P *t.d.int. e pron.* exercitar(-se) com ginástica; aprimorar (o corpo) com ginástica <*ginasticava as pernas*> <*ginasticava(-se) diariamente*> [...] ETIM *ginástica* + *-ar*» (DHLP); «**ginastigar**, v. *tr.* Exercitar, desenvolver, treinar pela ginástica. || V. *intr.* Fazer praticar a ginástica; desenvolver pela ginástica.» (GDLP).

⁸¹ «**Chinelar**, v. *intr.* (de *chinela*). Andar de chinelas, arrastando os pés. || Fazer o ruído de quem anda com chinelas; achinelar.» (GDLP); «chinelar. v. (De *chinela* + suf. *-ar*). Andar deixando descair a parte de trás dos sapatos ou dos chinelos.» (DLPC).

verbo não constar dos e-DLP, DIP e DHLP, quando os mesmos dicionários atestam o verbo *achinelar*, que nos parece ter um uso muito menos frequente e que encerra em si significações que ficam aquém do verbo *chinelar*. Com efeito, *chinelar* pode significar “fazer barulho com umas chinelas/uns chinelos”, como “usar outro tipo de calçado como se fossem umas chinelas/uns chinelos”. *Achinelar*, por seu lado significará “dar forma de/tornar chinela(o) outro tipo de calçado”. Portanto, julgamos que faria todo o sentido considerar a existência dos dois verbos, uma vez que eles têm usos funcionais mais ou menos distribuídos.

Por altura da *Queima das Fitas* do corrente ano, dizia uma estudante, finalista do curso de Engenharia, na televisão: «A semana passada cartolei». O verbo *cartolar* também não surge dicionarizado, sendo esta ideia, habitualmente, transmitida pela expressão «pôr cartola». No meio académico estudantil, também é frequente designar-se um finalista por *cartolado*, termo que, à semelhança de *cartolar*, não se encontra atestado em nenhum dos dicionários consultados.⁸²

Um outro fenómeno interessante é verificarmos que alguns verbos em *-ar* que já havíamos herdado do latim acabam por cair em desuso, sendo substituídos por expressões perifrásticas ou, noutros casos, por outras formas verbais.

Por ocasião dos meses de peregrinação ao santuário de Fátima, ouve-se, com alguma frequência, o verbo *peregrinar*,⁸³ no sentido de “ir em peregrinação”.⁸⁴ No

⁸² e-DLP, DIP, DLPC, DHLP e GDLP.

⁸³ «**peregrinar**, v. intr., ir em romagem a lugares santos ou de devoção; viajar por terras longínquas; passar; divagar; vaguear; v. tr. percorrer, viajando; andar em peregrinação por. (Do lat. *peregrināre, por

entanto, parece-nos que este verbo já se encontra um pouco em desuso, pois é mais comum os falantes utilizarem as expressões ‘ir em peregrinação’ ou ‘fazer uma peregrinação’, apesar de o verbo herdado do latim estar atestado em português e, portanto, ser perfeitamente actualizável.

Algo de semelhante se passa com o verbo *disturbar*, sendo que a este ainda se associa um fenómeno de outra natureza. Numa edição do *Público* de Março de 2003, Eduardo Cintra Torres escrevia «Não disturbou.»⁸⁵ Após uma primeira leitura, pensamos: «Mais uma importação do inglês *to disturb*, forma que encontramos na negativa nalguns acessórios que indicam que não queremos ser perturbados: «Do not disturb». No entanto, se consultarmos um dicionário, o verbo *disturbar*⁸⁶ aparece claramente atestado, apesar de, em termos de utilização, ter sido praticamente substituído por *perturbar*. Pode ser que através do inglês, que nos invade permanentemente, recuperemos formas que já tinham caído em desuso.

peregrinãri, «viajar em país estrangeiro») (e-DLP); este verbo encontra-se também atestado em todos os outros dicionários consultados.

⁸⁴ Por ocasião da recente peregrinação ao santuário de Fátima, comemorativa das aparições do 13 de Maio, foram registados os seguintes exemplos de actualizações do verbo peregrinar: «**Peregrinar** a pé já é uma arte.» (P.^e António Rego, TVI, 13.05.2003); «Toda a gente pode **peregrinar** a pé.» (idem, *ibidem*); «Eu **peregrino** normalmente para Fátima.» (Carlos Gil — “pagador de promessas”, SIC, 13.05.2003) (o destaque é da nossa responsabilidade).

⁸⁵ In: <http://jornal.publico.pt/2003/05/11/Cultura/C01.html>.

⁸⁶ «**disturbar**, v. tr., causar distúrbio a; perturbar; alterar a ordem ou a tranquilidade de. (Do lat. *disturbāre*, «destruir; perturbar»)» (e-DLP) O verbo também surge atestado nos outros dicionários consultados. O DLPC faz, consciente da pouca utilização deste verbo na actualidade, dá a indicação de *perturbar* como sinónimo: «**disturbar**. v. (Do lat. *disturbāre*). 1. Causar qualquer tipo de perturbação numa ordem preestabelecida; provocar distúrbio. ≅ PERTURBAR. 2. Afectar de algum modo o equilíbrio mental ou emocional de alguém.» (DLPC)

Com o fenómeno de globalização a que assistimos actualmente, constata-se a presença de um número significativo de importações de outras línguas, nomeadamente do inglês, para designar objectos ou conceitos que são novos na realidade que analisamos. Este fenómeno passa-se, concretamente, na área das novas tecnologias da comunicação e da informação. Verificamos que, na maioria dos casos, a língua portuguesa toma, neste domínio, o item lexical que o inglês adoptou, conferindo-lhe ou não uma forma gráfica que se coadune com as regras da ortografia portuguesa. É o que se passa com *clique* (do inglês *click*), onde se verifica uma adaptação ortográfica às normas da língua portuguesa, e *scanner* (do inglês *scanner*), onde essa adaptação já não se verificou. Contudo, quando o português pretende descrever a acção ou o processo desse mesmo item, isto é, transformar um nome ou um adjectivo num verbo, dá-lhe sempre a configuração de uma palavra portuguesa, com vista à sua integração num paradigma verbal. Tomemos como exemplo um destes casos, que já surge dicionarizado: usamos frequentemente o verbo *clicar*,⁸⁷ que tem na sua base o nome *clique*. Outros verbos, na área das novas tecnologias da informação, exemplificativos deste processo são *atachar*⁸⁸, *haquiar*⁸⁹, *mailar/e-mailar*⁹⁰, *scanar*⁹¹ e *deletar*.⁹²

⁸⁷ O verbo encontra-se atestado em todos os dicionários consultados. No entanto, estes divergem quanto à base do verbo em causa. Segundo o e-DLP, *clicar* é resultado da importação e consequente aportuguesamento do verbo inglês *to click*. Já o DLPC considera este verbo derivado por sufixação, tendo por base o nome *clique*, de origem onomatopeica, do francês *clac*.

⁸⁸ Trata-se de uma forma que ainda não surge dicionarizada e torna-se bastante curiosa, pois é frequentemente utilizada, apesar de termos em português a sua forma homóloga: *anexar*. No entanto, parece-nos que há uma certa distribuição complementar na utilização destas formas: recorreremos à forma *atachar* apenas quando estamos no domínio do correio electrónico. Ex.: *Atachei um ficheiro em formato PDF a esta mensagem*. O verbo não consta em nenhum dos dicionários consultados.

⁸⁹ *Haquiar* tem a sua origem na palavra inglesa *hacking* ('corte', 'golpe') e em português, à semelhança do novo sentido que ganhou em inglês no âmbito da informática, poderemos dizer que significa 'entrar

A propósito das importações que se fazem de outras línguas, nomeadamente do inglês, para o português, o jornal *Público* (2003.05.11) editou um artigo intitulado «"Sandwich" ou sandes? Não é essa a questão», onde se afirmava, numa parte sobre os empréstimos lexicais, o seguinte, relativamente aos verbos em estudo: «Palavras como "crashar", "deletar", "printar", "chekar" [sic], "stressar", emprestadas do inglês, sofrem uma adequação fonética e ortográfica à estrutura do português. "Os empréstimos em Portugal são normalmente aportuguesados, ou quando não sofrem estas alterações, colocam-se entre aspas", diz o professor universitário Erwin Koller, responsável por um

remota e furtivamente num computador alheio para realizar uma acção ilícita'. Ex.: *O Afonso está preocupado, porque lhe haquiaram o computador*. O verbo não consta em nenhum dos dicionários consultados.

⁹⁰ É comum ouvir-se quer uma forma, quer a outra, indistintamente. *Mailar/e-mailar* tem por base a forma inglesa *e-mail* (*electronic mail* — 'correspondência electrónica') e é usado no domínio do correio electrónico. Ex.: *Hoje mailei* ('enviar por e-mail') *10 mensagens*. O verbo não se encontra atestado em nenhum dos dicionários consultados, ao contrário da base — *e-mail* —, inscrita no DLPC, cuja entrada remete para *correio electrónico*. Apesar de *mailar/e-mailar* não se encontrar atestado, *mailing* («publicidade, propaganda ou prospecção de mercado feita junto de pessoas previamente seleccionadas, através de circulares, folhetos, por via postal ou colocação directa nas caixas do correio») já o está, sendo mesmo indicada a forma de formação do plural (-s).

⁹¹ *Scanar* é uma das formas utilizadas, a par de *scanear* e *scanarerizar*, para designar a acção de digitalizar um documento através de um *scanner*. Terá a sua origem no verbo inglês *to scan*, cujo significado original é o seguinte: «escandir, decompor versos nas suas unidades métricas, examinar número e quantidade de pés e sílabas métricas; ler (verso) realçando enfaticamente o seu ritmo; ter métrica correcta, permitir uma leitura rítmica; esquadrinhar, perscrutar, sondar, examinar minuciosamente; estudar; passar uma vista de olhos por» (e-DIP), o qual foi, posteriormente, adaptado ao domínio da informática. Ex.: *O João scanou 100 páginas de um documento antigo*. A base *scanner* já se encontra atestada no e-DLP (*scanner*), DLPC (*scanner/scâner*).

⁹² Nem a base, nem o derivado se encontram atestados em nenhum dos dicionários consultados.

seminário que investiga o empréstimo lexical do inglês no português em comparação com o alemão.»⁹³

Ainda no domínio das novas tecnologias, encontrámos na *Revista Unibanco* (Março/Abril de 2003), uma reportagem com o título «Imagens de plasmar». Não está aqui em causa o verbo *plasmar*⁹⁴ (‘modelar em gesso, barro), mas sim um novo verbo, que parte da base *plasma* (material utilizado na concepção de uns novos tipos de monitores/televisores) aludindo, pela proximidade fonética, à expressão “algo de pasmar” ou “uma imagem de pasmar”.⁹⁵

Utilizamos com relativa frequência a expressão *faxar um documento*, no sentido de enviar um documento através de um aparelho de *fax*. No entanto, e apesar do recurso a este verbo por parte dos falantes, ele ainda não está dicionarizado.⁹⁶ Mais uma vez, é mais comum a utilização da expressão *enviar um fax*. No entanto, aqui o nome não tem como referente o aparelho utilizado, mas o documento que se pretende emitir, concluindo, assim, que o acto de utilizar tal instrumento não tem uma designação específica em português. Verificamos que o mesmo acontece com outras palavras da língua portuguesa. É o caso de *perito* e *peritar*. Ora, o verbo que designa a acção efectuada por um perito — *peritar* — não surge em nenhum dos dicionários consultados. Essa acção, embora com alguma frequência se designe por *peritar*, é, na maior parte dos casos, substituída pela perífrase *fazer uma peritagem*.

⁹³ Por Celeste ARAÚJO (2003), in: <http://jornal.publico.pt/2003/05/11/Cultura/C01.html>.

⁹⁴ «Plasmar, v. tr., modelar em gesso, barro, etc. (Do lat. plasmāre, «modelar; formar»)» in: e-DLP.

⁹⁵ Aníbal REBELO (2003).

⁹⁶ No DLPC, surge o verbo *faxar*, com as indicações de que se trata de um verbo de origem obscura, utilizado num domínio de gíria e que significa «abrir, arrombar». Nada tem, portanto, a ver com o verbo aqui em causa.

Também noutros domínios, como no da publicidade, assistimos, recentemente, a certas inovações curiosas. Alguns anúncios publicitários apelam ao consumidor da seguinte forma: *Ainda não sabes o que é **dippar**?*⁹⁷ ou *E tu, já **fusionaste** hoje?*⁹⁸

Ainda no domínio da publicidade, mas a um nível mais cultural, temos, de igual forma, exemplos interessantes a assinalar. Numa iniciativa da Câmara Municipal do Fundão, apelava-se à participação do público num ciclo de cinema da seguinte forma: ***Cinema-te em Abril***.⁹⁹ Naturalmente, este verbo não se encontra dicionarizado, mas ele ilustra muito bem as potencialidades que o sistema linguístico do português apresenta na criação de novas palavras, através do processo genolexical em estudo, nomeadamente numa área tão criativa como a da publicidade.

É também interessante verificarmos a capacidade de os falantes criarem verbos a partir de nomes já existentes na língua, mas que ainda não tinham sido usados como tal. É o caso de *bançar*,¹⁰⁰ bastante utilizado num concurso televisivo, onde é frequente os concorrentes fazerem afirmações do tipo *Eu **banquei** mais do que qualquer um dos*

⁹⁷ Anúncio publicitário a um aperitivo, denominado *dippas* (Agosto de 2002).

⁹⁸ O verbo *fusionar* aparece atestado nos dicionários que serviram de base à pesquisa deste trabalho (*fusionar*, v. tr., fazer a fusão de; reunir em um único partido; confundir; fundir; amalgamar. (Do lat. *fusiōne-*, «fusão» + *-ar*) in: e-DLP). No entanto, na base da utilização do verbo *fusionar* neste contexto estará a palavra *fusion* (ing.). A forma verbal *fusionaste* foi encontrada num anúncio publicitário a uma bebida — *Fusion* —, a qual necessitava de ser bem agitada, antes de ser consumida (Agosto de 2002).

⁹⁹ A iniciativa «Cinema-te em Abril», da Câmara Municipal do Fundão, foi abordada no programa *Acontece*, da RTP2, no dia 21 de Abril de 2003.

¹⁰⁰ O verbo encontra-se atestado no DLPC, com a indicação de que tem por base o nome banco, ao qual se pospõe o sufixo *-ar*, significando «1. Ser o banqueiro em jogos de azar. 2. Apostar num número em jogos de azar.» No português do Brasil, este verbo pode ser usado na acepção de fingir, simular. Também o DHLP inclui este verbo, mas considerando-o derivado de banco.

outros.¹⁰¹ No entanto, a significação deste verbo parte da base *banca*, uma vez que os concorrentes para *bancarem* têm de afirmar, antes de responder à questão, *BANCA!*

Constatamos, efectivamente, que este tipo de novas produções se pode verificar nos mais diversos domínios do quotidiano. Um dirigente sindical do ensino superior (João Cunha Serra) afirmava, numa entrevista ao jornal *Público*, que existe a possibilidade de virem a ser celebrados contratos de trabalho «capazes de ‘**curto-circular**’¹⁰² a carreira docente».¹⁰³

Na revista *Pais & Filhos*, introduziu-se, há já algum tempo, a rubrica *Avosar*, um espaço de crónica elaborado por Albertine Santos, onde esta fala da sua experiência enquanto avó:

«**Avosar** pode ser uma experiência maravilhosa, para os avós e para os netos.»¹⁰⁴

Num outro artigo, a Autora indica o criador desta palavra e o espírito que presidiu à sua criação:

¹⁰¹ *Bancar* — «[...] não viram que eu *banquei* mais do que qualquer um dos outros.» (forma verbal utilizada por Pedro, concorrente de *O Elo Mais Fraco*, in RTP1, 2002.08.07).

¹⁰² O destaque é da nossa responsabilidade.

¹⁰³ «Também o princípio de "consagrar a possibilidade de contratação de docentes fora do quadro dos estatutos " preocupa o dirigente sindical. "Pode-se estar a abrir a porta para a celebração de contratos individuais de trabalho, com esquemas de remuneração variável, capazes de '*curto-circular*' a carreira docente e assumindo-se assim um caminho muito liberal".» (João Cunha Serra, responsável pela área do Ensino Superior na Federação Nacional de Professores (Fenprof), in: <http://jornal.publico.pt/2003/03/14/Educacao/B02.html>). (O itálico é da nossa responsabilidade)

¹⁰⁴ Albertine SANTOS, 2001b: 146. O destaque é da nossa responsabilidade.

«Daí o imenso gosto — e a pontinha de apreensão — com que aceitei colaborar na redacção desta última página da PAIS & Filhos dedicada a um tema que, pela sua simplicidade e extravagância, foge a qualquer definição objectiva: o «avosar». Julgo que o Professor Gomes Pedro inventou essa palavra de propósito para designar a expressão, pouco estudada, sempre especial, às vezes mágica, variadíssima nas suas manifestações individuais e culturais, do relacionamento entre avós e netos.»¹⁰⁵

Como podemos verificar neste excerto, *avosar*, originariamente uma forma verbal, sofreu um processo de conversão (aqui tradicionalmente entendido), surgindo já enquanto nome, o que se verifica também numa outra passagem:

«A simpatia e o saber das três convidadas, a exposição de livros e os magníficos álbuns emocionaram-nos tanto mais que, cada uma de nós, teve oportunidade de partilhar com a outras avós o seu **avosar**.»¹⁰⁶

Verificamos que, no aspecto de inovação através de verbos em *-ar*, o português do Brasil é mais produtivo do que o português europeu. É frequente ouvir-se a expressão ‘acessar a um site na Internet’, na qual temos o verbo *acessar*.¹⁰⁷ Apesar de já termos o verbo *aceder*, que o português europeu utiliza também no domínio da informática, o português do Brasil usa este verbo para designar, exclusivamente, a ‘acção de aceder à Internet’, estabelecendo, assim, uma distribuição no uso dos verbos *aceder* e *acessar*.

¹⁰⁵ Albertine SANTOS, 2001a: 146. O destaque é da nossa responsabilidade.

¹⁰⁶ Albertine SANTOS, 2001c: 160. O destaque é da nossa responsabilidade.

¹⁰⁷ Na origem da expressão brasileira encontra-se a inglesa *to access a site*.

Um outro verbo, também de criação brasileira, é *snobar*, que designa a ‘atitude de ser *snob*’.

Em suma, podemos afirmar que o processo em análise no presente estudo é, actualmente, aquele que maior produtividade apresenta na criação de novas formas verbais, crendo nós que será o único com vitalidade.

Como verificámos pelos exemplos aduzidos, as bases de que estes verbos partem podem ser de origem portuguesa, mas a vitalidade assume-se mais plenamente em bases de origem inglesa, predominantemente, que se aportuguesam, através da vogal temática e da flexão verbal, quando pretendemos designar a acção executada pelo nome ou adjectivo de base.

Em termos semânticos, a base destes novos verbos é, essencialmente, marcada pelo traço semântico [+ OBJECTO CONSTRUÍDO]. Como exemplo de verbos recentes, cuja base denota um objecto, surgem *campainha*, *chinela(o)*, *cartola*, *fax*. Incluímos, neste grupo, também as marcas de alguns produtos, as quais se encontram na base de alguns verbos, como vimos com os casos de *dippar* e *fusionar*, e também alguns termos do domínio da informática, como *mail/e-mail* e *attachment*, entre outros.

Apesar de o traço [+ OBJECTO CONSTRUÍDO] ser dominante, surgem também bases marcadas por outros traços: [+ HUMANO], no caso de *perito*, ou *avó/avô*; [+ ACÇÃO/+PROCESSO/+EVENTO], presente em *curto-circuito*, *cinema*, *acesso* e *chek clique* e *print* (na base de *chekar*, *clicar* e *printar*, respectivamente); [+ PROPRIEDADE], em *snob*; [+ MATÉRIA], em *plasma*.

Em termos semântico-argumentais, estes produtos prevêm, preferencialmente, dois tipos de estruturas: verbos de um ou de dois lugares.

No caso dos verbos que prevêm um lugar, o de sujeito, este é preenchido com a função temática de Agente:

- a. [A Maria]_{Agente} foi *ginastigar* para o parque.
- b. Como ainda não sabe andar correctamente, [a criança]_{Agente} anda sempre a *chinelar*.
- c. [A Sara]_{Agente} *campainhou* em tua casa, mas não estava ninguém.
- d. [Tu]_{Agente} já *dippaste* hoje?

No caso das estruturas que prevêm dois lugares — o sujeito e o complemento directo —, cada um deles pode ser ocupados com diferentes funções temáticas:

- a. [O Pedro]_{Agente} *deletou*, sem querer, [dois documentos fundamentais da sua investigação]_{Tema}.
- b. [O inspector]_{Agente} *peritou* [a viatura sinistrada]_{Alvo}.
- c. [O professor]_{Agente} *stressou* [o aluno]_{Alvo} durante a prova oral.
- d. [O jornalista]_{Agente} *chekou* [a informação de última hora]_{Tema}.

Também verificámos a ocorrência de verbos que prevêm a existência de três lugares, de que *mailar/e-mailar* é um exemplo:

[O António]_{Agente} e-mailou [duas mensagens]_{Tema} [à Maria]_{Alvo}.

Relativamente às RFP que presidem à formação destes produtos, verificamos que, tal como constatado no Capítulo IV, os novos verbos são formados quer pela RFP MUDANÇA, quer pela RFP INSTRUMENTAL.

Há um grupo significativo de verbos que denota, na sua construção, uma RFP de mudança de estado. Alguns são parafraseáveis por «causar Nb», como o caso de *stressar* e *curto-circuitar*; outros por «fazer Nb», como *deletar*, *printar* ou *ginastigar*; outros são ainda parafraseáveis por «tornar Nb/Ab», como os casos de *avosar* e *snobar*.

No grupo dos verbos que têm subjacente à sua formação uma RFP INSTRUMENTAL, parafraseáveis por «usar/tocar (com) Nb», contam-se *e-mailar* e *campainhar*.

As formas que temos vindo a analisar, apesar de muitas delas serem ainda pouco utilizadas, fazem com que uma frase como a seguinte se torne possível:

*Hoje de manhã, o Diogo **printou** dois documentos importantes; depois **attachou-os** a uma mensagem e **e-mailou-os** à Eva.*

Contudo, temos à nossa disposição outros elementos, claramente atestados na língua portuguesa, para passarmos a mesma mensagem:

*Hoje de manhã, o Diogo **imprimiu** dois documentos importantes, depois **anexou-os** a uma mensagem e **enviou-os por correio electrónico/e-mail** à Eva.*

Este facto leva-nos a concluir que a língua portuguesa, enquanto organismo vivo que é, embora esteja receptiva e seja permeável a muitas e variadas inovações, acabará

por seleccionar e integrar apenas aqueles elementos que, efectivamente, têm lugar dentro do seu sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objectivo a abordagem dos diferentes aspectos que concorrem para a construção de verbos denominais e deadjectivais sem a adjunção de qualquer elemento de carácter afixal.

Não há unanimidade, por parte dos autores que abordam nos seus trabalhos este tipo de construções. Por um lado, os autores que estudam o português e as línguas românicas em geral defendem que o processo que dá origem a estas formas verbais é a derivação sufixal, instanciada através da vogal temática, que acumula, assim, funções derivacionais e de integração paradigmática. Por outro lado, outros autores, que se dedicam predominantemente ao estudo do processo homólogo na língua inglesa, defendem que este tipo de formas é submetido a um processo de conversão, uma vez que não se verifica qualquer tipo de alteração em termos formais na passagem do radical nominal para o radical verbal.

Equacionadas estas duas possibilidades, às quais adicionámos a possibilidade de estarmos perante um processo de derivação por sufixo zero, julgamos que todas elas encerram em si potencialidades, mas que umas se adequam melhor do que outras à língua portuguesa. Referimo-nos em concreto ao caso da sufixação por zero, em

detrimento das outras duas, uma vez que ela parece colmatar os problemas levantados quer pela hipótese de a vogal temática acumular duas funções de natureza diversa, quer pela hipótese da conversão, uma vez que, em termos formais, a transformação de um nome ou de um adjectivo em verbo, em português, assim como noutras línguas românicas, implica sempre alterações, consubstanciadas pela presença da vogal temática.

Problematizado o modo de formação/construção deste tipo de verbos, procedemos ao estudo dos elementos que constituem a base deste tipo de produtos. Esta análise é feita em três vertentes: morfológica, sintáctica e semântica.

Relativamente às classes morfológicas que se encontram na base dos verbos em *-ar*, verificámos que elas são predominantemente radicais, categorialmente determinados, existindo escassos exemplos de temas a funcionarem como base deste tipo de verbos.

Em termos sintácticos, prevalece a classe dos nomes, em detrimento da dos adjectivos. Salienta-se o facto de, nalguns casos, a fronteira entre nome e adjectivo ser muito fluida, podendo uma mesma forma funcionar, contextualmente inserida, quer como nome, quer como adjectivo.

Quanto às diferentes categorias semânticas das formas que se encontram na base destes verbos, elas são de índole diversa, abarcando diferentes aspectos da realidade observável. Vão desde características tipicamente humanas, passando pelos nomes de animais (de diferentes espécies), pelos nomes de instrumentos, de matérias, de propriedades, até mesmo pelos nomes próprios, concluindo com alguns casos de onomatopéias, algumas das quais não partem propriamente de bases nominais, mas da denominação dos sons que as sugerem.

Feito o estudo das bases, procedeu-se à análise semântica dos produtos, que se processou em duas fases diferentes: num primeiro momento, observou-se a estrutura argumental dos verbos em *-ar*, noutra à classificação semântico-categorial dos mesmos. Em termos argumentais, os verbos em *-ar* apresentam quatro possibilidades distintas, constituindo verbos de zero argumentos (*Chove.*), de um argumento (*A Ana batalhou todo o dia para conseguir acabar o trabalho*), de dois argumentos (*O Manuel pincelou o bolo*) e de três argumentos (*A filha ofertou a mãe com um ramo de flores*). Em termos semântico-categoriais, considerámos a existência de sete tipos de verbos distintos: verbos ornativos (*agrafar, alcatifar, carimbar, conchar, cortinar, fardar, tapetar*); verbos locativos (*adegar, catalogar, tabelar*); verbos causativos (*amarelar, autenticar*); verbos incoativos (*japonesar*); verbos similitivos (*caracolar, abelhar, espanholar*), verbos instrumentais (*abanicar, amidar, brocar, dardar, discar, escudar, grudar, telefonar, unhar*) e verbos estativos (*orgulhar, odiar*).

Em seguida, a reflexão empreendida foi no sentido de determinar as grandes regularidades semânticas observadas na formação destes tipos de verbos. Tendo-se equacionado a possibilidade de a estas formações presidir uma única Regra de Formação de Palavras — a RFP MUDANÇA — concluiu-se que, em virtude das características semânticas das bases, teremos de considerar, a par desta, uma RFP INSTRUMENTAL, que forma verbos que apresentam na sua base nomes de instrumento, como *alaudar*, ou *apitar*. Estes casos, embora possam constar de estruturas em que tenham uma interpretação de mudança de estado (*alaudar uma viola*, por exemplo), surgem predominantemente em estruturas que denotam o uso de instrumentos.

Finalmente, concluímos o nosso estudo com a demonstração da vitalidade que o processo em causa apresenta em português, analisando um conjunto de verbos em *-ar*, cuja formação é motivada por factores de diferente natureza: designação de acções anteriormente não existentes; criatividade linguística no domínio da publicidade, entre outros.

Com este trabalho, não pretendemos criar uma nova teoria acerca dos processos de formação de verbos em *-ar*. Procurámos discutir a visão com que tradicionalmente este tipo de verbos é encarado ao nível da sua estrutura formal — sufixação através do sufixo *-ar* — e estabelecer, a partir das suas bases, as grandes regularidades semânticas, categoriais e de regras de formação de palavras observadas nestes produtos.

Julgamos que os verbos em *-ar* formalmente não portadores de qualquer tipo de afixo se caracterizam por uma pluralidade de significações, instanciadas pela própria base, mas também em muito devedoras do contexto em que esta se actualiza, o qual, em muitos casos, se torna fundamental para acedermos à significação do próprio verbo.

Verificamos que esta dependência não sucede de uma forma tão acentuada com os verbos da 1.^a conjugação marcados em termos afixais, quer por prefixos, quer por sufixos, os quais são aspectualmente marcados. No entanto, é curioso notar que os verbos em *-ar* analisados, convivem, muitas vezes, com outras formas afixalmente marcadas e cuja significação, não sendo exactamente a mesma, é muito próxima (*azular* vs. *azulejar*; *bambar* vs. *bambear*; *colchoar* vs. *acolchoar*; *ferrolhar* vs. *aferrolhar*).

Assim, seria interessante, para que a visão dos verbos em *-ar* ficasse completa, proceder a um estudo sistemático e aprofundado de todas as formas verbais que se integram no paradigma da 1.^a conjugação (verbos de tema em *-a*), quer prefixadas, quer

sufixadas, para, num quadro global, se depreender a especificidade morfológica, sintáctica, semântico-argumental e categorial dos verbos de tema em *-a* não afixados. Talvez seja o nosso próximo desafio...

BIBLIOGRAFIA

ALCOBA RUEDA, Santiago

- 1992 — «Tema verbal y formación de palabras en español». In: *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Românicas*. Vol. II. La Coruña, p. 323-346.

ALI, Manuel de Said

- 1964 — *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª edição melhorada e aumentada de *Lexeologia e formação de palavras e Sintaxe do português histórico* (1º Prémio “Francisco Alves” de 1921 e de 1927 da Academia Brasileira de Letras). Estabelecimento do texto, revisão notas e índices pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva. São Paulo: Edições Melhoramentos.

ALVAR EZQUERRA, Manuel

- 1995 — *La formación de palabras en español*. Col. «Cuadernos de lengua española». Madrid: Arco/Libros.

ARONOFF, Mark

- 1980 — «Contextuals». In: *Language*, vol. 56, nº 4, pp. 744-758.
- 1985 — *Word Formation in Generative Grammar*. Third printing. Cambridge, Massachusetts, and London, England: The MIT Press.

AZUAGA, Luísa

1996 — «Morfologia». In: Isabel Hub FARIA, Emília Ribeiro PEDRO, Inês DUARTE e Carlos A. M. GOUVEIA (org. de) – *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 215-244.

BACK, E. & G. MATTOS

1972 — *Gramática constructural da língua portuguesa*. São Paulo: F. T. D.

BARBOSA, Jorge Morais

1994 — *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*.
Coimbra: Livraria Almedina.

BASSET, Louis et Marcel PÉRENNEC (sous la direction de)

1994 — *Les classes de mots. Traditions et perspectives*. Lyon: Presses
Universitaires de Lyon.

BASÍLIO, Margarida

1980 — *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis:
Editora Vozes, Ltda.

1987 — *Teoria lexical*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, S.A.

1993 — «Verbos em -a(r) em português: afixação ou conversão?». In: *DELTA*, vol. 9.2, pp. 295-304.

BASÍLIO, Margarida & Helena MARTINS

1996 — «Verbos denominais no português falado». In: Ingedore G. Villaça KOCH (org.) — *Gramática do português falado*, vol. VI *Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP), pp. 371-391.

BECHARA, Evanildo

2002 — *Moderna gramática portuguesa*. 37ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

CALVO, Júlio

1986 — *Substantiu i adjectiu*. València: Universitat de València.

CARVALHO, José G. Herculano de

1979 — *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. Tomo II. Coimbra: Atlântida Editora.

1983 — *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e a análise das línguas*. Volume I, 6ª edição. Coimbra: Coimbra Editora.

1984 — *Estudos linguísticos*. 3º volume. Coimbra: Coimbra Editora.

CASTILHO, Ataliba T.

1981 — «O Projecto NURC e a sintaxe do verbo». In: *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, pp. 269-288.

1993 — «Temps, référence et inférence». In : *Langages*, 112, pp.

CLARK, E. V. & H. H. CLARCK

1979 — «When Nouns Surface as Verbs». In : *Language*, vol. 55, nº 4, pp. 767-811.

CORBIN, Danielle

1991 — *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. 2 vols. 2^e éditon. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille.

CORREIA, Clara Nunes

1993 — «A determinação: quantificação e qualificação». In: *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 1992. Lisboa: EdiçõesColibri/Faculdade de Letras.

CUNHA, Celso e Luís Filipe Lindley CINTRA

1992 — *Nova gramática do português contemporâneo*. 9^a edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

DIEZ, Frédéric

1874 — *Grammaire des langues romanes*. Tome II. Paris : A. Franck.

DIRVEN, René

1988 — «A cognitive approach to conversion». In: Werner HÜLLEN & Rainer SCHLUZE (edited by) — *Understanding the Lexicon. Meaning, Sense and World Knowledge in Lexical Semantics*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

DON, Ian, Mieke TROMMELEN & Wim ZONNEVELD

2000 — «Conversion and category indeterminacy». In: Geert BOOIJ, Christian LEHMANN & Joachim MUYDAN — *Morphology. An International Handbook on Inflection and Word-Formation*. Vol. 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, pp. 943-951.

DUARTE, Inês

2003 — «Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras». In: Maria Helena Mira MATEUS, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA *et alii* — *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Colec. «Universitátia», série LINGUÍSTICA. Lisboa: Editorial Caminho, capítulo 10, pp. 275-321.

DUARTE, Inês e Ana Maria BRITO

2003 — «Predicação e classes de predicadores verbais». In: Maria Helena Mira MATEUS, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA *et alii* – *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Colec. «Universitátia», série LINGUÍSTICA. Lisboa: Editorial Caminho, capítulo 7, pp. 179-203.

GRÀCIA I SOLÉ, Lluïsa

1995 — *Morfologia lexica. L'herència de l'estructura argumental*. València: Universitat de València.

GEURTS, Bart

1988 — «The Structure of Nominal Concepts». In: Werner HÜLLEN & Rainer SCHLUZE (edited by) — *Understanding the Lexicon. Meaning, Sense and World Knowledge in Lexical Semantics*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

HUBER, Joseph

1986 — *Gramática do português antigo*. Trad. port. de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

HUNDT, Christine

1994 — «Construções de verbo + substantivo: estrutura, semântica e posição dentro da fraseologia». In: *Verbo e estruturas frásicas. Actas do IV Colóquio Internacional de Linguística Hispânica* (Leipzig, 22-25 de Novembro de 1993). *Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas*. Anexo VI. Porto, pp. 267-275.

KLEIBER, Georges

1994 — *Nominales. Essais de sémantique référentielle*. Paris: Armand Colin Éditeur.

MAIA, Clarinda de Azevedo

1995 — *História da língua portuguesa. Guia de estudo*. Col. «Textos Pedagógicos e Didáticos», n.º 3. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MARTINET, André

1991 — *Elementos de linguística geral*. Trad. adaptada para leitores de língua portuguesa do original francês *Éléments de linguistique générale*, por Jorge Morais Barbosa. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 11ª edição.

MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO e Inês DUARTE

1994 — *Gramática da língua portuguesa*. 4ª edição. Colec. «Universitátia», série LINGUÍSTICA. Lisboa: Editorial Caminho.

**MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub
FARIA et alii**

2003 — *Gramática da língua portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Colec. «Universitátia», série LINGUÍSTICA. Lisboa: Editorial Caminho.

MAURO, Tullio de e Vincenzo LO CASCIO (a cura di)

1997 — *Lessico e grammatica. Teorie linguistiche e applicazioni lessicografiche*. Atti del Convegno Interannuale della Società di Linguistica Italiana (Madrid, 21-25 febbraio 1995). Roma: Bulzoni Editore.

MEYER-LÜBKE, Wilhelm

1895 — *Grammaire des langues romanes* (traduction par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint). Tome II : *Morphologie*. Paris : H. Welter Éditeurs.

1968 — *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. 4ª edição. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag.

NUNES, José Joaquim

1989 — *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)*.
9ª ed. Lisboa: Clássica Editora.

NUYTS, Jan and Eric PEDERSON (edited by)

1997 — *Language and Conceptualization*. Cambridge: Cambridge University
Press.

OLIVEIRA, Fátima

2003 — «Tempo e aspecto». In: Maria Helena Mira MATEUS, Ana Maria
BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA *et alii* – *Gramática da
Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Colec.
«Universitátia», série LINGUÍSTICA. Lisboa: Editorial Caminho,
capítulo 6, pp. 127-178.

PENA, Jesús

1980 — «La derivación en español. Verbos derivados y sustantivos verbales».
In: *Verba*, anexo 16. Santiago: Universidade de Santiago de Compostela.

1993 — «La formación de verbos en español: la sufijación verbal». In: Soledad
VARELA (ed) — *La formación de palabras*. Madrid: Taurus Ediciones,
pp. 217-281.

PENSADO, M. Carmen

1999 — «Morfología y fonología. Fenómenos morfofonológicos». In: Ignacio BOSQUE y Violeta DEMONTE (dirigida por) — *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3: «Entre la oración y el discurso/Morfología». Madrid: Real Academia Española/ Espasa Calpe, S.A., capítulo 68, p. 4423-4504.

PEREIRA, Rui Abel Rodrigues

2000 — *Formação de verbos em português: a prefixação com a(d)-, en- e es-*. Dissertação de Mestrado (inérita), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

PIERA, Carlos & Soledad VARELA

1999 — «Relaciones entre morfología y sintaxis». In: Ignacio BOSQUE y Violeta DEMONTE (dirigida por) — *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3: «Entre la oración y el discurso/Morfología». Madrid: Real Academia Española/ Espasa Calpe, S.A., capítulo 67, p. 4367-4422.

PLAG, Ingo

1999 — *Morphological Productivity. Structural Constraints in English Derivation*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

RAPOSO, Eduardo

- 1992 — *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Colec. «Universitátia», série LINGUÍSTICA. Lisboa: Editorial Caminho.

RIO-TORTO, Graça Maria

- 1993 — *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Coimbra, Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Coimbra (inérita).
- 1994 — «Formação de verbos em português: parassíntese, circunfixação e/ou derivação?». In: *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (Coimbra, Faculdade de Letras, 29-31 de Outubro de 1993). Lisboa: Edições Colibri, p. 351-362.
- 1997 — «Construção e interpretação: o exemplo dos nomes heterocategoriais». In: *Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, p. 815-834.
- 1998a — *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Col. «Linguística». Porto: Porto Editora.
- 1998b — «Padrões de formação de verbos em português». In: *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XXII, Coimbra, pp. 293-327.

RODRIGUES, Alexandra Filipa Soares

2000 — *A construção de postverbais em português*. Dissertação de Mestrado (inédita), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SANDMANN, Antônio José

1989 — *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Editora Ícone.

1994 — «Salto de etapas na formação de palavras». In: *DELTA*, vol. 10, n.º 1, p. 83-87.

SCALISE, Sergio

1983 — *Morfologia lessicale*. Padova: Clesp Editrice, pp. 202-208.

1994 — *Morfologia*. Bologna: Il Mulino.

SERRANO-DOLADER, David

1999 — «La derivación verbal y la parasíntesis». In: Ignacio BOSQUE y Violeta DEMONTE (dirigida por) – *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3: «Entre la oración y el discurso/Morfología». Madrid: Real Academia Española/ Espasa Calpe, S.A., capítulo 72, p. 4683-4755.

SPENCER, Andrew

- 1991 — Morphological Theory. An Introduction to Word Structure in Generative Grammar. Oxford UK & Cambridge USA: Basil Blackwell, p. 20, p. 184.

VILELA, Mário

- 1992 — *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Livraria Almedina.
- 1994 — *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- 1999 — *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática de texto*. Coimbra: Livraria Almedina.

VILLALVA, Alina

- 1986 — *Estruturas morfológicas*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva (inérita), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- 1995 — «Configurações não binárias em morfologia». In: *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, p. 583-597.
- 1998 — «Identidade das estruturas morfológicas». In: *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza* (Università di

Palermo, 18-24 settembre 1995), Sezione 2: «Morfologia e sintassi delle lingue romanze». Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p. 861-866.

2000 — *Estruturas morfológicas. Unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

2003 — «Estrutura morfológica básica»; «Formação de palavras: afixação». In: Maria Helena Mira MATEUS, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA *et alii* – *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª edição, revista e aumentada. Colec. «Universitátia», série LINGUÍSTICA. Lisboa: Editorial Caminho, capítulos 22 e 23, pp. 917-967.

WILLEMS, D.

1979 — «Syntaxe, morphosyntaxe et sémantique. Les verbes dérivés». In : *Cahiers de lexicologie*, vol. XXXV, 1979-II, p. 3-25.

FONTES

I. LEXICOGRÁFICAS

1. Em suporte de papel

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

2001 — *Dicionário da língua portuguesa contemporânea* [DLPC]. Lisboa:
Editorial Verbo, 2 vols.

ANDRADE, Ernesto d'

1993 — *Dicionário inverso do português* [DIP]. Lisboa: Edições Cosmos.

BUSSE, Winfried (coordenador)

1994 — *Dicionário sintático de verbos portugueses* [DSVP] Coimbra: Livraria
Almedina.

COROMINAS, Joan y José A. PASCUAL

1986 — *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico* [DCECH].
Madrid: Editorial Gredos, 5 vols.

CUNHA, Antônio Geraldo da

1999 — *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* [DENFLP]. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2.^a edição, revista e acrescida de um suplemento, 11.^a impressão.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda

1999 — *Novo dicionário da língua portuguesa* [NDALP]. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2.^a edição revista e aumentada, 44.^a reimpressão.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA

2002 e 2003 — *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* [DHLP]. Lisboa: Círculo de Leitores. (Tomos I e II: 2002; Tomos III e IV: 2003).

MACHADO, José Pedro (coordenação)

1996 e 1997 — *Grande dicionário da língua portuguesa* [GDLP]. Lisboa: Círculo de Leitores, 6 vols. (Tomos I-III: 1996; Tomos. IV-VI: 1997).

2. Em suporte informático

1998 — *Dicionário da língua portuguesa* [e-DLP]. Porto: Porto Editora Multimédia e Priberam Informática (em CD-ROM).

II. ENCICLOPÉDICAS

1997-1999 — *Nova enciclopédia Larousse* [NEL]. Lisboa: Círculo de Leitores.

22 vols. (Vol. 2: 1997; Vol. 3.: 1997; Vol. 12: 1998; Vol. 16: 1998;

Vol. 22: 1999).

III. JORNAIS E REVISTAS

1. Em suporte de papel

REBELO, Aníbal

2003 — «Imagens de plasmar». In: *Revista Unibanco*, nº 95, Março-Abril, pp. 16-19.

SANTOS, Albertine

2001a — «A novidade de ser avó». Crónica «Avosar», in: *Pais & Filhos*, n.º 121, Fevereiro, p. 146.

2001b — «A arte de ser avô». Crónica «Avosar», in: *Pais & Filhos*, n.º 123, Abril, p. 146.

2001c — «A propósito de um encontro de avós», in: *Pais & Filhos*, n.º125, Junho, p. 160.

2. Na Internet

ARAÚJO, Celeste

2003 — «"Sandwich" ou sandes? Não é essa a questão». In: *Público*, página consultada em 11.05.2003
<<http://jornal.publico.pt/2003/05/11/Cultura/C01.html>>

PÚBLICO

2003 — In: *Público*, página consultada em 14.03.2003
<http://jornal.publico.pt/2003/03/14/Educacao/B02.html>

ANEXO

ANEXO

O anexo deste trabalho é constituído pelo inventário dos verbos e respectivas bases apresentados ao longo da dissertação. Não representa todo o *corpus* estudado, mas apenas aquele que aí surge citado.

A informação apresentada tem por base o e-DLP, uma vez que este dicionário foi, predominantemente, o suporte utilizado para a recolha do *corpus*. No entanto, algumas informações, julgadas não pertinentes para o estudo em causa, foram retiradas, como indicações de carácter fonético, expressões idiomáticas, entre outras. No caso de formas homónimas, guarda-se apenas aquela que é pertinente para a construção deste *corpus* específico.

As abreviaturas relativas aos dicionários utilizados na elaboração deste *corpus* são as seguintes:

e-DLP — *Dicionário da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora Multimédia e Priberam Informática, 1998 (em CD-ROM).

DCECH — Joan COROMINAS y José A. PASCUAL (1986) — *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Editorial Gredos, 5 vols.

DENFLP — António Geraldo da CUNHA (1999) — *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2.^a edição revista e acrescida de um suplemento, 11.^a impressão.

DHLP — INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA (2002 e 2003) — *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores. (Tomos I e II: 2002; Tomos III e IV: 2003)

DIP — Ernesto d'ANDRADE (1993) — *Dicionário inverso do português*. Lisboa: Edições Cosmos.

DLPC — ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (2001) — *Dicionário da língua portuguesa contemporânea*. Lisboa: Editorial Verbo, 2 vols.

GDLP — José Pedro MACHADO (coordenação) (1996 e 1997) — *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 6 vols. (Tomos I-III: 1996; Tomos. IV-VI: 1997).

NDALP — Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA (1999) — *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2.^a edição revista e aumentada, 44.^a reimpressão.

BASE NOMINAL/ADJECTIVAL	VERBO DERIVADO
<p>Aba, 1. s. f., parte inferior ou pendente de algumas peças de vestuário; parte inferior do chapéu; parte suplementar de uma mesa para dar, quando levantada, maior superfície utilizável; prolongamento de um telhado para além da prumada das paredes; cada um dos painéis laterais dos trípticos; sopé; falda; margem; orla; carne de rês de entre a mão e a perna; espécie de capote; (fig.) protecção; pl., arredores; faldas. 2., s. f., espécie de manto usado pelos Beduínos; tecido grosseiro de lã.</p>	<p>Abar, v. tr., prover de aba; levantar as abas de.</p>
<p>Abanico, s. m., abano pequeno; leque.</p>	<p>Abanicar, v. tr., abanar com abanico.</p>
<p>Abelha, s. f., insecto himenóptero, da fam. dos Apídeos, que vive em enxames e produz mel e cera; representação simbólica do trabalho; (fig.) mulher astuciosa; pessoa que dirige outra com cuidado excessivo.</p>	<p>Abelhar, v. intr., concorrer com uma quantia para um fim de interesse comum; esportular-se; v. refl. (fig.) andar diligente; trabalhar com canseira.</p>
<p>Absíntio, s. m., planta aromática da fam. das Compostas, espontânea e cultivada, também conhecida por losna, alosna e sintro; licor preparado com esta planta.</p>	<p>Absintiar, v. tr., misturar com absíntio; tornar amargoso.</p>
<p>Açafrão, s. m., planta da fam. das Iridáceas, também designada açafroeira e açafior, de cuja flor se extrai um corante amarelo-alaranjado aplicado em culinária, em farmácia e em medicina; (Bras.) o m. q. urucu.</p>	<p>Açafroar, v. tr., condimentar com açafrão.</p>
<p>Activo, adj., que tem actividade; enérgico; diligente; diz-se de um verbo que pede complemento directo; (psic.) na caracterologia de Heymans-Le Senne, indivíduo em que dominam as tendências para a acção, geralmente enérgico, alegre, optimista; s. m., aquilo que o comerciante possui; débito de uma conta.</p>	<p>Activar, v. tr., dar actividade a; apressar a execução de; estimular; atear.</p>
<p>Açúcar, s. m., substância doce extraída da cana-sacarina e da beterraba; sacarose; pl., nome geral dado aos glicidos solúveis, como a glicose, a sacarose, a lactose e outros; (fig.) suavidade; doçura; engodo.</p>	<p>Açucarar, v. tr., deitar açúcar em; adoçar; (fig.) suavizar; abrandar; tornar meigo.</p>
<p>Adega, s. f., parte de uma casa onde se guarda o vinho ou o azeite envasilhado e outras provisões.</p>	<p>Adegar, v. tr., recolher na adega; v. intr., beber de mais.</p>

Adufa , s. f., protecção formada por pequenas tábuas de madeira colocadas por fora da janela; represa; abertura em barragem ou canal para escoamento de água; taipal colocado nas sineiras para fazer baixar o som dos sinos.	Adufar , 1. v. tr., guarnecer com adufas.
Adufe , s. m., pandeiro quadrado com guizos.	Adufar , 2. v. intr., tocar adufe.
Adunco , adj., em forma de garra; curvo.	Aduncar , v. tr., tornar adunco.
Afeição , s. f., acto ou efeito de afeioar ou afeioar-se; afecto; amizade; simpatia; inclinação.	Afeioar , v. tr., dar feição a; dar forma a; v. tr. fazer ganhar afeição; v. refl. criar afeição.
Agrafo , s. m., grampo metálico que serve para prender folhas de papel umas às outras ou para suturas; grampo de papel.	Agrafar , v. tr., prender com agrafos.
Aguarela , s. f., tinta apropriada para aplicação de tons uniformes e transparentes; pintura com esta tinta; (Bras.) aquarela.	Aguarelar , v. tr., pintar a aguarela.
Águia , s. f., nome vulgar comum a algumas aves de rapina, diurnas, geralmente de grande envergadura, especialmente da fam. dos Falconídeos, como a águia-real ou águia-dourada, a águia-pesqueira, o aurifrisio ou mugeiro, a águia-caçadeira, a águia-pequena, a águia-de-espádua-branca, etc.; moeda de ouro dos Estados Unidos; (astr.) constelação do hemisfério boreal (nesta acepção, grafa-se com inicial maiúscula); (fig.) pessoa de espírito penetrante, perspicaz.	Aguiar , v. intr. (reg.) fazer tratantadas.
Aguilhão , s. m., ponta de ferro das agulhadas; ferrão dos insectos; (fig.) estímulo; tormento.	Aguilhoar , v. tr., picar com aguilhão; ferir; (fig.) estimular; incitar; pungir.
Agulha , s. f., pequena haste de metal pontiaguda e furada numa das extremidades, para costura; tubo metálico de pequeno calibre, afiado em bisel numa das extremidades, para injeções; haste cilíndrica, com extremidade pontiaguda ou farpada, para trabalhos de malha; haste pontiaguda componente ou acessória de vários instrumentos ou aparelhos; ofício de costureira ou de alfaiate; pequeno carril com ponta aguçada, móvel em torno de um eixo, que serve para dar passagem a comboios de uma linha para a outra; travessa que serve para mover a vara do lagar; modo de jazida da rocha vulcânica que se consolidou no interior da chaminé do vulcão que a originou e mais tarde se deslocou	Agulhar , v. tr., ferir com agulha; v. intr., meter a agulha do lagar no agulheiro; (fig.) incitar.

para o exterior; extremidade pontiaguda; (ictiol.) o m. q. espadarte e peixe-agulha; (geog.) cume pontiagudo de montanha; (fig.) sabor picante de certos vinhos; pessoa intrigante; pl., folhas aciculares persistentes, reunidas aos pares, na base, por uma bainha membranosa.	
Alabarda , s. f., arma composta de uma haste longa, terminada em ferro largo e pontiagudo e atravessada por outro ferro em forma de meia-lua.	Alabardar , v. tr., armar ou prover de alabarda.
Alambique , s. m., aparelho que serve para fazer destilações.	Alambicar , v. tr., destilar no alambique; (fig.) examinar minuciosamente; tornar afectado; requintar; v. refl., afectar-se.
Alameda , s. f., lugar plantado de álamos; rua ladeada de árvores; lugar com muitas ruas arborizadas.	Alamedar , v. tr., dispor em forma de alameda; orlar de árvores.
Alarde , s. m., aparato; ostentação; vaidade.	Alardear , v. tr., fazer alarde de; gabar-se de; ostentar; apregoar; v. intr., bazofiar; (cul.) o m. q. lardear. ¹⁰⁸
Alaúde , s. m., antigo instrumento musical, de cordas, idêntico à guitarra, mas com a parte que suporta as cravelhas dobrada em pronunciado ângulo com o braço; embarcação usada na pesca do atum.	Alaudar , v. tr., dar forma ou som de alaúde a.
Alcantil , s. m., rocha escarpada; despenhadeiro; píncaro.	Alcantilar , v. tr., dar forma de alcantil a; v. refl., guindar-se.
Alcatifa , s. f., tapete grande com que se reveste um pavimento; passamanes.	Alcatifar , v. tr., revestir com alcatifa; atapetar.
Alcatrão , s. m., produto pirogénico da destilação de certas madeiras resinosas e da hulha; substância resinosa composta de pez líquido, resina e óleo ou sebo; (Bras.) asfalto.	Alcatroar , v. tr., untar, misturar ou cobrir com alcatrão.
Alcofa , s. f., cesto feito de palma ou de esparto; s. 2 gén., alcoviteiro ou alcoviteira.	Alcofar , v. tr., meter em alcofa; (fig.) inculcar, servindo de alcoviteiro.
Alcunha , s. f., epíteto dado a alguém e geralmente derivado de certa particularidade física ou moral; apelido depreciativo.	Alcunhar , v. tr., pôr alcunha a; apelidar; denominar; designar pela alcunha.
Aldraba , s. f., tranqueta de ferro com que se fecha a porta; peça metálica para bater às portas; peça	Aldrabar 1 , v. tr., fechar com aldraba.

¹⁰⁸ A formação deste verbo suscita-nos algumas dúvidas. O e-DLP apresenta-o como sufixado por *-e-ar*. No entanto, os dicionários DHLP e DENFLP consideram que a sua base é o tema [alarde]_{TN} e não o radical [alard]_{RN}.

utilizada para fixar as folhas das portas e janelas.	
Aldrabão , adj. e s. m., trapalhão; impostor; trapaceiro; mentiroso.	Aldrabar 2. v. tr., fazer ou dizer depressa e mal; mentir a; enganar; v. intr., mentir. ¹⁰⁹
Alfaia , s. f., objecto ou utensílio adequado a um fim; jóia de valor; veste sacerdotal; utensílio de lavoura; adorno; baixela; arreio.	Alfaiar , v. tr., prover de alfaias; adornar.
Alfândega , s. f. repartição dos serviços aduaneiros onde se dão ao manifesto e registam mercadorias de importação e exportação e se fiscalizam e cobram direitos de entrada e saída das mesmas; (fig.) casa em que há muito movimento; o m. q. aduana.	Alfandegar , v. tr., despachar ou arrecadar na alfândega; pagar os direitos aduaneiros de.
Alfarroba , s. f., fruto (vagem), de sabor adocicado e de grande valor nutritivo, produzido pela alfarrobeira; o m. q. alfarrobeira.	Alfarrobar , v. tr., esfregar (as linhas de pesca) com alfarrobas verdes para as enrijar.
Alforge , s. m., espécie de saco fechado nas extremidades e aberto ao meio, formando dois compartimentos, que se traz ao ombro ou sobre a montada; porção contida no alforge; (fig.) volume grande.	Alforjar , v. tr. meter em alforge; arrecadar nas algibeiras.
Alforria , s. f. liberdade concedida ao escravo pelo senhor; libertação; liberdade; carta de ~: documento que dá a libertação.	Alforriar , v. tr., dar carta de alforria a; libertar; resgatar.
Algália , s. f., sonda oca para extracção de urinas, etc.	Algaliar , v. tr., introduzir a algália em; sondar com algália; extrair urinas pela algália a; v. refl. (reg.) andar na pândega.
Alguergue , s. m., antigo jogo de pedrinhas sobre uma tábua riscada a modo de rosa-dos-ventos; pedrinha com que se fazem mosaicos; pedra do lagar onde se colocam as seiras da azeitona.	Alguergar , v. tr., adornar com alguergues.
Alicerce , s. m., fundação; parte inferior de uma construção (edifício, ponte, etc.) de alvenaria, betão, enrocamento, etc., normalmente não visível e por intermédio da qual as suas cargas são distribuídas sobre o terreno; base de alguma coisa;	Alicerçar , v. tr., fazer o alicerce de; (fig.) fundar solidamente; basear.

¹⁰⁹ Uma vez que o e-DLP é omissivo quanto aos elementos intervenientes no processo de formação deste verbo, recorremos a outros para nos certificarmos de que *aldrabar*, derivado de *aldrabão*, deve ser incluído no grupo dos verbos em estudo. Citamos aqui a informação veiculada pelo DHL: «ETIM rad. de aldrabão + -ar». No DENFLP surge unicamente o verbo *aldrabar*, derivado de *aldraba*. Não há qualquer referência nem a *aldrabão*, nem a um verbo derivado deste.

(fig.) fundamento; sustentáculo.	
Almécega , s. f., goma-resina que se extrai da almecegueira e se emprega na preparação de vernizes e produtos farmacêuticos, também designada mástique; o m. q. almecegueira.	Almecegar , v. tr., tingir com almécega; juntar almécega a.
Almoço , s. m., primeira das principais refeições do dia.	Almoçar , v. intr., comer o almoço; v. tr., comer ao almoço.
Almoeda , s. f., venda em hasta pública; leilão.	Almoedar , v. tr., pôr em almoeda; leiloar.
Almofaça , s. f., escova de arame empregada na limpeza dos solípedes.	Almofaçar , v. tr., limpar com almofaça.
Almofada , s. f., espécie de saco cheio de uma substância fofa para assento ou recosto da cabeça; peça de madeira saliente nas portas ou janelas; peça de tecido nas camas de estilo (cabeceira); plano fixo de material duro onde assenta o cutelo central da balança comum de pratos suspensos; traveseiro pequeno; pasta embebida em tinta, para molhar carimbos.	Almofadar , v. tr., cobrir ou guarnecer de almofadas; enchumaçar; sotopor a um objecto qualquer peça ou suporte que o alteie.
Alquimia , s. f., espécie de pré-química, ou seja, de química ainda não científica, praticada na Idade Média pelos Árabes e depois pelos Ocidentais, a qual procurava obter, principalmente pela transmutação dos corpos, o ouro, a panacea e a chamada pedra filosofal.	Alquimiar , v. intr., praticar a alquimia; fingir; falsificar.
Alvaiade , s. m., pigmento branco; ~ de chumbo: hidroxicarbonato de chumbo, tóxico, branco, usado em pintura a óleo.	Alvaiadar , v. tr., pintar com alvaiade.
Amarelo , adj., que tem a cor da gema do ovo ou do ouro; pálido; descorado; s. m., uma das cores do espectro solar; a cor amarela.	Amarelar , v. tr., tornar amarelo; v. intr. tornar-se amarelo; ficar amarelo; o m. q. amarelecer. Amarelecer , v. intr., tornar-se amarelo; empalidecer; desmaiar.
Amásio , s. m., indivíduo amancebado; amante. Amásia , s. f., concubina; amante.	Amasiar-se , v. refl., amancebar-se.
Ameaça , s. f., palavra, gesto ou sinal indicativo do mal que se quer fazer a alguém; prenúncio de um mal ou doença; advertência.	Ameaçar , v. tr., dirigir ameaças a; anunciar a outrem, com o intuito de lhe inculcar receio, terror, insegurança, que lhe vai ser causado qualquer mal; manifestar a intenção de produzir um mal que, além de injusto, constitui crime; intimidar; pôr em perigo; v. intr., estar iminente.

Ameia , s. f., abertura no alto da muralha de uma fortificação por onde se visava o inimigo.	Ameiar , v. tr., o m. q. amear. Amear , v. tr., guarnecer de ameias.
Amido , s. m. (quím.) designação genérica de compostos de carbono, oxigénio e hidrogénio, glícidos polissacarídeos, muito abundantes nos vegetais, especialmente nos tubérculos, rizomas e sementes, sendo o amido da batata (fécula) um pó branco muito usado na alimentação e na indústria.	Amidar , v. tr., preparar com amido.
Amigo , s. m., aquele que estima outra pessoa ou é por ela estimado; partidário; amásio; amante; adj., afeiçoado; aliado.	Amigar , v. tr., tornar amigo; v. refl., ligar-se em concubinato; amancebar-se.
Amnésia , s. f., perturbação mais ou menos profunda da memória.	Amnesiar , v. tr., causar amnésia a.
Amnistia , s. f., medida de clemência que se traduz no esquecimento e desaparecimento da natureza criminal dos factos (o crime é considerado como não cometido), restituindo ao amnistiado os direitos que fruía antes da condenação.	Amnistiar , v. tr., conceder amnistia a; perdoar a.
Amouco , s. m., índio que jura morrer pelo seu chefe; (fig.) homem servil; partidário acérrimo.	Amoucar-se , v. refl., tornar-se amouco.
Anafa , s. f., nome vulgar de umas plantas herbáceas, da fam. das Leguminosas (anafa, anafa-de-itália, anafa-menor ou trevo-de-cheiro), usadas como forragem.	Anafar , v. tr., alimentar com anafa; tornar nédio; cevar; engordar.
Ananico , adj. e s. m. anãozinho; anão.	Ananicar , v. tr., tornar anão; não deixar crescer; enfraquecer.
Ancinho , s. m., instrumento agrícola em forma de pente para juntar palha, feno, etc.; espécie de rede empregada no Mondego na pesca do berbigão.	Ancinhar , v. tr., limpar ou trabalhar com ancinho.
Andarilho , s. m., o que anda muito e depressa; o que, nas touradas, apanha as farpas na arena; portador de cartas ou notícias; andadeiro.	Andarilhar , v. intr., servir de andarilho; andar de um lado para o outro; vaguear.
Andorinha , s. f. (ornit.) nome vulgar extensivo a uns graciosos pássaros insectívoros, de arribação, da fam. dos Hirundinídeos, como a andorinha-das-casas, a andorinha-dos-poços, etc.; (bot.) planta herbácea da fam. das Liliáceas, ou a sua flor;	Andorinhar , v. int., viver como andorinha, mudando de paradeiro em cada estação. ¹¹⁰

¹¹⁰ O verbo *andorinhar* consta do DHLP e do GDLP. A significação que aqui transcrevemos é a do DHLP.

(náut.) barco de corrida, à vela; (Bras.) tipo de lancha a vapor; carro especial para transporte de mobiliário.	
Anel , s. m., pequena argola, geralmente de ouro, que se traz nos dedos; arco; elo; espiral de cabelo frisado ou encaracolado; cada uma das peças de uma corrente; (mat.) conjunto onde estão definidas duas operações, com propriedades formalmente idênticas às da adição e multiplicação dos inteiros; (bot.) série de células de paredes internas e laterais muito espessas, existentes nos arquídios (invólucro dos esporângios) dos fetos; parte do véu que, em alguns cogumelos, permanece presa ao pé, depois de o chapéu estar aberto, e que também se denomina calça; (zool.) cada uma das partes constituintes do corpo segmentado de alguns animais, também denominada segmento, zoonito e meridiano; (quím.) grupo de átomos, iguais ou diferentes, ligados uns aos outros em cadeia fechada.	Anelar , v. tr., dar feitura de anel a; encaracolar.
Anemia , s. f., insuficiência do número de glóbulos vermelhos do sangue, ou empobrecimento da qualidade desses glóbulos; enfraquecimento; astenia.	Anemiar , v. tr., provocar anemia em; enfraquecer.
Anestesia , s. f., ausência ou perda do conjunto, de vários ou de um dos modos da sensibilidade; supressão temporária da sensibilidade, mediante técnicas utilizadas em cirurgia, para fins operatórios, exploratórios, terapêuticos (pode ser geral, regional, local); acto de anestesia.	Anestésiar , v. tr., provocar anestesia em. ¹¹¹
Anil , s. m., o m. q. índigo (matéria corante).	Anilar , v. tr., tingir de anil; esmaltar de azul.
Anilha , s. f., pequena argola ou arco; anel de ferro com que se prendem os polegares dos criminosos; enfeite usado pelos selvagens, nos braços e nas pernas; aro de metal com chapa circular e perfurada; acessório para certas aplicações de	Anilhar , v. tr., colocar anilhas em.

¹¹¹ O DENFLP apresenta o verbo *anestésiar* como proveniente do francês *anesthésier*. No entanto, os dicionários e-DLP e DHLP apresentam-no como formado em português. Também o DCECH o apresenta como formado nas línguas hispânicas. Por este facto, optámos por considerar o verbo *anestésiar* como formado em português, a partir do nome *anestesia*.

parafusos.	
Apetrecho , s. m., utensílio; ferramenta; petrecho.	Apetrechar , v. tr., munir de apetrechos; aparelhar; equipar.
Arabesco , s. m., ornato configurado com imagens de plantas, frutos, folhas, animais reais ou fantásticos (mais usado no pl., arabescos).	Arabescar , v. tr., enfeitar com arabescos; traçar em forma de arabesco; v. intr., traçar arabescos.
Arado , s. m., utensílio agrícola que serve para lavrar a terra; charrua; adj. (Bras.) esfomeado.	Aradar , v. tr., abrir sulcos com o arado em; lavrar.
Aravia , s. f., linguagem confusa; algaravia; linguagem arábica.	Araviar , v. intr., falar de maneira incompreensível.
Arca , s. f., caixa grande de forma rectangular na qual se guardam roupas, cereais, etc.; cofre; baú; (fig.) depósito; tesouro.	Arca 1 v. tr., ansiar; arquejar; (fig.) arrostar.
Arco , s. m., porção da circunferência ou de qualquer outra curva; remate superior de abertura arquitectónica, muitas vezes formado por associação de arcos de circunferência (arco pluricêntrico), ou a figura geométrica que o representa; arranjo curvilíneo de materiais, que se sustentam mutuamente no espaço com o fim de conseguir um vão como base sólida de construção; curva de abóbada; designação de certos objectos de forma anular; objecto com que se tangem as cordas de violinos e instrumentos semelhantes; vara flexível, retesada por uma corda amarrada nas extremidades, que serve para lançar setas; figura ornamental que se coloca nos lugares por onde passam procissões e cortejos; brinquedo de criança; (anat.) conjunto de peças esqueléticas tipicamente em disposição simétrica e encurvada.	Arca 2 v. tr., guarnecer de arcos; arquear; cingir; apertar com arcos; abranger; v. intr. (fig.) lutar; v. refl., vergar-se; arquear-se.
Ardósia , s. f. (petrol.) rocha metamórfica de grão muito fino, de cor cinzenta (por vezes muito escura) e fissilidade evidente; lousa.	Ardosiar , v. tr., cobrir ou forrar com ardósia.
Arenga , s. f., discurso fastidioso; alocução pública; palavrório.	Arengar , v. intr., fazer arenga; discursar; (pop.) rezingar; (reg.) fingir que trabalha.
Argola , s. f., anel de metal ou madeira; aldraba; arrecada; pl., aparelho de ginástica constituído por duas argolas suspensas de duas cordas; meter o pé na ~: errar; cometer falta.	Argolar , v. tr., prender com argola; guarnecer de argolas; dar feitio de argola a; v. intr. (gír.) errar; cometer falta.
Arisco , adj., áspero; desagradável; sacudido; bravo; (fig.) esquivo.	Ariscar , v. tr., tornar arisco; recusar; v. intr. ser arisco.

Arminho , s. m. (zool.) animal das regiões polares, de pêlo ruivo, no Verão, e alvíssimo, no Inverno; a pele deste animal; título de nobreza; (fig.) alvura; objecto muito macio e fofo.	Arminhar , v. tr., guarnecer de arminho; tornar branco como o arminho.
Arpão , s. m., instrumento empregado na pesca de grandes peixes ou cetáceos; fisga; arma indiana.	Arpoar , v. tr., atirar o arpão a; (fig.) agarrar; deitar a unha a; seduzir.
Arrátel , s. m., antiga unidade de medida de peso correspondente a 459 gramas.	Arratelar , v. tr., vender ou comprar aos arráteis; dividir em arráteis.
Arrebique , s. m., ingrediente para pintar o rosto; cosmético; (fig.) adorno exagerado, ridículo.	Arrebicar , v. tr., pôr arrebiques em; ataviar; v. refl., enfeitar-se com exagero.
Arrequife , s. m., o m. q. requife. Requife , s. m., fita estreita de passamanaria, ou cordão de bicos para debruar ou guarnecer.	Arrequifar , v. tr., guarnecer de arrequifes.
Arrida , s. f. (náut.) cada um dos cordéis que prendem os toldos à borda dos escaleres.	Arridar , v. tr., prender com arridas.
Arroba , s. f., antiga unidade de medida de peso, de 32 arráteis ou um quarto de quintal, arredondada actualmente para 15 quilogramas.	Arrobar 1. v. tr., pesar às arrobas; avaliar por arroba.
Arrobe , s. m., xarope de sumo de uva concentrado pela acção do fogo; conserva de frutas.	Arrobar , 2. v. tr., temperar com arrobe; adoçar.
Arroio , s. m., pequena corrente de água não permanente; regato.	Arroiar , v. intr., brotar; correr como arroio; serpentear.
Arruaça , s. f., motim de rua; alvoroço popular; assuada.	Arruaçar , v. intr., fazer arruaças.
Artesão , s. m., artífice em que coincidem a posse dos meios de produção, o fornecimento da força de trabalho e o contacto directo com o mercado.	Artesoar , v. tr., guarnecer com artesões.
Asilo , s. m., estabelecimento de caridade para albergar pessoas necessitadas; lugar de refúgio; (fig.) amparo; agasalho; protecção.	Asilar , v. tr., recolher em asilo; albergar por esmola; acolher fugitivos políticos; v. refl., refugiar-se.
Atabale , s. m., antiga designação do timbale; o m. q. atabaque.	Atabalar , v. intr., tocar atabales ou timbales.
Autêntico , adj., legalizado juridicamente; certificado por testemunho público; que é do autor a quem se atribui; fidedigno; verdadeiro.	Autenticar , v. tr., tornar autêntico; reconhecer como verdadeiro; (dir.) acreditar certo acto ou documento por forma que, no futuro, faça fé em juízo; certificar; legalizar.
Autógrafo , s. m., texto manuscrito pelo autor; assinatura de personagem em evidência recolhida por outrem; adj., que foi escrito pelo punho do autor.	Autografar , v. tr., reproduzir (um manuscrito) pelo processo de autografia; pôr autógrafo em; assinar pelo próprio punho.

Avelã , s. f. fruto da aveleira, comestível, de que também se extrai um óleo (óleo de avelã), muito usado em farmácia.	Avelar , v. intr., engelhar, secando; (fig.) envelhecer sem grande perda de forças.
Avença , s. f., quantia certa a pagar periodicamente por quem recebe um serviço ou fornecimento, seja qual for a sua importância ou frequência, em substituição da retribuição pelo acto prestado ou unidade fornecida, ou por desobrigação de impostos ou de franquia postal; contrato que implica o pagamento dessa quantia; conciliação entre duas partes; acordo; ajuste; (Bras.) acordo prévio.	Avençar , v. tr., tomar como avençal; fazer contrato de avença; v. refl., obrigar-se por avença.
Azedo , adj., que tem o sabor particular do limão ou do vinagre; acre; (fig.) áspero; irado; desabrido; incómodo; s. m. o sabor ácido.	Azedar , v. tr., tornar azedo; v. intr., tornar-se azedo; avinagrar; (fig.) irritar; exacerbar; v. refl. (fig.) exasperar-se.
Azeviche , s. m., variedade de lignito, compacta e susceptível de polimento, usada em joalheria.	Azevichar , v. tr., tingir de azeviche.
Azul , s. m., uma das cores do arco-íris (conforme a tonalidade, há vários cambiantes de azul: azul-celeste; azul-claro; azul-cobalto; azul-escuro; azul-ferrete; azul-marinho; azul-safira; azul-turquesa; azul-violeta, etc.) (fig.) o céu; adj. 2 gén., da cor do céu sem nuvens; cerúleo; (fig.) embaraçado.	Azular , v. tr. dar a cor azul a; pintar de azul; anilar; v. intr. (Bras.) desaparecer.
Azulejo , s. m., placa de cerâmica, pintada e vidrada numa das faces, utilizada no revestimento de paredes.	Azulejar , v. tr., pôr ou assentar azulejos em.
Baba , s. f., saliva viscosa que escorre da boca; humor viscoso segregado por alguns animais; (pop.) babadouro; s. m. homem baboso.	Babar , v. tr., molhar com baba; sujar com baba; v. refl., escorrer-lhe a baba.
Babugem , s. f., espuma produzida pela água que se agita; baba; (fig.) bagatelas; resíduos.	Babujar , v. tr., sujar com baba ou babugem; (fig.) enxovalhar; adular servilmente; pronunciar a medo; v. refl. lambuzar-se.
Bacelo , s. m., vara cortada da vide para plantar; videira brava para enxertar; vinha nova; terreno onde há plantação de videiras que são suportadas por corrimão ou estaca ou não têm suporte especial.	Bacelar , v. tr., o m. q. abacelar. Abacelar , v. tr., dispor bacelo em; plantar provisoriamente.
Bacharel , s. m., primeiro grau académico conferido por uma faculdade universitária ou escola superior; indivíduo titular desse grau; grau académico obtido em certas faculdades depois do	Bacharelar , v. tr., conferir o grau de bacharel a; v. intr. (fig.) falar muito e à toa; v. refl., tomar o grau de bacharel.

3.º ano; (fig.) palrador; tagarela.	
Badalo , s. m., peça metálica suspensa por uma argola no interior do sino, sineta ou campainha, para produzir sons; (fig.) língua.	Badalar , v. intr. dar badaladas; (fig.) falar muito; ser linguareiro, indiscreto; v. tr., agitar; referir indiscretamente.
Baga , 1. s. f. (bot.) tipo de fruto com mesocarpo carnudo e endocarpo não endurecido; designação especial do fruto do loureiro e do sabugueiro; variedade de videira cujas uvas são muito utilizadas na vinicultura; (fig.) gota. 2. s. f., pequena embarcação do arquipélago malaio.	Bagar , v. intr., criar baga graúda.
Bainha , s. f., estojo de metal ou couro onde se mete a lâmina de uma arma branca; costura dobrada na extremidade do tecido; lâmina; membrana; (bot.) parte basilar de uma folha vegetal que envolve mais ou menos o caule; vagem.	Bainhar , v. tr., fazer bainhas em; abainhar; embainhar.
Balança , s. f., utensílio que serve para fazer pesagens; instrumento destinado a comparar as massas dos corpos e também os seus pesos; símbolo da Justiça; (fig.) equilíbrio; ponderação; critério; justiça; (astr.) uma das constelações zodiacais, com quatro estrelas, das quais a α é dupla e a β é a única esverdeada visível à vista desarmada; um dos signos do Zodíaco (nestas duas últimas acepções, grafa-se com inicial maiúscula).	Balançar , v. tr., dar balanço a; fazer oscilar; agitar; equilibrar; compensar; contrapesar; v. intr., oscilar; baloiçar; (fig.) hesitar; v. refl., baloiçar-se; bamboar-se.
Balbúrdia , s. f., grande desordem e vozeria; confusão; barulho; trapalhada.	Balburdiar , v. tr. e intr., causar balbúrdia (em); confundir.
Baldão , s. m., contrariedade; trabalho frustrado; onda grande; impropério; obscenidade.	Baldoar , v. tr., insultar com baldões; proferir impropérios.
Baldroca , s. f., trapaça; engano; fraude; intrujice.	Baldrocar , v. tr. e intr., fazer baldroca; enganar.
Baliza , s. f., marco, estaca ou outro objecto que assinala um limite; bóia que indica um ponto que os navios devem evitar; conjunto formado por dois postes verticais ligados por uma trave de madeira ou de metal, que tem presa a si uma rede onde fica retida a bola nos jogos de futebol, hóquei, etc.; meta; termo.	Balizar , v. tr., marcar com balizas; (fig.) distinguir; abalizar.
Bambo , adj., frouxo; lasso; diz-se da corda que não está retesada.	Bambar , v. tr., o m. q. bambear. Bambear , v. tr., tornar bambo; afrouxar; v. intr., bambalear.

Banda , 1. s. f., parte lateral de um objecto; lado; margem; grupo musical que, quando civil, é o m. q. filarmónica; parentesco; partido. 2. s. f., lista ou faixa de cor na borda de um vestido; faixa de uma condecoração honorífica, usada a tiracolo sobre os uniformes.	Bandar , v. tr. guarnecer de banda (o escudo); pôr bandas a (vestido).
Baracha , s. f., cada um dos taludes de terra batida que separam os talhões ou compartimentos das salinas e por onde os trabalhadores se deslocam; o m. q. maracha.	Barachar , v. tr., guarnecer de barachas; separar com barachas.
Barba , s. f., conjunto de pêlos que se desenvolvem no queixo e nas faces do homem adulto ou no focinho de alguns outros animais; queixo; mento; cada uma das ramificações laterais do ráquis de uma pena; feixe de arestas ou de outros órgãos filiformes de algumas plantas, como os estiletos das flores do milho (barbas-de-milho); pragana de uma espiga; pl., pagamento anual ao barbeiro pelos serviços prestados.	Barbar , v. intr., começar a ter barba; criar raízes.
Barbela , s. f., peça ou cadeia de ferro que guarnece e aperta a barbada do cavalo; dobra desenvolvida da pele pendente da parte inferior do pescoço, especialmente dos bovinos, também denominada barbada e papada; farpinha do anzol e da agulha de meia ou de croché; queixo; barba; saliência adiposa por baixo do queixo.	Barbelar , v. tr., pôr barbela a; farpar.
Barda , 1. s. f., tapume formado por silvas ou ramos de outras plantas; sebe; divisão de madeira num carro; pranchão com que se escoram ou protegem muros ou paredes; camada; quantidade. 2. s. f., armadura de ferro para o peito do cavalo.	Bardar , v. tr., cercar com bardas; cobrir com bardas.
Barrica , s. f., vasilha feita de aduelas, em forma de pipa, destinada a sólidos e líquidos.	Barricar , v. tr., construir barricadas em; defender com barricadas. ¹¹²
Barulho , s. m., grande bulha; grande ruído; desordem; confusão; atrapalhação; (fig.)	Barulhar , v. tr., meter em barulho; amotinar; atrapalhar; v. intr., fazer barulho.

¹¹² Não deixa de ser estranho que a significação do verbo não aponte para a semântica da base *barrica*, mas da de *barricada*. No senso comum, barricar significa ‘construir barricada(s)’. Em virtude deste facto, consultámos outros dicionários — DLPC, NDALP, DHLPL, GDLP —, os quais apontam todos no mesmo sentido do e-DLP. É ainda de salientar o facto de o verbo não constar do DENFLP, apesar da presença de *barrica* e *barricada*. O GDLP dá ainda conta da existência do verbo *barricadar*, de *barricada*, que apresenta a mesma significação de *barricar*.

publicidade; notoriedade.	
Batalha , s. f., acção militar que combina, no espaço e no tempo, combates ofensivos e defensivos, capaz de decidir a consecução total ou parcial de um objectivo de uma guerra, ou seja, a destruição das forças armadas adversas; peleja; refrega; briga; discussão; controvérsia; jogo de cartas.	Batalhar , v. intr., dar batalha; combater; pelear; (fig.) porfiar; discutir acaloradamente.
Batoque , s. m., orifício na parte superior da pipa ou do tonel; rolha com que se tapa este orifício; (fig.) pessoa baixa e gorda.	Batocar , v. tr., tapar com batoque; abatocar.
Batuque , s. m., espécie de tambor que os Negros de África tocam com os dedos; dança dos Negros; ruído de golpes repetidos.	Batucar , v. intr., dançar o batuque; bater repetidas vezes; martelar.
Beijoca , s. f., beijo sonoro.	Beijocar , v. tr., beijar a miúdo e com estalido.
Bemol , s. m. (mús.) sinal musical, em forma de b, indicativo de que a nota por ele antecedida deve baixar meio tom.	Bemolar , v. tr., afectar com bemol; o m. q. bemolizar. Bemolizar , v. tr., o m. q. bemolar.
Bicho , s. m., designação generalizada aos animais, especialmente aos pequenos; (fig.) pessoa intratável ou feia; (acad.) estudante do liceu.	Bichar , v. intr. criar bicho; encher-se de bichos (a fruta).
Bico , s. m., aquilo que tem forma saliente mais ou menos pontiaguda; extremidade aguçada; ponta; formação córnea, constituída por duas partes, de que está provida a boca das aves e de alguns outros animais; ave doméstica; aparo de escrever; boca de maxilas salientes em alguns peixes; boca de homem; princípio de bebedeira; bebedor de vinho; (fig.) pessoa astuciosa; pessoa de porte suspeito; pl., pretextos; pequenos serviços.	Bicar , v. tr. e intr., picar com o bico; dar bicadas; nicar; ficar ébrio.
Biografia , s. f., descrição da vida de alguém.	Biografar , v. tr., fazer a biografia de; v. refl., descrever a própria vida; fazer a autobiografia.
Bisca , s. f., jogo de cartas; manilha; a carta de jogar com maior número de pintas; (pop.) escarro; (fig.) remoque; piada; pessoa de mau carácter.	Biscar , v. intr., tirar uma carta do baralho, no jogo da bisca.
Bisel , s. m., corte ou talhe nos bordos de uma lâmina ou face plana de um objecto, que forma diedro obtuso com a superfície da face sobre que foi efectuado; o gume de certos objectos cortantes, como o formão; chanfradura.	Biselar , v. tr., cortar em bisel; chanfrar.

<p>Bisnaga, s. f., tubo cheio de líquido aromático utilizado em folguedos carnavalescos; (Bras.) lança-perfume; tubo, em regra metálico, que contém pasta dentífrica ou produto medicinal; (bot.) planta, da fam. das Umbelíferas, espontânea em Portugal, também denominada bisnaga-das-searas e paliteira.</p>	<p>Bisnagar, v. tr., borrifar com bisnaga.</p>
<p>Bivaque, s. m., acampamento em tendas de campanha ou abrigos provisórios; modalidade de estacionamento de tropas em que estas se alojam em tendas ou abrigos improvisados; espécie de barrete sobre o comprido, que faz parte de certas fardas.</p>	<p>Bivacar, v. intr., estabelecer-se em bivaque; acampar ao ar livre.</p>
<p>Boca, s. f., cavidade que forma a primeira parte do aparelho digestivo e pela qual se introduzem os alimentos; lábios; pessoa que come; entrada ou saída de rua ou caminho; entrada de forno; abertura anterior do cano ou tubo de uma arma; foz de um rio; cratera; mossa ou falha no gume de um utensílio cortante; (náut.) a maior largura do navio ou embarcação; (gír.) dito provocatório.</p>	<p>Bocar, v. tr., o m. q. abocar.</p> <p>Abocar, v. tr., apanhar com a boca; tocar com a boca; chegar à entrada de; assestar; (fig.) abichar; obter.</p>
<p>Bocel, s. m., moldura redonda na base de uma coluna; toro; (mil.) rebordo circular na base dos cartuchos das munições das armas de fogo onde prende a garra do extractor.</p>	<p>Bocelar, v. tr., dar forma de bocel a; ornar com bocel.</p>
<p>Bochecha, s. f. parte saliente e carnuda de cada uma das faces.</p>	<p>Bochechar, v. tr. e intr., agitar um líquido na boca pelo movimento das bochechas.</p>
<p>Bola, s. f., corpo redondo em toda a sua superfície; esfera; (pop.) cabeça; pessoa baixa e gorda; pl., pó de carvão amassado em forma de bolas, para os fogões.</p>	<p>Bolar 1. v. intr., acertar com a bola; lançar a bola para início de uma jogada.</p>
<p>Bolo, 1. s. m., massa de farinha e outros ingredientes, doce ou não, de forma redonda, cozida no forno ou frita; palmatoada. 2. s. m., prestação anual com que os habitantes de uma freguesia contribuem para a sustentação do seu pároco; quantia formada pelas entradas e multas dos parceiros, ao jogo.</p>	<p>Bolar 2. v. intr., fazer bolo, em jogo de vaza; ter sorte ou sair-se bem num negócio.</p>
<p>Bolha, s. f., vesícula à superfície da pele; glóbulo formado pelo ar nos líquidos em ebulição; empola; (fig.) telha; mania.</p>	<p>Bolhar, v. tr., fazer sair em borbotões; v. intr., formar bolhas; borbulhar.</p>

Bolso , s. m., saquinha de pano, geralmente na parte interna do vestuário, para cada um guardar o que habitualmente traz consigo; fole que faz o vestuário mal talhado; dinheiro que se traz para despesas ocorrentes; o m. q. algibeira.	Bolsar , v. tr., fazer bolsos ou foles em; enfunar.
Bonança , s. f., estado do mar propício à navegação; calma; sossego; tranquilidade do espírito.	Bonançar , v. intr., o m. q. abonançar. Abonançar , v. tr. e intr., tornar bonançoso; amansar; serenar.
Borraça , s. f. (reg.) chuvisco; nevoeiro espesso.	Borraçar , v. intr. (reg.) chuviscar; o m. q. morraçar.
Borrego , s. m., carneiro até um ano de idade; (fig.) pessoa excessivamente boa e pacífica; animal muito manso.	Borregar , v. intr., berrar como um borrego; berregar; (aeron.) abortar a aterragem.
Brinde , s. m., presente; mimo; acto de brindar.	Brindar , v. tr. presentear; v. intr. trazer brindes; beber à saúde de alguém.
Broca , s. f., instrumento destinado à perfuração por rotação; instrumento cortante rotativo com que o dentista perfura e limpa cavidades de dentes cariados; eixo de fechadura que entra no buraco da chave; pua; cavidade num canhão de artilharia; nica; ferroada de pião; fístula; chaga; mentira; patranha.	Brocar , v. tr., vaziar com broca.
Brocha , s. f., prego curto e de cabeça larga; cunha ou chaveta na extremidade do eixo do carro para segurar a roda; correia que liga a canga ao pescoço do boi; cinta para apertar alporcas; corda que vai de fueiro a fueiro para impedir que estes se desloquem com o peso da carga.	Brochar , v. tr., pregar brochas em (calçado).
Broquel , s. m., escudo pequeno; (fig.) protecção; defesa.	Broquelar , v. tr., o m. q. abroquelar. Abroquelar , v. tr., cobrir com broquel; escudar; v. refl. (fig.) defender-se; amparar-se; escudar-se.
Bulha , s. f., confusão de sons; desordem; barulho; rebuliço.	Bulhar , v. intr., andar às bulhas; brigar; armar desordem.
Bumba! interj., zás! Bombo , s. m., tambor grande; zabumba.	Bumbar , v. tr. (reg.) bater como quem bate em bombo; espancar.
Buraco , s. m., abertura ou rotura em qualquer superfície; orifício; furo; cova; cavidade; toca; (fig.) casa pequena.	Buracar , v. tr., o m. q. esburacar. Esburacar , v. tr., fazer buracos em; furar; v. refl.,

	encher-se de buracos; romper-se.
Buril , s. m., instrumento com ponta de aço ou de substância dura para cortar e gravar em metal, lavrar pedra, etc.; cinzel; (fig.) arte de gravar; estilo apurado.	Burilar , v. tr., gravar ou lavrar com buril; (fig.) trabalhar ou apurar (o estilo literário); fixar no espírito.
Cabriola , s. f., salto de cabra; pulo; cambalhota; pirueta; (fig.) mudança repentina de opinião; rapariga traquinas; mulher dissoluta.	Cabriolar , v. intr., dar cabriolas; saltar; pular.
Cachão , s. m., borbulhão da água a ferver; borbotão; fervura; cachoeira; vento que sopra entre a ilha do Sri Lanka (Ceilão) e o continente.	Cachoar , v. intr., ferver em cachão; formar cachão ou cachoeira; estuar; tumultuar.
Cachimbo , s. m., recipiente para fumar tabaco pelo tubo que lhe está anexo; buraco onde se encaixa a vela no castiçal; peça de ferro onde entra e gira um espigão; peça rotativa para contactos eléctricos sucessivos na distribuição de corrente a diversos circuitos.	Cachimbar , v. intr., fumar cachimbo; v. tr., votar ao desprezo; desfrutar; lograr; (Bras.) meditar.
Caduco , adj., que cai ou está prestes a cair de velho ou fraco; decrépito; que prescreveu; transitório; (bot.) diz-se dos órgãos das plantas que caem anualmente ou ocasionalmente.	Caducar , v. intr., tornar-se caduco; ir acabando; declinar; ser anulado; perder as forças; envelhecer.
Cairel , s. m., galão para debruar; borda; beira; resguardo; orla.	Cairelar , v. tr., debruar com cairel..
Calha , s. f., cano ou rego para condução de líquidos; carril de caminho-de-ferro.	Calhar , v. intr., entrar na calha; caber à justa; ficar bem; ser próprio; coincidir; acontecer; fazer jeito; vir a propósito; tocar; caber em sorte.
Caminho , s. m., via de comunicação terrestre destinada principalmente a trânsito rural; extensão percorrida; distância; passagem; direcção; rumo; (fig.) meio; norma de proceder.	Caminhar , v. intr., percorrer caminho; andar; jornadar; marchar; v. tr., percorrer, andando.
Campainha , s. f., pequena sineta; aparelho sonoro, metálico, de alarme ou chamada; instrumento musical; (pop.) úvula; (fig.) pessoa que divulga tudo o que ouve; pl. (bot.) nome vulgar de plantas (ou suas flores) das famílias das Campanuláceas e Amarilidáceas, espontâneas em Portugal.	Campainhar v. <i>int.</i> accionar uma campainha para fazê-la soar. ¹¹³ Campainhar v. <i>intr.</i> (de <i>campainha</i>). Fazer soar a <i>campainha</i> . ¹¹⁴

¹¹³ In: DHLP.

¹¹⁴ In: GDLP.

<p>Canela, s. f., casca da árvore chamada caneleira, de aroma e sabor agradáveis, usada (em pó ou fragmentada) em terapêutica, perfumaria, doçaria e como condimento; caneleira (árvore); planta da fam. das Labiadas, cultivada em Portugal e também conhecida por rapazinhos; face anterior da perna; região tarso-metatarsica, nas aves; peça das máquinas de costura ou tecelagem onde se enrola o fio; cor pardo-acastanhada semelhante à do pó de canela; (Bras.) designação extensiva a várias árvores, algumas das quais produtoras de madeira de excelente qualidade; pl. (pop.) pernas.</p>	<p>Canelar, 1. v. tr., abrir caneluras ou estrias em. 2. v. intr., encher canelas para tecer.¹¹⁵</p>
<p>Capricho, s. m., vontade extravagante e sem razão; modificação de ideias ou de modas; pundonor; arbitrariedade; fantasia; extravagância.</p>	<p>Caprichar, v. intr., ter capricho; timbrar; esmerar-se.</p>
<p>Caracol, s. m. hélice; ziguezague; madeixa de cabelo enrolado em espiral ou hélice; caminho em ziguezague; flor do caracoleiro (planta); (anat.) parte do ouvido interno representada por um tubo enrolado em espiral; (zool.) nome vulgar extensivo a uns moluscos gastrópodes, pulmonados, da fam. dos Helicídeos, nocivos à agricultura.</p>	<p>Caracolar, v. intr., mover-se em espiral ou hélice; andar aos ziguezagues.</p>
<p>Carambola 1. s. f. acto de carambolar; embate da bola com que se joga no bilhar com as outras duas; a bola vermelha do bilhar. 2. s. f. (bot.) o m. q. caramboleira (ou o seu fruto); (fig.) trapaça; dolo.</p>	<p>Carambolar, v. intr., fazer carambola (no bilhar); (fig.) intrujar; intrigar.</p>
<p>Caramunha, s. f., choradeira de crianças; cara que a criança faz quando chora; lamúria.</p>	<p>Caramunhar, v. intr., fazer caramunha; lamentar-se.</p>
<p>Carimbo, s. m., peça de metal, de madeira, de borracha ou de plástico, que serve para autenticar papéis oficiais ou particulares, a tinta ou em relevo; sinete; selo.</p>	<p>Carimbar, v. tr., marcar com carimbo; assinalar; autenticar; (famil.) reprovar num exame.</p>
<p>Carril, s. m., sulco que fazem as rodas do carro; carro pequeno; viga de ferro sobre a qual circulam as rodas de certos veículos; espécie de roda para</p>	<p>Carrilar, v. tr., colocar sobre os carris (um veículo); v. intr., entrar nos carros; (fig.) entrar no bom caminho.</p>

¹¹⁵ Apesar de *canela* poder apresentar muitas significações, como está demonstrado, na formação do verbo *canelar* apenas algumas delas são utilizadas. Assim, *canelar*, ao longo do nosso trabalho é entendido apenas como “o acto de encher a canela da máquina de costura com linha, para se poder efectuar as costuras”, efectuando-se a sua formação a partir do nome de um **objecto construído** (cf. Capítulo II, 3. Classes semânticas).

fiar a seda; caminho estreito em que só pode passar um carro; carreiro; (bot.) variedade de pêra minhota.	
Caruncho , s. m., nome vulgar extensivo, em especial, a insectos coleópteros que roem madeira; pô proveniente da acção destruidora dos insectos na madeira; carcoma; podridão; (fig.) velhice; qualquer doença, dor, deformação, etc., própria de pessoas idosas.	Carunchar , v. intr., ganhar caruncho; apodrecer; (fig.) envelhecer.
Castiço , adj., de boa casta; puro; vernáculo (estilo).	Castiçar , v. tr., tornar castiço; juntar o macho com a fêmea para a reprodução.
Catálogo , s. m., relação ordenada de coisas ou pessoas com breve notícia a respeito de cada uma.	Catalogar , v. tr., inscrever, ordenar ou enumerar em catálogo.
Cavalo , s. m. (zool.) mamífero perissodáctilo (macho) da fam. dos Equídeos, utilíssimo ao homem, e actualmente quase só representado por raças domesticadas; banco de tanoeiro; tronco em que se faz a enxertia de garfo; peça do jogo de xadrez; (vulg.) cancro sifilítico.	Cavalar , v. intr., correr como os cavalos.
Cavilha , s. f., peça de madeira ou metal para juntar ou segurar madeiras, chapas, etc.; grande prego; peça, nos instrumentos de corda, onde se enrolam as cordas, e que, girando sobre si, permite maior ou menor tensão destas.	Cavilhar , v. tr., meter cavilhas em; segurar com cavilhas.
Chanfalho , s. m., espada velha e ferrugenta; faca que não corta; instrumento musical velho e desafinado.	Chanfalhar , v. intr., esgrimir o chanfalho; (pop.) folgar; (reg.) tocar desafinadamente.
Chantagem , s. f., crime que consiste em extorquir dinheiro, uma assinatura ou um documento, sob a ameaça de revelações infamantes, reais ou fictícias.	Chantajar , v. intr., praticar chantagem.
Charão , s. m., verniz de laca da China; objecto envernizado a charão.	Charoar , v. tr., envernizar com charão; acharoar.
Chavasco , adj., malfeito; atamancado; bronco.	Chavascar , v. tr., fazer toscamente; trabalhar com imperfeição.
Chinela , s. f., calçado sem tacão e sem contraforte, para uso doméstico; calçado que apenas cobre a parte anterior do pé.	Chinelar , v. intr. Andar de chinelas, arrastando os pés. Fazer o ruído de quem anda com chinelas; achinelar. ¹¹⁷

Chinelo , s. m., sapato que se traz acalcanhado. ¹¹⁶	Chinelar , v. Andar deixando descair a parte de trás dos sapatos ou dos chinelos. ¹¹⁸ Achinelar , v. tr., dar forma de chinela ou chinelo a; acalcanhar; (fig.) apoucar.
Chocalho , s. m., espécie de campainha que se põe ao pescoço de alguns animais para denunciar a sua presença; cabaça ou vaso com pedras dentro para produzir som; (fig.) pessoa linguareira.	Chocalhar , v. tr., agitar (um líquido) dentro de um recipiente; mexer; vascolear; (fig.) divulgar; v. intr., tocar chocalhos; rir às gargalhadas.
Chocho , adj., seco e engelhado; sem miolo; goro (ovo); insípido; estéril; destilado; (fig.) oco; peço; insignificante.	Chochar , v. intr., ficar chocho; secar prematuramente.
Chumaço , s. m., pasta de substância mole e flexível com que se reveste interiormente o pano do vestuário para o altear ou tornar aroso; almofada; compressa; volume; inchaço; (gír.) importunação; maçada; chatice; (reg.) caruma seca.	Chumaçar , v. tr., meter chumaço em; estofar; o m. q. enchumaçar.
Chuvinha , s. f., dim. de chuva; chuva miúda.	Chuvinhar , v. intr., o m. q. chuvejar.
Chuvisco , s. m., gotas miúdas e espaçadas de chuva.	Chuviscar , v. intr., chover pouco e a miúdo.
Cicatriz , s. f., marca que a ferida deixa depois de curada; (bot.) sinal que a folha caída deixa no caule; (fig.) lembrança de uma dor moral, desgraça ou ofensa; ressentimento.	Cicatrizar , v. tr., promover a cicatrização de; v. intr., fechar-se ou secar (ferida); (fig.) desvanecer-se.
	Ciciar , v. intr. pronunciar as palavras em cicio; rumorejar; sibilar; v. tr., pronunciar em voz muito baixa; segredar.
Cinzel , s. m., instrumento cortante numa das extremidades, que serve para lavar ou gravar pedras e metais; (fig.) a escultura; a gravura.	Cinzelar , v. tr., lavar a cinzel; esculpir; (fig.) aprimorar; esmerar.

¹¹⁷ O verbo *chinelar* não consta do e-DLP. A entrada que aqui transcrevemos é a do GDLP.

¹¹⁶ Por se considerar que o verbo *chinelar* pode apresentar quer *chinela*, quer *chinelo* como base, transcrevemos as duas entradas lexicais. Aliás, o e-DLP considera que na base de *achinelar* se encontra a palavra *chinelo*; já para o mesmo verbo, o DHLP indica quer *chinela*, quer *chinelo* como base de *achinelar*.

¹¹⁸ Por apresentar uma significação relativamente diferente da do GDLP, consideramos também a apresentada pelo DLPC.

Ciranda , s. f., peneira grossa; crivo; cantiga e dança populares; tabuleiro de madeira usado na secagem das rolhas de cortiça.	Cirandar , v. tr., limpar com ciranda; joeirar; v. intr. (fig.) dar voltas.
Cisalha , s. f., tesoura mecânica para cortar cartão; pl., fragmentos de folhas de metal.	Cisalhar , v. tr., cortar com cisalha.
Cobiça , s. f., desejo veemente de conseguir alguma coisa; ambição; avidez.	Cobiçar , v. tr., desejar ardentemente; ambicionar.
Cocha , s. f. cada um dos cordões que formam um cabo (amarra); (Bras.) empenho.	Cochar , v. tr., encher; tirar (água) com cocha.
	Cochichar , v. tr. e intr., falar em voz baixa; dizer segredos; soltar (o cochicho) a voz.
Coifa , s. f., pequena rede com que as mulheres amparam o cabelo; touca; cobertura protectora da extremidade dos projecteis; membrana que, às vezes, envolve a cabeça do feto, ao nascer; (bot.) órgão protector da extremidade das raízes; o m. q. pileorriza; cobertura da urna dos musgos, também denominada caliptra e trunfa.	Coifar , v. tr., cobrir com coifa ou objecto semelhante.
Colchão , s. m., grande almofada cheia de uma substância flexível que se coloca por cima do enxergão.	Colchoar , v. tr., o m. q. acolchoar. Acolchoar , v. tr., forrar ou encher à maneira de colchão; tecer à maneira de colcha; estofar; almofadar.
Colmaço , s. m., cobertura de colmo.	Colmaçar , v. tr., cobrir com colmaço.
Comarca , s. f., circunscrição territorial com julgado de primeira instância; confins.	Comarcar , v. intr., ser comarcão; confinar.
Concha , s. f., formação mais ou menos resistente, muitas vezes calcária, que protege o corpo de certos animais (braquiópodes, moluscos, etc.); couraça; objecto côncavo semelhante a uma valva de concha; concavidade; couraça dos quelonídeos; pavilhão auricular; colher de tirar a sopa ou o açúcar; peça côncava empregada como puxador de gavetas; prato de balança; peça de lagar.	Conchar , v. tr., o m. q. concheiar. Concheiar , v. tr., revestir de conchas; v. refl., meter-se na concha.
Confeição , s. f., acto ou efeito de confeioar.	Confeioar , v. tr., preparar com mistura de drogas; manipular (remédios) com vários ingredientes; fazer (bolos e outros produtos de confeitaria); manipular.
Contratela , s. f., tela que reforça outra.	Contratelar , v. tr., aplicar contratela em.
Copiógrafo , s. m., aparelho ou utensílio que serve para tirar grande número de cópias de um texto	Copiografar , v. tr., reproduzir por meio do copiógrafo.

dactilografado ou manuscrito em folha encerade especial.	
Cordão , s. m., corda delgada; fio de ouro de trazer ao pescoço; corda com que certos religiosos cingem o hábito; fileira; correnteza; (fig.) qualquer coisa que une, prende ou liga.	Cordoar , v. tr., cercar de corda ou cordão; encordoar; serrilhar.
Cortina , s. f., peça de pano suspensa para adornar ou resguardar qualquer coisa; muro entre dois baluartes; renque; fileira; correnteza.	Cortinar , v. tr., guarnecer de cortinas; (fig.) ocultar.
Cotovelo , s. m., ângulo saliente na articulação do braço com o antebraço; dobra ou encurvamento pronunciado; ângulo; esquina.	Cotovelar , v. tr., o m. q. acotovelar. Acotovelar , v. tr., tocar ou dar com o cotovelo em; empurrar; (fig.) provocar.
Couraça , s. f., armadura para proteger o tronco; blindagem; revestimento resistente que protege o corpo de alguns animais; tudo o que serve de defesa contra qualquer coisa; (fig.) o que serve de resguardo contra a maledicência e a má sorte.	Couraçar , v. tr., pôr couraça a; blindar; v. refl., tornar-se invulnerável; proteger-se.
Cricri , s. m., canto do grilo; brinquedo que imita o canto do grilo.	Cricilar , v. intr., cantar (o grilo).
Crisálida , s. f. (zool.) ninfa dos lepidópteros; (fig.) coisa latente.	Crisalidar , v. intr., converter-se em crisálida (a lagarta).
Crónica , s. f., narração histórica pela ordem do tempo em que se deram os factos; texto de timbre jornalístico, concebido de forma livre e pessoal, que tem como assunto um facto ou uma ideia de actualidade; secção de um jornal destinada a determinadas notícias; história da vida de um rei; (fig.) biografia escandalosa.	Cronicar , v. intr., escrever crónicas.
Cúbico , adj., referente ao cubo; em forma de cubo.	Cubicar , v. tr., o m. q. cubar; achar o volume de.
Cubo , s. m. (geom.) sólido limitado por seis faces quadradas e iguais entre si; hexaedro regular; produto de um número pelo seu quadrado; terceira potência de uma quantidade; calha que leva a água ao rodízio do moinho; peça em que encaixa a extremidade do eixo dos carros; unidade de medida para sólidos, equivalente a um alqueire e meio; medida de madeira, com um metro cúbico de capacidade, para areia e cascalho.	Cubar , v. tr., fazer a cubagem de; cubicar; (mat.) multiplicar três vezes um número por si mesmo.
Cuco , s. m. (ornit.) ave trepadora da fam. dos Cuculídeos, frequente em Portugal na Primavera;	Cucar , v. intr., cantar (o cuco); cucular.

relógio de parede que, quando dá as horas, imita o canto do cuco.	
	Cucuricar , v. intr., cantar (o galo).
	Cuincar , v. intr., grunhir; ganir.
	Cuincar , v. intr., o m. q. cuincar.
Daninho , adj., que causa dano; prejudicial; nocivo.	Daninhar , v. tr. (Bras.) causar dano a; v. intr. traquinar.
Dardo , s. m., arma de arremesso em forma de lança utilizada a pequenas distâncias; haste de madeira terminada em lança de ferro; venábulo; aguilhão de insectos, como o das vespas; (desp.) haste de madeira de dimensões determinadas e ponta de ferro aguçada, para lançamento em corrida, segundo regras estabelecidas na prática do atletismo; (zool.) peça calcária que existe na bolsa-do-dardo do aparelho genital de alguns moluscos hermafroditas; língua de serpente; (fig.) coisa ou dito que magoa.	Dardar , v. tr., ferir com dardo; (fig.) afligir.
Degredo , s. m., efeito de degredar; pena de desterro imposta por certos crimes; terra onde se cumpre o degredo; desterro; exílio.	Degredar , v. tr., impor degredo a; desterrar; expatriar.
Dentel , s. m., entalhe para regular a altura das prateleiras.	Dentelar , v. tr., o m. q. dentear. Dentear , v. tr., abrir dentes em; guarnecer de dentes; recortar; chanfrar; dentelar.
Desejo , s. m., acto ou efeito de desejar; vontade; apetite; aspiração; anseio; intenção.	Desejar , v. tr., ter desejo de; apetecer; querer; cobiçar; pretender; aspirar a; v. intr., sentir desejos.
Diferença , s. f., relação de alteridade entre duas coisas que têm elementos idênticos; falta de igualdade ou de semelhança; carácter que distingue uma coisa da outra; divergência; diversidade; transformação; transtorno; resto; excesso; troco.	Diferençar , v. tr., estabelecer diferença entre; distinguir; discernir; discriminar; notar; v. refl., não ser semelhante; fazer diferença; distinguir-se.
Diligência , s. f., urgência em fazer alguma coisa; cuidado; esmero, solicitude com que se quer executar alguma tarefa; zelo; actividade; prontidão; investigação oficial; antiga carruagem para transportes colectivos; serviço extraordinário, fora do quartel, dos tribunais ou dos cartórios.	Diligenciar , v. tr., esforçar-se por; procurar com diligência; empregar os meios para.
Diploma , s. m., título ou documento oficial confirmativo de um cargo, dignidade, mercê,	Diplomar , v. tr., conceder um diploma a; v. refl., obter diploma.

privilégio ou habilitações de alguém; título de contrato; texto legislativo.	
Disco , s. m., peça ou objecto chato e circular; órgão ou parte de um órgão com esta forma; superfície aparente dos astros; círculo graduado de um instrumento de observação; placa circular de sinalização nos caminhos-de-ferro; placa circular em que se gravam os sons a reproduzir por meio do gramofone; rodela biconvexa para arremesso em jogos atléticos; (neol., inform.) placa circular delgada e com revestimento magnético, destinada ao armazenamento de dados, que podem ser lidos por meio de um leitor de discos ligado ao computador (ing. disc ou disk); (fig.) pessoa que fala muito; frase ou opinião muito repetida.	Discar , v. tr., marcar (um número) no disco do telefone automático; v. intr., fazer girar o disco do aparelho telefónico, para estabelecer ligação.
Ditongo , s. m. (gram.) reunião de duas vogais que se pronunciam numa só emissão de voz.	Ditongar , v. intr., formar ditongo; v. tr., converter em ditongo.
Divórcio , s. m., acto ou efeito de divorciar ou divorciar-se; dissolução do casamento, em vida dos cônjuges, por decisão judicial, que extingue para o futuro o vínculo matrimonial; (fig.) separação; desacordo; quebra de laços de amizade.	Divorciar , v. tr., decretar o divórcio de; descasar; (fig.) desunir; separar; v. refl., descasar-se.
Doce , adj. 2 gén., que tem sabor agradável como o do mel e o do açúcar; temperado com açúcar ou mel; (fig.) meigo; suave; afectuoso; encantador; aprazível; mavioso; s. m., o que é doce; qualquer confeitaria culinária em que entra açúcar ou mel.	Doçar , v. tr., o m. q. adoçar; v. intr., fazer doces.
Doutor , s. m., aquele que ensina; indivíduo diplomado com o mais alto grau universitário, o qual dá direito ao uso da borla e capelo; tratamento que, nas relações sociais, por tradição extensiva, se dá a um bacharel ou licenciado; (pop.) homem com pretensões a esperto ou com presunções de sábio; (famil.) bacio; penico.	Doutorar , v. tr., conferir o grau de doutor a; v. refl. receber o grau de doutor.
Draga , s. f., aparelhagem flutuante destinada a escavar os fundos submersos; pl., escoras que sustentam a embarcação em seco.	Dragar , v. tr., limpar com draga; rocegar.
Duelo , s. m., combate entre duas pessoas por questão de honra; recontro entre dois corpos de exército; contenda entre dois estados.	Duelar , v. intr., travar duelo.
Eco , s. m. (fis.) repetição mais ou menos distinta	Ecoar , v. intr. fazer eco; bradar; retumbar; (fig.)

de um som reflectido por uma superficie de grande área de tal maneira situada, que o intervalo de tempo entre a emissão do som e o retorno da onda reflectida é superior a um décimo de segundo; lugar onde se produz o eco; (fig.) divulgação de palavras ou expressões atribuídas a uma pessoa; boato; rumor; repercussão; bom acolhimento; simpatia; fama; celebridade; glória.	repetir; reflectir-se; tornar-se notável.
Elo , s. m., cada um dos anéis de uma cadeia; pequena argola; gavinha; (fig.) laço; ligação.	Elar , v. intr. e refl., prender-se com elos (a vide); agarrar-se com gavinhas.
Empecilho , s. m., coisa que estorva; embaraço; obstáculo; impedimento.	Empecilhar , v. tr., causar empecilho a; estorvar; impedir; embaraçar; empecer.
Encacho , s. m., o m. q. tanga. Tanga , s. f., tecido que os Negros enrolam à cintura, em forma de saia; (Bras.) franja que garante a rede de baloiço.	Encachar , v. tr., cobrir com encacho.
Enchumaço , s. m., o m. q. chumaço.	Enchumaçar , v. tr., pôr enchumaço em; chumaçar; almofadar; estofar.
Encontrão , s. m., embate de pessoas ou coisas que se encontram; empuxão; colisão; (fig.) mau sucesso; percalço; desastre.	Encontroar , v. tr., dar encontrões a; v. refl., andar aos encontrões.
Enfitêutico , adj., relativo à enfiteuse.	Enfiteutar , v. tr., ceder por enfiteuse; aforar.
Engaço , s. m., instrumento agrícola, dentado, para juntar feno, estrume, mato, etc.; parte que fica do cacho de uvas, depois de esbagoado; ancinho.	Engaçar , v. tr., desfazer os torrões com engaço ou grade; esterrear; juntar com ancinho ou engaço.
	Engasgar , v. tr., ficar atravessado na garganta de; embuchar; sufocar; v. refl., ficar com a garganta entupida; esganar-se; (fig.) embatucar; perder o fio do discurso; atrapalhar-se.
Engelha , s. f., prega; ruga.	Engelhar , v. tr. e intr., formar engelhas; enrugar; amarrotar; encarquilhar.
Engenho , s. m., aparelho para tirar água de poços; nora; máquina para desarestar o linho, moer a cana-de-açúcar, fazer aguardente de cana, etc.; (mil.) designação dada a armas colectivas pesadas da infantaria, como metralhadoras e morteiros; (fig.) génio; talento; invenção; maquinismo.	Engenhar , v. tr., idear; inventar; fabricar com manha ou habilidade.
Engonço , s. m., espécie de dobradiça; gonzo; encaixe de duas ou mais peças que lhe permitem movimento; articulação.	Engonçar , v. tr., pôr engonços em; segurar; engrenar.

Engulho , s. m., náusea; ânsia que precede o vômito; (fig.) desejo veemente; tentação; aborrecimento.	Engulhar , v. tr., causar engulho a; v. refl., sentir náuseas; (fig.) aborrecer-se.
Entranha , s. f., de forma geral, cada uma das vísceras do abdómen ou do tórax; pl., ventre materno; (fig.) afecto íntimo; carácter; sentimento; profundidade; coração; âmago; íntimo.	Entranhar , v. tr., meter nas entranhas, no interior; arreigar; penetrar; v. refl., introduzir-se profundamente; (fig.) dedicar-se muito.
Entrelinha , s. f., espaço entre duas linhas; o que se escreve nesse espaço; peça para espaçar a composição tipográfica; (fig.) interpretação; ilação mental.	Entrelinhar , v. tr., escrever nas entrelinhas; intervalar; espacejar; traduzir ou comentar nas entrelinhas.
Entretela , s. f., pano forte que se mete entre o forro e a fazenda; contraforte de muro.	Entretelar , v. tr., pôr entretela em; fortificar com entretelas.
Entrudo , s. m., os três dias que precedem a Quaresma; Carnaval; (fig.) farsa (nesta acepção, grafa-se com inicial minúscula).	Entrudar , v. tr., fazer partidas de Entrudo a; v. intr., jogar o Entrudo.
Entulho , s. m., acto ou efeito de entulhar; porção de fragmentos que resultam de uma demolição ou desmoronamento; tudo o que enche uma cavidade ou fosso; coisa ou montão de coisas sem importância; (fig.) pessoa inútil.	Entulhar , v. tr., encher de entulho; entupir; atravancar.
Envidilha , s. f., operação de vergar a vara da videira que ficou da poda, atando-a à cepa; empa; erguida.	Envidilhar , v. tr., praticar a envidilha em; empar; erguer.
Epidemia , s. f. (medic.) doença que ataca simultaneamente muitos indivíduos na mesma terra ou região, mas que não tem causas locais; surto periódico de uma doença infecciosa; (fig.) costume ou coisa molesta ou censurável que é adoptada por muitos; andaço.	Epidemiar , v. tr., comunicar epidemia a; contagiar.
Epígrafe , s. f., inscrição em local destacado de um edificio; título de um escrito; sentença ou divisa anteposta no início de um livro ou capítulo; título ou frase que serve de tema a um assunto.	Epigrafar , v. tr., pôr epígrafe em; intitular; inscrever.
Epílogo , s. m., conclusão resumida de um livro, discurso, etc.; resumo; recapitulação; fecho.	Epilogar , v. tr., reduzir a epílogo; resumir; recapitular; condensar; concluir.
Episódio , s. m., incidente relacionado com a acção principal de uma narrativa; cena acessória; facto; lance.	Episodiar , v. tr., fazer um episódio de; adornar com episódios; dramatizar.
Escaiola , s. f., revestimento de paredes, feito de gesso e cola, que imita o mármore; estuque.	Escaiolar , v. tr., revestir de escaiola.

<p>Escala, s. f., escada; acto de escalar; escalada; categoria; classe; grau; sucessão; sequência; linha ou régua dividida num certo número de partes para efeitos de medições; sequência de valores estabelecida por convenção para servir de medida da intensidade de uma grandeza; graduação que acompanha instrumentos de medida; relação de dimensões entre o desenho e o objecto representado; linha graduada que, nos mapas, relaciona as linhas reais com as figuradas; chegada de um navio, ou de um avião, para receber carga ou passageiros ou para reabastecimento; turno; escalamento; vez; registo de serviço; (mús.) série de sons musicais que, de acordo com o sistema, norma ou fórmula de que derivem, se sucedem por certo número de graus conjuntos, ascendentes ou descendentes.</p>	<p>Escalar, v. tr., assaltar por meio de escada; subir; trepar; graduar por meio de escala; designar para um serviço por meio de escala.</p>
<p>Escalracho, s. m. (bot.) planta herbácea, rizomatosa, da fam. das Gramíneas, espontânea em Portugal, também conhecida por alcarnache e calracho; agitação produzida na água por um navio em andamento.</p>	<p>Escalruchar, v. intr., arrancar os escalrachos da terra.</p>
<p>Escaravelho, s. m. (zool.) nome vulgar extensivo a alguns insectos coleópteros, da fam. dos Escarabeídeos; escarabeu; o m. q. bicho-carpinteiro; ponta de marfim antes de ser trabalhada.</p>	<p>Escaravelhar, v. intr., andar como o escaravelho; deslocar-se, fazendo movimentos semelhantes aos do escaravelho; (reg.) rodopiar aos saltitos (pião com ferrão torto).</p>
<p>Escardilho, s. m., espécie de sacho com que se tiram as ervas ruins.</p>	<p>Escardilhar, v. tr., limpar (um terreno) com o escardilho.</p>
<p>Escudo, s. m., antiga arma defensiva, geralmente circular, para livrar dos golpes da espada ou da lança; peça onde se representam as armas da nobreza ou as armas nacionais; borbulha que se tira de uma planta para enxertar; parte anterior do tórax de alguns artrópodes; unidade dos sistemas monetários de Portugal e de Cabo-Verde; (fig.) amparo; defesa.</p>	<p>Escudar, v. tr., defender com escudo; (fig.) amparar; proteger; v. refl., defender-se; procurar amparo.</p>
<p>Esfacelo, s. m., destruição; estrago; ruína.</p>	<p>Esfacelar, v. tr., causar esfacelo a; gangrenar; (fig.) despedaçar; desfazer; estragar; destruir.</p>
<p>Esguelha, s. f., obliquidade; diagonal; viés.</p>	<p>Esguelhar, v. tr., pôr de esguelha.</p>
<p>Esguicho, s. m., acto ou efeito de esguichar; jacto</p>	<p>Esguichar, v. tr. e intr., expelir com força um</p>

violento de um líquido; repuxo; seringa; bisnaga de Entrudo.	jacto de líquido através de um tubo com um orifício; v. intr., sair em repuxo.
Eslinga , s. f., cabo para levantar pesos a bordo.	Eslingar , v. tr., levantar (fardos a bordo) por meio da eslinga.
Esmalte , s. m., camada vítrea que se aplica sobre objectos de metal, de porcelana, etc.; trabalho feito com esmalte; tinta brilhante; (histol.) substância calcificada, brilhante e resistente, que reveste e protege a coroa dos dentes; (her.) as cores que se empregam no campo do escudo ou nas suas partes exteriores; (fig.) brilho; esplendor; realce; matiz; (pej.) pessoa ordinária.	Esmaltar , v. tr. aplicar esmalte a; (fig.) matizar; adornar; ilustrar.
Esmeril , s. m., pedra dura que, reduzida a pó, serve para polir metais, vidros, etc.; antiga peça de artilharia; (fig.) aperfeiçoamento; apuramento.	Esmerilar , v. tr., polir ou despolir com esmeril; (fig.) aperfeiçoar; pesquisar; esquadrinhar.
Esmola , s. f., o que se dá aos pobres por caridade; óbolo; benefício; retribuição pela celebração de uma missa; (fig.) sova; prejuízo.	Esmolar , v. tr. e intr., pedir como esmola; pedir esmola; mendigar; dar como esmola.
Espada , s. f., arma branca constituída por uma lâmina comprida, de dois gumes e perfurante, com punho e guardas; s. m., matador de touros; esgrimista; (pop.) automóvel de alta categoria; perito; sabedor; pl., um dos naipes (preto) de um baralho de cartas.	Espadar , v. tr., o m. q. espadelar. ¹¹⁹
Espadela , s. f. utensílio de madeira que serve para separar os tomentos do linho, batendo-o; podoa de madeira; remo comprido que é a cauda ou rabo de um barco (especialmente do rabelo do Douro).	Espadelar , v. tr. bater (o linho) com a espadela; tascar; tasquinhar; estomentar.
Espanhol , adj., relativo a Espanha; s. m., natural ou habitante de Espanha; o idioma castelhano; (ornit.) o m. q. abelharuco (pássaro).	Espanholar , v. intr., gabar-se de façanhas pouco verosímeis; v. tr., o m. q. espanholizar.
Espartilho , s. m., colete com lâminas de aço ou barbas de baleia, com que se aperta o corpo, dando-lhe certa elegância.	Espartilhar , v. tr., apertar (a cintura) com espartilho; v. refl. (fig.) empertigar-se.
Espelho , s. m., superfície altamente polida para produzir reflexão regular dos raios luminosos e das	Espelhar , v. tr., tornar liso e polido como um espelho; tornar reflector; v. intr., reflectir; irradiar;

¹¹⁹ Causou-nos alguma estranheza que o verbo *espadar* não ter associada a si a significação de “usar uma espada”. Este facto levou-nos a consultar outros dicionários — DLPC, NDALP, DHLP, GDLP —, os quais apontam todos no mesmo sentido do e-DLP. Os verbos *espadar* e *espadelar* não constam do DENFLP, embora as bases, *espada* e *espadela*, respectivamente, aí estejam representadas.

<p>imagens dos objectos; lâmina de vidro ou cristal, prateada, geralmente na parte posterior, utilizada como reflector da luz ou para observação de imagens; parte vertical do degrau de uma escada; chapa que remata exteriormente o buraco da fechadura; tábuas salientes na face de uma porta; abertura no tampo superior de certos instrumentos de corda; variedade de maçã (grande); (náut.) passajado que se faz nos toldos e nas velas para tapar pequenos buracos; (fig.) tudo o que revela ou reproduz; exemplo; modelo.</p>	<p>v. refl., rever-se; patentear-se; revelar-se.</p>
<p>Espeque, s. m., estaca ou pau com que se esteia alguma coisa; escora; (fig.) amparo.</p>	<p>Especar, v. tr. segurar com espeques; estear; v. intr., ficar parado; estacar.</p>
<p>Esperança, s. f., confiança na aquisição de um bem que se deseja; virtude teológica que inclina a vontade a confiar na bondade e onipotência divinas, e a esperar na vida eterna pelos méritos de Cristo; expectativa.</p>	<p>Esperançar, v. tr., dar esperanças a; animar; v. refl., ter esperanças; confiar.</p>
<p>Espicho, s. m., pau aguçado para tapar um buraco numa vasilha; (fig.) pessoa esguia.</p>	<p>Espichar, v. tr., enfiar (peixes miúdos) pelas guelras; furar (uma vasilha) para lhe extrair líquido; estender; esticar (couros); (pop.) morrer; v. refl. estender-se; estatelar-se.</p>
<p>Espinha, s. f. (anat.) formação óssea saliente e alongada, num osso; o m. q. coluna vertebral ou espinha dorsal; peça esquelética, alongada, fina e pontiaguda, em especial dos peixes; borbulha que sobrevém à pele; pequeno furúnculo; (fig.) dificuldade; remorso; angústia; agravo.</p> <p>Espinho, s. m., pico; planta espinhosa; pua; cerda rija de alguns animais; (bot.) prolongamento agudo e rígido, num vegetal, que provém de um ramo, de uma folha, etc., profundamente modificados; (pop.) acúleo; (ictiol.) o m. q. esgana-gata; (fig.) dificuldade; suspeita; remorso.¹²⁰</p>	<p>Espinhar, v. tr., ferir com espinho; (fig.) incomodar; v. refl., irritar-se; agastar-se.¹²¹</p>

¹²⁰ Por considerarmos que é possível construir um novo verbo quer de *espinha* — *A Maria espinhou* (= deu forma de espinha) *os juncos para os juntar ao arranjo de flores* —, quer de *espinho* — *A Maria espinhou-se* (feriu-se com espinho) *nas roseiras* —, incluímos também este último como base possível do verbo *espinhar*.

<p>Espiral, s. f., mola de aço que regula o andamento do relógio; (geom.) linha curva, ilimitada, descrita por um ponto que dá voltas sucessivas em torno de outro (pólo), e do qual se afasta progressivamente; adj. 2 gén., que tem a forma de espira ou de caracol.¹²²</p>	<p>Espiral, v. tr., dar forma de espiral a; v. refl., mover-se ou subir em espiral.</p>
<p>Esonja, s. f., objecto de absorção, formado, quando natural, pelo esqueleto fibroso de um espongiário marinho, com aplicação doméstica; o mesmo objecto, mas de natureza diversa; (zool.) cada um dos animais que constituem o grupo dos espongiários; (pop.) beberão.</p>	<p>Esonjar, v. tr., apagar com esponja; eliminar; (fig.) expungir; surripiar.</p>
<p>Esquadria, s. f., corte em ângulo recto; ângulo recto; esquadro de pedreiro; pedra de cantaria rectangular; (fig.) regularidade; método; simetria; ordem.</p>	<p>Esquadriar, v. tr., o m. q. esquadrar.</p> <p>Esquadrar, v. tr., dispor ou cortar em esquadria ou ângulo recto; (mil.) formar em esquadrao (tropas).</p>
<p>Estaca, s. f., pau aguçado que se crava na terra para segurar ou prender a si alguma coisa; processo de multiplicação artificial das plantas, que consiste em enterrar a extremidade de um ramo para formar uma nova planta; (reg.) oliveira muito nova.</p>	<p>Estacar, v. tr., segurar com estacas; escorar; estear; fazer parar; tornar imóvel; v. intr., parar bruscamente; ficar perplexo.</p>
<p>Estação, s. f., paragem ou local de paragem de qualquer viatura, para demora, embarque, desembarque, etc.; repartição, edificio ou administração de certos serviços públicos; cada uma das quatro divisões do ano determinadas pelos</p>	<p>Estacionar, v. intr., fazer estação; parar; demorar-se; não progredir; ser frequentador.</p>

¹²¹ O facto de o e-DLP apresentar o verbo *espinhar* como tendo na sua base o nome *espinha*, quando a sua significação primeira aponta para *espinho*, fez-nos verificar o que outros dicionários consideram acerca da formação deste verbo. Os dicionários NDALP e GDLP apresentam a mesma significação para este verbo que o e-DLP, mas não incluem qualquer indicação acerca da base do mesmo. O DHLP vai ao encontro da mesma significação e toma-o como formado a partir de *espinho*, com a indicação de que «AGC [António Geraldo da Cunha. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*] prefere derivar de *espinha*». No entanto na edição do DHLP consultada, o verbo *espinhar* não consta do DENFLP, verificando-se apenas a presença de *espinha* e de *espinho*, este último apresentado como derivado do primeiro (séc. XIV).

¹²² Apesar de o e-DLP apresentar a palavra *espiral* como formada em português, quer o DENFLP, quer o DHLP consideram-na já formada em latim medieval. Em virtude deste facto, seguimos esta possibilidade, ignorando a informação do e-DLP.

<p>equinócios e solstícios: Primavera, Verão, Outono e Inverno; época em que acorrem os forasteiros a uma localidade; época; período; tempo apropriado; quadro ou capela que representa um passo da Paixão; cada um dos passos da via-sacra; dezena de pais-nossos e ave-marias, no rosário ou no terço; parada de procissão para rezar alguma oração; jejum observado por algumas pessoas, por devoção; local (de uma região) que é o habitat preferível na dispersão de uma espécie, como um vale, uma montanha, etc.; local do terreno onde se instalam os instrumentos, nos trabalhos de topografia; (neol., inform.) sistema especialmente estruturado para exercer funções em certo domínio.</p>	
<p>Estágio, s. m., tempo de tirocínio; aprendizagem profissional; situação transitória.</p>	<p>Estagiar, v. intr., fazer estágio.</p>
<p>Estanho, s. m. (quím.) elemento n.º 50 da classificação periódica, de símbolo Sn, metálico, branco, dúctil e maleável.</p>	<p>Estanhar, v. tr., cobrir com uma camada de estanho e chumbo, ou só de estanho.</p>
<p>Estio, s. m., Verão; (fig.) calor; idade madura (no sentido figurado grafa-se com inicial minúscula).</p>	<p>Estiar, v. intr., cessar a chuva ou o mau tempo; passar (a chuva); passar o Verão; abaixar (a água).</p>
<p>Estoque, s. m., punhal direito e comprido.</p>	<p>Estocar, v. tr., o m. q. estoquear.</p> <p>Estoquear, v. tr., ferir com estoque; v. intr., vibrar o estoque.</p>
<p>Estrada, s. f., via de comunicação terrestre especialmente destinada ao trânsito de veículos automóveis; (fig.) meio; norma; rotina.</p> <p>Estrado, s. m., sobrado um tanto acima do chão ou de outro pavimento; supedâneo; palanque.</p>	<p>Estradar, v. tr., abrir estrada em; (fig.) encaminhar; cobrir com estrada; soalhar; alcatifar.</p>
<p>Estranho, adj., estrangeiro; que é de fora; anormal; desusado; espantoso; desconhecido; singular; esquisito; extraordinário; não habituado; s. m., pessoa estranha.</p>	<p>Estranhar, v. tr., achar estranho; não achar natural; notar; exprobrar; censurar; admirar; fugir de; esquivar-se; diferenciar; separar; distinguir; extremar; v. intr., achar-se em ambiente estranho; ficar desadaptado.</p>

<p>Estria, 1. s. f. meia-cana; sulco; traço na superfície de certos ossos, conchas, etc.; sulco helicoidal na alma de uma arma de fogo para imprimir ao projectil movimento de rotação; sulco cavado numa rocha pelos glaciares; filete. 2. s. f., vampiro; o m. q. estriça e estriça.</p>	<p>Estriar, v. tr., fazer estrias em; canelar; v. refl., raiar-se.¹²³</p>
<p>Estribo, s. m., peça em que o cavaleiro mete o pé quando cavalga; degrau à entrada de certas carruagens; ossículo do ouvido médio dos vertebrados superiores; (fig.) fundamento; apoio; encosto; (eng.) parte de um encontro ou pilar a que se transmitem as cargas de uma estrutura.</p>	<p>Estribar, v. tr., firmar no estribo; apoiar; segurar; v. refl., apoiar-se; fincar-se; firmar o pé no estribo; basear-se.</p>
<p>Estrondo, s. m., som forte; estampido; (fig.) brado; fama; luxo; pompa; ostentação; magnificência; estardalhaço; agitação; gritaria.</p>	<p>Estrondar, v. intr., o m. q. estrondear.</p>
<p>Estudo, s. m., acto ou efeito de estudar; conhecimentos adquiridos estudando; exame; análise; observação; trabalhos preliminares para estabelecer o traçado de uma obra; ensaio; esboço; preparação; pl., as aulas.</p>	<p>Estudar, v. tr., aplicar as faculdades intelectuais à aquisição de novas noções ou à pesquisa científica; examinar; planejar; decorar; meditar; v. intr., ser estudante; ser estudioso; aplicar a inteligência; v. refl., procurar conhecer-se.</p>
<p>Estuque, s. m., espécie de argamassa feita com cal, areia e gesso, utilizada em acabamentos.</p>	<p>Estucar, v. tr., cobrir com estuque; v. intr., trabalhar em estuque.</p>
<p>Fadista, s. 2 gén., pessoa que canta o fado em teatros, salões ou quaisquer recintos a isso destinados.</p>	<p>Fadistar, v. intr., viver vida de fadista.</p>
<p>Fado, s. m., destino; sorte; o que é fatal; o que necessariamente tem de acontecer; oráculo; fortuna; canção típica lisboeta, de índole plangente e fatalista; canção das serenatas dos estudantes de Coimbra, com características de balada; música dessa canção; pl., fatalidade.</p>	<p>Fadar, v. tr., determinar a sorte de; predestinar; dotar; favorecer.</p>
<p>Faísca, s. f., chispa expedida pelos metais quando aquecidos ao rubro e batidos com um malho; raio; centelha; palheta de ouro; o que pode comunicar incêndio; o que brilha ou cintila; (fis.) descarga eléctrica entre dois corpos electrizados, formada por segmentos luminosos e, muitas vezes, ramificados.</p>	<p>Faiscar, v. intr., lançar faíscas; dardejar; cintilar; procurar faíscas (palhetas de ouro) na terra; (fig.) deslumbrar.</p>

¹²³ O DENFLP apresenta o verbo *estriar* como formado em latim (*striāre*), o e-DLP, o DHLPL e o DCECH consideram que o verbo é derivado já numa fase posterior ao latim. Assim, ele é, nos diversos pontos em que surge no nosso trabalho, considerado como formado em português.

<p>Fantasia, s. f., imaginação criadora; faculdade imaginativa; coisas imaginadas; espírito; ideia; ficção; imagem fantástica; capricho da imaginação de um pintor, poeta ou músico; concepção; vestuário para disfarce, no Carnaval e noutras festas; (mús.) composição musical, com uma forma livre de variações e desenvolvimentos temáticos.</p>	<p>Fantasiar, v. tr., criar na fantasia; idear; imaginar; planear; v. intr., entregar-se a fantasias; v. refl., vestir-se com fato de fantasia; mascarar-se; disfarçar-se.</p>
<p>Farda, s. f., uniforme militar ou de uma corporação; libré; fardamento; vida militar.</p>	<p>Fardar, v. tr., vestir com farda; prover de farda.</p>
<p>Fasquia, s. f., tira de madeira serrada, comprida e estreita; ripa; (desp.) tira laminar de madeira, metal ou plástico, com que é balizada a altura a transpor pelos atletas nos saltos à vara e em altura.</p>	<p>Fasquiar, v. tr., colocar fasquias em; serrar em fasquias.</p>
<p>Fatia, s. f., porção de pão ou de outro alimento cortada em forma de lâmina e com certa espessura; talhada; (fig.) pechincha; lugar rendoso; bom lucro; grande quinhão; (pop.) mulher bonita.</p>	<p>Fatiar, v. tr., cortar às fatias; esfatiar.</p>
<p>Ferro, s. m., instrumento para passar ou engomar a roupa; ponta ofensiva de arma branca; âncora; fateixa; bandarilha; marca do gado feita com um ferro em brasa; (quím.) metal dúctil e maleável, com o n.º 26 da classificação periódica, de símbolo Fe, muito abundante na natureza e de numerosas aplicações; qualquer pedaço deste metal; (fig.) zanga; arrelia; maçada; aversão; pl., cadeia; grilheta; algemas; ferramentas.</p>	<p>Ferrar, v. tr., pregar ferro em; guarnecer de ferro; pôr ferraduras a; marcar (o gado) com ferro em brasa; cravar; morder; prender-se (o peixe) ao anzol; (náut.) dobrar (as velas); (fig.) pregar; impingir; pôr; começar (a trabalhar, a dormir, etc.).</p>
<p>Ferrolho, s. m., tranqueta de ferro corrediça com que se fecham portas, janelas, etc.; aldaba.</p>	<p>Ferrolhar, v. tr., o m. q. aferrolhar.</p> <p>Aferrolhar, v. tr., fechar com ferrolho; (fig.) prender; guardar; entesourar.</p>
<p>Festão, 1. s. m. cordão de folhagem com ou sem flores entremeadas; grinalda; ramalhete. 2. s. m. (Bras.) festa de arromba.</p>	<p>Festoar, v. tr., o m. q. afestoar; engrinaldar.</p> <p>Afestoar, v. tr., ornar com festões; engalanar; v. refl., enfeitar-se.</p>
<p>Ficha, s. f., tento com que se paga no jogo da roleta; verbete com notas ou observações escritas acerca de factos, fenómenos, doenças, etc., de certos indivíduos; (electr.) terminal de cabo eléctrico com cavilhas para ligação à tomada de corrente.</p>	<p>Fichar, v. tr., registar em fichas; catalogar.</p>

Filho , s. m., indivíduo do sexo masculino em relação aos seus pais ou a cada um deles; descendente; rebento de uma planta; expressão de carinho; (fig.) produto; efeito; consequência; adj., procedente; resultante.	Filhar , v. tr., adoptar como filho; perfilhar; v. intr. deitar rebentos (a planta).
Fim , s. m., termo; conclusão; limite; remate; cabo; final; intenção; alvo; plano; motivo; morte; cessação; acabamento; objectivo; destino.	Finar , v. tr., findar; acabar; v. refl., morrer.
Flor , s. f., conjunto de substâncias que se formam à superfície de certos líquidos, por transformação destes; ornato em forma típica de uma flor; (bot.) órgão vegetal da reprodução, que é um ramo profundamente modificado, e que aparece nas plantas superiores (fanerogâmicas); algumas vezes, o m. q. corola; (fig.) a parte mais valiosa de uma substância; o melhor ou mais bonito elemento ou conjunto de elementos de um grupo, sociedade, etc.; escol; nata; virgindade; frescura; a época mais brilhante da vida; adorno; juventude.	Florar , v. intr., deitar flor; florescer.
Fofa , adj., que cede à pressão; mole; macio; (fig.) vão; enfatuado; que alardeia prosápia; s. m. pl., tufos no vestuário.	Fofar , v. tr., pôr fofos em; tornar fofa; afofar.
Foice , s. f., o m. q. fouce.	Foiçar , v. tr., o m. q. fouçar.
Folha , s. f. (bot.) órgão vegetal que é uma expansão, em regra verde e laminar, que se insere no caule; lâmina dos instrumentos e armas cortantes; (pop.) pétala; parte dianteira ou traseira de um casaco; chapa delgada de qualquer metal; pedaço de papel rectangular que é dobrado ao meio quando faz parte de um caderno; pedaço rectangular de papel cujas duas faces constituem páginas consecutivas de um livro ou obra semelhante; jornal; lista de salários; registo (de serviços prestados); cadastro; bens recebidos em partilhas de inventário; porção de terreno que recebe culturas alternadas; relação; rol; (tip.) papel que se imprime de uma vez e que contém certo número de páginas.	Folhar , v. tr., fazer criar folhas; dar a forma de folha a; ornar com folhagem; tornar folhado; revestir de lâminas; v. intr., cobrir-se de folhas.
Força , s. f. faculdade de operar; energia; causa; poder; violência; impulso; conjunto de tropas, navios, aviões ou elementos de dois ou mais destes meios de combate, destinado ao cumprimento de	Forçar , v. tr., obrigar pela força; violentar; constringer; obter por meio de força; conquistar; interpretar mal; desvirtuar; (ant.) enforçar; v. refl., fazer esforço; violentar-se.

<p>uma missão de policiamento ou de combate; (fis.) toda a causa capaz de produzir deformações ou modificar o estado de repouso ou de movimento de um corpo; (pop.) quebra-dura; hérnia.</p>	
<p>Forja, s. f., fornalha, fole e bigorna de que se servem os ferreiros e outros artífices que trabalham o metal; oficina de ferreiro; (fig.) imaginação; preparação.</p>	<p>Forjar, v. tr., trabalhar, preparar em forja; caldear; fabricar; (fig.) inventar; imaginar.</p>
<p>Forquilha, s. f., forcado de três dentes; garfo; vara bifurcada numa das pontas, para descansar os andores nas procissões; cabide; descanso; osso em forma de V, formado pela união das clavículas das aves; tudo aquilo que apresenta forma bifurcada; o m. q. ranilha.</p>	<p>Forquilhar, v. tr., dar forma de forquilha a; bifurcar; espetar em forquilha.</p>
<p>Fouce, s. f., utensílio de lâmina curva e estreita, com gume serrado, para ceifar; instrumento de lâmina curta e larga, com gume em C, para corte de lenha, mato, etc.</p>	<p>Fouçar, v. tr., cortar com fouce; ceifar; segar.</p>
<p>Fralda, s. f., parte inferior da camisa, saia, vestido talar, etc.; sopé de monte ou serra; falda; aba.</p>	<p>Fraldar, v. tr., pôr fraldas a; vestir fraldão a.</p>
<p>Francesia, s. f., imitação da linguagem ou dos costumes dos Franceses; extrema delicadeza que encobre fingimento.</p>	<p>Francesiar, v. intr., falar mal o francês.</p>
<p>Franquia, s. f., acto ou efeito de franquiar ou franquear; isenção; privilégio; pagamento do porte postal de correspondência, jornais, etc.; selo postal.</p>	<p>Franquiar, v. tr., pôr a franquia ou selo em (correspondência ou encomenda postal); selar; estampilhar.</p>
<p>Frecha, s. f., o m. q. flecha; (Bras.) cana dos foguetes.</p> <p>Flecha, s. f., arma ofensiva, de arremesso, com a forma de haste pontiaguda; braço de fixação ao terreno do reparo das bocas-de-fogo móveis de artilharia; seta; frecha; dardo; parte piramidal que remata as torres e certos edifícios; (geom.) segmento da perpendicular ao meio da corda, compreendido entre esta e o respectivo arco; altura de um arco.</p>	<p>Frechar, v. tr., ferir com frecha; (fig.) molestar; satirizar; traspasar; v. intr., arremessar frechas; (Bras.) ir ou vir a direito.</p>
<p>Froco, s. m., floco; felpa de lã ou seda, cortada em bocadinhos ou torcida em cordão, para ornatos de vestuário, orla de atoalhados, etc.</p>	<p>Frocar, v. tr., guarnecer de frocos.</p>

	Fungar , v. tr., absorver pelo nariz; cheirar (rapê); v. intr., produzir som, absorvendo ou expelindo ar pelo nariz; (pop.) choramingar; resmungar.
Furão , s. m. (zool.) nome vulgar comum a uns mamíferos carnívoros, da fam. dos Mustelídeos; (fig.) pessoa curiosa; pessoa de nariz afilado; furavidas; adj., activo; diligente; trabalhador.	Furoar , v. tr. e intr., procurar à maneira de furão; pesquisar; investigar; afuroar.
Gadanha , s. f., foice de segar (feno); colher grande que serve para tirar a sopa da panela; gadanho; (gir.) mão.	Gadanhar , v. tr., cortar com a gadanha (foice).
Galardão , s. m., recompensa por serviços importantes; prémio; honra; glória.	Galardoar , v. tr., conferir galardão a; premiar; recompensar; (fig.) consolar.
Galdéria , s. f., mulher dissoluta; meretriz.	Galderiar , v. intr., levar vida de galdéria.
Galo , l. s. m., o macho adulto da galinha doméstica; (ornit.) designação de umas aves pertencentes a duas espécies de galeirões ou viúvas; o m. q. galispo; (ictiol.) um dos nomes vulgares do escaló; (pop.) intumescência na cabeça, proveniente de contusão; o m. q. carolo e tolontro; (fig.) pessoa de influência.	Galar , v. tr., realizar coito com a fêmea (o galo ou outra ave macho); fornicar.
Galgo , s. m., raça de cão, de corpo esguio e pernas longas, que tem carreira veloz, e que, por isso, é muito utilizado na caça da lebre; qualquer animal que se desloca rapidamente; adj., magro; desejoso.	Galgar , v. tr., saltar por cima de; transpor; andar a passo largo; vencer (distâncias); alinhar; riscar com galgadeira; alcançar, depressa, alta posição; v. intr., pular; trepar.
Gancho , s. m., peça curva de metal, aguçada numa das pontas, que serve para agarrar ou suspender alguma coisa; arame curvo com que as mulheres prendem o cabelo; serviço extraordinário; lucro desse trabalho; negócio ilícito.	Ganchar , v. tr., agarrar com gancha ou gancho.
Gandaia , s. f., acto de revolver o lixo para encontrar alguma coisa de valor; ociosidade; vadiagem.	Gandaiar , v. intr., andar na gandaia; vadiar.
Garança , s. f. (bot.) um dos nomes vulgares da granza (planta tintorial); cor vermelha obtida desta planta.	Garaçar , v. tr., tingir com garança.
Garfo , s. m., utensílio de dois ou mais dentes com que se apanham e levam à boca alimentos sólidos; forquilha das rodas da bicicleta; forquilha para separar a palha do grão; parte de um ramo de uma planta que se deseja multiplicar, e se adapta à fenda do cavalo, na enxertia de garfo; o m. q. garfa	Garfar , v. tr., revolver ou espetar com o garfo; enxertar de garfo.

(enxame).	
	Gargalhar , v. intr., dar gargalhadas; v. tr., dizer às gargalhadas.
Gata , s. f. (zool.) fem. de gato; fêmea do gato; andar de ~s : andar, apoiando as mãos e os joelhos no chão.	Gatinhar , v. intr., andar de gatinhas ou de gatas.
Gemelo , adj., o m. q. gémeo. Gémeo , adj. e s. m., que ou aquele que nasceu do mesmo parto que outrem; (anat.) designativo dos dois músculos da barriga da perna (gastrocnémios ou gemelos) e dos dois das nádegas; (bot.) diz-se dos frutos do mesmo pedúnculo; (fig.) igual; muito parecido; gemelgo; s. m. pl., irmãos gémeos; terceiro signo do zodíaco (nesta acepção, grafa-se com inicial maiúscula).	Gemelgar , v. tr. (reg.) dar à luz duas crias (a fêmea); (bot.) ter duas gemas (a planta).
Ginástica , s. f. arte ou acto de exercitar o corpo, para o fortificar; conjunto de exercícios próprios para esse fim.	Ginastigar , v. Exercitar ou exercitar-se através da ginástica; tornar ou tornar-se ginasticado. ¹²⁴ Ginastigar v. (sXX) <i>P t.d.int. e pron.</i> exercitar(-se) com ginástica; aprimorar (o corpo) com ginástica <ginasticava as pernas> <ginasticava(-se) diariamente> ¹²⁵ Ginastigar , v. tr. Exercitar, desenvolver, treinar pela ginástica. <i>V. intr.</i> Fazer praticar a ginástica; desenvolver pela ginástica. ¹²⁶
Girândola , s. f., conjunto de foguetes que vai ao ar de uma só vez; travessão com orifícios onde se colocam os foguetes da girândola.	Girandolar , v. tr., soltar (foguetes) em girândola; v. intr., manifestar-se estrondosamente.
Goela , s. f. entrada dos canais que põem a boca em comunicação com o estômago e os pulmões; garganta; fauces.	Goelar , v. intr. abrir as goelas; gritar.
Governicho , s. m., exercício de um cargo modesto; administração de uma pequena área; sinecura.	Governichar , v. intr. (depr.) governar com façções, com mesquinhez; exercer um governicho.
Graçola , s. f., dito inconveniente; chalaça; chocarrice; s. m., o que diz graçaças.	Graçolar , v. intr., dizer graçaças.

¹²⁴ In DLPC.

¹²⁵ In: DHLP.

¹²⁶ In: GDLP.

<p>Grade, s. f., espécie de tabique destinado a vedar um lugar, formado de peças, por vezes encruzadas, de madeira ou metal, com intervalos; caixilho; caixa de ripas para embalagem de móveis ou transporte de aves; caixa de plástico para transporte de bebidas engarrafadas; utensílio agrícola que serve para esterrear e aplanar a terra lavrada; locutório de convento ou cadeia; caixilho em que o pintor assenta a tela que vai pintar; (electr.) termo muitas vezes utilizado para designar a grelha, numa lâmpada electrónica.</p>	<p>Gradar 1. v. tr., aplanar ou esterrear com a grade (a superfície da terra lavrada).</p>
<p>Grado, 1. adj., graúdo; crescido; vingado; com grão; (fig.) nobre; notável.</p>	<p>Gradar 2. v. intr., tornar-se grado ou graúdo; agradecer; crescer.</p>
<p>Grado, 2. s. m., vontade; gosto; recompensa.</p>	<p>Gradar 3. v. intr., o m. q. agradar.</p> <p>Agradar, v. intr., tornar-se querido; parecer bem; aprazer; v. refl., gostar de; sentir prazer ou inclinação por.</p>
<p>Gralha, s. f. (ornit.) nome vulgar comum a uns pássaros pertencentes à fam. dos Corvídeos, comuns em Portugal, e também conhecidos por corvo, corvelo, choi, grelha; (ornit.) o m. q. abelharuco (pássaro); erro tipográfico; (fig.) mulher faladora; pl., espécie de jogo.</p>	<p>Gralhar, v. intr., grasnar (da gralha); (fig.) palrar; vozear; granizar; compor, em tipografia, com gralhas ou lapsos.</p>
<p>Gramática, s. f., disciplina linguística que estuda a organização e o funcionamento de uma língua; conjunto de normas e convenções que regulam o funcionamento de um sistema semiótico ou que caracterizam a estrutura de um objecto semiótico; arte de bem escrever e falar; ensino da língua; livro que contém os princípios e as normas da organização e funcionamento da língua; (pop.) qualquer bebida alcoólica.</p>	<p>Gramaticar, v. intr., ensinar gramática; tratar questões de gramática.</p>
<p>Grão, s. m., corpúsculo arredondado; glóbulo; o m. q. cariopse (fruto); de modo geral, semente ou fruto das gramíneas e de alguns legumes; o m. q. grão-de-bico; (fis.) antiga unidade de massa equivalente a 53 miligramas; (metal.) termo que designa um cristal elementar num metal policristalino; (pop.) testículo.</p>	<p>Granar, v. tr., dar a forma de grão a; granular; v. intr., criar grão.</p>
<p>Grelha, s. f., grade de ferro para assar ou torrar sobre brasas; fundo gradeado dos fogareiros;</p>	<p>Grelhar, v. tr., assar ou torrar sobre grelha; pôr grelhas em.</p>

antigo instrumento de suplício; parte anterior do automóvel, em forma de grelha, que possibilita a ventilação do motor; (electr.) um dos eléctrodos das válvulas electrónicas, cujas variações de potencial provocam variações de fluxo electrónico entre os outros dois eléctrodos; quadro em que se apresentam, hora a hora, os pormenores de um programa (de televisão, por ex.).	
	Grinfar , v. intr., soltar a voz (a andorinha); trissar; trinfar.
Gripe , s. f. (medic.) doença febril, muito contagiosa, epidémica, de duração curta, também denominada influenza.	Gripar , v. tr., provocar a gripe em; v. intr., contrair a gripe.
Grude , s. f., cola dissolvida em água para unir as peças de madeira; massa dos sapateiros; (Bras.) luta braço a braço, entre dois indivíduos.	Grudar , v. tr., fixar com grude; pegar; unir; colar; v. intr. pegar-se como grude; unir-se; combinar; concordar.
Guizalho , s. m., o m. q. guizo. Guizo , s. m., esfera oca de metal que tem dentro uma ou mais bolinhas maciças que, ao agitarem-se, produzem som; guizalho (ornit.) o m. q. pedreiro (pássaro).	Guizalhar , v. intr., produzir o som do guizo; v. tr., fazer soar à maneira de guizo.
Híbrido , adj. (biol.) diz-se, em genética, do ser proveniente do cruzamento de indivíduos de espécies distintas, ou também, para alguns autores, de raças ou de variedades (subespécies) distintas (neste caso, o m. q. mestiço); contrário às leis gerais da natureza; (gram.) diz-se do termo formado por elementos de línguas diferentes; o m. q. ambíguo; s. m. planta, animal ou palavra híbrida.	Hibridar , v. tr., produzir híbridos.
Hipoteca , s. f., sujeição de bens imóveis ao pagamento de uma dívida; dívida que resulta dessa sujeição; garantia real que confere ao credor o direito de ser pago pelo valor do bem hipotecado, pertencente ao devedor ou a terceiro, com preferência sobre os demais que não gozem de privilégio especial ou de propriedade de registo; garantia real sobre imóveis.	Hipotecar , v. tr., dar ou sujeitar por hipoteca; onerar com hipoteca.
Homólogo , adj., correspondente, embora um pouco diferente; (biol.) diz-se dos cromossomos	Homologar , v. tr., dar homologação a; confirmar por sentença ou por autoridade judicial; ratificar

semelhantes, portadores de genes correspondentes a caracteres da mesma ordem; (geom.) diz-se dos lados que se correspondem e são opostos a ângulos iguais, em figuras semelhantes; (quím.) designativo das substâncias orgânicas que pertencem à mesma série da mesma função química.	por despacho ministerial.
Igual , adj. 2 gén., que tem a mesma grandeza ou o mesmo valor; que tem as mesmas características; sem diferença; idêntico; uniforme; inalterável; liso; s. m., pessoa da mesma condição social; sinal de igualdade (=); figuras iguais: (geom.) figuras que se podem fazer coincidir, sobrepor, com idênticas funções ou categoria.	Igualar , v. tr., tornar igual; nivelar; aplanar; alisar; v. intr., ser igual; estar ao mesmo nível; v. refl., fazer-se igual; comparar-se.
Ilha , s. f. (geog.) porção de terra emersa rodeada de água, nos oceanos, mares e lagos; grupo de casas pobres; (fig.) qualquer objecto completamente isolado.	Ilhar , v. tr., insular; separar; isolar; tornar incomunicável (como a ilha em relação ao continente).
Impaciente , adj. 2 gén., que não tem paciência; apressado; que não gosta de esperar; frenético; sôfrego.	Impacientar , v. tr., causar impaciência a; fazer perder a paciência; irritar; importunar; v. refl., perder a paciência; agastar-se.
Impróprio , adj., que não é próprio; que não tem as condições necessárias; que fica mal; que não compete; não adequado; inconveniente; indecoroso.	Impropriar , v. tr., tornar impróprio; aplicar imprópriamente.
Incêndio , s. m., acto ou efeito de incendiar; fogo que lavra com intensidade; (fig.) grande ardor; conflagração; calamidade.	Incendiar , v. tr., pôr fogo a; fazer arder; atear; inflamar; (fig.) entusiasmar; exacerbar.
Indício , s. m., indicação; sinal; vestígio; mostra; (dir.) elemento material de um crime (vestígio, rasto, marca, etc.); (lit.) unidade narrativa que fornece informação de natureza psicológica ou ideológica.	Indiciar , v. tr., designar ou culpar por indícios; pronunciar como criminoso; mostrar indícios de; prenunciar.
Indústria , s. f., habilidade para fazer alguma coisa; destreza; artifício; engenho; astúcia; manha; diligência; artimanha; arte; invenção; ofício; actividade económica que se utiliza de uma técnica, dominada, em geral, pela presença de máquinas ou maquinismos, para transformar matérias-primas em artefactos acabados.	Industriar , v. tr., empregar a sua indústria em; amestrar; exercitar; ensinar; aconselhar; preparar; capacitar para certo fim.
Inércia , s. f., falta de movimento, de actividade;	Inerciar , v. tr., tornar inerte; comunicar inércia a.

inacção; indolência; apatia; letargia; preguiça; rotina; resistência passiva à inovação; (fis.) propriedade que os corpos têm de não poderem, por si, alterar o seu estado de repouso ou o seu movimento.	
Influência , s. f., acto ou efeito de influir; preponderância; autoridade moral; acção que uma pessoa ou coisa exerce noutra; (fis.) indução electrostática.	Influenciar , v. tr., exercer influência em; dominar.
Inglês , adj., da Inglaterra ou a ela relativo; s. m., natural ou habitante da Inglaterra; a língua inglesa.	Inglesar , v. tr., dar feição inglesa a; v. refl., adoptar os costumes ingleses.
Inteiroço , adj., feito de uma só peça; maciço; hirto; inflexível.	Inteiroçar , v. tr., tornar inteiroço ou hirto; v. refl., entesar-se.
Intervalo , s. m., espaço entre duas coisas, dois actos ou duas épocas; intermitência; (mús.) razão entre as frequências de dois sons; espaço entre duas linhas (na pauta musical).	Intervalar , v. tr., abrir intervalos em; separar por intervalos; entremear; alternar.
Inveja , s. f., sentimento de desgosto pelo bem alheio; emulação; cobiça.	Invejar , v. tr., ter inveja de; olhar com inveja; cobiçar.
Iodo , s. m. (quím.) elemento químico n.º 53 da classificação periódica, não-metal halogéneo, que se apresenta em palhetas de cor violeta-escura, sublimáveis, de brilho metálico.	Iodar , v. tr., cobrir ou misturar com iodo; embeber em iodo.
Japonês , adj., do Japão; s. m., indivíduo natural do Japão; língua do Japão.	Japonesar , v. tr., o m. q. japonizar. Japonizar , v. tr., dar feição ou hábitos de japonês a; dar nova cozedura a (louça de porcelana) para imitar a louça do Japão.
Joelho , s. m., parte anterior, saliente, da região correspondente à articulação do fémur com a tibia; esta articulação; região do membro anterior de um quadrúpede que corresponde à articulação do antebraço com a canela; curva pronunciada; saliência; dispositivo que liga certos instrumentos aos tripés respectivos; ângulo em que fazem junção dois tubos dispostos em ângulo recto.	Joelhar , v. intr., o m. q. ajoelhar. Ajoelhar , v. tr., fazer dobrar os joelhos; v. intr., pôr os joelhos no chão; genuflectir; (fig.) humilhar-se; submeter-se.
Judio , adj. e s. m. (pop.) o m. q. judeu; (fig.) travesso. Judeu , adj., da Judeia; s. m., indivíduo natural da Judeia.	Judiar , v. intr., judaizar; (fig.) fazer judiarias; praticar diabruras.

<p>Junco, s. m. (bot.) nome vulgar extensivo, de forma geral, a plantas herbáceas, alongadas e flexíveis, da fam. das Juncáceas (género <i>Juncus</i>), representadas em Portugal por várias espécies espontâneas, aquáticas ou de terrenos húmidos ou alagadiços, como o junco-agudo, frequente na faixa marítima, o junco-das-esteiras, o junco-desmedulado, do centro e do Sul de Portugal, o junco-dos-sapos, dos lugares inundados de Inverno, em quase todo o País, etc.; chibata; bengala flexível; (pop.) cacete.</p>	<p>Junçar, v. tr., cobrir de juncos; espalhar em grande quantidade sobre; cobrir com profusão.</p>
<p>Justiça, s. f., virtude moral que inspira o respeito pelo direito de outrem; conformidade com o direito; direito; rectidão; equidade; a magistratura; poder judicial; sistema de composição de litígios; pena jurídica; (pop.) funcionários de um tribunal.</p>	<p>Justiçar, v. tr., punir com pena de morte; demandar em juízo.</p>
<p>Labrego, adj., rude; grosseiro; malcriado; s. m., aldeão; espécie de arado com um varredouro entre as aivecas, para limpar a terra das raízes e abrir bem os sulcos.</p>	<p>Labregar, v. intr., proceder como labrego.</p>
<p>Laca, s. f., resina ou goma resinosa obtida de muitas árvores do Oriente; apreciado verniz (charão), base da constituição de uma matéria que tem sido, desde tempos remotos, produzida e aplicada, na China e no Japão, na confecção de objectos de reconhecido valor; qualquer objecto revestido ou feito com esta matéria; substância proveniente de uma secreção que se forma sobre certas árvores onde se instalam alguns insectos hemípteros (como a chamada cochinha-da-laca); nome dado às soluções de óleos secantes juntamente com solventes voláteis; substância com que se pulveriza o cabelo para o fixar; produto usado em pintura e tinturaria; substâncias utilizadas como luto nas operações de técnica de preparações.</p>	<p>Lacar, v. intr. (reg.) desmornar-se; ruir; alagar-se; v. tr., revestir de laca; pulverizar com laca.</p>
<p>Laço, s. m., nó que se desata facilmente; laçada; armadilha; traição; aliança; (reg.) película que se forma à superfície de um líquido, produzida por uma substância gordurosa; espuma que se forma à superfície do vinho gaseificado; cal grossa que se estende com a colher sobre a taipa ou parede; (fig.)</p>	<p>Laçar, v. tr., prender com laço; atar; enlaçar.</p>

união; prisão; vínculo.	
Lacre , s. m., substância resinosa misturada com um corante, usada para garantir a inviolabilidade do fecho em correspondências, garrafas, etc.; (bot.) nome de várias plantas do Brasil. ¹²⁷	Lacrar , v. tr., fechar ou selar com lacre.
Ladrilho , s. m., pequena laje de barro cozido ou argamassa de cimento ou de asfalto para revestimento de pavimentos; tijolo; aquilo que tem forma ou aparência de ladrilho; cubo de marmelada; (fig.) ladrão.	Ladrilhar , v. tr., revestir de ladrilhos.
Ladrão , adj., que furta ou rouba; s. m. gatuno; salteador; tratante; biltre; (pop.) maganão; brejeiro; rebento que prejudica o desenvolvimento de uma planta; o m. q. ladroeiro.	Ladroar , v. tr., roubar.
Lambagem , s. f., acto de comer gulodices; glotonaria; acepipe; restos que ficam nos pratos; pequeno lucro que serve de engodo; (Bras.) gratificação.	Lambujar , v. intr., comer guloseimas; andar à lambagem.
Lanche , s. m., pequena refeição ao meio da tarde; merenda.	Lanchar , v. tr., comer como lanche; v. intr., comer o lanche; merendar.
Laracha , s. f. (pop.) chalaça; motejo; s. m., indivíduo que diz facécias.	Larachar , v. intr., dizer larachas.
Larápio , s. m., ladrão; gatuno.	Larapiar , v. tr., roubar; surripiar.
Largo , adj., que tem bastante largura; amplo; vasto; espaçoso; não apertado; grande; considerável; minucioso; copioso; prolixo; generoso; demorado; s. m., praça; alto mar; largura; (mús.) andamento musical lento.	Largar , v. tr., deixar escapar o que se tem na mão; soltar; abandonar; deixar; ceder; proferir desamparar; (náut.) desferir (as velas); v. intr., ir-se embora; partir; escapar-se.
Leigo , adj. e s. m., que ou aquele que não tem ordens sacras; laical; secular; (fig.) ignorante; desconhecedor.	Leigar , v. tr., tornar leigo.
Leilão , s. m., venda pública de objectos que se entregam a quem oferecer o maior preço; hasta pública; arrematação; almoeda.	Leiloar , v. tr., pôr ou vender em leilão.
Lengalenga , s. f., narrativa extensa, monótona, fastidiosa.	Lengalengar , v. intr., fazer lengalenga.
Lentejoila , s. f., o m. q. lentejoula.	Lentejoilar , v. tr., o m. q. lentejoular.
Lentejoula , s. f., pequena chapa ou escama circular, brilhante, aplicável como adorno em	Lentejoular , v. tr., adornar com lentejoulas.

¹²⁷ Segundo o DCECH, *lacre* constitui uma variante portuguesa de *laca*, uma vez que esta é parte importante na composição do lacre.

peças de vestuário; pl. adornos; enfeites.	
Léria , s. f., palavreado; lábia; fala astuciosa; patranhas; pl. certo ponto de croché; espécie de bolo que se fabrica na cidade portuguesa de Amarante, no distrito do Porto.	Leriar , v. intr. (reg.) dizer lérias.
Lesma , s. f. (zool.) nome vulgar de uns moluscos gastrópodes, pulmonados, da fam. dos Limacídeos, nocivos à agricultura; o m. q. lêsmia; (fig.) pessoa sem actividade, vagarosa, indolente; pessoa magra.	Lesmar , v. intr., andar vagarosamente; (reg.) andar com o cio (a vaca).
Lêvedo , adj., que fermentou (a massa).	Levedar , v. tr., tornar lêvedo; fazer fermentar; v. intr., fermentar (a massa do pão); (fig.) desenvolver-se.
Lufa , l. s. f., afã; azáfama; lufada. 2. s. f. (náut.) diz-se da vela que se içã, quando há lufadas; a contracção dessa vela, sob acção do vento.	Lufar , v. intr., soprar com violência (o vento).
Maça , s. f., pau bastante pesado, mais grosso numa das extremidades, outrora usado como arma; clava; pilão de calceteiro; maço; polpa da noz-moscada. Maço , s. m., instrumento formado por um bloco de madeira dura, geralmente com a forma de paralelepípedo, encabado ao meio, para usos semelhantes aos do martelo; maça; malho; conjunto de coisas todas ligadas, a formar um volume, ou encerradas no mesmo invólucro.	Maçar , v. tr., bater com maça ou maço; pisar; bater; friccionar; (fig.) enfadar com uma conversa longa; aborrecer; importunar; incomodar; v. refl., incomodar-se; cansar-se; aborrecer-se.
Macavenco , adj. e s. m. (reg.) esquisito; maluco; excêntrico.	Macavencar , v. intr., levar vida de macavenco.
Machada , s. f., machado pequeno e de cabo curto. Machado , s. m., instrumento cortante, formado por uma espécie de cunha de ferro afiada e fixa a um cabo de madeira, e que serve para abater árvores, rachar lenha, etc.	Machadar , v. intr., trabalhar com machado ou machada; rachar lenha com machado ou machada.
Macio , adj., suave ao tacto; não áspero; (fig.) brando; ameno.	Maciar , v. tr., o m. q. amaciar. Amaciar , v. tr., tornar macio; abrandar; suavizar; amansar; domesticar.
Malha , l. s. f., cada uma das voltas ou nós que formam a rede; abertura que estas voltas ou nós deixam entre si; trama das cotas e de outras peças	Malhar 1. v. intr. (reg.) cair na rede.

da armadura; conjunto de elementos contíguos que limitam um espaço numa estrutura reticular; cada uma das aberturas de um peneiro. 2. s. f. mancha na pele dos animais; (fig.) armadilha; enredo. 3. s. f., chapa redonda de ferro para jogar o fito. 5. s. f. choça; cabana.	
Malho , s. m., espécie de martelo sem unhas ou orelhas; maço de calceteiro; mangual; matraca; (pop.) coisa infalível; pessoa muito fina.	Malhar 2. v. tr., bater com malho; debulhar com o mangual; dar pancadas em.
Maluco , adj., que não tem o juízo todo; maníaco; tonto; extravagante; disparatado; diz-se do tiralinhos com mobilidade na sua ligação ao cabo, e usado no traço de curvas não circulares; s. m., homem destituído de juízo; doido; idiota; natural ou habitante das ilhas Malucas, na Indonésia.	Malucar , v. intr., dizer ou praticar maluquices; maluquear; andar pensativo ou cismático.
Manco , adj., privado de um membro ou parte dele, ou impossibilitado de o utilizar; coxo; aleijado; (fig.) imperfeito; defeituoso por falta de parte necessária; s. m., pessoa manca.	Mancar , v. intr., coxear; manquejar; (ant.) fazer falta; v. tr., tornar manco.
Mandril , s. m., instrumento de alisar e alargar os furos grandes; peça cilíndrica de alisar o olhal das bocas-de-fogo; haste rígida que serve para dar resistência às sondas flexíveis e guiá-las.	Mandrilar , v. tr., alisar com o mandril.
Manilha , s. f., argola com que se adornam os pulsos, e, entre alguns povos, a parte mais delgada da perna; pulseira; elo de cadeia; argola das algemas ou da grilheta; tubo de uma canalização de grés. (Do lat. manicūla-, «mão pequena», pelo cast. manilla, «pulseira»).	Manilhar , v. tr., adornar com manilhas; canalizar com manilhas (tubo).
Maninho , adj., não cultivado; estéril; que é de logradouro público; que está sem dono conhecido; s. m., terreno inculto.	Maninhar , v. tr., deixar sem cultura (terreno).
Maquia , s. f., antiga unidade de medida de capacidade equivalente a dois celamins; porção que os moleiros tiram da farinha, e os lagareiros tiram do azeite que fabricam para outrem, como remuneração do seu trabalho; dinheiro; pé-de-meia; lucro.	Maquiar , v. tr., medir com maquia; (fig.) desfalcar; subtrair parte de; cobrar a maquia de; v. intr., cobrar a maquia.
Maravilha , s. f., coisa, pessoa ou acto que provoca admiração; prodígio; milagre; (Bras., bot.) planta trepadeira da fam. das Convolvuláceas, também	Maravilhar , v. tr., causar maravilha a; encher de admiração; v. refl., admirar-se.

chamada bons-dias; planta da fam. das Asteráceas, cultivada em Portugal, nos jardins.	
Marca , s. f., acto ou efeito de marcar; sinal distintivo de um produto; cunho; limite; fronteira; nome dado às províncias militares situadas junto das fronteiras, segundo a divisão administrativa feita por Carlos Magno, rei dos Francos (742 - 814), no seu Império; traço pertinente que, pela sua presença ou ausência, distingue entidades semiológicas pertencentes a categorias comuns; carimbo; qualidade; índole; categoria; nódoa causada por contusão; cada uma das evoluções de certas danças; letra ou sinal em roupa; sinal que se põe nalgum sítio, para recordar alguma coisa; craveira; bitola; botão que se vai forrar de fazenda; botão de ceroulas; tento, no jogo; unidade monetária da Finlândia.	Marcar , v. tr., pôr marca em; assinalar; notar; indicar; reservar; designar; fixar; bordar a fio de marca; ferir; calcular; enodoar; v. intr., distinguir-se; sobressair; v. intr., vincar a sua opinião; v. intr. (fig.) não progredir.
Marimba , s. f., espécie de tambor dos Cafres; instrumento musical formado de lâminas de vidro ou metal, graduadas em escala, que se percutem com martelinhos de madeira; o m. q. xilofone.	Marimbar , v. intr., tocar marimba.
Marisco , s. m., designação corrente que abrange os crustáceos e moluscos marinhos comestíveis.	Mariscar , v. intr., apanhar mariscos; andar à procura de mariscos (as aves marinhas).
Martelo , s. m., instrumento de ferro, de cabo de madeira, destinado a quebrar, bater, pregar, e muitas vezes com um dispositivo (orelhas) para arrancar pregos; (fig.) maçador; (anat.) um dos ossículos do ouvido; peça do piano para percutir as cordas; peça que bate no sino ou na campainha para dar as horas.	Martelar , v. tr., bater com martelo em; (fig.) importunar; insistir; repetir muitas vezes para decorar; v. intr. dar marteladas.
Marugem , s. f., o m. q. morugem. Morugem , s. f. (bot.) planta herbácea, da fam. das Cariofiláceas, frequente em Portugal, nos campos cultivados e incultos, também denominada merugem, murugem, nevasqueira, etc.	Marujar , v. intr. (reg.) ficar verde como a marugem; chuvejar; merujar.
Máscara , s. f., artefacto de cartão, pano ou cera, que representa uma cara ou parte dela, e destinado a cobrir o rosto para disfarçar a pessoa que o põe; peça para defesa da cara, na guerra, nos combates de esgrima ou na limpeza de colmeias; objecto que se eleva no terreno natural (sebe, moita, árvore),	Mascarar , v. tr., disfarçar com máscara ou traje; (fig.) dissimular; dar falsa aparência a; ocultar à vista; refl., pôr máscara; vestir-se de máscara; disfarçar-se.

<p>oferecendo abrigo contra as vistas inimigas, mas não contra os seus fogos; dispositivo que se adapta à boca e ao nariz de um doente para que este inspire certas substâncias, como no caso das anestésias; (fig.) disfarce; dissimulação; falsa aparência.</p>	
<p>Mata-bicho, s. m. (pop.) pequena quantidade de bebida alcoólica que se toma em jejum; primeiro-almoço.</p>	<p>Mata-bichar, v. intr., tomar o mata-bicho (primeiro-almoço).</p>
<p>Matraca, s. f., instrumento de madeira formado de tábuas com argolas móveis que se agitam para fazer barulho ou dar sinal; (fig.) chacota; apupada.</p>	<p>Matracar, v. intr., bater com força a uma porta para que a abram; o m. q. matraquear; (fig.) insistir com impertinência em alguma coisa; v. tr., importunar; enfadar.</p>
<p>Matrimónio, s. m., sacramento da Igreja que valida, perante Deus, a união do homem com a mulher; casamento; união conjugal; contrato perante a lei para um homem e uma mulher viverem em comum e beneficiarem de certos privilégios legais; consórcio; bodas; núpcias.</p>	<p>Matrimoniar, v. tr., ligar pelo matrimónio; v. refl., casar-se.</p>
<p>Mecha, s. f., tira de papel ou de pano embebida em enxofre para defumar vasilhas de vinho; pedaço de gaze que se introduz numa ferida ou trajecto fistuloso para facultar a saída do pus ou serosidade; artifício pirotécnico que faz parte da espoleta de certas granadas, destinado a transmitir o fogo, com retardamento, ao detonador; espiga existente na extremidade superior da madre do leme, destinada a receber a cana do mesmo; torcida de candeia ou de vela; pavio; rastilho; espigão; parte vazada de uma peça de madeira onde a espiga encaixa; (fig.) importunação; maçada; (pop.) velocidade; pressa.</p>	<p>Mechar, v. tr., defumar com mecha; introduzir mecha em; comunicar fogo a.</p>
<p>Medalha, s. f., chapa metálica que tem gravada alguma inscrição, data, efigie ou número; venera; insígnia de ordem honorífica; prémio de concurso ou exposição; caixinha de tampa que as mulheres trazem ao pescoço como adorno; berloque na corrente do relógio.</p>	<p>Medalhar, v. tr., gravar em medalha; honrar com medalha comemorativa.</p>
<p>Meirinho, s. m., antigo empregado judicial, correspondente ao actual oficial de diligências; beleguim; magistrado que governava uma comarca ou um território; adj., diz-se do gado lanígero que,</p>	<p>Meirinhar, v. intr., exercer o cargo de meirinho.</p>

de Verão, pasta nas montanhas, e, no Inverno, na planície; diz-se também da lã desse gado.	
Mel , s. m., substância açucarada que as abelhas e outros insectos preparam com o suco das flores, e que depositam nos alvéolos dos seus favos; (fig.) doçura; suavidade.	Melar 1. v. tr., adoçar ou untar com mel; dar a cor do mel a; v. intr., produzir mel.
Mela , s. f., doença dos vegetais que os impede de crescer, e torna chochos os seus frutos; doença; (fig.) envelhecimento; ruína física; caquexia; (reg.) falha no gume de instrumentos cortantes; mozza; falta de cabelo; (Bras.) sova.	Melar 2. v. tr., fazer mozza em; v. intr. possuir mela; tornar-se peço ou chocho.
Melodia , s. f., conjunto de sons agradáveis ao ouvido; qualidade de um canto ou peça musical agradável; sucessão rítmica de sons musicais a intervalos diferentes, em que a força vital provém da acentuação determinada pelo ritmo; (fig.) suavidade no cantar, no falar, no escrever; doçura na voz ou no estilo.	Melodiar , v. tr., tornar melodioso; cantar com melodia; v. intr., compor ou entoar melodias.
Memória , s. f., função geral de conservação de experiência anterior, que se manifesta por hábitos ou por lembranças; tomada de consciência do passado como tal; lembrança; monumento comemorativo; nome; fama; recordação; dissertação científica, literária ou histórica; conjunto de elementos de um sistema que, em dado momento, são função da história do sistema; exposição sumária; memorando; pl., escrito narrativo em que se compilam factos presenciados pelo autor ou em que este tomou parte.	Memoriar , v. tr., reduzir a uma memória ou relação; fazer ou escrever uma memória sobre.
Meruja , s. f. (reg.) acto ou efeito de merujar. chuvisco.	Merujar , v. intr., cair meruja; (reg.) chuviscar; v. tr. (reg.) regar permanentemente com água.
Mesquinho , adj., escasso de recursos; pobre; sovina; avaro; infeliz; desditoso; acanhado; insignificante; s. m., homem somítico.	Mesquinhar , v. tr., julgar mesquinho ou infeliz; recusar por mesquinhez; regatear.
Mestiço , adj. e s. m., que ou aquele que é proveniente de pais de raças, variedades ou subespécies diferentes; o m. q. misto; híbrido; mulato.	Mestiçar , v. tr., cruzar, entre si, indivíduos de raças, variedades ou subespécies distintas, para a produção de mestiços; v. intr., produzir híbridos.
Miga , s. f., espécie de búzio; migalha.	Migar , v. tr., deitar (na sopa) o pão desfeito em migalhas; deitar migas em; esfarelar.
Mímica , s. f., expressão do pensamento por	Mimicar , v. tr., exprimir por gestos; v. refl.,

gestos, movimentos fisionómicos, etc., que imitam o que se quer significar; por extensão, movimentos expressivos do corpo e, principalmente, do rosto e das mãos.	expressir-se por gestos.
Mimo , s. m., gesto ou expressão carinhosa com que se trata outrem; presente delicado; meiguice; afago; delicadeza; primor; coisa encantadora; (lit.) género teatral, usado na Antiguidade, em que o actor imitava os caracteres e os costumes do tempo; actor que representava peças desse género; (fig.) aquele que imita gestos ou maneiras de dizer de outrem; pl., regalos; comodidades.	Mimar , v. tr., dizer ou fazer por mímica; representar por gestos; amimar. ¹²⁸
Minuta , s. f., acto ou efeito de minutar; primeira redacção de um escrito; rascunho; borrão; desenho traçado à vista do terreno, no levantamento de uma planta.	Minutar , v. tr., ditar ou fazer a minuta de.
Missão , s. f., acto de enviar ou ser enviado; incumbência; encargo; comissão diplomática; série de sermões doutrinários; estabelecimento de missionários.	Missionar , v. tr., instruir como missionário; pregar a fê a; catequizar; evangelizar; v. intr., fazer missões; pregar.
Miúdo , adj., que tem pequenas dimensões; diminuto; amiudado; delicado; minucioso; sovina; s. m. criança; rapazinho; s. m. pl., dinheiro em moedas de pouco valor; insignificância; vísceras de alguns animais.	Miudar , v. tr., o m. q. amiudar. Amiudar , v. tr., tornar miúdo; fazer amiúde; repetir frequentemente.
Mocho , l. s. m. (ornit.) nome vulgar extensivo a várias aves de rapina nocturnas, da fam. dos Estrigídeos, algumas das quais frequentes em Portugal, e também denominadas toupeirão, galhofa, chio, mocho-de-orelhas, mocho-real, bufo, martaranho, ujo, etc. 2. s. m., banco de assento quadrado ou redondo, sem encosto, e destinado a uma só pessoa; adj., diz-se do animal que não tem armação porque lha cortaram ou porque nasceu sem ela, devendo tê-la; mutilado; (reg.) sem grão.	Mochar , v. tr., tornar mocho; cortar um membro a; mutilar; v. intr., faltar a um compromisso.

¹²⁸ Relativamente à origem do verbo *mimar*, o DCECH tece algumas considerações. Segundo os Autores, provavelmente nunca se saberá qual é a forma primitiva, se *mimo*, se *mimar*, pelo facto de, em documentos antigos, ambos os termos aparecerem com a mesma frequência. No entanto, a oscilação que se verifica entre *mimar* e *amimar*, por um lado, e a antiguidade do adjectivo *mimoso*, por outro, «inclinan levemente la balanza en favor del sustantivo.»

<p>Modelo, s. m., imagem ou desenho que representa o objecto que se pretende reproduzir esculpindo, pintando ou desenhando; pessoa exemplar, perfeita, digna de ser imitada; exemplo; forma; pessoa que serve de estudo aos pintores e escultores; protótipo de alta costura; manequim; esquema teórico em matéria científica representativo de um comportamento, de um fenómeno ou conjunto de fenómenos; pessoa, geralmente jovem, cuja actividade profissional consiste em desfilar ou posar perante um público interessado com o objectivo de promover a procura do vestuário ou dos adornos que ostenta.</p>	<p>Modelar, v. tr., fazer por molde ou modelo; reproduzir exactamente; moldar; contornar; regular; v. refl., tomar como modelo.</p>
<p>Módico, adj., pequeno; exíguo; moderado; económico; modesto; que tem pouco valor; que é pouco considerável.</p>	<p>Modicar, v. tr., tornar módico; comedir; limitar; restringir; moderar; abrandar; refrear; diminuir.</p>
<p>Modilho, s. m., música ligeira; ária; cantiga; modinha; adj., que observa escrupulosamente as modas.</p>	<p>Modilhar, v. tr. modificar; variar; v. intr. cantar modilhos.</p>
<p>Mofa, s. m., bolor; bafio; (famil.) borla; coisa grátis.¹²⁹</p>	<p>Mofar, v. tr., provocar a formação de mofo em; tornar mofento; v. intr., criar mofo.</p>
<p>Moinho, s. m., engenho ou máquina de moer grãos ou triturar determinadas substâncias; casa onde esse engenho ou máquina está instalada; lugar de azeite; azenha; (fig.) pessoa que come muito e depressa.</p>	<p>Moinhar, v. intr., agitar as velas (o moinho); molinhar.</p>
<p>Molde, s. m., peça oca que serve para dar forma a obras de fundição, a esculturas de gesso, etc.; chapa, folha de papel, etc., com forma ou recortes convenientes para serem reproduzidos em certos artefactos; cofragem; cêrcea; norma; modelo; exemplo.</p>	<p>Moldar, v. tr., ajustar ao molde; formar o molde de; vazar (no molde) o metal derretido; (fig.) adaptar; dar forma a; conformar; afeiçoar; v. refl., regular-se; adaptar-se; sujeitar-se.</p>
<p>Molenga, adj. e s. 2 gén., o m. q. molengão.</p> <p>Molengão, s. m., muito molenga; indivíduo indolente, mole, sem energia, preguiçoso; molancão; molanqueiro; molanqueirão; molenga.</p>	<p>Molengar, v. intr., estar molenga ou molengão; preguiçar.</p>

¹²⁹ Julgamos uma incongruência que, no mesmo dicionário — e-DLP — o verbo *mofar* presente na sua base o nome *mofa* e este seja considerado um derivado regressivo de *mofar*. Para esclarecer as dúvidas colocadas foram consultados outros dicionários — NDALP e DENFLP — nos quais o verbo *mofa* é indicado como estando na base do verbo *mofar*.

Morcego , s. m. (zool.) nome vulgar extensivo a todos os mamíferos da ordem dos quirópteros, que, em Portugal, compreende espécies, todas crepusculares e nocturnas, que hibernam na estação fria; (pop.) pessoa que só gosta de sair de noite.	Morcegar , v. tr. (Bras.) subir ou descer de um veículo em andamento.
Morraça , s. f., vinho ordinário; mercadoria que não tem extracção; moliço; pedra miúda; (bot.) planta, da fam. das Gramíneas, frequente e espontânea nas areias marítimas do centro e do Sul de Portugal; (reg.) chuva miudinha; chuisco.	Morraçar , v. intr. (reg.) chuiscar.
Mostrengo , s. m., pessoa desajeitada, ociosa ou inútil; estafermo.	Mostrengar , v. tr., tornar mostrengo; v. refl., tornar-se mostrengo.
Muralha , s. f., muro que guarnece uma fortaleza; muro grande; paredão.	Muralhar , v. tr., cercar de muralhas; servir de muralha a; defender.
Murmurinho , s. m., sussurro de muitas pessoas que falam ao mesmo tempo; burburinho; ruído brando das águas, das folhas; murmúrio.	Murmurinhar , v. intr., produzir murmurinho; burburinhar.
Música , s. f., arte de combinar harmoniosamente vários sons, de acordo com regras definidas; qualquer composição musical; concerto vocal ou instrumental; conjunto de músicos; filarmónica; orquestra; conjunto de sons agradáveis; harmonia; cadência; ritmo; (gír.) arte de atrair, de seduzir; conversa que aborrece; treta; lábia.	Musicar , v. intr., compor música; cantar ou tocar algum trecho ou peça musical; trautear; cantarolar; v. tr., pôr em música (um trecho literário).
Nasal , adj. 2 gén., do nariz; referente a nariz; diz-se do som modificado pelo nariz; s. m. um dos dois ossos que formam a cana do nariz.	Nasalar , v. tr., tornar nasal; pronunciar com som nasal; nasalizar.
Navalha , s. f., espécie de faca cujo cabo tem uma fenda longitudinal em que se pode resguardar a lâmina que a ele se liga por articulação; dente incisivo; (zool.) o m. q. longueirão; (fig.) frio intenso; pessoa de má língua.	Navalhar , v. tr., dar navalhadas em; golpear; (fig.) torturar.
Névoa , s. f., nevoeiro pouco denso; mancha, na córnea, que perturba a visão; o m. q. belida; (fig.) obscuridade; pl., designação popular das cataratas (doença dos olhos).	Nevoar-se , v. refl., cobrir-se de névoa; obscurecer-se; toldar-se; enevoar-se.
Ninho , s. m., construção ou lugar onde as aves põem os ovos; ninheiro; lugar onde dormem certos animais; (fig.) abrigo; esconderijo; leito luxuoso; tálamo; cama rústica; enxerga; berço; cama de	Ninhar , v. intr. (pop.) fazer ninho.

criança; retiro; toca; casa de recém-casados; casa paterna; pátria; berço.	
Níquel , s. m. (quím.) elemento n.º 28 da classificação periódica, de símbolo Ni, que é um metal esbranquiçado, pouco alterável ao ar, magnético, muito usado no revestimento protector de objectos metálicos; moeda desse metal.	Niquelar , v. tr., cobrir com uma camada de níquel.
Nível , s. m., instrumento que serve para verificar se um plano está horizontal ou vertical; (fig.) horizontalidade; altura; igualdade; situação; rasoura; norma; (topogr.) aparelho especialmente destinado à definição de planos de nível, por meio de visadas horizontais.	Nivelar , v. tr., pôr ao mesmo nível; aplanar; tornar horizontal; medir com o nível; (fig.) colocar no mesmo plano; igualar.
Novela , s. f., composição literária do género do romance, mas mais curta que este e mais desenvolvida que o conto; enredo; patranha; ficção.	Novelar , v. intr., escrever novelas.
Notícia , s. f., informação de uma coisa sabida por quem a dá; conhecimento; nota; observação; novidade; memória; lembrança; escrito sobre um facto ou pessoa notável; anúncio; biografia; (mil.) facto, documento ou material cujo conhecimento possa ter interesse para o serviço de informações.	Noticiar , v. tr., dar notícia de; notificar; anunciar; participar.
Obséquio , s. m., acto ou efeito de obsequiar; favor; serviço prestado de boa vontade; benefício; condescendência; fineza.	Obsequiar , v. tr., fazer obséquios a; presentear; mimosear; tratar com agrado; cativar.
Ódio , s. m., rancor profundo e reservado que se sente por outrem; execração; inimizade; aversão; antipatia; horror.	Odiar , v. tr., ter ódio a; sentir repugnância por; detestar; aborrecer; execrar. ¹³⁰
Oferenda , s. f. aquilo que se oferece; oferta; oblata.	Oferendar , v. tr., fazer oferta de; ofertar; oblatar.
Oferta , s. f., acto ou efeito de ofertar; coisa que se oferece (geralmente aos santos ou a Deus); oblata; dedicatória; oferecimento; promessa; dádiva; presente; donativo; preço oferecido; (econ.) quantidade de um bem ou serviço posto à disposição dos consumidores a certo preço.	Ofertar , v. tr., dar como oferta; oblatar; oferecer; consagrar.
Ofício , s. m. qualquer arte manual ou mecânica;	Oficiar , v. intr., dirigir um ofício; celebrar o ofício

¹³⁰ O DCECH coloca a hipótese de *odiar* ser um verbo «derivado quizá tomado del it. *odiare*.» Uma vez que os autores não indicam de forma segura a origem deste verbo e que os restantes dicionários consultados o apresentam como derivado em português, decidimos inclui-lo no nosso *corpus*.

cargo; emprego; profissão; obrigação natural; dever; função; destino; oração religiosa; alcofa para ferramentas de sapateiro; carta de carácter oficial, enviada por uma autoridade, sobre assuntos de interesse público; pl., serviços; intervenção.	divino.
Oiriço , s. m., o m. q. ouriço.	Oiriçar , v. tr., o m. q. ouriçar.
Orelha , s. f., dobra numa folha de livro; parte da gáspea de alguns modelos de calçado; dobra no canto de uma página de livro; dobra na capa ou na sobrecapa de um livro; badana; qualquer saliência ou apêndice que lembra o pavilhão auricular; (anat.) expansão lamelar mais ou menos desenvolvida (e móvel em alguns animais), que constitui a parte externa do ouvido externo dos mamíferos, também denominada pavilhão, pavilhão auricular ou pavilhão auditivo; ouvido; (bot.) apêndice lamelar em alguns órgãos vegetais, como em certas folhas; cotilédones de uma planta juvenil.	Orelhar , v. tr., agarrar (o animal) pelas orelhas.
Órfão , adj. e s. m., que ou aquele que perdeu pai e mãe, ou um deles; (fig.) privado; desamparado; abandonado.	Orfanar , v. tr., deixar órfão; (fig.) privar; v. intr., ficar órfão.
Orgulho , s. m., conceito exagerado que alguém faz de si próprio; soberba; vaidade; altivez; pundonor; dignidade; brio.	Orgulhar , v. tr., encher de orgulho; ensoberbecer; ufanar; v. refl., envaidecer-se; ufanar-se; gloriar-se.
Origem , s. f., primeira causa determinante; princípio; nascença; nascimento; primórdio; nascente; naturalidade; procedência; pretexto; justificação; causa; etimologia.	Originar , v. tr., dar origem a; causar; predispor; determinar; v. refl., proceder; resultar; nascer.
Ortiga , s. f. (bot.) o m. q. urtiga (planta); (ant.) canhão que atirava pelouros de pedra.	Ortigar , v. tr., o m. q. urtigar.
Orvalho , s. m., gotículas de água provenientes da condensação do vapor de água da camada atmosférica em contacto com a superfície terrestre, formadas durante a noite por arrefecimento da referida superfície e dos objectos expostos à perda de calor por irradiação; rocio; (pop.) chuva miudinha; (fig.) bálsamo.	Orvalhar , v. tr., cobrir de orvalho; aspergir ou molhar com gotas de qualquer líquido; v. intr., formar-se orvalho; (pop.) chuveisar.
Ouriço , s. m., invólucro espinhoso de alguns frutos; máquina de guerra, muito pesada, outrora usada no assédio às muralhas; obstáculo militar	Ouriçar , v. tr., encrespar; arrepiar; eriçar.

<p>contra pessoal ou contra carros de combate, constituído por três barrotes ou vigas de ferro entrecruzadas; (fig.) pessoa empertigada ou difícil; pl. (medic.) conjuntivite.</p>	
<p>Oval, adj. 2 gén., que tem o feitio de ovo; s. f. (geom.) curva plana fechada, com vários centros, formada por arcos de circunferência, sucessivamente concordantes e com dois eixos de simetria.</p>	<p>Ovalar, v. tr., dar forma oval a.</p>
<p>Óxido, s. m. (quím.) composto binário em que figura oxigénio.</p>	<p>Oxidar, v. tr. (quím.) converter em óxido; enferrujar; combinar com oxigénio; provocar a perda de electrões de qualquer espécie química (átomo, ião, molécula, etc.); aumentar o número de oxidação de um elemento químico; v. intr. e refl., converter-se em óxido; ganhar ferrugem; enferrujar.</p>
<p>Oxigénio, s. m. (quím.) elemento gasoso n.º 8 da classificação periódica, de símbolo O, que ocupa cerca de um quinto da atmosfera e que entra na formação de grande número de compostos.</p>	<p>Oxigenar, v. tr. (quím.) fixar oxigénio em; fornecer oxigénio a (um composto).</p>
<p>Palanca, s. f., estaca; palanque; panca; tranca; barrote; vedação de madeira; instrumento de caldeireiro para estanhar e alisar; cada um dos varais em que assenta o caixão mortuário, quando transportado; alavanca; (reg.) pilha de palha moída e apertada para estrume.</p>	<p>Palancar, v. tr., guarnecer de palancas.</p>
<p>Pão, s. m., alimento feito com farinha amassada, geralmente fermentada e cozida no forno; cereal de que se faz o pão; (fig.) o sustento; meios de subsistência; auxílio moral; (gír.) rapaz bonito, elegante.</p>	<p>Panar, v. tr., envolver em pão ralado; deitar pão ralado em água, coando-a em seguida por um pano, para uso de doentes.</p>
<p>Parafuso, s. m., peça cilíndrica ou cónica, roscada, destinada especialmente a segurar ou fixar duas peças; rosca; tarraxa; (fig.) cabeça que está sempre a imaginar.</p>	<p>Parafusar, v. tr., apertar por meio de parafuso; atarraxar; o m. q. aparafusar; v. intr. (fig.) cogitar; matutar; especular; meditar.</p>
<p>Parágrafo, s. m., um ou mais períodos que tratam do mesmo assunto; pequena divisão de um discurso (sinal gráfico dessa divisão: §); capítulo; artigo; alínea.</p>	<p>Paragrafar, v. tr., dividir em parágrafos.</p>
<p>Parcela, s. f. (mat.) cada um dos números que se adicionam, para formar um único chamado soma;</p>	<p>Parcelar, 1. adj. 2 gén., dividido em parcelas; o m. q. parcelado. 2. v. tr. dividir em parcelas.</p>

pequena parte de um todo; fragmento.	
Partilha , s. f., acto ou efeito de partilhar; acto destinado a fazer cessar a indivisão de um património; divisão dos bens de uma herança; repartição; quinhão; dote; atributo.	Partilhar , v. tr., fazer partilha de; dividir; repartir; v. intr., tomar parte em; participar em; v. refl. (fig.) desdobrar-se.
Passinho , dim. de passo. Passo , s. m., acto de mover um pé para andar; modo de andar; espaço percorrido de cada vez que se desloca e pousa no chão um pé; medida itinerária; andamento; marcha; cada uma das várias maneiras de a tropa marchar; cada uma das diversas posições dos pés na dança; facto, acontecimento; transe; deslocamento longitudinal de um parafuso por cada volta inteira; passagem estreita e difícil; braço de mar; estreito; (fig.) acto; resolução; conjuntura; situação; negócio; vestígio; cada uma das fases da paixão de Cristo; episódio ou trecho de uma obra literária.	Passinhar , v. intr., dar passos miúdos.
Patinho , s. m., dim. de pato; (pop.) aquele que facilmente se deixa enganar, sobretudo ao jogo; lorpa; pateta; patau; jogo popular.	Patinhar , v. intr., agitar a água como fazem os patos; bater com as mãos ou os pés na água; v. tr. deixar os vestígios das patas ou dos pés em.
Patusco , adj. e s. m., que ou aquele que é amigo de patuscadas; pândego; brincalhão; cómico; ridículo; (reg.) pequeno bolo de trigo, às vezes doce; pãozinho de centeio ou milho.	Patuscar , v. intr., fazer patuscadas; pandegar; folgar.
Peco , s. m., doença dos vegetais que os faz estiolar; adj., que não chegou a medrar; definhado; (fig.) estúpido; bronco.	Pecar , v. intr., tornar-se peço.
Pedal , s. m., alavanca anexa a certos instrumentos e máquinas, que se move com o pé.	Pedalar , v. intr., accionar os pedais; (pop.) andar de bicicleta.
Pedinte , adj. e s. 2 gén., que ou a pessoa que pede ou mendiga.	Pedintar , v. tr. e intr. o m. q. pedinchar. Pedinchar , v. tr. e intr., pedir insistentemente e com lamúria; pedir muito; o m. q. pedintar.
Pele , s. f., revestimento externo de muitos animais, constituído, tipicamente, nos vertebrados, por epiderme e derme; epiderme; invólucro de certos frutos e legumes; casca; couro; odre; o corpo. Pêlo , s. m., cada um dos órgãos filiformes, de	Pelar , v. tr., tirar a pele, o pêlo ou a casca a; esfolar; descascar; tirar os haveres a alguém, deixando-o ficar sem nada; queimar; escaldar; v. refl., queimar-se ou escaldar-se; perder a pele ou o pêlo.

origem epidérmica, que revestem a superfície do corpo dos mamíferos; o conjunto destes órgãos, num animal; o m. q. pelagem; produção filiforme à superfície da pele de muitos animais; lanugem dos frutos; cabelo; penugem.	
Pendão , s. m., espécie de bandeira grande que é levada em algumas procissões; insígnia; bandeira; estandarte; pavilhão; (ictiol.) o m. q. bezedor; (bot.) inflorescência terminal do milho, também designada bandeira.	Pendoar , v. intr., o m. q. apendoar. Apendoar , v. tr. colocar pendões em; v. intr. deitar pendão (o milho); v. refl., embandeirar-se.
Pensão , s. f., renda vitalícia ou temporária; foro; o que se paga pela educação e sustento de um aluno no colégio; casa de hóspedes; hospedaria; encargo; ónus; (fig.) obrigação; trabalho; incômodo.	Pensionar , v. tr., obrigar a pensão; dar ou pagar pensão a; sobrecarregar com trabalhos.
Penitência , s. f., arrependimento de ter ofendido a Deus; pena imposta pelo confessor ao penitente para remissão dos seus pecados; um dos sete sacramentos da Igreja; cilícios, jejuns, sacrifícios para expiação dos pecados; castigo; expiação; tormento.	Penitenciar , v. tr., impor penitência a; castigar; v. refl., arrepender-se; sujeitar-se a sacrifícios para remir os pecados ou faltas.
Perfeição , s. f., execução ou acabamento completo; qualidade daquilo que é perfeito; bondade, beleza ou excelência em grau elevado; primor; mestria; requinte.	Perfeioar , v. tr., o m. q. aperfeioar. Aperfeioar , v. tr., tornar perfeito; apurar; melhorar; acabar; v. refl., emendar-se; corrigir-se; tornar-se mais perfeito.
Perigo , s. m., situação que ameaça a existência de uma pessoa ou coisa; risco; (reg.) raio; aborto involuntário.	Perigar , v. intr., estar em perigo; periclitar; (reg.) abortar involuntariamente.
Pérola , s. f., glóbulo calcário, nacarado, produzido por certos lamelibrânquios, especialmente pelas ostras perlíferas, como processo de defesa contra parasitas ou corpos estranhos que nele ficam envolvidos; variedade de pêra e de uva; variedade de chá; camarinha de orvalho; (fig.) pessoa muito bondosa; coisa excelente; (bot.) o m. q. aljofareira; pl. (fig.) lágrimas.	Perolar , v. tr., ornar de pérolas; aljofarar; rociar.
Petardo , s. m., explosivo de forma prismática ou cilíndrica utilizado nas destruições militares; pequena peça de artifício que rebenta com estrondo; bomba.	Petardar , v. tr., o m. q. petardear. Petardear , v. tr., fazer saltar com petardos; v. intr., detonar como petardos.
Petisco , s. m., iguaria muito saborosa; acepipe;	Petiscar , v. tr. comer um pouco para provar;

pitêu; gulodice; fuzil com que se fere lume; pequena refeição que se servia aos malhadores e aos segadores; (fig.) pessoa que se deixa desfrutar; indivíduo ridículo; pãozinho.	comer com pouco apetite; saborear; v. intr., comer petiscos; ferir lume na pederneira com o petisco ou fuzil; (fig.) ter conhecimentos superficiais.
Pincel , s. m. instrumento formado por um tufo de pêlos fortemente atados a um cabo, que serve para estender tintas, ensaboar, etc.; broxa; (fig.) pintura; a maneira de pintar de cada artista; pintor; colorido.	Pincelar , v. tr., dar pinceladas em; pintar com pincel; cair; tingir; v. intr. trabalhar com pincel.
Pintainho , s. m., dim. de pinto; cria de galinha, recém-nascida ou ainda sem penas; pinto muito novo.	Pintainhar , v. intr., pipilar como os pintainhos; mover-se como pintainho.
Pipoca , s. f., variedade de milho de grão pequeno; este grão estalado ao calor; dança.	Pipocar , v. intr., estalar como a pipoca.
Pirraça , s. f., palavra ou acto dirigido a alguém com o fim de o agastar; partida; desfeita; acinte.	Pirraçar , v. tr. e intr., fazer pirraça a; contrariar de propósito.
Polca , s. f., espécie de dança boémia, e respectiva música a dois tempos.	Polcar , v. intr., dançar a polca.
Polémica , s. f., discussão na imprensa; controvérsia; disputa amigável mas acalorada.	Polemicar , v. intr., travar polémica; discutir.
Polícia , s. f., segurança ou ordem pública; organização que lhe serve de garantia; força pública encarregada de manter as leis e disposições; disciplina; etiqueta; pragmática; (pop.) demanda judicial; s. m., indivíduo pertencente à corporação da polícia.	Policar , v. tr., vigiar com o auxílio da polícia ou segundo os regulamentos policiais; guardar; fiscalizar; zelar; civilizar.
Política , s. f., ciência ou arte de governar; orientação administrativa de um governo; princípios directores da acção de um governo; arte de dirigir as relações de um Estado com outro; conjunto dos princípios e dos objectivos que servem de guia a tomadas de decisão e que fornecem a base da planificação de actividades; (fig.) modo de se haver em qualquer assunto particular para se obter o que se deseja; astúcia; esperteza; maquiavelismo; cortesia; urbanidade; civilidade; cerimónia.	Politicar , v. intr., tratar da política; fazer política; falar sobre política.
Ponto , s. m., porção de fio que fica entre dois furos de agulha ou sovela, quando se cose; trabalho de costura; pequena mancha arredondada; ponta; picada ou furo que se faz com uma agulha	Pontoar , v. tr., marcar com pontos; apontoar; granir.

<p>num tecido; sinal ortográfico ou de pontuação; termo; fim; sítio fixo e determinado; tempo marcado; interesse; mira; passo; objecto; questão; matéria ou assunto de que se trata; questionário para exercício escolar escrito; exame; altura; cada uma das pintas nas faces dos dados; minuto; instante; momento; circunstância; estado actual; grande concentração de uma calda de açúcar; inclinação; conjuntura; situação; medida que regula a grandeza dos caracteres tipográficos; unidade de medida usada por sapateiros, carpinteiros, etc.; intervalo entre dois filetes consecutivos, no braço dos instrumentos de cordas; sujeito; indivíduo; ratão; pessoa que, numa representação teatral, lê a peça em voz baixa, para auxiliar a memória dos actores; (geom.) lugar de intersecção de duas linhas; entidade geométrica sem dimensão alguma; pl., remuneração mensal dos empregados de hotel.</p>	
<p>Português, adj., relativo ou pertencente a Portugal; (fig.) franco, apesar de rude; leal; s. m., natural ou habitante de Portugal; aquele que tem nacionalidade portuguesa; língua falada pelos Portugueses, Brasileiros e povos das antigas colónias portuguesas; antiga moeda de ouro.</p>	<p>Portuguesar, v. tr., o m. q. aportuguesar.</p> <p>Aportuguesar, v. tr., acomodar ao gosto ou uso português; dar forma portuguesa a; v. refl., tornar-se semelhante ao português.</p>
<p>Prancha, s. f., tábua muito grossa; tabulão que estabelece passagem de um barco para outro ou para terra; plataforma donde o nadador efectua saltos para a água; circular enviada por uma seita, nomeadamente uma loja maçónica, aos membros de outras seitas; andaime; folha da espada ou do sabre.</p>	<p>Pranchar, v. tr., dar pranchadas a; v. intr., dar pranchadas.</p>
<p>Pregão, s. m., acto de apregoar; anúncio público feito em voz alta; proclamação; divulgação; pl. proclamas de esponsórios.</p>	<p>Pregoar, v. tr., o m. q. apregoar; proclamar; elogiar publicamente; divulgar; bradar; gritar; aconselhar; preconizar.</p> <p>Apregoar, v. tr., anunciar por meio de pregão; dizer em voz alta; ler na igreja (os proclamas de noivos); divulgar; publicar; convocar; v. refl. gabar-se.</p>
<p>Preguiça, s. f., tendência viciosa para não trabalhar; aversão ao trabalho; mandriice; inacção;</p>	<p>Preguiçar, v. intr., dar-se à preguiça; mandriar.</p>

indolência; pachorra; lentidão; moleza; vadiagem; corda que dirige o peso dos guindastes; (zool.) nome vulgar extensivo aos mamíferos desdentados, arborícolas, filófagos, da fam. dos Bradipodídeos, vulgares na América, que se deslocam muito lentamente; (reg.) pequeno molho da meda do cereal ainda por malhar.	
Prenda , s. f., objecto que se dá como brinde; dádiva; presente; (fig.) conhecimento prático de certas artes que formam geralmente a educação; dote; habilidade; aptidão; dom; qualidade pessoal; mérito; predicado; (pop.) pessoa ruim.	Prendar , v. tr., dar prenda a; dotar com prendas; presentear; premiar.
Presigo , s. m., o que se come com o pão; carne de porco; conduto.	Presigar , v. tr., acompanhar com presigo; condutar; apresigar.
Professor , s. m., indivíduo que professa ou ensina (uma ciência, uma arte, uma língua, etc.); (fig.) aquele que é adestrado ou perito em qualquer arte ou ciência.	Professorar , v. intr., exercer o mister de professor.
Profundo , adj., muito fundo; que penetra muito; que vai muito ao interior; muito extenso; cavado; que não é superficial; (fig.) escuro; medonho; difícil de compreender; grande; intenso; forte; perspicaz; adv., fundo; profundamente; s. m., profundidade; o Inferno; psicologia profunda: psicanálise.	Profundar , v. tr., tornar fundo ou profundo; escavar; (fig.) investigar; examinar; sondar; v. intr. embrenhar-se; penetrar.
Prognóstico , s. m., acto ou efeito de prognosticar; conjectura sobre o que há-de suceder; parecer do médico sobre o curso e o resultado de uma doença; presságio; agouro; adj. (pop.) sentencioso; doutoral; pronóstico.	Prognosticar , v. tr., fazer o prognóstico de; predizer; profetizar; pressagiar; v. intr., estabelecer o prognóstico de uma doença.
Prólogo , s. m., pequeno discurso que antecede uma obra escrita; prefácio; proémio; preâmbulo; primeiro acto de um drama em que se representam sucessos anteriores à acção principal do mesmo.	Prologar , v. tr., fazer o prólogo de; prefaciá-lo.
Protocolo , s. m., registo dos actos públicos, na Idade Média; regulamento que se observa em alguns actos públicos; registo, feito pelo escrivão do juízo, do que se passou na audiência; registo da correspondência expedida, com a assinatura dos destinatários; acta das conferências ou deliberações entre ministros plenipotenciários de	Protocolar , v. tr., registar o protocolo de.

diversos Estados, ou entre congressistas internacionais.	
	Pupilar , v. intr. gritar (o pavão).
Quadrúpede , adj. e s. m., diz-se de alguns mamíferos, em especial ungulados, que assentam no solo quatro membros para a locomoção normal; (fig.) indivíduo bruto ou estúpido.	Quadrupedar , v. intr., andar em quatro pés; montar em quadrúpede; (fig.) imitar os quadrúpedes, quando anda.
Queijo , s. m., espécie de bolo que se obtém do leite coalhado pela fermentação da caseína; (fig.) coisa que dá interesse sem trabalho; problema fácil de resolver.	Queijar , v. intr., fabricar queijo; tornar-se em queijo.
Quincha , s. f. (Bras.) tecto de palha; cobertura de palha para carros.	Quinchar , v. tr. (Bras.) cobrir com quincha.
Quinhão , s. m., direito que cada um tem de receber uma quota-parte da renda de um prédio indiviso, encabeçado num dos co-proprietários do mesmo prédio, e por ele possuído; quota-parte; parcela; porção; partilha; parte de uma herança que compete a cada um dos co-herdeiros; (fig.) sorte.	Quinhoar , v. tr., ter quinhão em; aquinhoar; compartilhar; participar de.
Quitanda , s. f., pequena loja ou barraca de negócio; (Bras.) tabuleiro onde o vendedor ambulante transporta as suas mercadorias.	Quitandar , v. intr., exercer a profissão de quitandeiro.
Rabisco , s. m., o m. q. rabisca; gatafunho; garatuja; pl. (reg.) bocados de cortiça dispersos pelos caminhos ou debaixo dos sobreiros.	Rabiscar , v. intr., fazer rabiscos; traçar garatujas; escrever muito mal; v. tr., cobrir de rabiscos; escrevinhar.
Rabugem , s. f., espécie de sarna que ataca os cães e os porcos; (Bras.) madeira difícil de trabalhar; (fig.) impertinência; mau humor.	Rabujar , v. intr., ter rabugice; ser teimoso e impertinente; choramingar (as crianças).
Ração , s. f., porção de víveres que se calcula necessária para consumo diário ou para cada refeição de um homem ou de um animal; quinhão.	Raçoar , v. tr., o m. q. racionar. Racionar , v. tr.. impor oficialmente ração a; distribuir (géneros, víveres, etc.) por meio de ração; limitar a quantidade de; (Bras.) arraçoar (cavalos).
Ralo , l. s. m. ralador; o fundo do crivo ou da peneira; lâmina crivada de orifícios para coar a água ou outros líquidos; peça, com buracos, que se adapta a uma porta para deixar entrar o ar e ver para fora; peça idêntica que há nos confessionários; (zool.) insecto ortóptero, muito nocivo e robusto, da fam. dos Grilídeos, com as	Ralar , v. tr., friccionar contra o ralador; esmagar; triturar; moer; (fig.) apoquentar; afligir; consumir; amofinar.

patas anteriores adaptadas à escavação, que vive nas terras de cultura cavando galerias e destruindo a parte subterrânea das plantas, conhecido também por grilo-toupeira e raro; (Bras.) designação comum a algumas espécies destes insectos. 2. s. m., o m. q. rala. 3. s. m. antiga embarcação indiana. 4. adj. (pop.) o m. q. raro.	
Ramallo , s. m., ramo grande cortado da árvore; o m. q. ramalheiro.	Ramalhar , v. tr., agitar (os ramos das árvores); v. intr., sussurrar com o vento (os ramos).
Ranço , s. m., decomposição ou alteração das substâncias gordas, em contacto com o ar; (fig.) velharia.	Rançar , v. intr., ganhar ranço.
Raposa , s. f. (zool.) mamífero carnívoro, da fam. dos Canídeos, muito ágil, esperto e manhoso, de pêlo forte e longo, focinho pontiagudo e cauda comprida, que ataca aves e pequenos mamíferos, de que se alimenta; a pele deste animal preparada para agasalho; (acad.) reprovação em exame; (fig.) pessoa astuta; (reg.) espécie de cesto de vindima; jogo popular; conjunto de raízes (de plantas) que se introduzem nos canos condutores da água; bebedeira.	Raposar , v. intr., apanhar uma raposa (reprovação) em exame; v. tr., dar uma raposa (reprovação) a.
Raposinho , s. m., raposo pequeno; cheiro nauseabundo como o que é característico da raposa; variedade de trigo rijo cultivada no Algarve.	Raposinhar , v. intr., usar de malícia; ser manhoso como a raposa.
Raspanço , s. m., acto de raspançar; raspanete; descompostura; desanda; repreensão; reprimenda.	Raspançar , v. tr., raspar; (pop.) passar ou dar um raspanço a.
Rastelo , s. m., chapa com fileiras de dentes de ferro, por onde se passa o linho para lhe tirar os tomentos e a estopa; sedeiro; grade com dentes de pau para desfazer os torrões e aplanar a terra, depois da lavra; restelo.	Rastelar , v. tr., tirar a estopa com o rastelo a (linho); assedar.
Rastilho , s. m., sulco, cordão ou tubo cheio de pólvora ou outra substância incendiária para comunicar o fogo a qualquer coisa; (fig.) motivo remoto; origem; o m. q. rasto.	Rastilhar , v. tr., colocar rastilho em; v. intr., propagar-se por meio de rastilho; (fig.) esfuziar.
Rato , s. m. (zool.) nome vulgar extensivo a uns pequenos mamíferos roedores, alguns dos quais cosmopolitas, que, por vezes, constituem pragas; (ictiol.) peixe seláquio, afim da raia, da fam. dos	Ratar , v. tr., roer à maneira de rato; mordiscar; (reg.) murmurar de alguém.

<p>Trigonídeos, que aparece em Portugal e é também conhecido por uja, uje, usga, urze, ratona, etc.; o m. q. xuxo ou ratão; (náut.) pedra de arestas vivas que corta as amarras dos navios; (fig.) larápio; grande apetite; indivíduo esperto, manhoso; adj. (pop.) que tem cor de rato; s. m. (neol., inform.) dispositivo operado manualmente que permite executar funções no computador sem o recurso ao teclado.</p>	
<p>Razão, s. f., faculdade de raciocinar discursivamente, de combinar conceitos e proposições; faculdade de bem julgar, isto é, de discernir o bem do mal; raciocínio; justiça; dever; bom senso; causa; motivo; argumento; justificação; participação; juízo sensato; rectidão de espírito; notícia; relação entre duas quantidades; percentagem; taxa de juros; s. m., livro comercial, também designado conta-corrente.</p>	<p>Razoar, v. intr., servir-se da razão; raciocinar.</p>
<p>Rebo, s. m., pequena pedra; calhau; burgau.</p>	<p>Rebar, v. tr. (reg.) encher com rebos ou pedras pequenas (os vãos de uma parede).</p>
<p>Reboco, s. m., camada de argamassa que na construção se aplica sobre o emboço das superfícies de forma a torná-las lisas e regulares; substância com que se reveste o interior de um vaso para o tornar impermeável.</p>	<p>Rebocar, v. tr., cobrir com reboco.</p>
<p>Rede, s. f., aparelho armado com tecido de malha para apanhar peixes e outros animais; esse tecido de malha; tecido de malha metálica para vedações; malha para segurar o cabelo; tecido forte, tipicamente de malha, que se suspende de duas hastes ou ramos de árvore para se dormir a sesta; (fig.) conjunto de estradas ou caminhos que se ligam e ramificam; organização de espionagem implantada num país; entrelaçamento de nervos e fibras; conjunto de instalações disseminadas, mas ligadas umas às outras, destinadas a assegurar determinado serviço; conjunto de postos de transmissões da mesma natureza, telefónicos ou de rádio, sob a direcção de um deles, com a possibilidade de comunicar entre si; complicação; emaranhado de coisas ou de circunstâncias; cilada; logro; engano.</p>	<p>Redar, v. tr., apanhar com rede; v. intr., lançar a rede.</p>

Referendo , s. m., relatório que um agente diplomático expede ao seu governo, pedindo-lhe novas instruções; direito que em certos países assiste aos cidadãos de se poderem pronunciar sobre certos assuntos de interesse nacional ou local; consulta ao povo e sua resposta por meio de votação sobre matéria constitucional ou legislativa de interesse nacional; plebiscito.	Referendar , v. tr., assinar (o ministro) por baixo da assinatura do chefe do Estado; assinar como responsável; sancionar; aprovar; aceitar a responsabilidade de; verificar; confirmar; corroborar.
Rego , s. m., vala por onde passa água; sulco feito no solo pelo ferro do arado; valeta; rodeira; ruga na pele; refego; risca do penteado.	Regoar , v. tr., o m. q. arregar. Arregar , v. tr., abrir regos em; v. intr., fender-se; gretar (as frutas).
Regulamento , s. m., acto ou efeito de regular; regulamentação; estatuto; regra; norma; prescrição; disposição oficial que explica e regula a aplicação de uma lei ou decreto.	Regulamentar , v. tr., estabelecer um regulamento para; sujeitar a um regulamento; regular; adj. 2 gén., do regulamento; conforme o regulamento; referente ao regulamento.
Relação , s. f., acto ou efeito de relacionar; narração; ligação; conexão; analogia; conformidade; tribunal de segunda instância; rol; lista; pl., conhecimentos; trato; correspondência; ligação; cópula; acto sexual; (mat.) igualdade; desigualdade; razão; proporção; qualquer dependência de uma quantidade em face de outra.	Relacionar , v. tr., fazer a relação de; pôr em lista; arrolar; narrar; referir; estabelecer relação entre; confrontar; v. refl., adquirir relações; ter trato social com alguém.
Remel , s. m. (fig.) grande doçura.	Remelar , 1. v. intr., ficar remelão (açúcar).
Remela , s. f., substância amarelada, de formação anormal, que aparece nos pontos lacrimais e nos bordos da conjuntiva; (reg.) reima das sardinhas de salmoira; ramela.	Remelar , 2. v. intr., criar remela.
Renda , s. f. obra de malha feita com fio de linho, seda, ouro ou prata, que apresenta desenhos mais ou menos caprichosos.	Rendar , v. tr., guarnecer de rendas.
Rendilha , s. f., dim. de renda; pequena renda; renda delicada; arabescos arquitectónicos que imitam renda; espiguiha.	Rendilhar , v. tr., adornar com rendilha ou com renda; entremear de ornatos caprichosos; recortar; florear.
Resina , s. f., produto natural, viscoso, que se extrai de algumas plantas (especialmente coníferas), de alto valor industrial; (reg.) embriaguez; ~ artificial ou ~ sintética: substância preparada por síntese para fabrico de plásticos.	Resinar , v. tr., colher a resina de; dar resina a (arcos de instrumentos de corda); misturar com resina.
Rijo , adj., duro; tesoso; que tem força; que não cede à pressão; que não quebra facilmente; que não está	Rijar , v. tr. e intr., tornar rijo; enrijar; frigar (carne). (De rijo + -ar).

maduro; (fig.) intenso; forte.	
Rodo , s. m., utensílio de madeira que serve para juntar o sal nas marinhas, o cereal nas eiras, etc.; utensílio para puxar a cinza do forno; utensílio semelhante para aproximar e recolher o dinheiro nas bancas do jogo.	Rodar , v. tr., juntar com o rodo.
Rola , s. f. (ornit.) ave de migração, columbina, abundante em Portugal de Abril a Setembro, após o que emigra para a África; (reg.) embriaguez.	Rolar , v. intr., arrulhar. Arrulhar , v. intr., soltar arrulhos; cantar como as rolas; gemer como a pomba ou a rola; (fig.) sussurrar com meiguice; dirigir galanteios; acalantar uma criança.
Roliço , adj., com forma de rolo; cilíndrico; (fig.) gordo; anafado.	Roliçar , v. tr., tornar roliço; arredondar.
Rolha , s. f., peça de cortiça, borracha, plástico, etc., geralmente cilíndrica, para tapar o gargalo ou a boca de recipientes de líquidos; batoque; (fig.) limite à liberdade de imprensa e à livre expressão do pensamento; (pop.) patife; tratante.	Rolhar , v. tr., tapar com rolha; arrolhar.
Rolo , s. m., peça cilíndrica mais ou menos comprida; cilindro; pavio de cera enrolado; tufo de cabelo enrolado; embrulho; remoinho; vagalhão; crivo do funil; (fig.) multidão de gente; magote.	Rolar , v. tr., cortar em rolos ou toros (um tronco de árvore).
Ronco , s. m., ruído que produz quem ou aquilo que ronca; som áspero e cavernoso; fragor; grunhido do porco; respiração cava.	Roncar , v. intr., produzir ronco; respirar com ruído; ressonar; (fig.) fazer alarde; bravatear; blasonar.
Ronda , s. f., inspeção nocturna feita a diferentes postos militares para verificar se tudo está em ordem; força militar ou policial que percorre certos lugares urbanos para manutenção da ordem; dança em círculo; espécie de jogo de azar.	Rondar , v. tr., fazer ronda a; vigiar; inspeccionar; passear em volta de; enrolar; retesar (cabo náutico); v. intr., andar de ronda; vigiar.
Roque , s. m., peça do jogo do xadrez também chamada torre; fazer ~: (xadrez) jogar o rei ao mesmo tempo que uma das duas torres; sem rei nem ~: sem governo; à toa; à matroca.	Rocar , v. intr., fazer roque no jogo do xadrez.
Rosca , s. f., volta em espiral ou em hélice num objecto qualquer; ranhura helicoidal do parafuso; cada uma das voltas da serpente quando se enrola; bolo ou pão de farinha, retorcido em forma de argola; larva do escaravelho; insecto que rói a madeira; (pop.) embriaguez; s. 2 gén., pessoa	Roscar , v. tr., fazer roscas em; parafusar.

manhosa; coisa ordinária.	
Ruço , adj., pardacento; grisalho; desbotado; que tem o cabelo castanho-claro; s. m., cavalo, macho ou burro de pêlo ruço.	Ruçar , v. tr., tornar ruço; v. refl. tornar-se ruço; envelhecer; (pop.) mostrar-se alegre; sorrir de contente.
Ruído , s. m., som inarmónico produzido por corpo que cai ou estala; estrondo; fragor; rumor; (ling.) todo o factor que, num acto comunicativo, perturba a transmissão da mensagem; (fig.) fama; boato; pompa; estardalhaço.	Ruidar , v. intr. (Bras.) produzir ruído.
Rusga , s. f., acto de rusgar; diligência policial para prender certa casta de indivíduos; operação militar efectuada em centros urbanos sujeitos à subversão, para controlo da população e apreensão de armas e documentos; briga; desordem; (reg.) tocata; pândega.	Rusgar , v. intr. fazer rusga (a polícia).
Sabichão , adj. e s. m., que ou aquele que blasona de sábio; muito sábio.	Sabichar , v. tr. (reg.) procurar saber; investigar; indagar aqui e além.
Sacho , s. m., enxada pequena, por vezes com espigão do lado oposto ao da folha ou pá.	Sachar , v. tr., escavar ou remover superficialmente a terra, com o fim de tirar as ervas daninhas, etc.
Sachola , s. f., dim. de sacho; enxada pequena.	Sacholar , v. tr. e intr., cavar com a sachola; escavar; ferir com sacho.
Samba , s. m., dança brasileira de origem africana, de compasso binário e ritmo sincopado, mais dinâmica que a rumba; espécie de dança de roda com características de batuque.	Sambar , v. intr. (Bras.) dançar o samba; frequentar os bailes.
Sambarca , s. f., faixa larga que protege o peito das cavalgaduras contra o atrito dos tirantes; travessa que a autoridade mandava pregar nas casas penhoradas.	Sambarcar , v. tr., fechar com sambarcas; trancar; (pop.) açambarcar.
Sanfonina , s. f., pequena sanfona; (pop.) cantilena sem tom nem som.	Sanfoninar , v. intr., tocar sanfonina; o m. q. sanfonar; (fig.) importunar; falar a torto e a direito.
Sarrabisco , s. m., traço mais ou menos sinuoso; rabisco; pl. traços feitos a esmo; gatafunhos.	Sarrabiscar , v. tr. e intr., fazer sarrabiscos; riscar.
Sazão , s. f., estação do ano; estação da maturação dos frutos; época própria para as sementeiras; época em que se faz a colheita dos frutos; (fig.) ocasião favorável; oportunidade; ensejo.	Sazoar , v. tr., o m. q. sazonar. Sazonar , v. tr., amadurecer; dar bom sabor a; temperar; condimentar; (fig.) adornar; v. intr. e refl., ficar maduro; (fig.) tornar-se melhor.
Seda , s. f., substância filamentosa segregada pela larva de um insecto lepidóptero, denominado	Sedar , v. tr., passar pelo sedeiro; assedar.

<p>bicho-da-seda, para a manufactura do seu casulo; tecido feito com esse fio; (bot.) filamento pertencente ao esporófito que sustenta a urna, nas Briófitas; o m. q. seta; filamento rígido que aparece no involúcro floral de certas gramíneas; pl., apêndices locomotores filiformes de certos animais; o m. q. cerdas; (pop.) luxo.</p>	
<p>Segredo, s. m., coisa que se não deve dizer ou não deve ser do conhecimento de outrem; discrição; coisa oculta; mistério; esconderijo; lugar separado, numa prisão; (fig.) processo apenas conhecido de um ou poucos indivíduos; meio especial de atingir um fim; mola oculta; o íntimo; o âmago; s. m. pl., jogo popular.</p>	<p>Segredar, v. tr., dizer em segredo; cochichar; murmurar; v. intr. dizer segredos.</p>
<p>Serão, s. m., trabalho feito de noite, fora do horário normal; remuneração desse trabalho; reunião familiar à noite; sarau.</p>	<p>Seroar, v. intr., fazer serão; trabalhar de noite.</p>
<p>Seringa, s. f., espécie de bomba portátil que serve para esguichar ou injectar; utensílio com que se introduzem líquidos ou gases em cavidades naturais do corpo; bisnaga; siringa.</p>	<p>Seringar, v. tr., expelir ou injectar o líquido da seringa em; molhar, borrifar com seringa; (fig.) maçar; importunar.</p>
<p>Silêncio, s. m., estado de uma pessoa que cessou ou se abstém de falar ou de produzir qualquer som; ausência de ruído; sossego; calma; descanso; omissão; interrupção de correspondência; segredo; pausa, em música; toque, nos quartéis, depois do recolher.</p>	<p>Silenciar, v. tr., impor silêncio a; v. intr., guardar silêncio.</p>
<p>Sinal, s. m., tudo o que representa ou faz lembrar uma coisa, um facto ou um fenómeno presente, passado ou futuro; indício; símbolo; atributo; testemunho; comprovação; prova; característica; manifestação; exteriorização; indicação; revelação; prenúncio; prognóstico; anúncio; fita estreita para marcar um livro; marca; vestígio; firma; pinta na pele; dinheiro ou objecto que uma parte dá à outra para assegurar o compromisso num contrato que ainda não se consumou; cifra; s. m. pl., feições toque a finados; pintas artificiais que as senhoras põem no rosto.</p>	<p>Sinalar, v. tr., o m. q. assinalar.</p> <p>Assinalar, v. tr., pôr sinal em; marcar; designar; notar; balizar; distinguir; v. refl., distinguir-se; dar sinal de si; revelar-se.</p>
<p>Síndico, s. m., antigo procurador de comunidades, cortes, etc.; o que faz uma sindicância; indivíduo eleito entre os membros de uma associação ou de</p>	<p>Sindicar, v. tr. e intr., proceder a uma sindicância; inquirir; averiguar.</p>

uma classe para zelar e defender os interesses da mesma.	
Sobreronda , s. 2 gén., pessoa que vigia o serviço das rondas; s. f., acto de sobrerondar.	Sobrerondar , v. tr., vigiar o serviço de (as rondas); v. intr., fazer a sobreronda; estar de sentinela; espreitar.
Soco , s. m., tamanco de homem; base; pedestal; peanha; parte inferior de uma parede.	Socar , v. tr., dar socos em; sovar; esmurrar; pôr soco em; espalmar (a massa do pão); calcar (a pólvora) no canhão; apertar (a terra) à volta de uma pedra para a firmar; apertar fortemente (um nó).
Sofístico , adj., relativo a sofisma ou a sofista; que encerra sofisma; subtil; enganoso.	Sofisticar , v. tr., sofismar; subtilizar; falsificar; adulterar; enganar; requintar ao máximo; aprimorar; v. intr., usar de sofisma; v. refl. tornar-se sofisticado.
Sola , s. f., couro de boi preparado para fazer calçado; peça que forma a parte inferior do calçado; planta do pé; (reg.) bucho do boi.	Solar , v. tr., deitar solas em.
Solavanco , s. m., sacudidela que dá um veículo em estrada mal calçada ou aos altos e baixos; abanão.	Solavancar , v. intr., dar solavancos; balancear.
Sovela , s. f., utensílio com que os sapateiros e os correeiros abrem os furos no cabedal, por onde fazem passar as sedas ou o fio; (ornit.) nome vulgar extensivo a algumas aves pernaltas, da fam. dos Caradriídeos, frequentes em Portugal, e também conhecidas por alfaiate, avoceta, frade, fusela, meio-maçarico, milherango, pernilongo, etc.	Sovelar , v. tr., furar ou ferir com sovela.
Sumário , s. m., resumo dos pontos principais de um assunto; suma; epítome; adj., resumido; breve; feito sem formalidades; decisivo; rápido.	Sumariar , v. tr., fazer o sumário de; resumir; sintetizar.
Tabela , s. f., tábua ou quadro onde se registam nomes de pessoas ou coisas e outras indicações; lista; rol; lista de preços; índice; tarifa; horário; cada uma das quatro peças que formam o caixilho do bilhar; quadro em que se marcam as carambolas do bilhar.	Tabelar , v. tr., fixar o preço de; v. intr., jogar por tabela.
Tabelião , s. m., funcionário público que lavra e regista escrituras e outros documentos autênticos e reconhece assinaturas; notário.	Tabeliar , v. intr., exercer as funções de tabelião.
Tabica , s. f. (náut.) tábua que remata o topo das	Tabicar , l. v. tr. meter tabicas em.

cavernas dos navios, e sobre a qual se constrói a borda; cunha encravada no topo de um madeiro que se está a serrar, para facilitar a serragem.	
Tabique , s. m., parede interior; divisória de pequena espessura; taipa; separação; membrana que separa dois órgãos ou duas cavidades; parede estreita de tijolo.	Tabicar , 2., v. tr., levantar tabiques em.
Taco , s. m., haste roliça de madeira com que se impelem as bolas do bilhar; jogador de bilhar; prego de madeira; tarugo; pequena refeição entre o almoço e o jantar.	Tacar , v. intr. (reg.) comer qualquer coisa entre o almoço e o jantar; dar tacada.
Tafulho , s. m. acto ou efeito de tafulhar; objecto que se introduz numa abertura para a tapar; o m. q. tapulho; (fig.) remédio.	Tafulhar , v. tr., tapar com tafulho; atafulhar; o m. q. tapulhar.
Tairoca , s. f., o m. q. taroca.	Tairocar , v. intr., o m. q. tarocar.
Tamboril , s. m. (mús.) instrumento musical de cordas percutidas com baqueta; pequeno tambor usado em festas populares; dança lenta, em compasso binário, marcada a tamboril; (ictiol.) peixe teleósteo, comestível, por vezes de grandes dimensões, também conhecido por recaimão, peixe-sapo e penadeira.	Tamborilar , v. intr., bater com as pontas dos dedos sobre uma superfície imitando o rufo do tambor; o m. q. tamborinar.
Tamborim , s. m., pequeno tambor de fuste fino.	Tamborinar , v. intr., tocar no tamborim; o m. q. tamborilar.
Tapete , s. m., estofa com que se cobrem pavimentos; alcatifa; (fig.) qualquer coisa de que o solo está coberto.	Tapetar , v. tr., atapetar; tapizar.
Tapulho , s. m., peça com que se tapa; taco; rolha; obturador.	Tapulhar , v. tr., aplicar um tapulho a.
Taroca , s. f. (reg.) tamanco de mulher, baixo e de entrada larga.	Tarocar , v. intr. (reg.) fazer barulho com as tarocas, ao andar; o m. q. tairocar.
Tarrafa , s. f., rede de pesca que se arremessa de lanço; rede circular para camuflagem individual dos combatentes; (pop.) capote velho e roto; barco de pesca.	Tarrafar , v. intr. pescar com tarrafa.
Tecla , s. f., cada uma das peças, em muitos casos revestidas de marfim, sobre as quais se exerce a pressão dos dedos, para se obter o som num piano, cravo, órgão (os chamados instrumentos de teclado); cada uma das peças das máquinas de escrever e outras análogas, que, sob pressão dos	Teclar , v. intr., bater as teclas; tamborilar; v. tr., marcar, batendo as teclas ou premindo os botões de um teclado.

dedos, faz imprimir o sinal que lhe corresponde; (fig.) corda sensível; ponto fraco; assunto debatido; sensibilidade moral; bater a mesma ~: repisar o mesmo assunto; mostrar as ~s: rir de troça.	
Telefone , s. m., aparelho que serve para transmitir a palavra ou o som à distância.	Telefonar , v. intr., falar pelo telefone; v. tr., comunicar pelo telefone.
Telégrafo , s. m., aparelho que transmite comunicações escritas à distância, por meio de sinais convencionais.	Telegrafar , v. tr., transmitir por meio do telégrafo; v. intr., mandar telegramas.
Telha , s. f., peça de barro cozido ou de vidro usada na cobertura de edifícios; (pop.) pancada na mola; bolha; mania; mau humor.	Telhar , v. tr., cobrir de telhas.
Teste , s. m., prova para verificação da eficiência ou do bom funcionamento de equipamento, organização, material, etc.; prova que serve para determinar objectivamente as características físicas, psíquicas e intelectuais dos indivíduos; (acad.) prova escrita.	Testar , v. tr., aplicar teste ou testes a.
Testilha , s. f., discussão; disputa; altercação; briga	Testilhar , v. intr., discutir; altercar; disputar; brigar.
Tísico , adj. e s. m., que ou aquele que é doente de tísica; (fig.) indivíduo muito magro.	Tisicar , v. tr., tornar tísico; tuberculizar; importunar; mortificar.
Toga , s. f., manto largo que era o traje particular dos Romanos; vestimenta de professores universitários, magistrados e advogados; beca; (fig.) a magistratura.	Togar , v. tr., impor toga a; cobrir com toga.
Toldo , s. m., pano de lona ou qualquer outra cobertura que sirva para abrigar do sol ou da chuva; (náut.) a coberta do navio.	Toldar , v. tr., cobrir com toldo; (fig.) encobrir; anuviar; escurecer; turvar; ofuscar; perturbar; entristecer; v. refl., tornar-se escuro; turvar-se; (pop.) embriagar-se.
Torvelinho , s. m. redemoinho.	Torvelinhar , v. intr., fazer torvelinho; agitar-se; redemoinhar.
Touca , s. f., cobertura leve de cabeça de criança ou de mulher; peça do vestuário das freiras, que lhes cobre a cabeça e os ombros; turbante; (pop.) bebedeira; carraspana.	Toucar , v. tr., pôr touca ou toucado em; arranjar (o cabelo); (fig.) adornar; cobrir a parte superior de; circundar; aureolar; v. refl., ajeitar o próprio cabelo; (fig.) enfeitar-se; alindar-se; copar-se.
Traje , s. m. roupa exterior; vestuário; vestes; fato; vestido; o modo de trajar.	Trajar , v. tr., usar como traje ou vestuário; vestir; adornar-se com; v. intr., vestir-se; s. m. modo de vestir; traje; vestuário.
Tralha , s. f., pequena rede de pesca; (náut.) cabo	Tralhar , v. tr. e intr., lançar a tralha; pescar com

com que se reforçam e circundam velas e redes; malha de rede; (pop.) conjunto de móveis ou utensílios caseiros de pouco valor; bagagem pobre.	tralha.
Tranca , s. f., barra de ferro ou madeira que segura interiormente uma porta; (fig.) empecilho; trambolho; pessoa rude.	Trancar , v. tr. segurar com tranca; (fig.) fechar; cancelar; impedir; rematar; riscar (um documento escrito); (Açor.) arpoar (a baleia).
Translúcido , adj., que deixa passar a luz e a difunde, mas sem permitir distinguir nitidamente os objectos; diáfano; (fig.) esclarecido; ilustrado; límpido.	Translucidar , v. tr., tornar translúcido.
Tremoço , s. m., semente dos tremoceiros utilizada na alimentação; (bot.) de forma geral, o m. q. tremoceira ou tremoceiro (planta), mas em especial, para alguns autores, nome vulgar de uma planta, de flores brancas ou azuladas, pertencente à fam. das Leguminosas, subespontânea e cultivada em Portugal, também conhecida por tremoceiro.	Tremoçar , v. tr. (reg.) semear tremoços em.
Trocadilho , s. m., troca jocosa de palavras; troca; câmbio; expressão ambígua; calemburgo.	Trocadilhar , v. intr., fazer trocadilhos; usar de trocadilhos.
Trovisco , s. m. (pop.) pequeno trovão.	Troviscar , v. intr. (pop.) trovejar pouco.
Trovão , s. m., ruído que acompanha a descarga eléctrica, nas trovoadas, e que resulta da brusca expansão do ar e do vapor de água, aquecidos pelo calor produzido.	Trovoar , v. intr. (pop.) o m. q. trovejar. Trovejar , v. intr., soar o trovão; haver trovoada; (fig.) ribombar; bradar; ralhar com voz troante; s. m., o ruído da trovoada; grande estrondo.
Truque , s. m., espécie de bilhar comprido; acto de fazer saltar a bola do parceiro pela tabela do bilhar; processos ou incidentes do jogo do bilhar; espécie de jogo de cartas; (pop.) ardil; manha; tramóia.	Trucar , v. intr., propor a primeira parada, no jogo do truque.
Tufo , s. m., porção de plantas, flores, penas, etc., muito juntas; proeminência ou refolho num vestido; porção de lã aberta; utensílio de espingardeiro e de ferreiro; montículo; proeminência.	Tufar , v. tr., dar o aspecto de tufo a; inchar; v. intr., formar tufos; tornar-se mais volumoso; v. refl. (fig.) ensoberbecer-se.
Ultraje , s. m., acto ou efeito de ultrajar; ofensa grave; insulto; afronta; vexame.	Ultrajar , v. tr., fazer ultraje a; injuriar; afrontar; insultar; difamar.
Unha , s. f., órgão córneo (de origem cutânea), tipicamente laminar, que guarnece a extremidade dos dedos de muitos animais; garra; casco; parte do martelo oposta à cabeça; extremidade de alguns utensílios e ferramentas; (bot.) parte basilar,	Unhar , v. tr., arranhar ou riscar com a unha; colocar o bacelo na manta, aconchegando-o com terra, no lugar onde há-de deitar raízes; v. intr., (náut.) aferrar (a âncora).

estreita e mais ou menos alongada, de algumas pétalas ou tépalas; pl., mãos; (fig.) domínio; poder; competência.	
Urtiga , s. f. (bot.) nome vulgar que designa especialmente uma planta herbácea, com duas estípulas em cada nó, revestida de pêlos de secreção irritante, pertencente à fam. das Urticáceas; ortiga.	Urtigar , v. tr., picar ou friccionar com urtigas; o m. q. ortigar e urticar; (fig.) flagelar.
Vadio , adj. e s. m., que ou aquele que não tem ocupação ou que não quer trabalhar; vagabundo; ocioso; tunante.	Vadiar , v. intr., levar vida de vadio; andar à tuna; não ter ofício nem emprego.
Vagabundo , adj. e s. m., que ou aquele que vagabundeia; errante; nómada; vadio; (fig.) inconstante; versátil.	Vagabundar , v. intr., o m. q. vagabundear. Vagabundear , v. intr., levar vida de vagabundo; andar de terra em terra; vadiar; errar.
Vanglória , s. f., presunção infundada com desejo de que os outros nos admirem; jactância; vaidade; bazófia; ostentação.	Vangloriar-se , v. refl., encher-se de vanglória; jactar-se; ufanar-se; orgulhar-se.
Ventoinha , s. f., bandeirinha que indica a direcção do vento; cata-vento; brinquedo feito de papel, semelhante às asas de um moinho de vento e que gira quando lhe dá o vento; aparelho para ventilação; (fig.) pessoa volúvel.	Ventoinhar , v. intr., andar como ventoinha; remoinhar; (fig.) hesitar; doidejar.
Verdasca , s. f., vara pequena e flexível; chibata; vergasta.	Verdascar , v. tr., açoitar com verdasca; chibatar; vergastar.
Verga , s. f., vara delgada e muito flexível; vime; junco com que se fazem cadeiras, cestos e outros artefactos; (náut.) pau preso ao mastro do navio, onde se amarra a vela; barra delgada de ferro; viga que cobre o vão de uma porta ou janela.	Vergar , v. tr. dobrar em arco; curvar; torcer; (fig.) submeter; humilhar; abater; fazer mudar de opinião; comover; v. intr. curvar-se; ceder ao peso; torcer-se; inclinar-se; (fig.) submeter-se; humilhar-se; condescender; compadecer-se.
Vermelho , adj., da cor do sangue; (fig.) afogueado; corado; envergonhado; s. m., a cor vermelha; rubor; certo verniz feito de resina, sangue-de-drago e álcool; (fig.) diz-se do indivíduo que milita em partidos da extrema-esquerda; fazer-se ~: corar; ruborizar-se; envergonhar-se.	Vermelhar , v. tr., pintar de vermelho; dar vermelhão a; avermelhar; enrubescer; carminar; v. intr., corar-se de vermelho; ter cor vermelha.
Viagem , s. f., acto de ir de um lugar a outro mais ou menos distante; jornada; navegação; descrição do que se viu ou aconteceu durante um passeio ou jornada; percurso extenso.	Viajar , v. tr., percorrer (em viagem); transitar, por qualquer meio de locomoção, de um lugar para outro, que fica afastado; visitar; v. intr., andar em viagem; (fig.) divagar.

<p>Viático, s. m., dinheiro ou provisões que se dão a alguém que vai para uma viagem; o sacramento da Eucaristia, quando administrado a quem está em perigo de morte (nesta acepção grafa-se com inicial maiúscula).</p>	<p>Viaticar, v. tr., administrar o Viático a.</p>
<p>Vide, s. f., vara de videira; videira; bacelo; (pop.) cordão umbilical; envide.</p>	<p>Vidar, v. tr., plantar vides em.</p>
<p>Vinco, s. m., marca deixada por uma dobra; sulco deixado por uma atadura delgada que se apertou muito; sulco que as rodas imprimem nos caminhos; vestígio deixado por uma unhada; vergão; arganel; marca ou sinal profundo; ruga.</p>	<p>Vincar, v. tr., fazer vincos em; passar a ferro (calças); dobrar, carregando na dobra para ficar marcada; enrugar; (fig.) gravar; marcar; fixar no espírito.</p>
<p>Viola, s. f. (mús.) designação extensiva a vários modelos de instrumentos musicais de cordas que se ferem com os dedos ou com as unhas, tipicamente com caixa em forma de 8, entre os quais a viola-de-aramé ou viola-braguesa, com cinco ou seis pares de cordas metálicas, muitíssimo empregada em acompanhamentos de cantares e danças populares, especialmente no Norte de Portugal; tocador deste instrumento; instrumento de corda, da família dos violinos, ligeiramente maior, afinado uma quinta abaixo, também chamado violeta; (ictiol.) o m. q. guitarra e peixe-anjo; (Bras., ornit.) nome vulgar de alguns pássaros, em especial um da fam. dos Mimídeos também chamado japacanim; (gír.) o m. q. bidé.</p>	<p>Violar, v. intr., tocar viola.</p>
<p>Xadrez, s. m., jogo efectuado sobre um tabuleiro com 64 casas, no qual se fazem mover 32 figuras de valor diferente; o tabuleiro desse jogo; tecido de cores dispostas em quadrados alternados na cor, como os do tabuleiro do xadrez; mosaico com esse desenho; engradamento de madeira que serve de sobrado, a bordo; (fig.) complicação; (Bras.) calabouço.</p>	<p>Xadrezar, v. tr., dispor em forma de xadrez; enxadrezar; escaquear (o escudo).</p>
<p>Zinco, s. m., (quím.) elemento n.º 30 da classificação periódica, de símbolo Zn, que é um metal branco-azulado, brilhante, muito usado em ligas metálicas (latão, alpaca, metal branco), no revestimento do ferro (ferro galvanizado), em canalizações, etc.; em Portugal são minérios deste metal a blenda e a wurtzite.</p>	<p>Zincar, v. tr., revestir de zinco; galvanizar com zinco.</p>

